

TRINCA DA CINQUENA

10 PEÇAS
DE TEATRO
E 5 PROJETOS
WORK
IN PROGRESS

ORG. DANIEL ARCADES

BRANCA CINQUENTA E CINCO PROJETOS EM ANDAMENTO

10 PEÇAS
DE TEATRO
E 5 PROJETOS
WORK
IN PROGRESS

ORG. DANIEL ARCADES

1ª Edição
Salvador, 2023



Copyright © 2023
DAN – Território de Criação
@danterritorio

Todos os direitos reservados.

Capa, ilustrações e projeto gráfico
Tuíris de Azevedo
@tucairis

Fotos dos residentes
Arquivos pessoais

Organização
Daniel Arcades
@danielarcades

Revisão
Dan – Território de Criação
www.danterritorio.com.br

SUMÁRIO

BRASIL

BAHIA

SALVADOR..... 7

APRESENTAÇÃO..... 8

CAJAZEIRAS

A FILHA DE AYRÁ..... 20

O SALTO..... 79

ENGENHO VELHO DE BROTAS

SANT'ANA 124

RAÍZES 158

RISOFLORA..... 191

AMAARTE 249

URUGUAI

FREESTYLES..... 297

UM CONTO 337

DE FAMÍLIA..... 337

TRAUMAS 344

SUPERADAS..... 344

| | |
|------------------------------------|-----|
| TEXTO BÔNUS | 357 |
| EDIFÍCIO BAOBÁ | 358 |
| | |
| PROJETOS EM WORK IN PROGRESS | 376 |
| SE EU MORRER AMANHÃ | 383 |
| UM SONHO A SE ALCANÇAR | 384 |
| COLETORES DE ÓRGÃOS | 389 |
| MENTE ÀS CEGAS | 405 |
| | |
| RESIDENTES | 410 |
| | |
| PROJETO TRINCA DA MIRA | 417 |
| | |
| DAN - TERRITÓRIO DE CRIAÇÃO | 419 |
| | |
| AGRADECIMENTOS | 421 |

“

Gosto de dizer ainda que a escrita é para mim o movimento de dança-canto que o meu corpo não executou, é a senha pela qual eu acesso o mundo.

”

Conceição Evaristo

À história de todos os residentes desta primeira edição.

*À história dos bairros de Cajazeiras, Engenho Velho de Brotas
e Uruguai, da cidade de Salvador - Bahia.*

À democracia. À verdadeira democracia.

BRASIL
BAHIA
SALVADOR
CAJAZEIRAS

Ismael Lima
Lulna Mendonça
Suzana Soares
Thallia Anatólia

ENGENHO
VELHO DE
BROTAS

JOSEANE DA SILVA NASCIMENTO
MICHELE CORDEIRO
MOISÉS A. NEUMA
ROBSON RAYCAR

URUGUAI

Caíque Anjos
Carlos Henrique Anjos da Silva
Carlos Luz - Mano Xandão
Elza B. Nascimento
Gean Carlos
Tacyinha Breezy

APRESENTAÇÃO

TRINCA DA MIRA

ESTAMOS MIRANDO LONGE PRA NÃO SERMOS O ALVO.

“Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes brilhantes. Que a minha vista circula no jardim, e eu contemplo as flores de todas as qualidades [...] É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela. (JESUS, 2001, p. 52).

∞

Começo a apresentar esta coletânea de textos dramáticos com um dos trechos mais apaixonantes de Carolina Maria de Jesus, em seu Quarto de Despejo – diário de uma favelada, livro que tive a honra de conhecer ainda na sétima série através da Pró Shirley, no Instituto Educacional de Alagoinhas. Quarto de despejo era o paradidático do primeiro bimestre da então sétima série. Naquele 2003 eu também começava a fazer teatro e me envolver com o movimento artístico e político de Alagoinhas, um pivete da Urbis do Petrolar se metendo no meio dos adultos para fazer teatro. Carolina foi um pilar na minha escolha narrativa. Não sei se para os outros estudantes da turma o livro bateu tão forte quanto em mim, mas até hoje tenho guardado a edição da série Sinal Aberto, publicada pela editora Ática e utilizada nas aulas de português. Tenho grifado até hoje a seguinte frase na mesma página citada na epígrafe: “As horas que sou feliz é quando estou residindo nos castelos imaginários” (sic). Daí em diante, entendi a lógica e a função da criação. Foi Carolina Maria de Jesus que, associada à vida iniciante

no teatro de Alagoinhas, me deu o conceito pilar do ser artista. Queria construir castelos imaginários para todos ao meu redor, inventar ou ajudá-los a inventarem. O teatro me colocou para sentir que meu corpo era o primeiro castelo a ser erguido, como ator. Ao passo de cada tempo, ia morando em castelos coletivos, e auxiliando com a palavra, um dos diversos materiais de construção destas edificações. Comecei cedo a escrever peças para todo mundo: na escola, na igreja, no meu primeiro grupo de teatro... Peças hoje impúblicáveis, visto a inocência de um adolescente faminto para que sua comunidade residisse nestes castelos reluzentes.

Apresentamos aqui dez peças de teatro e quatro processos em andamento de dramaturgia de corajosos criadores de fantasia. Não mais para esquecer onde estamos, como Carolina relata, mas com o sonho de recriar a periferia, com a gana de fazer a imaginação desvendar novas realidades. Caíque Anjos, Carlos Henrique Anjos da Silva, Carlos Luz - Mano Xandão, Elza B. Nascimento, Gean Carlos, Ismael Lima, Joseane da Silva Nascimento, Lulna Mendonça, Michele Cordeiro, Moisés A. Neuma, Robson Raycar, Suzana Soares, Tacynha Breezy e Thallia Anatália foram os 14 participantes da primeira edição do “Trinca da Mira – Dramaturgia e Vida”. Além disso, esta também é a primeira obra teatral de muitos deles. Temos neste grupo pessoas entre 14 e 75 anos, estudantes, freestyles, ativistas culturais, cineastas, professores, poetas, cantoras, atrizes, músicos e tantos outros coreres que o artista teatral necessita fazer para poder garantir a difícil tarefa de viver na vida urbana e realizar o seu ofício de criador. Este é um e-book organizado com a coragem e o desejo destes nomes de registrar em algum espaço da nuvem do século XXI suas inquietudes criativas e sociais.

O projeto “Trinca da Mira – Dramaturgia e Vida” nasce da necessidade de proporcionar um espaço de estímulo a criação dramaturgica no território baiano, fora dos circuitos acadêmicos de arte e letras, e desenvolver um método de

formação pautado na escuta, no laboratório coletivo e no labor da arte de escrever. Esta versão do projeto contou com a residência em três bairros da cidade de Salvador: Cajazeiras, Engenho Velho de Brotas e Uruguai ao longo do ano de 2022. Por conta da pandemia da COVID-19, a primeira etapa do projeto se transformou em uma oficina online para 60 pessoas – 20 de cada bairro – para discutir os conceitos básicos de dramaturgia. Durante uma semana, falamos sobre elementos da narrativa, construção de personagens, o dramático e suas diversas linguagens contemporâneas e trabalhamos na construção de um argumento individual. A partir desta oficina, aqueles que desejassem continuar na etapa presencial submetiam seus argumentos para uma seleção baseada nos critérios de inovação narrativa, originalidade na linguagem, interesse na residência e disponibilidade para o trabalho. Feito isso, estes 14 integrantes agora partiam para a experiência presencial nos bairros e suas histórias seriam aprofundadas em um laboratório imersivo. A proposta era passarmos dois finais de semana em meses distintos discutindo as propostas, elaborando cenas e estudando dramaturgia. Todo mundo podia opinar sobre a história de todo mundo. Fizemos leituras coletivas e tivemos contribuições de diversas pessoas: dos sócios da DAN Território de Criação, dos mobilizadores culturais que tivemos em cada bairro, dos líderes dos espaços que realizávamos a residência. Além disso, o grupo contou com uma mentoria sobre direitos autorais e processos de registros da obra com a produtora Laíse Castro. Durante uma tarde, o grupo pôde tirar suas dúvidas sobre como registrar e garantir sua autoria do texto, como negociar com grupos de teatro para montagens, como rentabilizar o trabalho do escritor. Um trabalho coletivo que no segundo semestre caminhou para uma imersão individual e finalização do texto com contribuições online. Três bairros, três residências, uma tríade que forma a encruzilhada desta primeira edição compôs caminhos narrativos muito interessantes para os marinheiros

de primeira viagem na arte da dramaturgia. E agora, como finalização do processo, essas obras e estes bairros se juntam novamente neste registro digital. Um e-book para eternizar o processo e para podermos lançar ao mundo as primeiras versões destas peças e as ideias que podem e devem ser desenvolvidas num futuro muito próximo.

Nas universidades quase não se tem espaço para o profissional que deseja trabalhar com escrita. São poucos os cursos que oferecem no currículo disciplinas voltadas para a escrita criativa e poucas as especializações na área. Na graduação de Artes Cênicas, o foco é na encenação e na atuação, passando pela dramaturgia como dispositivo destas áreas de concentração e nos cursos de Letras da Bahia são raros os cursos que privilegiam o gênero literário dramático, pautando quase todo o currículo na análise crítica e muitas vezes na historiografia da prosa e poesia. Foi a falta de um espaço para aprender a arte de escrever dramaturgia que me fez querer pensar este projeto. Foi o trabalho de ter que ir desvendando como se faz, testando nos coletivos teatrais, lendo teoria pela internet, baixando ementa de disciplinas e procurando livros, por muitos anos tendo a televisão como única referência de escrita dramática que me formei dramaturgo. E ainda hoje, o fantasma da falta de formação padrão me sabotava e me faz questionar este lugar. No Sudeste é muito comum vermos núcleos de pesquisa em dramaturgia incentivar o laboratório de obras, o audiovisual já faz isso pelo mundo todo e aqui na Bahia alguns projetos ao longo dos últimos 20 anos aconteceram em edição única. A nossa intenção é que o Trinca se multiplique em diversas edições, que outros dramaturgos e dramaturgas possam orientar obras e conversar com os residentes. Se depender de nós, viraremos uma incubadora de textos dramáticos passeando pela Bahia – interior e periferia de Salvador. Buscar histórias que precisam ser contadas, buscar contadores que precisam lançar o seu olhar sobre os fatos. Este é o objetivo deste projeto.

Por isso, é preciso, antes de qualquer coisa, ter um olhar personalizado para cada espaço e cada residente. Quando se escolhe determinado território para se trabalhar é preciso lidar com a realidade e as histórias de vida que ali se encontram. Não estamos falando de um grupo de escritores sustentado pelos pais e que podem entrar numa imersão total para o livre criar. O processo criativo de artistas periféricos e interioranos enfrentam intempéries que triplica a necessidade da resistência no fazer artístico. Se a princípio a residência presencial seriam dois fins de semana com o dia inteiro trancados numa sala, foi necessário negociar bairro a bairro estas datas. Em alguns, diluímos para mais dias durante à noite, em outros, tivemos que ter um espaçamento maior de meses, em outros, tivemos que lidar com evasão de alguns integrantes por conta da cansativa jornada do trabalho formal. Tivemos de tudo em nossas residências: mães que precisavam levar suas filhas para a sala de debate, pessoas que só conseguiam chegar em determinado horário por conta dos ônibus e do trabalho, almoço coletivo feito pelos líderes comunitários e garantir uma verba para outros moradores, filhas que auxiliavam os residentes mais velhos com as ferramentas digitais, festas e paredões do lado da sala, tudo com muita alegria, força de vontade e entendendo estes fatores como dispositivos de criação. As condições de criação nos revelam muita coisa que só depois da obra pronta podemos entender. Somos corpos – carne e alma – que lidam com essas realidades e assim criamos, é isso. Por isso é preciso pensar em outros métodos, outras ferramentas e outros modos de existir. Na entrega final tivemos textos entregues em folhas de papel escritas à mão, textos completamente escritos pelo whatsapp, no word, no google docs e por aí vai. Observar onde se está para ver qual o melhor modo de produzir com o que se tem. Importante é o movimento, importante é manter-se em constante experimento para assim, criarmos novas metodologias, sistematizarmos novos procedimentos de criação e outras ferramentas de

análise crítica do trabalho desenvolvido. Desconfio que a linguagem presente em Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus, não poderia ser tão bem desenvolvida por uma escritora europeia trancada em um apartamento de um centro histórico de Paris. Na ficção, tudo é possível, mas a experiência vivida nos dá um amparo mais crível aos caminhos escolhidos pelos autores. Costumo dizer que Tchekhov fez realismo russo porque era um russo, na Bahia quem poderia fundar o realismo baiano é o Bando de Teatro Olodum. Brincadeiras à parte, acredito na potência da fala sobre os universos de vivência, principalmente quanto existem poucas e superficiais narrativas sobre este universo. Falando nisso, vamos conhecer mais os bairros e suas motivações.

A escolha dos bairros para esta primeira edição passaram por critérios de conhecimento do cenário artístico e cultural do bairro e também por uma relação afetiva da DAN – Território de Criação com os espaços em questão. Cajazeiras é um dos bairros mais populosos da cidade de Salvador e é um ícone quando o assunto é produção fora do centro da cidade. Podemos dizer que Cajazeiras funciona praticamente como um município da região metropolitana, tamanha são as suas características de independência e identidade. A região abriga 14 bairros e sempre está na boca do povo de Salvador. Nossa residência aconteceu em Cajazeiras X, no Colégio Estadual Nelson Barros, colégio dirigido pelo amigo artista Antônio Marcelo e que, prontamente, ofereceu o espaço para que pudéssemos trabalhar. Tínhamos de ex-alunos do colégio na residência a pessoas que nunca tinham pisado os pés por lá. De Cajazeiras, saíram projetos que investiram em estéticas diversificadas de escrita como o teatro do absurdo e o musical e temáticas pertinentes como intolerância religiosa, transfobia, liberdade feminina e a realidade dos Rappers do bairro. Do drama a comédia, os personagens nascidos em Cajazeiras (mas criados para diversos cenários) passeiam por nuances que só estes escritores poderiam dar o tom presente neste e-book. Tivemos

por aqui a grata surpresa de Suzana, que quase desistia no primeiro dia, mas é uma amante da arte teatral e reconhecida em seu local como a principal personalidade de teatro. Tivemos Lulna, uma mente inquieta e cheia de ideias na arte da publicidade, do jornalismo, da dança e da interpretação se jogando agora na autoria de um drama. Tivemos Ismael, que não concluiu ainda sua monumental ideia de fazer uma peça toda escrita em versos de rap para contar a história de um cantor que se enamora da filha de um policial, mas que com certeza, ainda a produzirá. E tivemos Thallia, estudante de licenciatura em teatro e que, com certeza, será multiplicadora desta arte tão generosa por onde passar. Cajazeiras é uma cidade e isso logo logo vai virar uma verdade.

O Engenho Velho de Brotas foi escolhido para participar desta primeira edição pela sua grande relevância cultural e pelo grande número de mobilizadores culturais moradores do bairro. Eu mesmo fui morador de Brotas durante seis anos. Aqui, nossa residência, a princípio, aconteceria na Escola Winnie Mandela, que nos recebeu de braços abertos para a realização, mas calhou de uma reforma no espaço acontecer no mesmo período programado para a etapa presencial do nosso trabalho e junto aos residentes encontramos um novo lugar: A Fundação Pierre Verger. Lá, passamos fins de semana entre aulas ao ar livre com Ebômi Cici de Oxalá, uma contadora de histórias de paralisar qualquer um e laboratórios na biblioteca da Fundação. Existe um orgulho muito grande dos moradores daquele bairro e tivemos obras que ressaltam isso. Textos poéticos que investiram em metrificção e rimas, canções populares do samba junino e pautas raciais dominaram os textos deste bairro. Com escritas cheias de humor, os textos também trazem um protagonismo forte da fábula, do gênero investigativo e do drama familiar. Acredito que muito em breve alguma montagem já já ganha os palcos com essas histórias. Diversos talentos podem fazer com que as obras ganhem inclusive versões em outras linguagens: Moisés é um homem de cinema que tem

um lindo olhar poético, Josi, ou pró Josi, é uma referência na manutenção cultural do bairro, Michele é uma cantora de mão cheia e Robson é um artista de teatro formado por um dos projetos mais revolucionários da arte mundial: o teatro do oprimido, de Augusto Boal. Se juntarmos esse povo todo para a cada ano dar vida a um projeto desses já temos cinco anos de atividades incríveis no bairro e na cidade.

O terceiro e não menos importante foi o bairro do Uruguai. O bairro era uma paixão antiga por conta de uma apresentação no dia 07 de outubro de 2012. Ainda morava em Alagoinhas e viemos fazer uma apresentação do espetáculo Siré Obá – A festa do Rei, pelo FIAC – Festival Internacional de Artes Cênicas – Bahia, no centro Cultural Alagados. Era dia de eleições municipais e a cidade estava cheia de folhetinhos, achamos que ia ser uma roubada apresentar em um dia com as atenções voltadas para as eleições. No entanto, conhecemos Jamira Muniz, gestora do Centro Cultural Alagados e mobilizadora cultural do bairro. Jamira não só lotou o teatro como nos recebeu com tamanho amor que me fez querer muito dialogar com aquele espaço de maneira mais profunda. E desta vez, Jamira mobilizou os interessados em escrita para se dedicarem a este projeto de formação. O bairro é um exemplo de agitação cultural, os jovens integrados em diversos projetos, as mulheres do bairro com atividades coletivas, o centro de cultura em atividade constante. Também por conta da reforma do espaço, não pudemos fazer nossa residência no Centro Cultural do bairro, mas residimos no Colégio Estadual Polivalente San Diego, que fica ao lado do espaço em reforma. Este era o grupo com as faixas etárias mais distintas o que causou momentos hilários, tínhamos os irmãos Caíque e Henrique, dois jovens menores de idade vindos da cidade de Rio Real e com muitas referências juvenis e D. Elza, uma senhora de mais de 70 anos que emociona todo o grupo toda vez que lê uma poesia sua. Com isso, juntaram-se a Tacynha, Gean e Xandão, três jovens artistas e ativistas que movimentam a

cena cultural local e se debruçam entre os inúmeros projetos que integram entre teatro, música, poesia e intercâmbio.

Vocês encontrarão no meio destes 14 artistas textos completos em suas primeiras versões e obras ainda em processo. Como resultado, optamos por registrar os textos ou as ideias nas etapas que estão. A arte tem dessas de ter o seu tempo para ser criada. A vida tem dessas de não ser tão bem planejada. Então, é nesse estágio que as obras estão. Esperamos que queiram acompanhar o futuro delas e a as encontrem em outros estágios num futuro definido pelo tempo da fruição e criação artística.

A DAN – Território de Criação se propõe a ser uma plataforma de projetos que se desdobrem em multi-linguagens e possam ser ramificados através de uma raiz conceitual aliando criação, responsabilidade social e retorno financeiro para os artistas. Todos os residentes contaram com uma ajuda de custo para sua permanência no trabalho, além de terem os registros de suas obras custeadas pelo projeto. É importante dizer que estamos à disposição para auxiliá-los neste primeiro momento em diálogos com grupos de teatro, artistas que queiram montar, adaptar e/ou dialogar com as ideias aqui presentes, mas que todos os direitos autorais e patrimoniais destas obras são de cada autor. A DAN realizou um projeto de formação e não tem nenhum vínculo legal com o conteúdo gerado após a etapa final do projeto. Desejamos muito que esta seja uma semente lançada e que possamos com isso desdobrar em montagens, outras escritas oriundas destes artistas e intercâmbios entre os bairros residentes na Trinca.

A produção dramaturgica baiana merece mais pesquisa, mais investigação e mais incentivo ao desenvolvimento, publicação e encenação das obras. O público baiano gosta de se ver na cena, isso já está mais do que provado. Nossas realidades são um prato cheio para boas histórias e bons caminhos dramaturgicos. Nossos artistas merecem ver suas produções nascerem e terem sobrevida no mercado da arte,

merecem também sobreviver de sua produção. Junto a esses 14 nomes quero também alguns profissionais de dramaturgia que estão em atividade constante no cenário baiano: Mônica Santana, Gildon Oliveira, Paulo Henrique Alcântara, Fernando Santana, Leno Sacramento, Onisajé, Gil Vicente Tavares, Cleise Mendes, Diego Araújo, Thiago Romero, Alan Miranda, Sophia Colleti, Aldri Anunciação, Joice Aglae, Claudia Barral, Marcos Barbosa, Claudio Simões, João Sanches, Denisson Palumbo, Luciana Comin, Elisio Lopes Jr. , Adelice Souza, Fábio Vidal, Paula Lince, entre tantos outros que merecem pesquisa, destaque, crítica e espaço nas nossas estantes e nos nossos corações. Estas companhias de pelo menos três gerações diferentes da dramaturgia baiana são um time do qual me orgulho muito de fazer parte. E torço para que os residentes deste projeto tenham neste início uma faísca de desejo de continuar neste grupo, que é mais umas das peças fundamentais para a realização do teatro. Não maior e não menor que nenhuma outra, mais uma. E assim seguimos agradecendo a Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, que através do edital Setorial de Teatro de 2019 deu a oportunidade de um projeto tendo a dramaturgia como protagonista ser executado, ao universo que manteve toda a equipe do projeto viva durante a pandemia da COVID-19, um dos episódios mais difíceis vividos por muitos de nós e a todos que contribuíram para que hoje estas ideias, esses traquejos e essas escritas estivessem reunidas em forma de e-book.

A arte é o caminho do futuro porque ela é o caminho da invenção. Precisamos inventar novos mundos para concretizarmos eles. Imaginar castelos como Carolina Maria de Jesus inventou. Registrarmos isso em linguagem e aguardar que o público transforme nossos sonhos de um mundo melhor, mais justo e muito mais complexo, em realidade. Nossa trinca se revela no símbolo da tríade presente em quase todas as culturas como o ápice da criação. O três quebra a lógica binária, cria contrapontos, produz encruzilhadas.

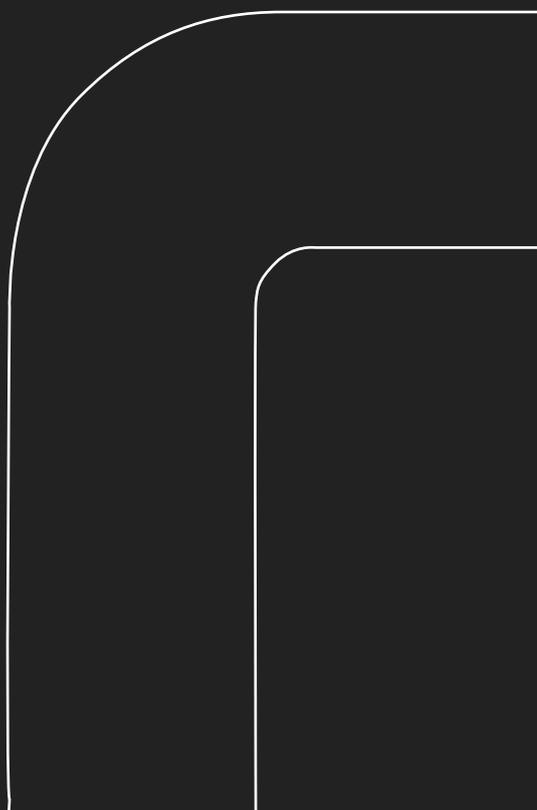
Três caminhos importantes para a criação: o respeito às leis da natureza, a formação de uma estrutura inteligente de linguagem e o reconhecimento de um universo produtor de uma energia vital metafísica. Nossa Trinca fala da vontade de mudar os rumos dos caminhos, da consciência do momento atual e da sabedoria para modificar sem repetir os erros destrutivos do projeto colonizador. Estamos mirando outra coisa. Nossa mira é na qualidade de vida dos nossos, na garantia da vida e na busca pela experiência da felicidade. Quando o olhar é de lá para cá, somos muitas vezes o alvo, mas de cá para lá, há um horizonte e nossos olhos atravessam o gatilho para ver além.

Boa leitura.

Axé

Daniel Arcades

CAJAZEIRAS



A FILHA DE AYRÁ

Texto de Lulna Mendonça

Uma **obra musical** que conta a história de um romance em uma comunidade quilombola na Bahia. O Amor de um pescador e uma travesti é abalado pela inveja e preconceito.

PERSONAGENS

ÁGATA
DAVI
DONA DÁLIA
FELIPE
DIOGO
ISRAEL
PROFESSORA TATI
PROFESSOR PEDRO
SEU ZÉ
MORADORES DA VILA

CENÁRIO

PRAIA
CASA VELHA ABANDONADA
CASAS DOS MORADORES DA PRAIA
RUAS DA CIDADE

APRESENTAÇÃO

Por Daniel Arcades

Quando Lulna chegou na residência do Trinca da Mira, sua pulsão artística já se mostrava forte. Logo se via as ligações com o movimento de arte em Cajazeiras e, claro, se percebia que ali tinha alguém cheia de histórias para contar. A filha de Ayrá nasce de um desejo singelo de trazer histórias de amor para contextos além do sistema hetero-cisgênero patriarcal. E esse desejo é tão genuíno, tão importante que temos aqui um texto com toques de musical, ainda em sua primeira versão, que, com certeza, pode fazer qualquer jovem adentrar no universo do amor, do encanto e da beleza. Lulna como todos nós tem uma forte tendência para a tragédia na escrita, estamos acostumados a ver as nossas histórias em lugares que a dor perpassa e fica. A dor faz parte do conflito dramático, mas muitos entenderam que aponta-la como um caminho e não como um fim é necessário para garantir a emoção da felicidade em corpos não-privilegiados em nosso modelo atual de sociedade. Nos debates de nossa residência, **ÁGATA**, a protagonista da história, se tornava uma mulher trans que se abre pro amor em seu território de origem. Isso é muito forte. Uma mulher chega em um quilombo e se depara com uma casa de herança abandonada, professores estrangeiros concursados e pescadores que sempre viveram ali. Dentre todos estes elementos um clássico romance, uma paixão repentina e desafios a serem ultrapassados. Quantas histórias conhecemos com estes clichês que amamos em que a protagonista se trata de uma personagem trans? Lulna mergulhou em um universo novelesco, puxou da memória vivências no quilombo em que se criara, observou todos os espaços por onde transita e desenvolveu sua narrativa. Além de atriz, publicitária e bailarina, agora temos uma artista escritora. E que esta seja apenas a sua primeira peça e que tenhamos mais e mais histórias narradas e contadas sobre o universo que Lulna desejar. Porque na ca-

neta de corpos trans cabe uma diversidade de narrativas, uma diversidade de personagens infinita, pois suas vivências, com certeza, lançarão olhares únicos, para diversos personagens de nossa sociedade. Quer dizer, do que há e do que não há nesta sociedade. O impalpável também é uma realidade neste texto. Ayrá Ponon Opukodê.

INÍCIO

Barulho de vento

Dona Dália entra em cena e na varanda de sua casa caminha lenta, vai até a mesa, pega numa concha e divide sua escuta entre a ventania e o barulho da concha. Bate a mão em uma xícara que faz barulho, esse barulho abre o ritmo da canção de abertura.

Joga a rede, pega peixe, joga rede vai buscar
essa é minha rotina nessa ilha beira mar

Joga a rede, pega peixe, joga rede vai buscar
essa é minha rotina nessa ilha beira mar

Joga a rede, pega peixe, joga rede vai buscar
essa é minha rotina nessa ilha beira mar

A rotina é cansativa não dá tempo de pensar
cuida de casa de família
eu vivo pra trabalhar

Durante a canção, os moradores daquela ilha vão entrando e cantando a abertura da peça.

MORADORA 1

Eu corto peixe

MORADORA 2

Eu cato siri

MORADOR 3

Eu jogo muzué

Joga a rede, pega peixe, joga rede vai buscar
essa é minha rotina nessa ilha beira mar

Joga a rede, pega peixe, joga rede vai buscar
essa é minha rotina nessa ilha beira mar

Joga a rede, pega peixe, joga rede vai buscar
Essa é minha rotina nessa ilha beira mar

A rotina é cansativa não dá tempo de pensar
Cuida de casa, de família
Eu vivo pra trabalhar

Eu vou passar, vou por aqui
Entregar peixe a dona Vilma
Para de Ler, Davi, tem que sustentar a família

MORADOR 1

Quero ser músico.

MORADORA 1

Vai ser pedreiro.

MORADOR 2

Quero ser médico.

MORADORA 2

Vá pescar, menino!

MORADORA 3

Eu quero ser professora.

MORADOR 3

Adiante, vá mariscar!

Essa é nossa rotina, nossa vida em nosso lar
Sua bença, Dona Dália

DONA DÁLIA

Meu pai abençoe, minha filha

Conheço todos nessa ilha

MORADORA 2

E quem não conhece dona Dália?

DONA DÁLIA

Olhe, eu vou indo

A rotina é cansativa não dá tempo de pensar

Cuida de casa, de família

Eu vivo pra trabalhar

Joga a rede, pega peixe, joga rede vai buscar

Essa é minha rotina nessa ilha beira mar

Joga a rede, pega peixe, joga rede vai buscar

Essa é minha rotina nessa ilha beira mar

Joga a rede, pega peixe, joga rede vai buscar

Essa é minha rotina nessa ilha beira mar

Essa é a vida nessa vila e ninguém vai reclamar.

O número cessa. E todos começam a ganhar a vida rotineira pela ilha.

CENA 1

Na porta da casa de Dona Dália.

DIOGO

Tamo indo, viu vó?

FELIPE

Tamo indo, voinha.

ISRAEL

Tamo indo, é?

FELIPE

(Bate na cabeça de Israel) Adianta, vai, pega o remo.

ISRAEL

Cadê Davi?

DONA DÁLIA

Tá lendo no quintal, deixa ele em casa hoje.

FELIPE

A senhora é assim, Davzinho pode tudo! Tem que ser quatro puxando a rede, a rotina é essa.

ISRAEL

É, a rotina é essa, mesmo a gente conseguindo nos vi... (é interrompido por mais um tapa de Felipe)

FELIPE

A gente só consegue com quatro. (grita) Daviiii, ô Daviiiiii!

Davi surge resmungando

DAVI

Já vou, já vou, já ouvi, que perturbaçãooooo!

Davi acaricia o ombro de Israel e beija a testa da vó.

DONA DÁLIA

Vão, meus netos. Oxalá proteja vocês!

Os quatro saem. Dona Dália observa o vento ficar cada vez mais forte. Pega mais uma vez na concha que está sobre a mesa.

DONA DÁLIA

Deixa eu ver o que tá acontecendo, vento não muda assim. O tempo tava bom, se não tivesse, eu não deixava nem os meninos ir pescar. **(Ela olha profundamente pra uma concha)** Curioso, Curioso, curioso. Nada é de mudar por aqui. Não muda prefeito, não muda vereador, que mudança é essa? Aqui em casa? Hum, parece até coisa boa, mas o elo entre meus netos vai se quebrar. **(olha para dentro da concha)** Esse moço do branco, que carrega Oxalá, vindo com Oxum, será que tem grávida de gêmeos vindo aí?

De frente para a casa, aparece seu Zé observando o que Dona Dália está fazendo.

SEU ZÉ

Tá querendo saber de mim, Dona Dália? Tá cheirosa, hein, mãe!

DONA DÁLIA

Não comece, não, viu! Me diga aí o que foi.

SEU ZÉ

(ri) A senhora que tá aí jogando, me diga tu. Agora que sou até enredo de escola de samba vou te dar informação fácil?

DONA DÁLIA

O senhor me deixe, viu! Tá tirando onda mesmo, tenho até uma garrafa de 5l aí, mas já que não quer conversa...

SEU ZÉ

Agora a senhora falou minha língua, uiuiui **(aperta a bunda de dona Dália e dá um gole na cachaça)**. Olhe, minha cabocla, nessas terras seus pais te fizeram e nessa terra você vai transformar. Vai cumprindo a missão, mudando o mundo, tudo no jeito de Oxalá, mas pode vim chegando

o momento da moça cabocla se tornar gente igual nós, em todos os cantos, cuidando de tudo. Cabocla Dália, que nome lindo. Sua mainha curou tanta gente nessa terra, seu painho brigou com tanto capitão do mato. A senhora acha que vive da magia? Que foi presente dado? Isso vem de lá, vem de lá. Essa gente que se firmou aqui e pensa que a escravidão acabou, mas vive pra trabalhar. Nada muda, nada se transforma... mas mundo tá mudando, dona. Nem diabo a gente é mais, nunca fomos né...eu vou me indo agora, fique na paz!

DONA DÁLIA

Laroye! É, não quero deixar os meninos aqui não, acho que eles tão querendo ir pra mais dessa ilha. Mas eu tô pronta? Ih, deixa eu fazer um café que o povo da pesca já vai chegar.

A população volta a se movimentar, enquanto Seu Zé toma cachaça e barrufa em muitos daquela ilha. Dona Dália entra em casa.

Joga a rede, pega peixe, joga rede vai buscar
Essa é minha rotina nessa ilha beira mar

Joga a rede, pega peixe, joga rede vai buscar
Essa é minha rotina nessa ilha beira mar

Joga a rede, pega peixe, joga rede vai buscar
Essa é minha rotina nessa ilha beira mar

CENA 2

Enquanto cantam, chega uma mulher alta, com malas e roupas diferentes de todos que ali estão. Todo mundo para e começa a observar com olhares espantados.

Ágata surge em frente à casa abandonada com muitas sacolas e malas. Pega uma chave grande tentando abrir uma corrente enferrujada com um cadeado o mais rápido possível. E o burburinho começa.

MORADORA 1

O que é aquilo?

MORADOR 2

Vixe, é alguma dondonca?

MORADORA 3

Na casa abandonada?

MORADORA 1

Iih, é homem.

MORADOR 3

É homem, tá repreendido

Moradores que estão do outro lado, homens, chegam mais perto de Ágata e comentam.

MORADOR 2

Eita gostosa,

MORADOR 1

Aí eu vou, hein, pai! (risos)

Um burburinho entre assobios e risadas, Ágata fica cada vez mais nervosa tentando abrir aquele cadeado. Eis que surge uma moça gentil.

TATI

Oi, está precisando de ajuda?

ÁGATA

Não, Obrigada.

TATI

Olha, eu posso tentar ajudar.

ÁGATA

Certo, então tu tenta girar essa chave. Sem quebrar, pelo amor de Deus!

TATI

Tu é a dona dessa casa? A chave não gira.

ÁGATA

A casa era de minha tia, ela deixou pra mim de herança.

TATI

Meus sentimen... (Davi está ao longe. Tati acena para ele)
Daviii!

Davi chega com um cesto de peixe e se aproxima.

DAVI

Oi, Pró. (para Ágata) Boa tarde moça

TATI

Ajuda minha amiga a abrir essa porta. (para Ágata) Esse é Davi, como é seu nome mesmo?

ÁGATA

Ágata, prazer. Tu é professora, Tati?

TATI

Sou, não falei?

Davi interrompe

DAVI

Consegui abrir a porta.

ÁGATA

Obrigada queridos, muita gentileza. Queria oferecer uma água, mas não tem nada aqui ainda. O caminhão da mudança parece que se perdeu

DAVI

Eu posso buscar água gelada lá em casa.

ÁGATA

Não precisa.

TATI

Pode pegar, Davi. Oxente, menina ele mora aqui perto! Vá lá, Davi.

ÁGATA

Bom, vou entrar para ver como está tudo! Se não se importar, pode entrar comigo, Tati?

TATI

Claro, todo mundo sempre quis saber o que tem aí dentro.

Davi olha Ágata meio apaixonado e sai.

TATI

Davi... seu peixe.

CENA 3

Davi volta destrambelhado e pega o cesto de peixe. Ágata e Tati entram na casa abandonada do palco conversando e Davi entra correndo na casa da avó.

DONA DÁLIA

Que pressa é essa Davi? Tá ofegante, bebe água, menino.

DAVI

É agua mesmo, vó! (Davi beija a testa da vó) Como a senhora está?

DONA DÁLIA

Hum... gostei de ver, pegou peixe com seus irmãos. Que pressa é essa, menino?

DAVI

Eu fiquei de pegar água pra moça nova que chegou.

DONA DÁLIA

Agora eu entendi os ventos que mudaram na cidade, tem gente nova. Essas meninas que chegaram né? Ô vento, Ayrá e Oxum sabem fazer filhas apaixonantes. Tu estás encantado com qual, minha folha verde?

DAVI

(tímido e sorridente) Não gosto quando a senhora me chama assim... Só tem uma vó.

DONA DÁLIA

Oxe, tem não.

DAVI

Tô dizendo, minha vó.

Os irmãos de Davi entram gritando.

FELIPE

Você é viado mesmo, né, rapaz? Já tá todo mundo falando que você tava de conversê com travesti.

DIOGO

A mulher é gringa, rapaz.

ISRAEL

(rindo) É homem ou mulher essa porra?

DONA DÁLIA

(passa a mão na cabeça e olha com reprovação) Meus netos...

DAVI

Que aperto de mente, deixa a menina em paz!

DIOGO

Oxe, já tá namorando, é?

DAVI

Olhe, vou adiantar, viu!

FELIPE

Adiantar, não (puxa Davi pelo braço) Você vai explicar que desgraça você quer de conversa com... com isso! Desgosto aqui não!

DAVI

Que desgosto? Desgosto de que? De eu ter educação? De respeitar as pessoas? Vocês nem respeitam minha vó, uma senhora...

Davi pega uma garrafa de água, um pacote de bolacha e sai.

DONA DÁLIA

Vem mudanças por aí, tem algo diferente. O futuro reserva tanta coisa pra o irmão de vocês.

FELIPE

A senhora sempre gostou mais dele mesmo!

DIOGO

Vó, vó, vó, olhe bem como nossa família pode ficar falada nesta ilha.

ISRAEL

Ninguém além da professora que é toda tirada a liberta foi lá falar com... Davi é o único miseravão que tinha de ir prestar socorro. Ai, ai...

DONA DÁLIA

Vão limpar os peixes que o povo precisa ter o que comer.

FELIPE

Queria que a senhora falasse isso pra Davi. Ninguém come livro, não.

ISRAEL

Agora gente...

DONA DÁLIA

Se respeite, Israel.

CENA 4

Na saída da casa abandonada, Ágata e Tati conversam. Davi já está na porta aguardando.

ÁGATA

Acho que vai ser menos trabalho do que pensei. Espero ter a casa arrumadinha este mês ainda.

TATI

Eu não acredito que você fez mestrado em Paris e veio parar nesse fim de mundo.

ÁGATA

Aqui não é um fim de mundo. É longe, eu confesso, mas não é um fim de mundo.

TATI

Fale isso pra quem nunca saiu daqui.

ÁGATA

Aqui é tão lindo, mas entendo que falta oportunidade para muita coisa que existe neste mundo.

DAVI

Já vi que estão falando de sair daqui. Aff, gosto nem de falar disso. Não vou deixar minha vó com meus irmãos, mas minha vontade é me picar pra Salvador.

TATI

Esse menino é de ouro, Ágata! Foi pra Santo Antônio fazer ENEM, passou na federal, mas não queria deixar a vó aqui

DAVI

(risos constrangido) Para pró, deixa isso pra lá, faz tempo. Cada dia aprendo mais coisa jogando a rede. Tá achando que o mar não é estudo, não, é?

ÁGATA

Você passou em qual curso?

DAVI

(olhando profundamente Ágata) Letras, graças a pró Tati. Era tanto livro...

TATI

Que nada, tu sempre foi muito inteligente, sempre foi muito dedicado. Aliás, sabia que Ágata fez até mestrado? E em Paris?

DAVI

Sério, meu deus, você conheceu a torre Eiffel? (Davi olha o relógio) Eu juro que quero muito saber mais disso, mas preciso ir limpar peixe, senão a gente não abastece a peixaria. Tó, tem água e uns biscoitinhos sete-capa, é uma delícia.

ÁGATA

Obrigado, aceito de bom grado.

TATI

Eu vou também, qualquer coisa só me chamar naquela casinha ou na escola, tá bem? Cuidado e seja bem-vinda. Com o tempo, o povo vai se aproximando de você.

DAVI

Se quiser dar uma volta para conhecer a ilha, só me avisar.

ÁGATA

Depois, agora vou cuidar desta bagunça.

DAVI

Só me chamar, moro ali, ó.

TATI

Beijos, meu povo.

CENA 5

Tati sai e Davi fica de longe observando Ágata, que entra na casa, pega uma vassoura e sai. Eles dois se olham profundamente, Ágata desvia o olhar e começa a varrer. Davi entra na casa e começa a limpar os peixes com os irmãos.

ÁGATA

(canta)

Não, de novo não
foram olhares normais
Eu não caio em encanto de macho
Da amiga mulher eu me basto
Se sim,
se não,
Parece tão bom coração

ÁGATA

(declama)

Cheguei agora na cidade e bem sei que travesti não pode
nem sonhar com amor e liberdade
Êpa, alto lá
Pode sim
Não posso entrar no clichê que amor não é coisa pra tra-
vesti

ÁGATA

(canta)

Na ilha-quilombo, tudo tão desigual
O passado afeta o pensamento de
Todo povo marginal
Na margem da vida

Na margem do mar
Onda forte
Maré cheia
Eu sou filha de Ayrá

CENA 6

Enquanto Ágata canta arrumando sua casa, Pedro, um outro professor observa de longe a ação da estrangeira e vai para a porta da casa de Tati.

PEDRO

Oi, pró Tati, tudo bem?

TATI

Ai, que bom que você está por aqui, pensei que tava no continente. Vem cá... **(corre e vai até a porta de Ágata)** Ágata, esse é Pedro, ele é novo aqui também. É professor de história, chegou não tem nem três meses.

ÁGATA

Muito prazer, querido. **(Ágata aperta a mão)**

PEDRO

Satisfação **(indo pra beijar o rosto de Ágata)** prazer, sabemos.

ÁGATA

(se afasta, não deixando beijar e o interrompe) Historiadores. Não perdem a oportunidade de lembrar que mesmo desconstruídos, sempre homens. **(todos riem)**

PEDRO

Posso fazer companhia a vocês?

ÁGATA

Bem, eu estava arrumando a ca...

TATI

Claro, por favor (**nitidamente encantada por Pedro**). Eu ia mesmo passar a tarde aqui conversando na porta com Ágata.

PEDRO

Aqui, depois da aula, coisa boa é sentar na porta. Fazia tempo que não sabia o que era isso.

ÁGATA

Imagino. Então você não foi professor do Davi, não é?

TATI

Hum, eu tô de olho, hein? Eu vi como tu pegou a água na mão dele.

ÁGATA

Oh, chienne! Ele foi uma das poucas pessoas gentis comigo.

PEDRO

É aquele menino que gostava de estudar, mas hoje pesca? Perdeu seu futuro...

ÁGATA

Você é historiador mesmo?

TATI

Ele não se deu muito... (**tenta falar mas é interrompida**)

PEDRO

(**rindo em tom meio debochado**) Você já fala de profissão, né? Se ofendeu por causa do pescadorzinho? Eu sei que é uma profissão também, tô só brincando.

ÁGATA

É que a maioria dos meus amigos historiadores tem o mínimo de consciência. E não brincam com coisas sérias.

PEDRO

Você é dura, viu?

ÁGATA

Desculpa se pareci assim. É que quando vem com uma fala problemática, eu já quero dar de tamancada!

PEDRO

Então você também é da militância?

TATI

Ela é Mestreira, meu filho. Socióloga com mestrado em direitos humanos. Mestrado em Paris.

PEDRO

Uau, é bonita e inteligente!

ÁGATA

Oui, je suis très ringard!

PEDRO

Francês é uma língua muito sexy.

ÁGATA

Que saco! Já vi que curte festinhas com MPB para falar de liberdade e pegar um monte de mulher, né?

Davi chega com um peixe assado e a expressão de Ágata muda.

PEDRO

Chegou com peixe. Imagino o perfume de rosas que isso deve estar.

TATI

(para Davi) Ágata perguntou por você.

DAVI

Perguntou, foi? E aí, professor? (Aperta a mão do professor olhando para Agata)

Ágata muito sem jeito só consegue dar uma risadinha

TATI

Pedro, vamos pra escola, que daqui a pouquinho tem aula.

PEDRO

Mas você não ia passar a tarde aqui?

TATI

Esqueci que tinha A.C. hoje DE HUMANAS!

PEDRO

Tá bem. Eu ainda não me acostumei com esse calendário que todo dia muda. Ágata, foi um prazer. Vamos tomar uma água de coco mais tarde?

ÁGATA

Eu tô muito cansada, mas obrigada!

PEDRO

Bem-vinda. Tchau, moleque!

DAVI

Vá lá, professor.

Os dois ficam sozinhos.

ÁGATA

Você trouxe peixe assado.

DAVI

Imaginei que não tinha o que comer.

ÁGATA

Ah, eu ia comer em algum boteco por aqui.

DAVI

Tá fresquinho e acabou de sair da grelha. Eu mesmo pesquei.

Ágata acha uma doideira, mas sorri para Davi.

DAVI

Você é um mistério

ÁGATA

Tu me deixa sem jeito, fica me olhando assim. Sei lá

DAVI

Você é muito bonita, chique e inteligente. Parece até que saiu de um livro

ÁGATA

Menino, você também é muito inteligente. Tati me disse que às vezes tu lia dois livros por semana.

DAVI

Hoje não consigo nem terminar um, tem que pescar né? Ajudar minha vó. Os meninos começaram a pressionar, não poderia deixar ela aqui, meus irmãos são cabeça dura.

ÁGATA

Eu entendo, a vida deve ser complicada por aqui. Mas se te consola, para pessoas como eu, qualquer lugar é difícil. Imagine, chegar Mestra de Paris e ficar mais de dois anos

desempregada por um mínimo detalhe.

DAVI

Eu fico viajando nisso, você estudou em Paris, fez mais que faculdade e o povo fica falando do que você é. É uma desgraça!

ÁGATA

É, mas quando tu fala o que eu sou você tá dizendo o que?

DAVI

Nos meus olhos? Uma pessoa incrível, inteligente, linda.

ÁGATA

Não Davi, eu entendi. Você falou outra questão.

DAVI

Eu sei, desculpa véi! É que eu acho injusto.

ÁGATA

Mas não tenha medo de falar, não estou brigando com você. É um fato e você pode dizer que é por eu ser trans.

DAVI

Eu... Eu tenho que ir entregar os peixes.

ÁGATA

Pode fugir.

DAVI

Eu não tô fugindo, é por causa da hora mesmo.

ÁGATA

Certo. Bom trabalho.

DAVI

Ágata...eu tô com muita vontade de fazer uma coisa.

ÁGATA

O quê?

DAVI

(chegando bem perto dela) Se você não quiser, eu vou entender.

Davi beija Ágata, depois corre. Ágata fica passado com o que aconteceu e entra em sua casa.

CENA 7

Do outro lado, numa mesa com papéis e cadernos, Pedro e Tati conversam.

PEDRO

Aquela sua amiga não gostou muito de mim não, né?

TATI

Ela vai se abrindo. As pessoas aqui não tem sido gentis com ela.

PEDRO

Mas eu tento, vou ser gentil. O moleque que fica atrapalhando.

TATI

Davi é um doce

PEDRO

Doce, eu sei o doce. Tá fazendo igual aos caras da cidade, querendo comer ela pra depois sair falando na rua, rindo e negando. Eu que não devo nada ninguém aqui. Sou pro-

fessor concursado e pago minhas contas.

TATI

Davi não é desse tipo, Pedro. Ele é digno, honesto, nem usaria o termo comer quando o assunto é estar com alguém.

PEDRO

Você é inocente, Tati. Eu tenho várias amigas trans, sei na pele o que elas sentem. Os caras só transam e somem. Por isso ofereço meu pau acolhedor... **(Tati olha pra ele com raiva)** Brincadeira, eu só queria ver sua reação! É só amizade!

TATI

Eu achava que você... deixa pra lá.

PEDRO

Fale, meu bem.

TATI

Que a gente tinha algo especial.

PEDRO

(abraça Tati rindo) Deixe de besteira! Tem Pedrinho pra todo mundo, aquilo que rolou vai rolar sempre que você quiser. Fique na sua.

TATI

Mas eu não estava achando que ia ser assim...

PEDRO

Assim como? Tati, eu não sou homem de compromisso neste momento. Eu acabei de chegar.

TATI

Por isso mesmo, se deixar, em um ano você já vai ter pego a ilha inteira.

PEDRO

E qual o problema?

Tati deixa Pedro sozinho e sai irritada. Pedro sobe na mesa e canta.

PEDRO (canta)

Sou formado, diplomado e tenho muito o que fazer
Sou liberto, libertino, tenho muito o que comer
Sou faminto e mato a fome de todas que me querem

Baby, não me tire os instintos
Minha barba, meus pelos, meus tímpanos
Querem o prazer dos gemidos
Estudei pra ser livre
Baby, não me leve a mal
Eu não posso negar o animal que há em mim
Vem cá me sentir.
E a gente vai junto, cair nessa orgia
Muitas maravilhas, mulheres pra nós
Estou em desconstrução
Prometo te respeitar se me der um não
Mas não me peça pra negar meu fogão.

CENA 8

Dona Dália bate na porta da casa de Ágata.

DONA DÁLIA

Uma água, minha filha?

ÁGATA

Oi senhora, tudo bem. Claro.

DONA DÁLIA

Eu vou sentar aqui na frente, filha.

ÁGATA

(assustada) Tudo bem, eu vou buscar sua água. (volta com o copo)

DONA DÁLIA

Que coração agitado minha filha. Oxum e Ayrá não se decidem, essa cabeça fica confusa, mas acalme seu coração. Davizinho folha é caminho. Filho de Oxóssi qual Oxum se banhava no mel para conquistar o amor que gerou Logun.

ÁGATA

Uau, a senhora é profunda. Davizinho folha é Davi pescador?

DONA DÁLIA

Sim, o menino dos seus olhos, do seu rio e dos seus ventos.

ÁGATA

(fica confusa) A senhora é a vó? A vó dele?

DONA DÁLIA

(bebe a água) Vó, mãe, amiga. O menino ia ganhar o mundo, os livros o caminho, ser até doutor e agora eu entendi o motivo de ter ficado.

ÁGATA

Ele é realmente brilhante. Ficou pela senhora.

DONA DÁLIA

Será? É cabeça, minha filha. Você tem, ele tem, é cabeça. Vamos, me acompanhe até minha casa.

CENA 9

Dona Dália e Ágata vão em direção a casa da senhora. Ao chegar lá escuta muita confusão e gritaria.

DAVI

Eu não quero saber, que inferno! Eu só não vou embora por conta de minha vó.

FELIPE

Por conta da desgraça, rapaz! Vá se fuder! A gente já não tem pai nem mãe e você quer jogar o nome da família na lama?

DAVI

Lama, Lama? Eu tô apaixonado mesmo e o que você tem com isso?

DIOGO

O circo tá armado, agora tem até viado na casa.

DAVI

Eu gosto de mulher. Ágata é mulher e vai ser minha mulher se ela quiser.

DIOGO

Ih, rapaz, é se o viado quiser, viu? Até escolha tem.

DAVI

Que desgraça, rapaz! Eu faço o que eu quero. Ela é mulher e acho bom respeitar!

FELIPE

Respeitar o quê, rapaz? Você é maluco é? Você não venha com isso adiante. A ilha toda já tá falando.

DAVI

Foda-se essa cidade, não devo nada a ninguém aqui!

DIOGO

Mainha deve ter abandonado a gente por isso, fugir do desgosto que você seria.

Davi parte pra cima do irmão e eles começam a brigar, Dona Dália surge em cena com Ágata, mas ela não percebe o que está acontecendo. Dália pede a Ágata que aguarde na porta, ouvindo a gritaria. Enquanto a briga acontece, separados por uma parede, um numero musical.

FELIPE, ISRAEL E DIOGO (cantam)

Desgraçado! Manchador! Nossa família tem valor!

DAVI (canta)

Desgraçados! Deturpadores! O valor quem tem sou eu!

FELIPE, ISRAEL E DIOGO (cantam)

Valor de um plebeu! Valor de um ninguém! Cê não merece ser alguém!

DAVI (canta)

Eu mereço é todo o bem! Estar do lado de quem me tem!

DONA DÁLIA (canta)

Parem com essa balbúrdia! Irmãos brigando por nada!
Parem com essa feiura! Irmãos se matando em fúria!

Do outro lado, Ágata canta. Ao longo da canção Ágata vai entrando na casa da família e se metendo na briga.

ÁGATA (canta)

Será que vai ser sempre assim?
Ele tinha paz até eu chegar
Será que nunca vai existir paz
e meu direito de amar?
perseguição, violência

meu coração em cárcere,
preso nesse sistema
a boca seca
o olho seca
a perna treme
é ansiedade
no meu ouvido a sirene
o toque matou meu irmão
matou Kauãs e **ÁGATAs**
derrubadas por um CISTema

Por favor, deixem ele me amar
Por favor, deixe ele me amar
Minha mãe não me amou
Meu pai não me amou
Sou filha da vergonha
Ele não me abandonou

CENA 10

DONA DÁLIA – Vergonha de vocês! Xispem daqui!

Dona Dália dá um abraço em Ágata e também sai. Todos saem, o barulho acaba e Ágata limpa o ferimento na boca de Davi.

ÁGATA

O que aconteceu, menino?

DAVI

Nada não, briga de irmão

ÁGATA

Mas assim do nada? Tem motivo.

DAVI

Eu quero saber é como você foi parar aqui em casa.

ÁGATA

Eu estou falando sério, Davi, isso foi por causa de mim, não foi?

DAVI

E isso importa? o que importa é que estou apaixonado por você desde que te vi pela primeira vez.

ÁGATA

Isso não pode caminhar assim.

DAVI

Parecia que eu estava dentro de um livro, só existia você, minha mente tava desligada de tudo.

ÁGATA

Você não está pronto pra isso, você não está preparado pra ter brigas piores do que essa todos os dias, eu não quero isso pra você

DAVI

É a minha vida, Ágata. Eu já abri mão de muita coisa pelas pessoas, eu já abri mão de meu futuro para cuidar de minha vó. Você veio para cá e não vou deixar de viver meu amor por conta de ninguém. Eu estou louco por você.

ÁGATA

Não me obrigue a fazer isso, não me obrigue a ir pra longe.

DAVI

Você precisa deixar eu te amar, você não pode ter medo por mim.

ÁGATA

Eu tenho medo por você, tenho medo por mim também.
 Você sabe quantas vezes isso já aconteceu?

A luz muda. Uma música instrumental entra e Ágata declama ritmicamente.

ÁGATA

Teve Hugo do início da transição que me deu até flores e queria ajudar a comprar hormônio, apareceu casado com uma mulher cis.

Miguel que conheci no tinder, jurou amor eterno, bloqueou depois da primeira noite de sexo.

Guilherme, do meu bairro, estava comigo todos os dias, dormia na cama, fazia planos e de repente vi na rua com uma mulher grávida.

Alex da faculdade era o casal do ano, todo mundo amava, até eu descobri que eu era a limpeza de imagem dele, o que definia ele como desconstruído.

Teve Gilmar, que não me deu o direito de não querer transar, invadiu meu corpo e sumiu.

Teve até meu orientador de TCC, sinto a mão dele em mim até hoje...

E outros, outros, outros...

Meu corpo era só sexo

O sexo o sexo

O fetiche, talvez eu até pudesse ser a cabeleira,

Eu corri contra todo mundo que me queria na prostituição, virei a chave

E fiz até graduação.

Mas era muito pouco

Pra quem tem meu corpo

Pra correr mais rápido passei até no mestrado

Em primeiro lugar com bolsa

Você acha que eu tô comendo como?

Travesti tem que ser esperta

Fazer o pé de meia
E não deixar dar sopa.

Eu corri de todos que me machucaram
Me tornei gigante na minha área
Pra agora abrir espaço
Eu não posso acreditar em homem de novo
Ser quem eu sou, de onde eu vim
Não me custou pouco

A música cessa. Davi está em pé abismado com toda a história.

DAVI

Eu não vou te decepcionar. Deixa eu ir morar com você lá.

ÁGATA

É cedo, Davi. Eu quero acreditar. Mas com calma.

DAVI

Eu vou atrás de minha vó ver como ela está.

ÁGATA

Eu vou pra casa. A gente se vê.

CENA 11

Ágata senta na porta de casa e fica pensando. O professor Pedro se aproxima.

PEDRO

Sozinha pensativa, menina Ágata?

ÁGATA

Que susto!

PEDRO

Pensou que era o pescadorzinho?

ÁGATA

La mierd! Qual seu problema com **DAVI**?

PEDRO

Problema nenhum. Só não entendo como uma mulher como você quer ficar com um cara como ele.

ÁGATA

Nunca conheci caras como ele.

PEDRO

Nem como eu.

ÁGATA

Eu notei como a Tati tá caidinha por você, mas eu te saco. Conheci homens como você minha vida toda, que tá tão preso na ideia que meninas como eu estão desesperadas por homem, que vão pra sua cama receber as suas migalhas.

PEDRO

Você acha que nesse fim de mundo vai um homem melhor do que eu?

ÁGATA

Fim de mundo? Em que mundo você estudou? Isso é um quilombo, é um início de mundo. Fim dos tempos é você com essa mente ensinando esse povo aqui.

PEDRO

Olhe, você é muito estressadinha, **(ele vai se aproximando de Ágata e indo pra perto)** o pescador deve tá puxando rede agora, tenho certeza que nem dar uma com você ele deu

ainda, molenga! Eu aqui querendo te dar prazer e você aí
(ele segura Ágata pra beijar)

ÁGATA

(Ágata empurra o professor) Seu imbecil, babaca, estúpido!

Ágata entra em casa e o professor fica na porta. Os irmãos de Davi estão chegando.

FELIPE

Eu vi tudo, professor.

ISRAEL

É, eu vi tudo, a gente viu tudo.

PEDRO

(assustado) Eu... é ...eu e...eu

DIOGO

Calma, rapaz, a gente não gosta do traveco.

FELIPE

É, a gente não gosta dela, ela quer acabar com meu irmão.

DIOGO

Cala a boca, seu lerdo, tudo você fala!

PEDRO

Vocês são irmãos do pesca... de Davi

ISRAEL

Sim, mas a gente é contra isso aí que ele quer com essaizinha.

FELIPE

É, a gente é contra.

PEDRO

Então a gente pode se ajudar, eu sei como a gente pode salvar sua família.

ISRAEL

Como?

FELIPE

É, como vamos salvar?

PEDRO

Se ligue na minha: Vocês chamam seu irmão...

Os garotos saem de cena com Pedro contando seu plano

CENA 12

Em casa, Dona Dália canta enquanto trata peixe, no meio da cantoria Davi se aproxima.

Exú lonan, (bis)
Modilê lodê e legbara,
Lebara mirê Exu tala kewa ô,

DAVI

Bença, minha vó?

DONA DÁLIA

Oxalá te abençoe, meu filho.

DAVI

O que me conta?

DONA DÁLIA

Ah, meu filho, o de sempre. Fiiinha com os fi brigando. Já disse que a mais nova precisa de um banho de maré de vazante, mas aquela menina inventou diabo de igreja. Já viu, meu filho, cristão em quilombo, seguindo caminho do povo que batia nos avós? Esse mundo tá perdido!

DAVI

Deixa o povo, minha vó. Cada um com sua fé, né? Seus próprios netos só andam na igreja. Ogã suspenso por Oxóssi dando uma de crente, já viu?

DONA DÁLIA

Só você, meu filho, meu orgulho. E como tá com a menina dos ventos?

DAVI

Ah, minha vó, eu sou louco por ela, ela me faz tão feliz. Queria conseguir fazer ela acreditar mais em mim. Pró Tati até tenta mostrar que eu sou assim mesmo, mas ela fica desconfiada.

DONA DÁLIA

Meu fi, ela já apanhou muito dos homens desse mundo. Não desiste, não. A bichinha provou rejeição, abandono e violência.

DAVI

É, vó, vou desistir não

Felipe entra

FELIPE

Tá falando de Ágata né, precisa mudar de assunto, não.

DIOGO

A gente viu ela.

Felipe belisca Diogo

FELIPE

É, a gente viu como ela é bonita, a gente respeita vocês, meu irmão.

Davi, meio incrédulo, mas muito emocionado, vai abraçar Felipe. Dona dália faz sinal de reprovação com a cabeça.

DAVI

Eu vou falar com Ágata. Preciso ver ela agora, meu deus, eu... eu... to..., eu vou chamar ela para conhecer vocês.

FELIPE

Também vamos com calma, vá lá falar com ela.

Davi corre

DONA DÁLIA

O coração do irmão de vocês é nobre, merece sentimento genuíno, num merece o que vocês tem, não. Isso é crueldade, despertar a alegria do menino assim, como se eu não conhecesse vocês...

FELIPE

Oxe, vó, tá tudo certo mesmo.

DIEGO

É, tá sim

DONA DÁLIA

Eu vou contar uma história para vocês, só para verem que com quem nasceu pra se juntar, não se brinca.

Dona Dália canta para seus netos
(Performance Oxum e Oxossi)

Quando se encontrou já se apaixonou

quando se encontrou já se apaixonou

Outro me falou que mel se banhou
outro me contou que mel se banhou

Cobrir com folha a serena vinda
Cobrir com folha e celebra a vida

O pai da mata o o que ama mata
Chama atenção desse pai da caça

Chamou de amiga
e vai ser mulher
para entrar comigo em reino de fé

Juntos entraram
e o sangue reinaram
mas o pai do branco jamais enganado
é o pai do branco jamais enganado

E sendo assim, sempre condenado
A cortar pros dois
Cortar pros dois lados

Nasceu o príncipe que sempre brilhou
Beira do rio e no mato caçou
Filho da beleza, caça e amor

Seja qual história
Seja qual for a hora

São Oxum e Oxóssi em toda memória

CENA 13

Davi já na porta da casa de Ágata beijando-a.

ÁGATA

Menino, que animação!

DAVI

Eu te amo!

ÁGATA

O que foi, Davi?

DAVI

Meus irmãos, meus irmãos.

ÁGATA

O que foi?

DAVI

Estão felizes pela gente. Querem até te conhecer!

ÁGATA

Como assim menino?

DAVI

Sério, eu nem sei o que dizer.

ÁGATA

Eu preciso te dizer algo também.

DAVI

Véi, o que foi? Eu tô feliz!

ÁGATA

O professor Pedro... Ele...

DAVI

O que esse cara fez? Ele não gosta de mim, já senti.

ÁGATA

Ele tentou me beijar.

DAVI

O quê? Quando? Aonde? Como assim? E você?

ÁGATA

Foi estranho.

DAVI

Ele te segurou? Isso foi onde?

ÁGATA

Naquele dia que você foi pescar.

DAVI

Que ódio! Você gosta dele, né? Ele é estudado, é homem pra você. Eu não imaginei que sua resistência era isso

ÁGATA

Davi, eu acho que te amo. Tenho tentado não dizer isso, tenho tentado me esconder desse sentimento, mas cada vez eu percebo mais que você gosta de mim de verdade. Eu tô tentando reestruturar minha carreira, assumir que uma vida comum não dá e você me faz ter esperança em outra parte da vida.

DAVI

Me apaixonei por você desde o primeiro momento que te vi e decidi lutar por você. Oxum sabe o que faz. Vou marcar um jantar lá em casa, tá bom?

ÁGATA

Olha lá, hein? Não me coloca em furada!

DAVI

Vou te colocar é de vez na minha vida

ÁGATA

Melhor, traz eles aqui. Eu vou pedir ajuda a Tati e faço um jantar.

DAVI

Certeza?

ÁGATA

Sim, assim eles veem que não tem nada demais além de uma casa velha de herança.

DAVI

Tá bem. Té nestante! (Dá um beijo e sai pela vila. Ágata entra.)

CENA 14

Durante a canção, Davi conversa com as pessoas da vila e faz a travessia, em sua casa. Pega na mão de sua vó e a traz para o centro do palco. Quando os outros irmãos também se juntam e assistem a sua festa. Davi canta.

DAVI

Na beira do rio
Ela chamou
Na beira do rio
Ela chamou

Ilumina tarde
A serena vida
Com serena vinda

Já chegou em mim
Cheia de esperança
Brilho de criança
Oxum não se cansa
De me fazer assim

Criada na água
Seca essa lágrima
Não me deixa aqui
Nunca abandona
Minha mãe que é dona
De tudo isso aqui
Ela que acalma
Rainha das águas
Opará não para
Ajuda a mim, omin

Dentro do meu sangue
Na raiz e avante
com seu abebé
Batalha por mim

Ilumina tarde
A serena vida
Com serena vinda
Já chegou em mim
Cheia de esperança
Brilho de criança
Oxum não se cansa
De me fazer assim

Não vivo sem ela
Recebo singela
Todas bênçãos sim, ora yê yê ô

Peço a Oxum, agradeço a Oxum
Ela traz pra mim

Peço a Oxum
Agradeço a Oxum
Ela traz pra mim

Minha mãe guerreira
Ouro e maré cheia
Ela me clareia
E ilumina assim

Ora yê yê ô Oxum

Peço a Oxum, agradeço a Oxum
Ela traz pra mim
Peço a Oxum
Agradeço a Oxum
Ela traz pra mim

Pela vila, Davi, seus três irmãos e Dona Dália.

DAVI

Meu irmão, eu não consigo acreditar que vocês chegaram nesse nível de consciência. Todas as vezes que eu lia, lia, estudava, estudava, eu pensava: um dia vocês iam me escutar, um dia vocês iam entender que a vida pode ser diferente pra uns e pra outros. Pensava quando é que vocês iam parar de me chamar de chato entender que o mundo vai além de puxar a rede, de pegar peixe, de ganhar um real por horas e horas e horas de trabalho. Pensava quando é que vocês iam entender que existem 1 milhão de possibilidades nesse mundo. Tudo o que vocês deixam de fazer em nome de Deus, o que vocês deixam de apoiar a nossa vó. Coitada, não consegue nem manter o terreiro de candomblé direito de tanta igreja que se construiu nessa ilha. Como é que pode um Quilombo formado por resistência desse tamanho ter mais de 10 igrejas evangélicas? Espero que agora que vocês aceitam minha relação com Ágata vocês abram os horizontes para outras coisas.

FELIPE

Olhe, cuidado com os limites. Seu negócio de homem que é mulher eu até tô aceitando, mas com Deus não se brinca. Se você gosta dos diabos lá de minha vó, problema é seu. Não vem querer botar suas maluquices na cabeça de Diogo, não, que ele é o único parceiro que eu tenho.

DAVI

E o Israel?

FELIPE

Israel ainda precisa ter convicção das coisas, ele é mais aluadinho ainda. Questão de tempo vira tão parceiro quanto Diogo.

ISRAEL

Eu tô de boa, não quero ir pela cabeça de ninguém. Nem de Davi, nem de Felipe.

FELIPE

(em voz alta) Vamos entrar?

Black-out.

CENA 15

Na sala da casa de Ágata, Tati e Pedro estão ajudando a preparar o jantar, colocando talheres. Essa cena representa alguns minutos antes da cena anterior. É importante que quando a vila se acenda novamente, a família de Davi não esteja mais na frente de Ágata e sim, dentro de suas respectivas casas.

ÁGATA

Gente, não precisava ser o programa do casal da noite me ajudar a arrumar o jantar.

TATI

Que é isso, eu adorei! Adoro eventos! Foi o Pedro que sugeriu.

ÁGATA

Mas não precisava mesmo.

PEDRO

Que é isso, Ágata, eu e Tati estamos nos resolvendo bem. Foi bom ver você também se resolvendo.

ÁGATA

Hum, tá. Desculpa. Eu sei que eu pareço meio fria às vezes, mas eu estou feliz que vocês estejam se entendendo. Eu cheguei nessa cidade, Tati foi a primeira pessoa que me acolheu. Você também, professorzinho, tentou se aproximar tanto de mim, né? Mas vocês são bons amigos e sou muito grata.

TATI

Ágata, a sua energia chegou aqui para mim mudando tudo.

PEDRO

Você deve ter sofrido. Conte comigo para o que você precisar.

ÁGATA

Não quero ficar emotiva, estou nervosa, estou maluca! Esses irmãos de Davi vindo para cá... ver um amor se concretizar me parece loucura.

PEDRO

Eita, deixei o forno ligado em sua casa, vamos comigo Tati.

TATI

O pudim.

ÁGATA

Pelo amor de Deus, não me deixa aqui sozinha não!

PEDRO

Tati, vamos.

TATI

Eu vou, mas não demoro. Fica tranquila, Ágata.

ÁGATA

Merde! Vão, vão.

CENA 16

Pedro e Tati saem e chegam na porta da casa de Tati. Nesta cena, a família de Davi está saindo de casa pronto para ir à casa de Ágata, sem a canção, eles saem normalmente. Pedro observa eles na porta.

PEDRO

Ah, não! Deixei a chave na casa de Ágata.

TATI

Como assim?

PEDRO

Vou lá correndo buscar, calma! (sai correndo)

CENA 17

Pedro ofegante entra na casa de Ágata.

ÁGATA

tão rápido? E Tati?

PEDRO

O pudim queimou e ela se sentiu mal com a fumaça. Ela disse que não vai conseguir voltar.

ÁGATA

Mas como assim? Ela estava bem. Meu Deus, você deixou ela sozinha? Pedro

Ela está bem. (*vai se aproximando querendo acalmar Ágata*) não se boicote, não acabe com o seu momento.

ÁGATA

O momento é importante pra ela também. Se eu casar, ela vai ser madrinha.

PEDRO

Você se apaixonou por esse pescadorzinho mesmo, não é possível que você não me veja aqui.

ÁGATA

Você não toma jeito, não sei por que diabo te dei um voto de confiança.

PEDRO

Você não entende que esse menino só quer te comer, Ágata! Eu sou um homem de verdade para você.

ÁGATA

Conheço homens como você.

PEDRO

Não tem homens como eu.

ÁGATA

Ô se tem, perdido na merda da hipocrisia, salvador de...
(Ágata é interrompida por ouvir o barulho de pessoas chegando)

Do lado de fora da casa

FELIPE

(em voz alta) Vamos entrar?

Dentro da casa

Na hora que Davi abre a porta, Pedro dá um beijo em Ágata.

DAVI

Meu am...

Ágata empurra Pedro. Os irmãos de Davi não conseguem controlar a empolgação de ver a cena forte e Dona Dália logo percebe que se trata de uma armação.

DONA DÁLIA

Davi, calma.

DAVI

Calma? Eu sabia, vó.

PEDRO

Chegou quem não devia para atrapalhar.

ÁGATA

Davi, ele me agarrou à força.

DAVI

O que ele está fazendo dentro da sua casa?

ÁGATA

Ele veio com a Tati me ajudar a arrumar.

DAVI

Cadê a Tati?

ÁGATA

Eu tô entendendo tudo. Você não presta, Pedro.

DONA DÁLIA

Vamo embora, Davi. Depois você resolve isso.

FELIPE

Resolver um corno? Um corno é um corno.

DIOGO

É, um corno bem dado.

ISRAEL

Ah, então...

ÁGATA

Davi, cê acha mesmo que ia prestar esse papelão na frente da sua avó?

DAVI

Não sei, Ágata.

Dona Dália fica paralisada olhando o tempo pela janela.

PEDRO

Você não tem culhão pra uma mulher como Ágata. Você não vivência, não tem nem estudo pra isso. Desiste, garoto. Na verdade, você é uma experiência no quilombo pra ela. Daqui a pouco ela volta pra cidade pra fazer doutorado e você não vai poder acompanhar.

ÁGATA

Pára!

PEDRO

Eu posso! Eu posso sair deste muquifo de vila e ganhar o mundo com ela.

ÁGATA

Eu nunca iria com você.

PEDRO

Aceita teu lugar de pescadorzinho e procura uma brejeira daqui.

ÁGATA

Pedro, vá embora! Se pique daqui!

Pedro sai.

Davi está parado com muita vergonha do que viu e ouviu e sai também.

FELIPE

Você nunca deveria ter voltado pro quilombo.

DIOGO

A gente nem sabe se você é realmente desta família.

FELIPE

Isso é coisa de cidade, aqui não tem disso, entendeu?

ÁGATA

Vão embora vocês todos!

ISRAEL

Vamo, pessoal.

FELIPE

Vá embora você de nossa paz!

Os três irmãos saem, Dona Dália se mantém parada olhando pela janela.

Muda-se a luz. Ágata em um canto da sala recita e Dona Dália no outro também entoam.

ÁGATA

O corpo na calçada é o corpo trem
 O corpo estirado na calçada é o corpo trans
 O corpo sem amor nem pátria amada é o corpo trans
 O corpo que vai dentro de uma vala é o corpo trans
 O corpo que é a vítima de bala
 O corpo que o homem usa e descarta
 O corpo que é vendido na esquina e que não tem casa

DONA DÁLIA

Não tem Amor de Mãe amor de pai
 Não tem ternura e tampouco paz
 Não tem prego sal tem fome fato e apreço por um pouco de paz

ÁGATA

Mas eu lhe digo: diga ao sistema meu corpo é um poema
 Oxum a minha deusa, eu crio o amor

DONA DÁLIA

Tu és amada. Aramides, minha filha,
 se acalma, pois a vitória tarda, mas não falha.

ÁGATA

O corpo que não usa arma
 O corpo que ganhou no grito todas as batalhas
 O corpo que está de branco
 Não está mais morto, eu vim do povo banto
 Obatalá me dê muito mais força contra um homem branco
 que destruiu, assassinou e desmatou

A canção cessa. Dona Dália fala.

DONA DÁLIA

(fala)

Eu conheci a sua família, Ágata. Era uma próspera família. Você pode perceber que, mesmo velha, esta é a melhor casa da vila. Sua família era muito invejada por gente que chegava. Quando as igrejas se instalaram, sua vó, Aramides, decidiu ir para uma roça e levou todo mundo. Não sei como de lá você foi parar na cidade, mas se tem uma coisa que eu posso falar de sua linhagem é que eles tinham muita dignidade.

Davi e Pedro entram porta adentro se embolando no chão, brigando. Os irmãos fazendo uma arruaça vendo a briga dos dois. Ágata separa a briga.

ÁGATA

Parem com isso agora!

Os dois se levantam e estão ensanguentados.

PEDRO

Bota esse pescadorzinho e essa gente pra fora de sua casa pra gente terminar o que começou.

Davi corre pega uma faca na mesa e bota no pescoço do professor. Quando ele vai enfiar a faca, Ágata segura a mão dele.

ÁGATA

Eu sei que você confia em mim, eu sei que você sabe que ele me agarrou, eu sei que nunca vamos esquecer o abuso desse homem, mas a nossa história não vai ser mais uma história de morte.

PEDRO

(rindo) Quem morre nas histórias é a trans, pescadorzinho. Nem isso você sabe.

ÁGATA

(dá um murro no rosto de Pedro) Não morro mais, não. Te levo pra prisão, seu escroto!

DONA DÁLIA

(segura no ombro de Israel) Meu filho, você sempre foi melhor que isso. Conte a seu irmão a verdade.

ISRAEL

(abraça Ágata) Me desculpa.

PEDRO

Eu sabia que seu irmãozinho ia amarelar.

DAVI

O que que tá acontecendo?

DIOGO

Davi, isso foi armado por Felipe junto com o professor. Só por isso ele aceitou jantar aqui.

DAVI

É verdade isso, Felipe?

FELIPE

Você acha mesmo que eu ia aceitar uma desgraça dessa na minha família?

DAVI

Você? Vive escondendo dinheiro de nossa avó, às vezes faltando uma coisa dentro de casa e você sempre querendo jogar, jogar, jogar, jogar, jogar e eu nunca lhe julguei. Devia

ter julgado, né? Vai embora, Felipe.

DIOGO

Vamos todos!

PEDRO

Eu fico!

ÁGATA

Mas é muita cara de pau!

Tati entra

TATI

Você fica é com outra broca na cara que eu vou te dar, seu desgraçado, vagabundo! Eu achando que você...

PEDRO

Vai me bater também, é? Agora ótimo, se eu te bater, vão dizer que é Maria da Penha.

TATI

Você é igualzinho a todos! Saia da minha vida! Saia da vila!

PEDRO

Eu sou concursado daqui. Vai ter que me aturar.

TATI

Coitado dos seus alunos.

ÁGATA

Tati, eu...

TATI

Você me avisou, Ágata, tá tudo certo! Ele vai agora na minha casa pegar tudo que é dele e sumir das minhas vistas. Se eu passar por uma calçada, que passe por outra! Mil

vezes namorar um pescador honesto da vila do que um escroto estudado como você.

PEDRO

Eu vou pegar minhas coisas.

Pedro e Tati saem

DONA DÁLIA

É minha filha você é a menina que enfrentou o mundo, você foi gigante. Você veio para esta casa achando que tinha perdido tudo e tudo estava perfeitamente alinhado. Agora você já encontrou amor construído sobre mar e folha. Você e meu menino, Davi, agora que encontraram o amor genuíno, podem tudo. Podem ganhar o mundo.

Davi e Ágata se beijam na frente de todos. Felipe fecha os olhos, Diogo olha de canto e Ismael bate palmas. Davi e Ágata cantam.

DAVI E ÁGATA

Amor de quilombo
 Um combo de sensação
 Amor diferente
 É fruta que cai no chão
 Alimenta a terra
 Alimenta a alma
 Amor que não se escolhe
 É a melhor das batalhas.

Numa rápida musicalização a canção vai mostrando o futuro dos dois em coreografia por toda a vila.

DAVI

Meu amor, eu passei.

TATI

Meu primeiro aluno a fazer faculdade. Adorei!

DIOGO

Eu vou cuidar de minha vó, Ágata. Cuide de meu irmão!

ÁGATA

Vou cuidar do meu doutorado e quando chegar em casa, em São Paulo, quero meu chamegado.

DAVI

Eu quero ir já de papel passado. (Davi começa a procurar em suas roupas a aliança)

DONA DÁLIA

Tá aqui na minha mão, menino esquecido.

DAVI

(pega dá um beijo na testa da avó e se ajoelha) Ágata, você quer casar comigo?

ÁGATA

Com toda certeza. Se brincar, quero na igreja.

FELIPE E DIOGO

Aonde...

ÁGATA

Eu vou é casar no terreiro de minha família. E todo mundo tá convidado.

DONA DÁLIA

Quer dizer então que você conhecia?

ÁGATA

Sim, mas eu tinha medo de ir visitar. Só que agora tô for-

mada, tô casada, tô apaixonada... quero só ver o que eles
vão falar.

DONA DÁLIA

Minha filha, a única coisa que importa é que você é uma
bela Filha de Ayrá.

Todos cantam para Ayrá em festa.

FIM

O SALTO

Texto de Suzana Soares

Um texto absurdo sobre uma família que vive somente do lado de dentro da casa. Apenas o marido sai. Um dia, a filha quer descobrir o que há lá fora.

PERSONAGENS

NARRADOR
ADOLFO (PAI)
BENEDITA (MÃE)
VALENTINA (FILHA)
EUGÊNIO (FILHO)

CENÁRIO

Uma casa pequena, com uma janela apenas. A porta vive trancada e as chaves sempre nas mãos do pai. Na casa, há uma sala-cozinha e dois quartos. Um do casal e um das crianças. Não há cenas no quarto do casal.

APRESENTAÇÃO

Por Daniel Arcades

Suzana é literalmente um furacão de ideias não-realistas. E isso é maravilhoso! Artista que se dedica a fazer arte em sua comunidade, reconhecida por onde vive como uma agitadora cultural, chegou na residência de dramaturgia propondo uma história entre um lápis e um caderno – provavelmente, porque iria poder utilizar a narrativa já com seus alunos de teatro e com as crianças que a chamam de “a tia do teatro”. Haviam as personagens, mas não tinha o conflito do tipo de narrativa que estávamos desejando aprofundar. Entre os inúmeros debates, o texto de Suzana entrava por lugares filosóficos tão profundos que parecia quase impossível encontrar esta história entre um lápis e um caderno que desse conta de tamanha densidade para aquilo que a tocava no momento da criação. Na residência, falamos muito sobre as nossas vidas e sobre coisas íntimas que só quem estava na sala dos professores do Colégio Nelson Barros terá acesso. Momentos indelévels para quem viveu aquele presente. Entre um processo de provocação e outro feito tanto pelos residentes, como por mim, como também do artista Thiago Romero que nos fez uma linda visita em um encontro, entendemos que a história ainda viria, mas que Suzana queria falar de algo íntimo através de outros personagens, de outras narrativas. Fugir de si com uma temática que tem a ver consigo. Isso é muito belo e é o que faz de nós artistas da escrita. Revelamo-nos através de outras personas, outras linhas. Há muito de nós nas páginas, mas há a capacidade de ficcionalizar histórias, sentimentos e reflexões que têm a ver com a vida do autor. Suzana desejava abrir as asas e pular a janela com sua história que de ares infantis – que merece muito uma produção maior ganhava um vocabulário absurdo, uma simbologia adulta e uma forma interessante. Provocada por nós para que a peça dela ganhasse ares da estética do absurdo, nasceu uma família triste que não saía de casa para nada. Somente o pai da família

podia sair e dizer o que havia fora das paredes. O resto acredito que vocês lerão e entenderão do que estamos falando. Alguém que já abriu suas asas há muito tempo, alguém que já pulou a janela há muito tempo escreveu esta peça. Talvez a escrita seja só o processo de tomada de consciência desta liberdade da alma já existente em Suzana. Espero que esta seja apenas a primeira peça de muitas que virão, pois acredito que escrever teatro do absurdo na periferia de Salvador trará frescores jamais vistos no teatro mundial. Para finalizar, quero acrescentar aqui a sinopses que Suzana colocou no início do seu texto para nos apresentar a obra.

“Na década de 1950, a rainha da Inglaterra, Isabel II, visitou Portugal. Um carro da marca Plymouth Belvedere foi colocado numa cápsula do tempo e retirado após 50 anos na cidade de Tulsa, no estado de Oklahoma dos Estados Unidos da América. Aqui no Brasil, em diferentes capitais nascia os “pais consorte”. Homem, hétero top, branco, másculo, independente, protetor, dono de si e de tudo e todos. Este tipo de homem sonha em encontrar uma mulher negra de cabelos crespos, um tanto submissa, dependente, carente e protetora. Assim formou-se a família do Sr. Adolfo e Sra. Benedita Consorte.

A sociedade dita as regras e a ousadia a liberta. Dá-se o declínio patético da humanidade, ao mesmo tempo que fomenta uma licença poética. Verbalizar o não e o sim em busca das escolhas era o único propósito real dos poderosos e não-poderosos, mas quando isso era contestado, tudo se desfazia e as lágrimas, que caíam como chuva, encharcam o chão e inundam a casa sufocando seus moradores fazendo com que as pálpebras dos olhos ficassem pesadas, os impedido da fuga através da única janela existente naquele lugar. Mas ainda assim havia uma espera. Um grito rompeu a barreira na escuridão e haja luz, mesmo que saindo por uma fresta. O importante era o brilho e, como em toda batalha real ou imaginária, a existência de um Deus é certamente uma maneira de permanecer vivo buscando respostas para os questionamentos, desafios e mudanças. O tex-

to traz gatilhos ‘bem humorados’ nos fazendo pensar, refletir, rir, chorar e ir além. Sair da caixinha quando nos causa agonia e anseios. Nem tudo é translúcido em uma família até que se abra a janela. Saltar é uma decisão de cada escolha.”

Que o salto seja um pulo gigantesco naquilo que estamos mirando.

CENA 01

Enquanto a narração é dada os personagens entram em cena e se posicionam para a história começar. Adolfo e Benedita sentam-se em cadeiras, enquanto Valentina está pelo chão. Choram, demonstrando medo da chuva e dos raios.

NARRADOR

É noite. Adolfo, Benedita e Valentina estão na sala ouvindo trovões, vendo relâmpagos e o barulho da chuva caindo sem cessar, enquanto, na verdade, do lado de fora da casa o clima é quente e envolvente, mas os moradores deste lar não sabem disso porque eles só choram e a tristeza impera. Assim, eles são proibidos, por sabe-se lá quem, de saírem da casa.

ADOLFO

Você falou o quê? Está reclamando é?

BENEDITA

Não, estou dizendo que é chuva, muita chuva! Chuva chuvosa, como sempre chuva. Quer alguma coisa? Uma cerveja sem álcool, um pouco de vinho seco? Uma farofa de fígado de galinha com molho lambão sem pimenta? Peça, eu trago. Vou num pé e volto no outro. No mesmo lugar que eu pisar pra ir pisarei pra vim como uma gata velha sorrateira. Você quem manda meu mar de lágrimas, (**enrolando a língua e olhar fulminante**) que deseja?

ADOLFO

Desejo que saia daqui, me deixe em paz. Tá cativante demais, começamos o dia bem, mas o golpe é certo. Estou sentido as fisgadas. Aliás, traga um copo com água natural, pra não doer meus dentes.

BENEDITA

(levanta-se) vou pegar, ma-ri-do! Ô dó! Ô dó! (sai apressada)

VALENTINA

(espantada) Calma, dona Benedita. Se tu cair pra juntar os pedaços vai ser pior que o quebra cabeça, ninguém sabe o começo nem o fim de sua história (para Adolfo) Sabe o que não entendo?

ADOLFO

Não sei, não quero saber, sai da frente. Outro golpe.

VALENTINA

(sai da frente) Porque vivemos sobre chuvas, relâmpagos e trovoadas e tanta chuva (suspira triste). Só o senhor sai dessa casa.

ADOLFO

Eu gosto assim. A chuva é boa, dá um sono e faz um friozinho que acostumei. Depois de dormir anos ao lado de sua mãe, coloco as meias e cubro com o edredom. Muitas vezes, quando acho uma brecha, aproveito pra me encaixar, viro os olhos e durmo.

BENEDITA

(volta já falando) Ô dó, ô dó de ti, ô dó de mim. Pois deveria tirar as meias dos pés e vestir a camisa, protege muito mais. E trocar o edredom por um cobertor grande e grosso. Ficaremos os dois aquecidos e o gelo frio entre nós se derreterá. Ô dó! Ô dó! (Sai chorando).

ADOLFO

Mulher quando cativa demais não é do meu agrado. E essa choradeira?

CENA 02

Durante a narração, Eugênio entra.

NARRADOR

Adolfo sentia-se o verdadeiro João-de-barro dessa família. Nada o agradava mais do que essa ‘dita lenda’ e a frase onde lê-se: “Você é responsável por tudo que cativa”. Mal sabia ele o real significado da palavra cativar. Também não cabia em seus anseios deixar de adorar os maus gostos conturbados pelos sons da chuva, relâmpagos e trovões. Muito menos era acometido por lágrimas chorosas, reclamações, raiva ou gritos. O suspiro a quem se ouve era do menino Eugênio adentrando cabisbaixo, sujo de poeira. Aqui, esse pequeno príncipe tinha a imaginação limitada se quisesse ter um lugar no planeta da inescrupulosa raposa.

EUGÊNIO

(triste, cabisbaixo e sujo de poeira) É muito pior do que eu pensava, mas eles são malvados, impuros e cruéis. Nunca mais repetirei esse erro! Papai está certo, ele só quer nosso bem. Como sou lerdo! Lerdeza danada! Bem que ele diz!

VALENTINA

(ainda chorando e soluçando) Que foi? Outra desgraça? Se for, assobia. Estou na TPM: ‘Tempo para mim’. Não posso me aborrecer com suas agonias e coitos púberes.

EUGÊNIO

(assobia) coitos púberes?

ADOLFO

Nada de assobios aqui na minha casa. (para Benedita que está fora de cena) E pare com esse chororô.

EUGÊNIO

Fiz uma coisa catastrófica (**corre de um lado a outro à procura de um esconderijo**).

VALENTINA

Sério? Você fez uma coisa catastrófica? E não me chamou? Sonso! Conte o que foi, conte logo. Púbere, egocêntrico.

EUGÊNIO

Não, ninguém pode saber (**fazendo círculos em volta de Valentina**). Seria o meu fim. Papai nunca aceitaria isso, ficará enfurecido e com razão, estou errado e sei disso, não posso contrariá-lo. Púbere?

VALENTINA

(**pega Eugênio pelos braços e sacode**) Pare, estou ficando tonta! Diga o que fez de catastrófico, seu púbere canastrão. Consigo sentir o cheiro de leite quente pela casa toda.

EUGÊNIO

(**falando compulsivamente**) Papai vai ficar bravo, vai brigar comigo. Eu não podia ter feito isso! Nunca mais vou repetir esse erro, que audácia a minha! Nem o ovo agiu assim com a galinha!

VALENTINA

Papai tem personalidade forte, diz a mamãe (**dá um tapa no rosto de Eugênio**). Pare, olha pra mim, respira. Deixa eu ver se você está suando. Está tudo certo, para!

Cai uma luz sobre Eugênio e ele canta e dança.

EUGÊNIO

(**Pará, respira, faz carão, olha para o público e faz seu solo com passos de balé cantando os versos**) De tudo que eu fiz/ a coisa mais importante /foi a certa do meu eu/ mas

logo arrependi/ que momento vive /e assim aconteceu.

VALENTINA

Se não disser o que fez, eu faço uma coisa ruim e não vou me arrepender (**Agarra o pescoço de Eugênio**).

EUGÊNIO

Eu, o 'pobi' púbere, olhei pela janela. (**Baixa a cabeça, desolado**).

VALENTINA

Sério? Você fez isso? Conta tudo, como foi? Conta, infame.

EUGÊNIO

Eu fui muito corajoso! Muito corajoso! E puxei um pouco a cortina.

VALENTINA

(**chora**) Como é? Esse escarcéu todo foi porque você puxou um pouco a cortina?

EUGÊNIO

Você acha pouco? Eles jogaram coisas em mim, xingaram, foram muito violentos e grosseiros. Tudo exatamente como o papai fala. Estou morto, cansado, mais triste ainda. Veredito (**pausa**) culpado! (**Chora**) O que é Púbere?

VALENTINA

Você nem abriu a janela. (**Raiva**) Púbere? Isso é coisa pra homem! Você é só um pré-adolescente cheirando a leite, se quiete! Púbere só lhe basta.

EUGÊNIO

Tive coragem, mas não sou o Lula, não vi uma estrela brilhar. Uma coisa de cada vez, não vê que estou imundo? (**Chora desesperado**) Trêmula?

VALENTINA

Tô chorando na força do ódio de você! Como pode? Tu fez um solo, dançou, cantou... É bem corajoso isso, mas foi covarde quando não abriu a janela.

EUGÊNIO

Mas eu não sei, só sei que foi assim. Valentina, eu vi...

VALENTINA

Viu o quê? Diga homem, **(dando uma olhada de baixo pra cima)** Quer dizer, diga de uma vez. O que viu?

EUGÊNIO

Lá não estava chovendo, só chovia em cima da nossa casa. Não vi muito por causa da poeira.

VALENTINA

Então como sabe disso? Não abriu a janela, não viu.

EUGÊNIO

Vi umas manchas se movimentando. Parecia ser como nós. Se tivesse chovendo, o vidro da janela estaria molhado e limpo.

VALENTINA

É, faz sentido.

EUGÊNIO

Mas diga, o que é coito púbere?

VALENTINA

É quando o adolescente tem coragem pra abrir um pouco a cortina mas não consegue abrir toda janela pra colocar nem que seja só a cabecinha. Só fica na vontade passando as mãos, sentindo a textura, umidade ou secura do material.

NARRADOR

Valentina, a irmã que valida qualquer pesquisa onde afirma que “Na puberdade, a imaginação é fértil e o raciocínio lento”. Mas ainda assim, nós sabemos que é no coito púbere onde fazemos nossa maior descoberta, algumas nem tão grandes, mas satisfatórias. O importante é chegar ao céu e isso sempre acontecia. Falamos aqui sobre nossas mãos, como são funcionais. Lembrou, né? E os dedos, minha gente, independente de quantidade, textura... **(em quase um gozo do narrador, desfaz o prazer instantaneamente)** As crianças de nossa história estão sentadas montando um quebra cabeça.

CENA 03

Benedita entra tristonha, cabisbaixa com um caderno de receitas na mão.

BENEDITA

Vamos escolher um lanche pra quando o papai chegar?
Querem ajudar a fazer?

VALENTINA

Esse convite é emocionante! Deu até ânsia de vômito, argh!

EUGÊNIO

Eu quero! Amo! Podemos fazer biscoitos em forma de coração, coloca um pedaço de doce no meio. Ai, fica lindo!

BENEDITA

Isso, filho. Você é muito criativo.

VALENTINA

Coração? Faz uma bomba no meio e coloca geleia de pimenta malagueta como se fosse a pólvora, para explodir na boca e quebrar de uma vez os dentes sensíveis. Aff, não aguento vocês. Olha a ânsia voltando, argh! Pode ir, Eugênio, vou continuar aqui montando o quebra cabeça. Emoção em demasia causa náuseas em mim.

Eugênio e Benedita saem de cena.

CENA 04**NARRADOR**

Ao som de uma música de suspense e, por que não dizer, educativa, pai e filho se esbarram em cena. Por favor, a música (Começa a tocar uma música infantil próxima a esta: Merenda bem gostosinha quem preparou o foi a vovozinha, vou te comer, vou te comer, eu sou o lobo mau, au, au).

ADOLFO

Aonde pensas que vai, menino?

EUGÊNIO

Vou ao banheiro.

ADOLFO

Cagar ou mijar?

EUGÊNIO

Nem uma coisa nem outra.

ADOLFO

Hum, danadinho! Comigo também foi ali na faixa dos 14.

EUGÊNIO

Vou fazer xixi (**bem menininha**).

ADOLFO

(**puxando a orelha de Eugênio**) Filho meu não faz xixi. Você vai mijar. Agora vai ficar aqui pra aprender a ser homem de verdade.

EUGÊNIO

Mas preciso fazer xixi, tô apertado! (**Chorando**) Senão, vou fazer nas calças.

ADOLFO

Experimenta e vai levar uma surra.

BENEDITA

Adolfo... ô me (**suspira alto**)

ADOLFO

Não se meta! Ele tá assim porque você não sabe educar, a culpa é sua.

VALENTINA

Papai, me permite uma fala?

ADOLFO

Não.

VALENTINA

Porque o Eugênio não pode fazer xixi?

ADOLFO

Porque homem não faz xixi. Homem mijar; não faz cocô,

caga.

BENEDITA

Venha cá, Valentina, me ajude aqui na cozinha. Não piore as coisas. Ô dó. Ô dó.

VALENTINA

Mamãe! Poxa! Não vê que estou no castigo?

BENEDITA

Quem te colocou no castigo? Ô dó. Ô dó de você filha.

VALENTINA

O papai vai fazer isso daqui a pouco.

ADOLFO

Eu? Eu não.

VALENTINA

Mas eu quero.

ADOLFO

Você não tem querer! Não se governa ainda, enquanto morar em minha casa, comer do meu pirão, eu mando e você não está de castigo.

VALENTINA

(piscando) Viu, Eugênio? É o papai que manda em tudo. Eu te disse e você falando: “Só faça xixi no banheiro, na sala não faça”. Você faz onde papai quiser e pronto.

EUGÊNIO

Vou molhar minhas calças e o tapete? Tá doida? Faço no vaso no banheiro.

ADOLFO

Pois homem que é homem mijá em qualquer lugar. Você vai fazer aqui mesmo.

EUGÊNIO

Mas papai?

ADOLFO

Isso é uma ordem.

BENEDITA

Mas Adolfo, o banheiro está ali, vai sujar o tapete.

VALENTINA

Também acho. Vai feder! Ô dó, ô dó do púbere.

ADOLFO

Você limpa, Benedita. E Valentina ajuda. Caladas. Mija logo ou vai apanhar.

VALENTINA

Mamãe?

BENEDITA

Vai achando, Adolfo! Ô dó, ô dó do meu tapete, mas jogo no lixo.

Eugênio mijá e aliviado chora.

CENA 05

ADOLFO

Mulher, vai me matar de fome? Eugenio, troque a roupa, tá

fedendo. Valentina, traga um café. Rápido.

Todos saem de cena menos o Adolfo. Valentina retorna com uma xícara de café.

ADOLFO

Que café horrível! (Cospe)

VALENTINA

Frio, sem açúcar como o senhor manda a gente beber.

ADOLFO

Eugênio, traga meus sapatos.

EUGÊNIO

Só um momento, papai.

ADOLFO

Seja rápido, menino lerdo!

VALENTINA

Vai sair, papai?

ADOLFO

Porque? Você acha que é minha mulher? Ou Fiscal de idas e vindas?

VALENTINA

Sou sua filha, é porque está chovendo muito, fico preocupada.

ADOLFO

Hum, se preocupe com você.

EUGÊNIO

Aqui os sapatos. (Com medo, entrega os sapatos aos pés)

de Adolfo)

ADOLFO

Mas estão sujos! E essas meias fedidas? Leve e providencie limpar tudo.

Eugênio pega novamente os sapatos e sai correndo

VALENTINA

Papai, está chovendo. Ninguém irá perceber os sapatos sujos. Me leva junto?

ADOLFO

De jeito nenhum. Deus é maior.

VALENTINA

Poxa, papai!

Eugênio volta com os sapatos nas mãos.

EUGÊNIO

Aqui estão os sapatos limpos e as meias cheirosas.

ADOLFO

Você é um púbere mesmo! Como vou usar esses sapatos encharcados? **(se prepara pra tirar o cinto e surrar Eugênio)**
Vai aprender agora a fazer as coisas certas. Você se faz de besta.

Eugênio chora e se esconde atrás de Valentina.

CENA 06

Adolfo tenta acertar o cinto em Eugênio que se esconde atrás de Valentina.

VALENTINA

PAREM!

Adolfo e Eugênio param como duas estátuas.

VALENTINA

Eugênio não vê que não têm chance? Deixa logo papai te bater pra ele ficar satisfeito.

EUGÊNIO

Mas não quero apanhar.

VALENTINA

E você tem querer? Um póbi púbere? Pra debaixo da cama, ande! Se grudar comigo, vamos apanhar os dois. Me larga. Eu também não tenho querer, mas não quero apanhar.

Eugênio corre pra debaixo da cama, mas Adolfo pega ele.

ADOLFO

Toma moleque! E engula o choro porque você nem apanhou ainda, sonso.

EUGÊNIO

Ai, ai, socorro (chorando muito)!

BENEDITA

Pra que isso, Adolfo? Coitado, tadinho! Não bata nele, não. Venha, meu filho. Mamãe chegou.

ADOLFO

Ele faz as coisas erradas porque você dá ousadia.

BENEDITA

Eu não dou educação, dou ousadia, e você? E você, Adolfo? O que você faz? O que você dá?

EUGÊNIO

Dá surra!

BENEDITA

Calma, filho, já passou. Seu pai não faz por mal, ele gosta de você, mas esse é o jeito errado dele. Você agiu errado mesmo, tenha mais cuidado.

EUGÊNIO

Mas errar é o meu jeito errado também.

ADOLFO

Você está vendo aí Benedita?! Eu vou ao banheiro mijar.

Adolfo para de bater e sai de cena.

VALENTINA

Mas foi o papai que mandou o Eugênio lavar os sapatos e as meias.

BENEDITA

Menina, cala, você ainda tem muito que aprender (**dá um beijo na testa**). Vá ficar com seu irmão.

VALENTINA

Aqui em casa? Só aprendemos o que papai quer. Mamãe, vamos embora daqui?

EUGÊNIO

(**para de chorar rapidinho**) Eu tenho medo, mas vou pegar o guarda chuva.

BENEDITA

Volta aqui, Eugênio. Deixem de bobagem! Sua irmã está brincando.

VALENTINA

Não estou, não. Não quero ter medo!

BENEDITA

Não é pra ter medo, é pra respeitar, obedecer seu pai. Ele só quer o melhor pra nós.

EUGÊNIO

Obedeci e apanhei.

VALENTINA

A gente obedece, obedece e ele nunca está satisfeito e nem nós. Vem com nós, mamãe.

BENEDITA

Entenda, ele é o pai de vocês, dependemos dele para tudo.

VALENTINA

Não, mamãe. É papai que depende de nós. Fazemos tudo para ele.

Adolfo entra em cena todo arrumado.

ADOLFO

Que é isso, reunião?

EUGÊNIO

Vamos sair da... (Valentina dá um beliscão e Eugênio chora mais ainda)

VALENTINA

Vamos para o quarto.

ADOLFO

Estou de saída, quando voltar não quero ver ninguém acordado.

EUGÊNIO

Posso brincar com os morcegos?

BENEDITA

Hoje os morcegos não vem, mas você pode imaginar na cama com os olhos fechados. O que é dó... ô dó de meus filhos. **(Benedita sai chorando)**

VALENTINA

Você está escutando os pingos da chuva? Porque eu não escuto nada.

ADOLFO

Se comportem que eu vou lá fora ver o que há para nós.

EUGÊNIO

Não há nada demais, papai.

VALENTINA

Chega! Vá sim, papai. Nós vamos para o quarto estudar.

CENA 07

Valentina e Eugênio no quarto deitados na cama conversando.

VALENTINA

Na sala, o barulho da chuva parece tão forte, mas aqui tá pior. Esses trovões e relâmpagos dão medo **(abraça o irmão)**.

EUGÊNIO

Eu te protejo. Vamos imaginar os morcegos. Feche os olhos e eles aparecem, veja quantos... Vamos brincar com eles.

VALENTINA

(deitada com os olhos fechados) Ah, Eugênio, não consigo imaginar morcego nenhum. Ah, quer saber? Isso é muito chato!

EUGÊNIO

Mas você gostava tanto.

VALENTINA

Gostava quando era criança, agora sou jovem. Vamos imaginar outra coisa. Tipo que estamos do lado de fora da casa.

EUGÊNIO

Eu já vi morcegos, então consigo imaginar, mas lá fora eu nunca fui.

VALENTINA

Feche os olhos, relaxe, fique calmo, leve, segure minha mão, agora inspire e respire, confie em mim, está tudo bem.

EUGÊNIO

Está bem, eu confio.

VALENTINA

Lembra que você puxou um pouco a cortina da janela?

EUGÊNIO

Lembro.

VALENTINA

Então, agora se concentre em abrir a cortina, um pouco mais, mais um pouco.

EUGÊNIO

Mas os morcegos...

VALENTINA

Morcegos?

EUGÊNIO

Eles ainda estão aqui no quarto e querem brincar com a gente.

VALENTINA

Faça o seguinte, finja que dorme. Assim, eles irão sumir por um tempo.

EUGÊNIO

Certo, vou enganar eles.

VALENTINA

Agora imagine que estamos indo até a sala e você puxou a cortina com força.

EUGÊNIO

Se eu puxar com muita força, vou espirrar e vai fazer barulho, alguém pode chegar.

VALENTINA

Verdade, então puxe devagar, mas o bastante, continue com os olhos fechados. Puxou?

EUGÊNIO

Ainda não puxei, voltei pra pegar um lenço caso eu espirre.

VALENTINA

(brava) Eugênio!

EUGÊNIO

Pronto! Estou segurando a cortina, vou puxar um pouco

mais, mais um pouco.

VALENTINA

Diga o que você vê?

EUGÊNIO

A janela está muito suja, não consigo ver nada. Se eu limpar, vou sujar o lencinho, e não terei como limpar o nariz caso espirre.

VALENTINA

(chorando) Ai...

EUGÊNIO

Está chorando porque?

VALENTINA

Não importa! Não abra os olhos, nem solte minhas mãos. Já passou.

EUGÊNIO

Você acha que devo mesmo abrir a janela? Tem certeza? Tô na dúvida.

VALENTINA

Claro que sim, você é o homem da casa.

EUGÊNIO

Papai diz que sou, mas não quero ser, não. Valentina, não alcanço o negócio de abrir a janela. Me ajuda. Vamos nós dois juntos.

VALENTINA

Certo, levante bem os pés, pronto?

EUGÊNIO

(grito) Espera!

VALENTINA

O que foi dessa vez?

EUGÊNIO

Quero aproveitar um pouco mais.

VALENTINA

Aproveitar? Deixa de leotria.

EUGÊNIO

Temos um ao outro, a mamãe, o papai, os morcegos, o quebra cabeça, até porque depois da cortina, da janela, não sei o que tem, tenho medo.

VALENTINA

É normal sentir essas coisas. Nós nunca saímos daqui de casa nem na imaginação. Tudo que imaginamos estava aqui mesmo. E o medo sempre esteve conosco o tempo todo, mas não vamos deixar ele paralisar a nossa ação. Vamos abrir logo essa janela?

EUGÊNIO

Vamos, eu não solto sua mão.

CENA 07

Adolfo começa a ver a cena e chega sorrateiramente.

NARRADOR

Se de olhos abertos não consegue enxergar seu objetivo, ou por insegurança prefere seguir em frente segurando em outra mão, não há problema algum em usar estratégias para encarar o adversário.

VALENTINA

Segura na janela quando for abrir.

ADOLFO

Ainda estão acordados? Fecha esses olhos de verdade, senão o sono não chega. Dormir. Sem rebeldia soldados.

As crianças fingem dormir. Adolfo sai de cena.

EUGÊNIO

Poxa, os morcegos voltaram!

VALENTINA

Não são os morcegos que incomoda, é o papai. Vamos tentar novamente?

EUGÊNIO

Estou com sono. Meus olhos não conseguem abrir...

VALENTINA

Aguenta um pouco mais. Engana o sono, finge que é dia!

EUGÊNIO

Não consigo ver. Meus olhos estão fechados e está escuro aqui.

VALENTINA

Está bom! Boa noite. Amanhã tentamos de novo. Eugênio já está rocando.

CENA 08

NARRADOR

Assim como o choro, o sonho também é livre nessa casa.

Valentina e Eugênio entram em cena com uma janela fechada. Essa janela tem uma cortina cinza e o vidro está sujo e empoeirado. Eles tentam abrir um pouco a cortina, mas mesmo assim não conseguem enxergar quase nada devido a sujeira. Resolvem abrir e quando conseguem, continuam sem enxergar porque a janela é invadida por morcegos. A janela some na imensidão da poeira na penumbra.

VALENTINA

(irritada) Eugênio, concentração. Vamos continuar o sonho.

EUGÊNIO

Mas a janela sumiu.

VALENTINA

(respira fundo) É o fim (chora)

EUGÊNIO

Estou ouvindo a chuva.

VALENTINA

Ainda abro essa janela.

CENA 09

Abre-se a cortina de uma janela fechada no palco. É a janela oficial da casa. Valentina e Eugênio aparecem com os olhos fechados e as mãos apoiadas no vidro e lá permanecem até a entrada de Adolfo e Benedita. Ao entrar o casal, as crianças somem.

ADOLFO

Benedita, tem quer ter mais autoridade com as crianças. Ontem era muito tarde e estavam conversando no quarto, um absurdo! Não quero isso aqui, tem que ter horário pra tudo. Mandei dormir, tem que obedecer.

BENEDITA

Mas eles não estavam com sono naquela hora. Se você fosse dormir não teria se zangado porque não veria eles desobedecerem. Eu faço isso e funciona. Ô dó, ô dó de você, Adolfo.

ADOLFO

Mulher... não defende, não.

BENEDITA

Não foram pra cama? Então?

ADOLFO

Não digo mais nada.

Valentina e Eugênio entram em cena com olhos abertos.

VALENTINA

Benção, pai, mãe. Pai, o senhor viu o que lá fora ontem?

ADOLFO

O de sempre, muita chuva.

EUGÊNIO

Benção. Mas papai, seu sapato e o guarda-chuva estão enxutos, sequinhos.

ADOLFO

Faz tempo que cheguei em casa.

EUGÊNIO

Quando poderei ir com o senhor lá fora? Ver a luz do dia, claro.

ADOLFO

Lhe falta o que aqui?

BENEDITA

Nada não, não é, filho?

EUGÊNIO

Pra mim falta.

ADOLFO

É mesmo, Eugênio? Falta o quê?

EUGÊNIO

Falta a luz do dia claro. Porque o escuro da noite mora aqui, nunca vai embora.

ADOLFO

(bravo) Não falta nada a vocês. Tenho certeza disso. Só sabem reclamar.

VALENTINA

Nós queremos liberdade pra ver a luz do dia claro.

ADOLFO

Mas vocês são livres! Podem fazer o que quiserem aqui dentro dessa casa enorme. Lâmpadas estão sempre acesas, clareiam bem.

BENEDITA

Sim, querido. Falta acender a lamparina do seu cérebro. Queimou e você nunca trocou. Se trocou não é de Led, e está consumindo nossas energias ô dó, ô dó de nós.

EUGÊNIO

Queremos uma liberdade diferente dessa que Valentina fala mesmo sem saber como é, mas que parece ser boa.

ADOLFO

Acho que esse é o momento certo pra ensinar a essa menina o ofício da costura.

EUGÊNIO

Eu aprendi a costurar, papai, e gostei muito. Até pus remendos em suas cuecas. Foi difícil, mas consegui. Do jeito que estavam, o melhor é que essa casa permaneça na escuridão, pois por menores que as coisas sejam, a luz sempre as revelará.

VALENTINA

Hum, então talvez seja esse o real motivo dessa penumbra. Papai, que bobagem!

BENEDITA

Né bobagem, não, filha. O assunto é de pau... No mínimo, preocupante, mas cada um com sua cruz. Ô dó, ô dó de mim.

ADOLFO

Como é que é, Benedita?

CENA 10

Som de muita chuva, relâmpago e trovão. Ouve-se uma risada longa e um grito fino, barulho de crianças correndo, brincando de pega pega. Todos da casa estão escutando silenciosamente.

BENEDITA

Valentina e Eugênio, venham ajudar aqui.

ADOLFO

Melhor mesmo.

EUGÊNIO

Você ouviu, Valentina? O pai tem crianças lá fora?

ADOLFO

Eugênio, sua mãe chamando.

VALENTINA

Eu também ouvi barulho, mas como pode? Está chovendo muito, né, pai? Não deveria ter crianças lá fora. Podemos ir lá também?

ADOLFO

Ora, chega, vocês escutam demais, estão sem trabalho, vão ajudar sua mãe.

BENEDITA

Vamos, deixem seu pai pensar um pouco em como aumentar a pauta do meu consolo.

Todos saem de cena, menos Adolfo.

ADOLFO

Não quero minha família misturada com essa gente colorida e fedida... Eles gostam de estar em casa, Adolfo. Aqui é o paraíso deles, nosso... **(Adolfo, em um súbito delírio, escuta vozes e fica deslumbrado)** Adolfo, você é um herói, um amor, um doce, o sonho de toda mulher.

Valentina vai entrando devagar e cena.

VALENTINA

Papai, preciso conversar.

ADOLFO

Meu tempo é escasso, pega um café pra mim.

VALENTINA

Papai? Preciso conversar, já disse.

ADOLFO

Converse com Deus.

VALENTINA

Com Deus eu converso o tempo todo, agora quero conversar com o senhor.

ADOLFO

Seja ligeira, menina.

VALENTINA

Estou cansada de obedecer o senhor, obedeci tanto que esqueci de me obedecer, pronto, falei!

ADOLFO

Como é que é, sujeita? Vá ler a bíblia, Dalila, porque o Sansão tá sem paciência pra essa batalha. **(Sai de cena)**

CENA 11

EUGÊNIO

Valentina, você é muito corajosa! Te admiro, estava escondido e ouvi e vi tudo que você e papai falavam. **(bate palma)** Que máximo, perdi o fôlego, foi supremo! Valentina?

VALENTINA

Hum, que foi?

EUGÊNIO

Você não ouviu nada que eu falei?

VALENTINA

Quê? Moisés, que dizer, Eugênio, vamos abrir a janela e sair daqui agora.

EUGÊNIO

Falei que admirava sua coragem, não falei que sou o Davi que matou Golias.

VALENTINA

Somos corajosos e vamos sair daqui.

EUGÊNIO

Valentina, falta pouco pra completar a maior idade. Podíamos esperar um pouco mais.

VALENTINA

Esperar? Não fizemos nem 16 anos ainda.

EUGÊNIO

E a mamãe? Ela tem 40.

VALENTINA

Acho que não irá sem o papai, voltamos depois pra pegar ela. Até porque, não posso ficar sem omelete com recheio de salsicha cortada em rodela grossas, tomate e manjeriçã.

EUGÊNIO

É se lá fora não for nada? Se não existir? Se for só um vazio, oco, pálido, sem sombra, sem amanhã, sem morcegos, Valentina?

VALENTINA

Você ouviu os risos, os passos.

EUGÊNIO

Pode ter sido a nossa imaginação.

VALENTINA

A mamãe estava na hora. Será que ela também imaginou igual? Claro que não. A coitada só tem dó, dó, do papai, de nós e dela. Passa o dia resmungando essa dor e esquece de alimentar a imaginação.

EUGÊNIO

Verdade, mas tudo é possível.

VALENTINA

(dá um tapa na cabeça de Eugênio) Vamos deixar de ilusão e partir pra realidade, vamos fugir, reagir.

Benedita entra

BENEDITA

Vão onde?

EUGÊNIO

Amém, senhor, eu aceito. Valentina, isso é um sinal, não vê?

VALENTINA

Sim, que estou certa. Vamos pegar o quebra cabeça pra terminar de montar.

BENEDITA

Está embaixo do sofá.

VALENTINA

Valeu, mamãe.

BENEDITA

Eu ajudo.

VALENTINA

Não. Dessa vez será só nós dois.

EUGÊNIO

Valentina...

VALENTINA

Não! Ela não! Não só falta 13 peças? Damos conta desse país.

BENEDITA

Valentina, está acontecendo alguma coisa, está tão estranha.

VALENTINA

Mamãe, estranha é meu normal. Mas aproveitando a deixa, porque vivemos presos aqui em casa?

BENEDITA

Presos? Não vejo grades, nem correntes.

VALENTINA

Mamãe, olhe ao seu redor, o que vê? O que sente?

BENEDITA

Vejo o de sempre. Nossa casa é tudo que tem dentro dela.

VALENTINA

Exato, mamãe, precisamos ver além disso. Vivemos debaixo do mosquito, e aqui nem mosquito fica porque são mais livres que nós. Rejeitam nosso sangue, pois não sentem adrenalina.

BENEDITA

Minha filha, o que você quer?

VALENTINA

O problema é esse, o que eu quero. Sempre preciso dizer o que quero. Acabou, mamãe, agora o meu querer só eu saberei, será só meu.

BENEDITA

Você não está nada bem, vou fazer um chá. (sai)

EUGÊNIO

Acho que foi muito brava com mamãe. Ela é só uma mãe.

VALENTINA

Porque ela só entende assim e pelo visto nem mais assim. Outra coisa, Eugênio, não percebe? Ela não quer que terminemos a montagem do quebra cabeça.

EUGÊNIO

Mas porque você acha isso?

VALENTINA

Ela mais atrapalha do que ajuda. E é de propósito. Cadê a luz?

BENEDITA

(voltando com o chá) Dormir, crianças!

CENA 12

As crianças fingem ir para o quarto, mas vão para cozinha tentar abrir a única janela da casa.

EUGÊNIO

Tem certeza, Valentina?

VALENTINA

Claro, assim como Deus existe, o fã-clube dele também. Vamos logo, cuidado para não tropeçar em nada.

EUGÊNIO

Mas parece que vai chover.

VALENTINA

Se você não chorar, não chove.

EUGÊNIO

Não estou entendendo nada.

VALENTINA

Se entendesse, não estaria aqui agora. A agonia de sair daqui começou quando entendi a agonia da minha sombra. Cadê a sua sombra? Aqui estamos de frente com a janela. 1, 2, 3...

EUGÊNIO

Não tenho sombra. Acho que vou desmaiar.

VALENTINA

Ah, não vai, não. Para de palhaçada, agora me ajuda a abrir.

EUGÊNIO

Estou tremendo igual a geleia.

VALENTINA

1,2,3, vou abrir a cortina primeiro.

EUGÊNIO

Quando você abrir a janela eu abro os olhos viu?

VALENTINA

Está com os olhos fechados? Pra que? Estamos na penumbra, como você é bobo.

EUGÊNIO

Pra dar mais veracidade na emoção.

VALENTINA

Cortina já foi.

EUGÊNIO

Atchim! Percebi, fui atacado covardemente pelos ácaros.

VALENTINA

Não faz barulho.

EUGÊNIO

(solta um pum) Tô com medo, fico cheio de gases.

VALENTINA

Pum é a única coisa que você não precisa soltar, o que precisa sair somos nós.

EUGÊNIO

Desculpa. Quero fazer xixi, cocô, arrotar, tá coçando tudo, um rebuliço danado.

VALENTINA

Inferno! Daqui a pouco lá fora você faz tudo, pode até desencarnar, que merda!

EUGÊNIO

Não vou mais, não quero morrer e não fala em merda porque vai ser pior.

VALENTINA

Seja como tiver de ser, abri.

EUGÊNIO

Não vejo nada, será que fiquei cego? Descarnei. Chico Xavier, quero ditar uma carta pra mainha.

VALENTINA

Eugênio, aqui é Chico. Abre os olhos, jovem púbera, por favor.

EUGÊNIO

Chico Xavier?

VALENTINA

Isso. Achou que era o Chico Anysio? Abra os olhos, jovem.

EUGÊNIO

Chico, papai não sabe que mamãe é espírita, posso confiar no senhor?

VALENTINA

Ah, não. Só matando mesmo, abre essa m.. Os olhos, Eugênio!

EUGÊNIO

Cadê seu Chico Xavier? Pulou antes de nós, foi? Perdi a oportunidade de tirar minha dúvida.

VALENTINA

(bate nele) Perdeu nada, daqui a pouco se continuar de graça vai pra lá sem o apoio dos espíritos de luz.

EUGÊNIO

Não tô de graça, eu tive uma experiência de vida após a morte.

VALENTINA

Eugênio, seus olhos estavam fechados.

EUGÊNIO

E morre com os olhos abertos, é?

VALENTINA

Que saber? Cansei. O papo é reto. Veja, não chove, não troveja, não tem relâmpagos.

EUGÊNIO

Também não tem nada. têm o mesmo que tem aqui, escuridão. Valentina será que nós não desencarnamos mesmo?

VALENTINA

Se sente morto?

EUGÊNIO

Não, isso doeu. Aí!

VALENTINA

Mas você tem razão, é noite. Vamos sair e esperar amanhecer. Sinta o vento, e relaxe.

EUGÊNIO

Sei que ainda não tô achando que morri.

VALENTINA

Meu irmão, às vezes é preciso saltar sem medo das consequências, os machucados não são piores do que temos.

EUGÊNIO

Sou homem, salto primeiro se nada de ruim acontecer, você salta em seguida.

VALENTINA

Não. Sou a primogênita, tenho que lhe proteger, você está no momento púbere, mas ainda assim é meu caçulinha.

Benedita entra.

BENEDITA

Não.

EUGÊNIO

Mamãe?! Eitaaa las.. Estamos vivos! Eu creio. Amém, senhor, Chico Xavier, Anysio e toda equipe de luz.

VALENTINA

Nem vem, mamãe, vou pular, queira a senhora ou não. Chega!

BENEDITA

Dessa vez não vou impedir.

EUGÊNIO

Ah, sério? É, desencarnamos.

VALENTINA

Então? O que faz aqui?

BENEDITA

Trouxe o quebra cabeça pra vocês levarem, eu terminei pra vocês.

VALENTINA

Mas porque isso agora? Vamos descobrir o mundo em breve.

EUGÊNIO

Mamãe está ganhando tempo pra papai pegar a gente no pulo. E assim adiantar nossa chegada ao céu, mundo espiritual, seja lá o que for. Não ligo, o importante é sair daqui.

BENEDITA

Não é nada disso, confiem em mim. Montei o quebra cabeça pra vocês terem uma noção do país onde moram. Nosso mundo além da janela, passou da hora de vocês escreverem e contarem suas histórias.

VALENTINA

Então dá o quebra cabeça e agora vá ficar com o papai, volte para seu mundo.

EUGÊNIO

Mamãe, te amamos muito.

VALENTINA

Mas não queremos continuar aqui, não queremos viver no mesmo mundo que a senhora e o papai.

BENEDITA

Eu sei de tudo isso. E concordo com vocês, também amo muito vocês, Eugênio, Valentina, vocês são a minha janela por isso permaneci aqui até agora, sem vocês não existe janela, então quem salta primeiro sou eu.

Benedita salta da janela.

EUGÊNIO

Mamãe... (Salta também)

VALENTINA

Ah, não. Vocês não podiam ter feito isso antes de mim. E agora?

Adolfo vê a cena e prontamente chega perto da janela.

ADOLFO

Agora nada, mocinha, você não vai a lugar nenhum. Veja o que sua teimosia e curiosidade causou. Seu único irmão e sua mãe se foram pra sempre. Eu te preveni tanto, isso não era pra ter acontecido. Você acabou com nossa família, Deus está triste, e agora será apenas nós dois dentro dessa casa. Está bom, ao menos ainda temos tudo que precisamos, nesta casa, nosso lugar. Sai daí, vou fechar a janela e assim seus olhos também fecharão porque não precisamos de tudo. Só a penumbra nos basta.

VALENTINA

Papai, meus olhos nunca mais se fecharam. Nem quando eu desencantar acho que vou descansar. **(rindo)** Aprendi um pouco da doutrina espírita com mamãe. Umbanda é tudo que o Senhor abomina, mas sempre soube que sua mãe era cigana e vovó cantava samba. Não gosto da penumbra e meu Deus é feliz, a minha mente é um amanhecer. Eu vou sair daqui, sim, quem não vai sair é o senhor já que gosta tanto. A minha teimosia e desobediência foi o gatilho que faltava nessa decisão, tenho certeza que mamãe e Eugênio estão mais vivos onde estão do que aqui. Entendi que o choro, o trovão e o relâmpago foram nossos lamentos. Essa janela aberta é minha oportunidade. Vou saltar! **(Salta com o quebra cabeça na mão).**

ADOLFO

Não! Vocês não entenderam nada! Eu só quis proteger. Eu não tive pais pra me proteger. Aqui dentro de casa nunca deixei faltar nada. Tiveram o conhecimento necessário para sonhar e agora vocês fazem isso?

CENA 13

De dentro da casa, Adolfo olha pela janela e narra o que vê.

ADOLFO

Benedita, eu não sabia que tinha um sorriso tão grande e lindo, também não sabia que a mamãe era cigana. Eugênio, um homem feito... Valentina, sua danada, corajosa, audaciosa, destemida...

BENEDITA

(voz off) Adolfo, vem sorrir com sua família. Vem, querido.
(Rindo) Ai que dó de você.

EUGÊNIO

Papai, vem logo, aqui podemos ser púberes e livres.

VALENTINA

Papai, a escolha é sua, mas não demore. A mamãe terminou a montagem do quebra cabeça. Assusta mais ficar do lado de dentro sem saber o que nos aguarda do lado de fora. E só o senhor sabia o que tinha aqui. Vamos transitar. Venha.

ADOLFO

Amo vocês, mas quem manda aqui sou eu! Agora que conhecem aí fora, não pulem de volta.

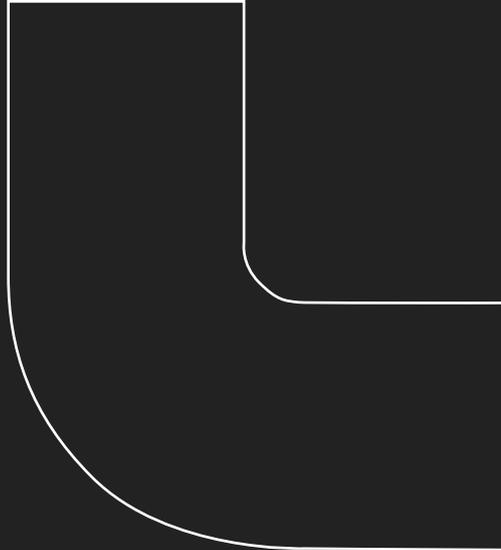
Adolfo deixa uma banda da janela aberta e a outra fechada. A luz vai sumindo, escuta se um barulho de pulo. No breu, escuta-se o narrador.

NARRADOR

Dar saltos, pulos, descer, atravessar, passar por cima.

FIM

ENGENHO
VELHO DE
BROTAS



SANT'ANA

Texto de Joseane da
Silva Nascimento

O **drama familiar** conta a histórias de três mulheres que tiram o sustento da casa com a venda de marmitas, mas a vocação de artista de uma delas desenvolve um conflito na estrutura da família.

PERSONAGENS

NÁLIA
MARTA
CREMILDA
POKET

CENÁRIO

CASA DE CREMILDA

Em cena, utiliza-se apenas três cômodos: a sala com a porta que dá para a rua; o quarto das duas filhas e a cozinha da casa.

APRESENTAÇÃO

Por Daniel Arcades

A primeira etapa de oficinas desta residência aconteceu de forma virtual unindo os três bairros do projeto para discutirmos os conceitos básicos de dramaturgia e só depois, moraríamos juntos nos respectivos bairros para “encubar” nossas histórias. Muitos, ao verem Joseane na sala do plataforma, expuseram a honra de estarem presentes no mesmo projeto que uma mulher tão comprometida com a cultura de sua comunidade. Percebi que havia entre todos eles uma referência de comportamento e ativismo pela arte e cultura, principalmente, do bairro de Engenho Velho de Brotas: a Pró Josi.

O texto aqui apresentado é carregado de tudo que Joseane representa para o bairro: ensinamento, força, ativismo, arte, alegria e compromisso. Sant’Ana chega ao mundo como uma homenagem ao samba junino, um festejo periódico desde a década de 1970 e que transforma o bairro durante o mês de Junho. Pelas ruas, os arrastões do samba junino levanta multidões no Engenho. Além de estar recheado de canções, Josi, que se aventurou e mergulhou nesta escrita de uma maneira profunda, traz um assunto que é muito recorrente na realidade de mulheres negras baianas: a ausência de figuras masculinas no ambiente doméstico e sua necessidade de endurecimento para poder suportar a batalha diária da sustentação familiar. Não são poucos os exemplos de famílias formadas a partir de mães-solo em nosso território. Estes dois elementos, o samba junino e uma família formada apenas por mulheres, fazem de Sant’Ana um excelente registro de nossa história.

Uma outra característica que espero ver mantido nos próximos textos a serem escritos por Josi é sua fidelidade à oralidade local. As peças teatrais, escritas para serem faladas, encontram dificuldades de representar em grafia nossa gíngua com a língua. O frescor da primeira peça desta dramaturgia traz de forma muito tranquila e muito fluída a presença de seus

“viu”, “oxe”, “bora, umbora”, “adiante meu lado aí”. Quem não for baiano pode até achar certo exagero, mas nós, que aqui estamos, repetimos quase ao final de cada frase vocábulos para ratificar a sentença, “viu”?

Eu fico muito contente de saber que o Engenho Velho de Brotas tem uma professora como uma líder cultural e mobilizadora de sua comunidade. Essa jornada de entrega na escrita deste texto nos mostra pistas do que a fez ser referência para outros residentes mais jovens. Dedicção, compromisso e o principal: ter um recado para dar baseado na crença de que o mundo pode melhorar, mas ele começa com nossa comunidade e com as pessoas que estão por perto. Josi com seu texto, agora eternizado, pode contribuir para qualquer lugar deste planeta, mas se o Engenho Velho de Brotas se sentir representado nesta história, já se tem um enorme objetivo alcançado: o mundo já foi mudado.

ATO 1

CENA 1

É madrugada. Nália chega em sua casa de uma noite intensa da festa do samba duro junino, festa tradicional no Engenho Velho de Brotas da cidade de Salvador. Entra no quarto ainda animada, cantando e tocando pandeiro. Marta, sua irmã, está no quarto entendida mexendo no celular. Percebe a chegada de Nália e corre para a cama e se enrola no lençol.

NÁLIA

“...Chega pra cá, abre a rodinha,
dá uma empinadinha, deixa o barrote entrar.
Rote, rote, surra de barrote,
Rote rote, surra de barrote
Você quer barrote, mãe...”

MARTA

(simulando que acordou assustada) Mulher! Perdeu a noção, foi? Chega uma hora dessa e ainda quer acordar a casa toda?

NÁLIA

(irônica) Não era pra avisar que chegou?

MARTA

Já gosta de atenção. E tem que chegar assim, é? Daqui a pouco tem vizinho batendo aí.

NÁLIA

Que... A vizinhança toda tava lá. Dona Gal já pergunta de mainha.

MARTA

Dona Gal do Beco?

NÁLIA

Sim, ela mesma. Mana, que festa linda, era pra vocês estarem lá. Muita música boa, muita dança... Marinho cantou também, a música que mainha gosta. (**cantarola**) “Nossa Senhora de Santana...”, lembrei dela. E adivinha quem ganhou o concurso?

MARTA

Querendo tem um monte, mas de rainha só dá elas, né?! Poket e Jujuba não largam essa coroa. Se fosse jurada, dava meu voto pra outra.

NÁLIA

Só deu elas descendo até o chão! Que disputa, viu! (**risos**). Agora, se você e mainha tivessem lá, ia ser melhor ainda.

MARTA

Cê acha mesmo que ela iria? E justo no meio de semana? Cê sabe que ela tomou ranço dessa festa e mesmo assim fica chamando. Parece pirraça!

NÁLIA

Querer que ela viva e se divirta é pirraça?

MARTA

Não, mas se ela não gosta, não insista.

NÁLIA

Eu mesmo, não! Mas bem que você podia estar lá, me dar uma moral.

MARTA

Minha filha, as marmitas não se fazem sozinhas, não. Aqui, cada uma faz sua parte, eu não fui porque tava fazendo a minha.

NÁLIA

Avemaria, esperei você lá e nada. Toda vez inventa uma desculpa, né? E quem disse que eu não faço minha parte?

MARTA

Eu disse que iria se desse tempo... Se desse...Só que não deu. E acabou a conversa que eu quero dormir. Daqui a pouco é dia, apaga essa luz!

NÁLIA

Ok, mas olha... eu faço minha parte e faço o que gosto também. Não entendo essa implicância de vocês com meu trabalho.

MARTA

Então, bora dormir. Apaga a luz!

Nália guarda o pandeiro, tira os sapatos e a roupa suada, sente seu próprio cheiro, pensa em tomar um banho, mas desiste. Pega o celular, verifica as horas e ajusta o despertador.

NÁLIA

Despertador ativado. E vambora!

Devagar, Nália se deita na cama e entrega-se ao sono. O palco fica em meia-luz.

CENA 2

Passado algum tempo.

O celular de Nália toca despertando. Mas antes que Nália acorde, Marta corre para desativá-lo. Marta se certifica se Nália continua dormindo. Marta continua trocando de roupa.

CENA 3

Na sala da casa, Cremilda, mãe de Nália e Marta, entra pondo sua touca de trabalho. No altar de Nossa Senhora de Sant'Ana, acende uma vela e faz sua prece.

CREMILDA

(reza) “Ó Sant’Ana, Minha Mãe, sê do céu a nossa guia, traze paz à nossa alma. Por Jesus e por Maria. Amém.”

Cremilda vai até a cozinha e começa a organizar seu trabalho de colocar a comida nas marmitas. Marta entra.

MARTA

Bença, minha mãe.

CREMILDA

Nossa Senhora de Santana te guarde.

MARTA

Amém.

CREMILDA

Cadê Nalinha?

MARTA

Chamei, chamei e nada... Chegou daquele jeito.

CREMILDA

Não vi a hora! Daquele jeito como?

MARTA

Bora trabalhar, minha mãe, que a farra de Nália foi boa. Nem o despertador ouviu. Na certa, chegou travada.

CREMILDA

Pois ela vai levantar é agora! (Cremilda vai em direção à porta da cozinha, mas Marta a impede de sair)

MARTA

Não senhora! Eu vou dar meu jeito hoje, e, se ela não levantar, vou cortar a diária dela.

CREMILDA

Se ela chegou travada, ela vai destravar agora. A gente tem muito serviço aqui pra dar conta.

MARTA

Ela sabe muito bem, tem que ter responsabilidade. E se ela não der conta, arranjo quem dê pra ficar no lugar dela. Se fosse em outro lugar, ela ia “manguiar” assim?

CREMILDA

Já vi que hoje vai ser um dia daqueles, ela me aguarde.

A contragosto, Cremilda volta para organizar as mesa de trabalho na cozinha. Marta senta-se à mesa com caderno e telefone em mãos. Enquanto as duas começam a trabalhar, Nália entra atordoada, segurando o celular.

NÁLIA

(falando alto) Não ouvi meu celular despertar! Porque ninguém me acordou?

CREMILDA (solta uma panela na mesa abruptamente)
Agora é a gente que te acorda, senhora?

NÁLIA

Não, mas é que ontem cheguei cansada. Coloquei o celular pra despertar, só que não ouvi.

MARTA

Ouviu, acordou e desligou.

NÁLIA

Ah, e você nem pra me chamar. Depois eu que gosto do

problema.

MARTA

Chamei sim. Você que não ouviu. Te carregar da cama é que não vou.

CREMILDA

Aqui cada uma tem sua função, você sabe muito bem da sua e recebe por isso. Você quer ir pro seu samba, vá, mas cumpra com sua responsabilidade. Chegar no fim do mês todo mundo quer o seu.

NÁLIA

Mas eu sempre cumpro. Inclusive, ontem, eu estava trabalhando também.

CREMILDA

O que você faz ou deixa de fazer não me interessa. O que interessa é esse trabalho aqui, de nossa família, que sempre foi o sustento das mulheres desta casa. A gente depende disso.

NÁLIA

Sério que tudo isso é porque eu cheguei atrasada? Ainda dá tempo de fazer as entregas pelo menos.

MARTA

Já resolvi. Enquanto você dormia, chamei outra pessoa.

NÁLIA

Como assim?

CREMILDA

Pode ir curar sua cachaça, hoje não vou precisar de você aqui não. E sua diária vai pro rapaz.

NÁLIA

Tô chocada com vocês. Como é que fazer o que eu gosto pode incomodar tanto. E que história é essa de curar resaca? Eu nem bebi...

MARTA

(interrompe o assunto batendo palminhas) Depois vocês terminam esse assunto, a gente tem mais o que fazer. Bora que o dia é curto.

NÁLIA

(para a mãe) Então é isso?

CREMILDA

Vá, menina. Depois a gente conversa.

Cremilda e Marta continuam arrumando as quentinhas, enquanto Nália volta revoltada para o seu quarto.

CENA 4

Nália no quarto. Cremilda na cozinha. As duas recebem uma ligação no mesmo momento e falam o mesmo texto.

CREMILDA E NÁLIA

(uníssono, com linguagem corporal síncrona) **ALÔ!** Sim, sim, no domingo? Tá um pouco em cima, mas dá pra ajeitar sim. Que maravilha! Sei, sei, é verdade. A gente acerta pelo zap. Eu que agradeço por lembrar de mim, vamos fazer sim. **AMÉM (desligam o telefone).** Saluba, Nanã! Saluba, Vovó!

Em tom de felicidade, Nália canta do quarto. Ao longo da canção ela já conversa pelo celular como se estivesse ajustando os pormenores. Cremilda continua arrumando as marmitas com Marta e volta e meia responde algo no celular. Marta canta de

forma menos animada que as duas. A canção cessa com Nália voltando para a cozinha.

NÁLIA

“Oh, Divina Nanã, Oh, Divina Nanã, venha nos ajudar...”

MARTA

“Eu vi Nanã, eu vi Senhora Santana Buruquê...”

CREMILDA

“Saluba, eu vi Nanã, Senhora Santana eu vi, Saluba.”

Nália entra toda empolgada.

CREMILDA

(saltitante) Meninas, A criatura confirmou o evento no Solar. O almoço é com a gente.

NÁLIA

Domingo?

MARTA

Fecharam? Já quitou o carro! (Bate palma de satisfação) Uma dívida a menos! E o mingau de vovó, né, mainha?

NÁLIA

Eita! Esse domingo mesmo?

MARTA

Que domingo mais, Nália?

CREMILDA

Bora correr que tá em cima, mas vale a pena, bora fazer a lista. (Rindo) E vai ter mingau de vovó, sim!

NÁLIA

(em um misto de euforia e constrangimento) É A SOLE-

NIDADE DO SAMBA JUNINO!

CREMILDA

Oxe, domingo? Mas esse não vai dar pra você, trate de se resolver lá. Preciso de você aqui.

NÁLIA

A solenidade da prefeitura vai ser domingo, mainha. É uma conquista pro samba junino, sem condições de cancelar. Ele vai virar patrimônio cultural.

MARTA

Nália, pelo amor de Deus! Agora? Sem condições, fia, resolve lá.

CREMILDA

Patrimônio Cultural? Patrimônio é o carro e a casa que você mora!

NÁLIA

A gente tá nesse processo há muito tempo. Temos que estar lá, é nossa história.

CREMILDA

A minha história agora é outra, Nalinha. Você é quem mais usa o carro, mulher. Vamo pegar esse almoço, sim. A senhora trate de se organizar.

NÁLIA

Vou ver alguém pra ficar aqui no meu lugar.

MARTA

De novo?

NÁLIA

O que é, Marta? Já começou a dificultar?

MARTA

Eu que dificulto agora? Quero ver se você não vai trabalhar pra quitar esse carro. **(para a mãe)** Então, se for assim, quero minha folga também.

CREMILDA

Isso aqui é bagunça? **(Eleva o tom da voz)** Isso aqui não é bagunça, não! Vai todo mundo trabalhar domingo, ou não trabalha dia nenhum mais.

Silêncio. Cremilda fecha a última quentinha com raiva e se retira. Permanecem Marta e Nália.

CENA 5

NÁLIA

Qual o problema dela?

MARTA

Eu que pergunto. Qual o seu problema?

NÁLIA

Não vejo problema em querer trabalhar com outra coisa.

MARTA

Ai é que tá. Você não vê problema, você faz o que quer, você acha que o mundo gira ao seu redor. Não tá nem aí pra quem renunciou tanta coisa por sua causa.

NÁLIA

Quero novos caminhos, viver de arte, de música, trabalhar naquilo que me satisfaz. Onde está o erro nisso? Quero encontrar o meu caminho e viver minha própria história. Isso não invalida a história de ninguém.

MARTA

Ah! Como você sofre, tadinha. Eu ficava em casa cuidando de você, eu não podia dormir na casa das minhas amigas, eu não saía final de semana, porque tinha que ficar com Nalinha pra lá, com Nalinha pra cá, pra todo canto eu que tinha que te carregar. Quando me dei conta que o tempo passou, eu tinha criado uma filha que não era minha.

NÁLIA

Sim, Marta, disse eu sei. Você faz questão que eu saiba e lembre todos os dias.

MARTA

Sabe, mas na hora de abrir mão do seu samba pra colar aqui com a gente, rapidinho você dá um jeito de cair fora.

NÁLIA

Marta, olha só: Eu sei que posso parecer egoísta, mas não sou. Imagino tudo que vocês passaram quando Boja foi embora...

MARTA

(interrompendo) Não. Não imagina, não, bonita! Quando ele foi embora, o que senti foi ódio por ele ter me abandonado. Ele me tirou o direito de escolher. Sabe que eu teria ido junto? Me lembro das noites de angústia da minha mãe e do brilho dos olhos que se apagaram com você na barriega. Então, não venha dizer que imagina.

NÁLIA

Posso não imaginar porque não me lembro de um pai ausente. A gente não sente falta daquilo que nunca teve. Não dá pra imaginar a dor da separação, da sua renúncia, do passado de vocês. Apenas respeito.

MARTA

Então faça por onde!

NÁLIA

E faço. Sempre estive com vocês, mas tenho minhas questões. Vocês precisam fechar esse ciclo. Não escolhi ser um fardo na vida de vocês, mas posso fazer minhas escolhas agora. Não desmereço tudo que fizeram por mim mas é foda ser uma ferida mal fechada na vida de alguém.

MARTA

Você não é a ferida, você faz a ferida.

NÁLIA

Não coloque essa ação em mim, minha irmã. Sua amargura não pode ser tão forte.

MARTA

Mas é.

NÁLIA

Eu vou dar uma volta pra respirar e esquecer esta conversa.

MARTA

Não esqueça, não.

NÁLIA

Tchau.

Nália sai de casa e Marta fica sozinha na cozinha. Ela pega o celular e liga.

MARTA

(ao telefone) Oi, pode vir buscar as marmitas. Te mando todos os endereços pela zap, tá bem? (Desliga o celular, coloca as marmitas na sacola e sai com ela.)

Cremilda volta nervosa para a cozinha, bebe um pouco d'água, percebe que as marmitas já foram. Começa a limpar a bancada, recolher cascas e arrumar as coisas.

CREMILDA

(**resmungando**) Se essa menina pensa que vai me desacatar desse jeito, ela tá enganada...Não criei filha pra tá me desacatando a uma altura dessa! Mas ói ... Nada vem fácil assim, não! (**esfregando a pia**) Minha mãe mesmo, criou sete filhos: dois do primeiro casamento, e eu sou a quinta do segundo. Meu pai com cinco filhos de minha mãe saiu de casa... nenhuma novidade nisso. Não sei como ela deu conta de criar sete, eu com duas tô pedindo arrego... Mainha se virava de um jeito e de outro, de faxina em faxina, uma trouxa de roupa aqui, outra ali... A gente, pra ajudar, começou a trabalhar foi cedo. Tinha que fazer um ganho também, porque quando acabava o cuscuz e o café, batia o desespero em todo mundo. Aí essas aqui cresceram tendo tudo e não querem ajudar nem o trabalho dentro de casa. Não tô pedindo pra ir faxinar, pra lavar roupa dos outros, é dentro de casa. Ai, minha velha, porque eu perdi tão cedo? Eu não estava preparada! (**para com a arrumação e chora com o rosto sobre a mesa**)

Marta entra.

MARTA

Mainha? A gente tem que ver isso logo, viu? Vamo precisar de alguém aqui nessa cozinha.

CREMILDA

(**se recompondo**) Deixe que depois eu resolvo isso. Bora cuidar da vida. Nália não tá nem doida. Como é que pode uma criatura copiar tanto assim o jeito de um pai que ela mal chegou a conhecer? Só pode ser um carma. Deus que me perdoe!

MARTA

Aff, ali só uma reza!

CREMILDA

Se fosse você nesse caminho até que faria mais sentido, já que não desgrudava dele. Uma criança que só andava no samba com o outro lá.

MARTA

(*muda o semblante*) Mas não teve como ficar mais grudada, né? Bola pra frente.

A cena congela. Um canto de Nanã salta ao fundo.

ATO 2

CENA 7

É o domingo da entrega. A cozinha está com tudo meio organizado. Panelas grandes com comidas, talheres, pratos descartáveis. Tudo pronto para ser transportado. Cremilda e Marta estão na cozinha irritadas. Enquanto isso, Nália está no quarto se arrumando meio tensa.

CREMILDA

Eu falei que não ia colocar ninguém no lugar dela. Marta vá falar com sua irmã que é última chance dela ter noção do que está fazendo.

MARTA

Não adianta insistir, não vou ficar atrás de Nália. Não tô pedindo favor!

CREMILDA

Essa não vai passar assim, não. Essa conta ela vai pagar.

MARTA

Ah, não paga, não. Essa novela eu já vi.

CREMILDA

Deixe ela precisar do carro, deixe ela quebrar a cara. Garota encrenqueira, Deus que me perdoe.

MARTA

Oh, mainha, quer saber? Deixe ela pra lá. Ela que vá buscar o rumo dela. Eu que sempre dei conta de tudo mesmo, não é agora que ia ser diferente.

CREMILDA

Não, Marta. Não é assim, não. Esse tempo todo nunca faltou nada pra ela graças a isso aqui (**expõe a mesa e as panelas**). Agora quer dar as costas? Eu não aceito um desgosto desse.

MARTA

E se for isso mesmo? Se ela resolver trabalhar só na música? Se já não resolveu. Porque tá ajeitada pra sair.

CREMILDA

Aí ela vai ter que ir atrás do pai dela, porque aqui ela não se cria.

Com raiva, Cremilda sai apressada ao encontro de Nália. Entra no quarto.

Nália canta enquanto separa os instrumentos, pega a viola e o pandeiro. Está meio desanimada.

NÁLIA

“Eu vou embora
Eu vou com Deus
E volto com Nossa Senhora
Minha mãe sempre dizia
Aconteça o que aconteça
Meu filho precisa saber
O dono da sua cabeça”

Cremlilda entra no meio da canção e observa um pouco a filha cantando triste, mas logo se recompõe e finge que está entrando de um rompante só.

CREMILDA

Nália, o que você tá fazendo vai ter consequências. Tá dando as costas no dia que a gente mais precisa. Logo hoje você inventa compromisso!

NÁLIA

Mainha, pare com isso! Eu me organizei, já providenciei tudo, não tô deixando ninguém na mão assim, não!

CREMILDA

Seu compromisso é aqui!

NÁLIA

Quem sabe dos meus compromissos sou eu! Eu tenho vida fora dessa cozinha, mainha.

CREMILDA: Cale sua boca (pega Nália pelo braço e arrasta em direção a cozinha)

Na cozinha, Marta estava bebendo água e se assusta com a brutalidade da mãe.

CREMILDA

Essa cozinha que te sustentou a vida toda e ainda te sustenta. Você acha que chamar uma pessoa pra entregar é mesma coisa? Essa responsabilidade é sua.

NÁLIA

Nunca desmereci esse trabalho, não, mas eu quero outra coisa. Eu tenho direito de viver minha vida.

CREMILDA

Então vá viver sua vida! Vá pro seu samba e fique por lá! Seu pai não fez assim? Faça você a mesma coisa, siga o mesmo caminho. Quer ir, vá, mas não precisa olhar pra trás.

Nália tira a mochila das costas e o telefone toca.

NÁLIA

(ao telefone) Oi, Mário. Não, infelizmente não vai dar pra mim. Surgiu uma situação aqui. Desculpa. **(Cremilda e Marta observam)** Eu sei. Eu sei que não dá pra mudar, mas é que fiquei numa situação difícil aqui. Mas é... Ma... escuta ...minha mãe... Desligou. **(joga suas coisas no chão)** Desgraçaáááá!!!

Nália percebe que se alterou emocionalmente, olha pra mãe e pra irmã sem saída. Cata as coisas do chão, coloca a mochila nas costas e sai da cena.

CENA 9

Já é segunda-feira. Cremilda acaba de acordar, põe a touca, acende a vela do altar e faz sua prece.

CREMILDA

(reza) “Ó Sant’Ana, Minha Mãe, sê do céu a nossa guia, traze paz à nossa alma. Por Jesus e por Maria. Amém.”

Cremilda vai até a cozinha e começa a organizar seu trabalho de colocar a comida nas marmitas, Nália já está lá sentada.

NÁLIA

Bom dia. Bença, mainha.

CREMILDA

Só se for pra você. Porque eu estou exausta de ontem. Se estivesse aqui, saberia.

NÁLIA

Eu tinha que ir. Mês de junho é essa correria, a senhora sabe.

CREMILDA

Ah! Só junho? Quer mesmo saber o que vai acontecer esse mês de junho?

MARTA

(entra na conversa desde a porta da cozinha) Mês de junho é só arrastão no Engenho Velho. Quem é do samba, não faz mais nada né, não?

NÁLIA

(encarando a irmã) Nem venha com seu veneno.

MARTA

Veneno? Onde você estava ontem, enquanto a gente trabalhava? Se arrastando no samba.

CREMILDA

Chega! Quem fala aqui sou eu! (Para Nália) Olhe, ontem você saiu, sabia da demanda do evento e mandou duas pessoas trabalhar no seu lugar. O almoço do HGE foi pro

CREA, Marta me largou no evento sozinha pra ir resolver. A raiva que eu passei mexeu na qualidade de minha comida. Vou te dizer o que vai acontecer nesse mês. Daqui pra São João, Nália, você vai tomar uma decisão na sua vida.

CENA 10

Da casa de Nália, ouve-se nas ruas do Engenho Velho de Brotas, o som do samba duro que movimentava os arrastões. Toca-se a canção. Enquanto se escuta tudo, Nália se entristece dentro de casa, Marta não dá o braço a torcer e Cremilda observa as duas irmãs.

Canção:

“No mesmo instante avistei um balão
 Me da um beijo de bom coração
 Abra mão pra tomar bolo
 Se o meu beijo recusar...
 No domingo eu vou
 Pro Scórpio sambar
 Oh lê..., Oh lê lê lê oh! Samba duro salvador
 Oh lê..., Oh lê lê lê oh! Samba Scórpio chegou”

Nália sai da cozinha e senta numa cadeira na sala. Fica pensativa. Cremilda se aproxima e começa a fazer uma trança no cabelo da filha. Marta continua trabalhando na cozinha, mas de olho na conversa das duas.

CREMILDA

Já tá na hora de acabar com essa tristeza.

NÁLIA

Termine aí pra gente levar a panela pra porta, o mingau tá pronto. Tô bem.

CREMILDA

Não tá, não. Eu te conheço. Sei que tá zangada, mas um dia você vai entender que o necessitar é maior que o desejar. A vida nos obriga a abrir mãos dos sonhos por uma necessidade maior.

NÁLIA

Mas, nesse caso, não foi a vida, foi minha família.

CREMILDA

Você acha que eu quero seu mal?

NÁLIA

Não, não acho nada...Cansei desse assunto, deixa pra lá, não vale a pena.

CREMILDA

Filha, eu vi seu pai sair de casa, ele não queria responsabilidade com a família. Amava música, uma hora dessa ele tava aí nesse arrastão. Não é fácil pra mim e nem pra sua irmã ver você fazendo a mesma coisa.

NÁLIA

Uma hora dessa, a senhora também estaria lá! A senhora, D. Jacira, D. Lita e muitas outras mulheres que fazem parte dessa história.

Cremilda silencia e se emociona com suas lembranças.

CREMILDA

Ah! Isso é verdade. A gente cantava, batia palmas, sem falar que a gente organizava muita coisa. Doka, Mário, Jordão, Jacira, Lita, Silvinha...ah era muita gente boa, era Grupo União mesmo, filha. Esse povo eu nunca vou esquecer. Nem do Beco de Gal.

NÁLIA

Tempo massa, né, mainha? E o arrastão?

CREMILDA

Eita, era bom! Naquele tempo era bom, a gente se concentrava na Praça dos Artistas, montava palco, barraquinhas, era lindo demais. (se emociona muito)

NÁLIA

Então, mãe! Eu só quero fazer parte dessa história. Não faz sentido enterrar a história de uma vida por causa da escrotidão de Boja!

CREMILDA

Nega, mas foi por causa dele que passamos tantos perrengues, pra você é difícil avaliar.

NÁLIA

Mainha, é sobre isso: por causa DELE, e não do samba. Os homens quando querem bagunçar a vida da mulher fazem isso, arranjam um pretexto qualquer, cai fora e pronto. E quer saber de uma? Antes sumir do que ficar e só te aborrecer como vinha fazendo.

CREMILDA

Me livrei de um embuste né, nega?

NÁLIA

Não conheci, mas é bem isso.

As duas riem. Marta entra na sala e reage insatisfeita às duas rindo. Enquanto Cremilda termina o trançado, alguém bate na porta. É Poket, uma mulher trans amiga de infância de Nália. Marta abre a porta, mas praticamente não fala com ele, que entra cheio de gás.

POKET

Boa, boa... Bença, tia Cremilda.

CREMILDA

Deus abençoe e Nossa senhora te guarde.

POKET

Ô, Nálinha, vumbora, mulher! Só falta você! Tem um cara lá, mas tá ruinzão. Não ensaiou, tá uma atrapalhão da zorra...

NÁLIA

Rapaz... **(olha pra mãe)** Agora que as coisas estão tranquilas, acho melhor eu continuar aqui. Sei que o povo deve tá P da vida comigo, mas amanhã tenho muita coisa aqui pra fazer, vou precisar madrugar.

POKET

Mulher, vai ter premiação, e a apresentação vai fazer parte do DVD. Cê vai ficar de fora, porra! **(para Cremilda)** Desculpa aí, tia. Ah, Assina essa rifa aqui, minha tia, só tem 2 dezenas.

CREMILDA

Não gosto de rifa... Tem o que de bom?

POKET

Doka botou um cavaquinho, um pandeiro e um berimbau. Tá filé! Duas dezenas, cada uma fica com uma. Martinha sei que não assina.

MARTA

Não assino mesmo.

CREMILDA

Cadê Jujuba, Pok?

POKET

Tá onde, tia? Raparigando no arrastão, né? Querendo ganhar pra mim no concurso, a coitada!

CREMILDA

Ah, vocês são eternas rainhas.

NÁLIA

Zorra! Tá massa, vou assinar agora. Uma dezena só. 50 ou 47, mainha?

CREMILDA

Bora no 47.

POKET

Pega as duas, que dá mais sorte.

NÁLIA

Que nada, vai dar 47. Esse é o número (**beija a cartela da rifa**)!

POKET

Fechou. Valeu, minha tia. E aí, Nália ? Umbora!

NÁLIA

Oxi, vou não. Vou entregar o mingau, dá não.

CREMILDA

Ela vai... vai agora, o cabelo já tá pronto.

Marta faz gesto de desaprovação e sai da sala. No quarto, Marta pega o pandeiro e o cavaquinho de Nália e sai com eles.

NÁLIA

Tá falando sério? Não vai ficar no meu pé depois. E amanhã? Aff, Marta vai surtar, viu.

CREMILDA

Deixe Martinha comigo. Amanhã chamo a filha de Jaci pra vim.

NÁLIA

(beija as mão e a testa da mãe) Já disse que te amo hoje?
Te amo, viu, sua linda! Bora, mainha!

POKET

Bora, minha tia, bora!

CREMILDA

(Rindo) Deixe de bestagem, vocês. Vá, que nossa Senhora de Sant'Ana te acompanhe.

NÁLIA

Saluba, minha vó.

ATO 3

CENA II

Nália entra no quarto, arruma a mochila e procura seus instrumentos, enquanto canta.

NÁLIA

“Sant’Ana mandou fazer
proteção pra mim
Proteção assim
Arruda no bolso
figa no pescoço..”

NÁLIA

Oxe, cadê o cavaquinho? Aff! Só comigo mesmo...

POKET

(grita de fora da cena) Bora, Nália! É pra hoje!

NÁLIA

Já vou! (continua revirando as coisas)

POKET

(ainda gritando) Vou adiantar, viu? Te vejo lá.

NÁLIA

Viu, viu. Porra, cadê?

MARTA

(entra no quarto) Nem adianta essa agonia, guardei o pãeiro e o cavaquinho e não pretendo devolver tão cedo.

NÁLIA

Como é que é? (riso tenso) Bora, adiante meu lado.

MARTA

Mainha você leva no bolso, a mim não. Chega dessa palhaçada.

NÁLIA

Você é criança ou tá pensando que eu sou? Tá surtada? Bora Marta, adiante meu lado.

MARTA

Você me respeite e fale baixo comigo. Você é melhor que quem nessa casa pra achar que a gente tem que viver em sua função e achar bonito? Pra bater palminha pra você?

NÁLIA

Ei, pode ir parando, você não tem esse direito. Você tá com algum problema, vá se tratar. Quem você pensa que é?

MARTA

Eu que te criei, bonitinha, (dá uns tapinhas no ombro de Marta) baixe sua bola que eu não vou pra cozinha só pra você ficar charlando no samba.

NÁLIA

(No limite da paciência, cresce pra cima de Marta) Você acha que eu vou deixar de tocar por causa de um pandeiro e um cavaco? Isso é o de menos...

MARTA

Você não vai, porque você vai trabalhar de verdade. Vai pra cozinha sim. Desta vez, você não vai largar tudo nas minhas costas, não.

NÁLIA

Eu vou porque já recebi a benção da minha mãe, D. Cremilda, ela é minha mãe. E você vai devolver meu material agora!

MARTA

Você esqueceu que comprou no meu cartão e não pagou? Então não tem nada seu, o pandeiro é meu, o cavaquinho é meu e o carro, pelo visto, agora também.

NÁLIA

Nada seu, eu tô trabalhando pra pagar sua mal caráter, louca! Nem toca, nem dirige, o que que é seu?

Nália empurra Marta e as duas começam uma luta corporal. Nália tem facilidade e pressiona Marta na parede, deixando-a imobilizada. Os gritos chamam a atenção de Cremilda e ela entra na cena desesperada e gritando

MARTA

Me largue, Nália, me largue!

CREMILDA

Misericórdia, o que é isso?

MARTA

Saia daqui, mainha, saia!

NÁLIA

Pare com isso, Marta! Pra quê esse ódio ? Eu quero minhas coisas, me devolva, só vou te soltar se você disser onde está.

CREMILDA

Nália, largue Marta, menina! Ela não aguenta com você.

Cremilda puxa Nália pela roupa, mas ela se agarra nos cabelos de Marta e as duas caem no chão.

NÁLIA

Saia daqui, mainha! Sai, mainha! Aqui é eu e ela. Eu sempre te respeitei, mas você dessa vez passou dos limites.

MARTA

Saia daqui, mainha! Chama a polícia, essa covarde quer me matar! Ela tá drogada!

NÁLIA

Agora eu uso droga também? Chame a polícia, pode chamar, eles adoram ver mulheres pretas brigando. Chama que eles ajudam até a bater.

CREMILDA

Parem, vocês duas, pelo amor de Deus! Vocês querem se matar, mas quem tá morrendo sou eu.

Cremilda dá um grito como se estivesse sentido uma dor forte ao ver a cena. Nália sai de cima de Marta.

NÁLIA

Não vale a pena. Olha só pra isso, a gente não merece isso. Marta, o que houve? Você não é assim, Marta.

MARTA

(Começa a chorar) Eu queria ir! Eu parei minha vida por sua causa, agora você é quem vai curtir tudo que eu não pude fazer quando você nasceu.

NÁLIA

E quem disse que você não pode?

CREMILDA

Oh, minha filha, pra que essa amargura? Eu não sabia que você sofria assim. Tudo isso é culpa minha.

NÁLIA

Não, mainha! Não é culpa de ninguém. É a vida. Não tá nas nossas mãos!

CREMILDA

Eu só queria cuidar de vocês, manter as três unidas, fortes...

MARTA

E consegui, mainha. Até Nália resolver deixar tudo por nossa conta.

NÁLIA

(*segura as mãos de Marta*) Eu nunca deixei vocês, eu sempre estive aqui. Não querer viver na cozinha não significa falta de amor, de responsabilidade. Significa apenas que meu caminho é diferente.

CREMILDA

Minhas filhas, pelo amor de Deus. Eu não quero obrigar ninguém a nada, eu só morro de medo de ver vocês passando necessidades. A única coisa que eu sei ensinar pra vocês é isso: ter valor, se dar valor, e pra ganhar um trocado, fazer uma boa comida e vender por aí. É só o que eu sei fazer.

NÁLIA

Você faz muito mais. Você nos ensina a ter dignidade. Não precisamos ter a mesma profissão, precisamos fazer o que a gente quer com a mesma competência da senhora, só isso.

MARTA

Mãe, e se eu não quiser ser marmiteira também.

CREMILDA

Ô, minha filha, é só falar. Eu me ajeito, a gente se ajeita. Importante é não passar fome, mas se a gente entender que seu caminho é outro, a gente se organiza pra ir procurando ele.

NÁLIA

O meu caminho eu tenho certeza que é outro e vai dar certo.

MARTA

E se não der?

NÁLIA

Eu tenho vocês, mas vocês também têm a mim. Saibam disso.

CREMILDA

Eu já sei, vamos resolver essa história hoje.

MARTA

Que história, mainha? Não tem nada que resolver mais não.

CREMILDA

Tem sim. A cena que eu vi aqui, não quero ver nunca mais. Não desejo pra mãe nenhuma ver isso acontecer.

NÁLIA

Tem razão, foi bizarro!

CREMILDA

Amanhã ninguém vai pra cozinha!

MARTA

Como assim? E os clientes? Não posso fechar a cozinha.

CREMILDA

A cozinha não vai fechar, vai suspender as atividades porque não estaremos em condições.

NÁLIA

Ainda não entendi!

CREMILDA

A gente vai pro samba! Nós três!

NÁLIA

Meu pandeiro e cavaquinho ela escondeu.

CREMILDA

Pega as coisas de Nália e a chave do carro.

MARTA

Eu não vou, não!

NÁLIA

Bora Marta, dessa vez será melhor que antes.

MARTA

Melhor, não.

CREMILDA

Minha filha, você precisa saber ser a dona da sua cabeça!

As três se olham muito naquela situação. Um silêncio toma conta daquelas mulheres. Marta, devagar levanta, vai até a cozinha e pega os instrumentos de Nália. Enquanto isso, Cremilda abraça sua filha. Marta volta com os instrumentos na mão e entrega o cavaquinho para Nália e o pandeiro para Cremilda. Nália tira do guarda-roupa um agogô e entrega para Marta também poder tocar. As três começam a se olhar, a sorrir e a cantar.

CREMILDA, NÁLIA E MARTA

Quem é, quem é
Que entra na roda pra sambar
Quem é, quem é
Que entra na roda pra sambar
Dança samba duro
Sem mexer, sem requebrar
É seu Ioiô de Iaiá
É seu Ioiô de Iaiá
É seu Ioiô
É de Iaiá

A família de mulheres aos poucos se levantam e vão andando pela casa dançando o samba. Poket invade a sala.

POKET

Bora, muléééé...

Poket vê a cena e as mulheres nem percebem a entrada dela. Ela se delicia com o que está vendo e sai devagar sem atrapalhar. As três depois de circular por toda a casa cantando, saem pela porta em cortejo fazendo seu samba junino ganhar as ruas.

CREMILDA, NÁLIA E MARTA

Quem é, quem é
Que entra na roda pra sambar
Quem é, quem é
Que entra na roda pra sambar
Dança samba duro
Sem mexer, sem requebrar
É seu Ioiô de Iaiá
É seu Ioiô de Iaiá
É seu Ioiô
É de Iaiá

FIM

raízes

Texto de Michele Cordeiro

A **peça juvenil** conta o drama da adolescente Cecília, que após ter se iniciado no candomblé, enfrenta uma série de dilemas na escola justamente pela ignorância de todos no ambiente escolar sobre seu período de resguardo.

PERSONAGENS

CECÍLIA SILVA
YARA SILVA
PÉDRA ROSA CAVALCANTE
HELENICE NASCIMENTO
DJAVAN VELOSO
FABIANE ERCINECLEIDE DE SOUZA
SARA ANTUNES
DONA FRANCISCA
PROFESSORA JULIANA CAVALCANTE
MÃE NICINHA

CENÁRIO

CASA DE CECÍLIA E YARA
Cozinha, quarto e porta da rua.

ESCOLA MARIA QUITÉRIA
sala de aula, corredor, arredores da escola e sala da diretoria.

TERREIRO DE CANDOMBLÉ.

APRESENTAÇÃO

Por Daniel Arcades

Temos aqui o texto de uma mulher que resnaceu no axé e não faz nenhum segredo do impacto disso em sua vida. É muito bonito ver pessoas em que a familiaridade com narrativas não-hegêmonicas faz com que histórias tabus ganhem leveza e pareçam que estamos acostumados a ver narrativas assim no sofá da casa. Em Raízes, uma trama adolescente de uma menina recém-feita no candomblé, a leveza teen traz à tona momentos seriamente vividos por muitas pessoas que são adeptas da religião e nunca viram seus dilemas tratados desta forma. No processo de construção, Michele escrevia seu vocabulário de axé com uma fluidez que em determinado momento me perguntei se o texto precisaria explicar o que significam determinados termos. Depois, pensando bem, percebi que não. Todo brasileiro deveria saber o que é um quelé, deveria saber porque uma yawo não pode sentar numa cadeira durante seu resguardo, todos deveriam ter os códigos que estão presentes nesta peça porque isso fala de nós, independente de ser da religião ou não.

Se na cidade de Salvador, uma das mais negras do mundo, sair vestido com uma roupa de ração na rua, colocar suas contas no pescoço e andar com uma esteira na mão arranca olhares curiosos e preconceituosos, imagina isso no resto do mundo. Michele Cordeiro, a autora do texto, enfrentou bastante coisa para poder finalizar o processo de residência, mas a todo momento afirmava que necessitava terminar esta obra e aquilo a estava fazendo bem. Mãe-solo, com inúmeras responsabilidades na sua casa e no seu ilê, cantora independente, a nova escritora sempre chegava um poquinho mais tarde em nossos encontros, mas com uma gana muito grande de entrar no processo e participar da criação de todo mundo. E assim fazia. Pudemos conviver com sua filha enquanto escrevia algumas cenas. Olhar para esta peça é como olhar para um mosai-

co da própria Michele. Com sua leveza, opinava sobre tudo, e, sempre vestida de branco, pelas cores de Oxalá, dava insights lindos. Sua história faz com que observemos que é possível ter uma trama adolescente para além da clássica tragédia de Romeu e Julieta e das contemporâneas tramas envolvendo sexo, drogas e rock roll. Ambas são ótimas, mas não devem ser únicas. Existe um mundo de novidades em narrativas não exploradas e seguimos repetindo fórmulas de séculos atrás. Michele traz um misto de muita coisa boa que há por vir quando lidarmos com naturalidade com a presença de corpos e corpos múltiplas nas histórias. Isso mexe com o caminho das narrativas, mexe com o conflito e mexe com o modo de resolução delas. Ouvir Oxalá para saber qual a estratégia de resolução de conflito não é para qualquer um. Que Raízes nos reconecte e nos encante com a leveza, diversão e seriedade pedida pela história.

CENA 01

Indo para Escola

Na casa da protagonista, Yara levanta da esteira em que estava deitada, bate cabeça e agradece por mais um dia.

Enquanto isso, o sino toca.

Yara canta para Yemanjá.

YARA

(canta)

Àwa ààbò a yó Yemonja àwa ààbò a yó

Yemonja

Auá aabô aiô Iémanja auá aabô aiô

Iémanja.

No chão da cozinha, Cecília arruma sua esteira para o café enquanto Yara, sua mãe, prepara a mesa. Enquanto tomam um café, Yara sentada à mesa e Cecília em sua esteira, conversam.

YARA

Filha, hoje você volta para a escola. E amanhã também vai ao terreiro, pois hoje é o último dia de você estar com sua joia. Amanhã terá a caída do quelê e, com isso, você poderá fazer algumas coisas. No entanto, o seu resguardo de branco será durante um ano. Mas algumas outras você já pode fazer, o seu resguardo acabará amanhã.

CECÍLIA

Vai ser tão bom estar com as meninas e poder voltar a estudar, mainha! Só o celular tava um saco, quero ver gente.

Yara canta mais um pouco a canção em homenagem a Yemanjá e Cecília após o fim do café se arruma para sair empolgada com seu primeiro dia de aula.

Yara se levanta, vai até a frente de sua casa e despacha a porta. Pega o apoti, entrega para Cecília, e coloca embaixo do seu braço, a esteira.

As duas saem de casa em direção à escola. Dona Francisca vê a cena das mulheres saindo e Cecília vestida de branco e resmunga.

DONA FRANCISCA

No meu tempo num tinha essa-sem-vergonhice. As coisas eram reservadas. Esse povo tem um desplante! Agora é tudo assim, ó (faz sinal de qualquer coisa com as mãos.)

Cecília, enquanto passa, se mantém com olhar baixo enquanto sua Mãe tapa seus ouvidos para que não escute as palavras de D. Francisca.

CENA 02

Colégio portaria.

Yara e Cecília chegam na portaria da escola.

PORTEIRO DOMINGOS

Ô, dona, ela não pode entrar.

YARA

Mas porquê?

PORTEIRO DOMINGOS

A Diretora precisa autorizar a entrada. Ela tá sem uniforme. Não sei se pode.

CECÍLIA

Mas o uniforme da escola não é branco.

DOMINGOS

(para Yara) Moça, não me leve a mal, mas não quero perder meu trabalho. A Chefia é casca-grossa. (faz sinal para dentro da escola.)

Lá do fundo, vem vindo pelo corredor a diretora Pedra. Ela já chega apontando para a criança.

DIRETORA PEDRA

Ei, ei, ei, ei, ei, (batendo palmas) Num entra assim, não. Qual o problema aqui?

YARA

Senhora, bom dia. Minha filha tá matriculada aqui e hoje ela já foi liberada para ir para escola.

DIRETORA PEDRA

Com ordem de quem?

YARA

A Mãe de santo dela.

Pedra faz timidamente um sinal da cruz.

DIRETORA PEDRA

Deus é mais forte! Então, como está matriculada, posso até aceitar você entrar, mesmo que eu não tenha recebido nenhuma notificação de que ela não viria no início das aulas.

YARA

Ela tava recolhida e nós avisamos a secretaria.

DIRETORA PEDRA

Sei. É, a secretaria não deve ter me passado, mas enfim. Só posso permitir entrar se voltar para casa e trocar de roupa. Aí você vai estudar como suas colegas.

YARA

Ela não pode. Ela tem que cumprir resguardo de santo.

DIRETORA PEDRA

(espantada) Santo?

YARA

Sim! Logo ela terminará parte do resguardo e vai poder sentar na cadeira. Por enquanto, ela não pode, pois deve respeito a Yemanjá.

DIRETORA PEDRA

Minha senhora, entenda que temos regras dentro da escola. Independente de qualquer coisa, seguimos regras.

Yara, na frente da escola, começa a entoar seu canto. Número musical. Coreografia com elenco de figuração. A diretora e o porteiro são os únicos que não se movimentam.

YARA

(canta)

Existem regras,
existem leis,
onde está a minha vez?
Meus ancestrais,
Das terras originais,
Todos de lá arrancados
E meus direitos sacrificados.
Quando é que a lei vai estar do meu lado?
Quando é que deixarei de ser sempre errado?
Quando é que os meus ancestrais,
De nossas terras originais,
Serão honrados?

CENA 03

Escapando para sala

Ainda na porta da escola.

YARA

Senhora, a senhora deve ser a diretora.

DIRETORA PEDRA

Sim, sou. Diretora Pedra Rosa Cavalcante.

YARA

Então, eu acredito que deva existir alguma lei, alguma questão que garanta minha filha entrar na escola com a exigência de sua religião.

DIRETORA PEDRA

Desconheço. O uniforme deve ser utilizado por todos, porque todos são iguais.

YARA

Não, não são.

DIRETORA PEDRA

O que a senhora está querendo insinuar?

Enquanto Yara e Pedra entram numa discussão interminável, Cecília se mantém de cabeça baixa e escuta alguém chamar a atenção dela. É Djavan, amigo de bairro.

DJAVAN

(sussurrando) Cilinha, ei! Venha por aqui.

Cecília aproveita que Yara deixou a esteira presa no portão e

vai com a esteira atrás de Djavan. O cenário gira ainda com a imagem de Pedra e Yara discutindo na porta da escola. Djavan e Cecília estão agora nos muros do fundo, há um buraco enorme no muro do colégio tampado por uma madeirite. Djavan afasta a madeira e aponta para ela.

DJAVAN

Entra por aqui.

CECÍLIA

Fácil assim?

DJAVAN

É, o Domingos nunca sabe direito quem entra e quem sai da escola por causa disso.

Eles entra pelos fundos da escola. O muro some de cena e passeando agora por dentro dela, os dois conversam.

DJAVAN

Ci, o que tá acontecendo?

CECÍLIA

Eu não posso falar muito alto e nem levantar as vistas. Fiz o santo há pouco tempo.

DJAVAN

Me perdoe, mas eu não sei como é. Meus pais são católicos. Nem sei pra que lado vai qualquer outra religião.

CECÍLIA

É renascer, nascer para o Orixá! É poder ter uma nova chance na vida. Olhar as coisas com outro olhar. É bom, eu gostei de ter feito. Por enquanto estou de quelé...

DJAVAN

Que o quê?

CECÍLIA

Quelé, Djavan, a joia do meu Orixá. É como ter um diamante no pescoço. É puro e de valor.

DJAVAN

Ah, posso tocar?

CECÍLIA

Não! Ela é sagrada, é meu cordão umbilical com Yemanjá.

DJAVAN

Ah entendi. É como a Mãe da gente, que fica guardando o cordão umbilical da gente por um tempo. Você guarda enrolado no pescoço? Desculpe.

Djavan olha para Cecilia. Seus olhos dançam como se só existissem os dois. Em instantes seus rostos são levados como se fosse para um beijo. Cecília interrompe com uma das mãos e faz sinal que não pode em respeito a jóia.

DJAVAN

E, não pode isso também?

CECÍLIA

Com a joia no pescoço, não.

DJAVAN

E quando você tira?

CECÍLIA

Para, Djavan (Faz cara de sem graça.)

No corredor da escola, Fabi aparece falando e se amostrando para todo mundo.

FABI

CHEGUEI, VIU! E NUM TÔ BOA! Cecília, nega, final-

mente você veio pra escola do bairro. Esse negócio de estudar longe não tá com nada. Venha cá pra eu te dar um xero!

Cecília faz sinal que não pode.

CECÍLIA

Não posso abraçar ainda. Não terminei o resguardo.

FABI

Relaxe, miga! Eu sei! Esqueceu que sou do babado também?!(**Fabi mostra a conta de Oxum**) Daqui a pouco você vai abraçar todo mundo! Só não esqueça de mim, viu, bicha!

No fundo do corredor, a professora Juliana está andando em direção ao trio.

FABI

Ói, deixe eu ir antes da Bruxa chegar aqui e encher o saco. Vamo entrar logo na sala, vamo?

Cecília faz um riso contido e todos entram na sala de aula. Professora Juliana chega à sala. A aula começa e os alunos, obviamente, estão fazendo barulho. Cecília coloca a esteira em um canto da sala e se senta nela.

PROFA. JULIANA

Bom dia, turma! Olha a chamada. Favor, fazer silêncio que eu reprovei três por falta ano passado só porque não ouvi o presente! (**A turma fica em silêncio. E seus respectivos presentes são dados ao largo de cada chamada dela**) Ana, Bianca, Carlos, Cecília...

Juliana, ao reparar onde está Cecília, vai até ela.

JULIANA

Onde se viu? Sentada na esteira. Oxente, garota! Levante!

CECÍLIA

(**respeitosa**) Professora, sinto muito, mas não posso. Estou cumprindo resguardo religioso. Devo obediência a Oxalá e Yemanjá.

JULIANA

Hum, eu sei qual o tipo de obediência que você deve na sala de aula. Bora! Saia daí!

Juliana puxa Cecília pelo braço a fim de fazer ela sair da esteira. Cecília começa a passar mal e sentir tonturas.

JULIANA

Vixe, o caso é sério (**faz sinal da cruz**). Vai pra Diretoria agora para ver se chama sua Mãe para termos uma conversa.

Juliana leva Cecília passando mal e, ao chegar no corredor da porta da diretoria, percebe uma movimentação lá fora e vai ver do que se trata

JULIANA

Fique aqui sentada que eu volto! (**sai tentando entender o que está acontecendo.**)

Fabi pela janela da sala.

FABI

Mona! Ci! Aqui ó! Tudo bem aí? Quer ajuda?

CECÍLIA

Eu quero ir embora. Não posso passar por isso.

FABI

Eu sei, por isso estou aqui. Não pode se exaltar assim. Você precisa de calma. Peraí que vou tentar te ajudar.

Fabi, ao ver uma mulher se aproximando, faz sinal para Cecília perceber e sai da janela. Quem chega é Helenice, a nova Diretora. Ela encontra Cecília.

HELENICE

(entregando um copo de plástico) Oh, minha filha. Beba uma água.

Cecília faz sinal que não pode porque é de plástico.

HELENICE

Fica tranquila, Oyá não te abandonou. Você é Yawo, né? Tá novinha, eu percebi. Meu nome é Helenice. Sou a nova Diretora da Escola. Já soube da confusão na porta da escola. Sua mãe já foi pra casa. A Professora Pedra não está mais a frente da Escola.

CECÍLIA

Como assim?

HELENICE

Está na hora de você entender que algumas pessoas por teimosia acabam tendo que aprender da forma mais dura certas coisas. **(Helenice faz sinal que está falando da diretora Pedra.)** Você chegou justamente na hora que ele estava passando o cargo pra mim e quis fazer seu veredicto final. Mas com meu povo, não, né?

Cecília faz sinal de afirmativo.

HELENICE

Fique tranquila, você não está sozinha.

Helenice se dirige até a mesa, pega um livro na caixa e entrega a Cecília.

HELENICE

Cheguei hoje também, mas sei que não é à toa que Orixá me trouxe você! Leve e leia. Volte segunda. Você já passou por muita coisa hoje. Tente descansar seu Orí. Que minha Mãe Oyá lhe traga ventos leves.

Cecília aceita o livro com um sorriso nos olhos. Cecília pede a benção.

HELENICE

Minha mãe que lhe abençoe.

CECÍLIA

Obrigada. Não estava sendo um dia fácil.

HELENICE

Chamarei sua mãe depois. Descanse um pouco, você precisa ter calma. O Mar tem que ser calmo quando precisa e revoltado quando necessário. Você aprenderá quando cada coisa é necessária ao seu tempo.

CENA 04

Voltando pra casa/Conversa durante o jantar

É noite. Cecília está em casa com sua mãe para o jantar. Cecília tira o torço da cabeça oferece a comida para Mãe e para a plateia.

CECÍLIA

A jeun!

YARA

A jeun má!

Cecília começa a se alimentar sentada a esteira.

YARA

Filha, o que foi aquilo hoje na escola? Absurdo! Eu só me contive porque você não pode passar por emoções fortes.

CECÍLIA

Sim, Mainha. A senhora me disse.

YARA

Não me admira ter sido chamada na Diretoria pelo jeito que você estava. E como poderia ser diferente? Aquela diretora dura feito pedra, o nome dela já diz tudo. O porteiro, coitado, segue ordens que não respeitam ninguém. “Um padrão Escola Maria Quitéria”. Ah, que é que é isso! Um colégio de periferia falar de padrão escolar...

CECÍLIA

Mainha, hoje eu passei mal porque a professora não aceitou que eu ficasse na esteira. Disse que era pra eu sentar na cadeira.

YARA

Você explicou?

CECÍLIA

Eu tentei, mas nem deu tempo. A única coisa boa que aconteceu foi poder ver meus amigos e ter ganhado um livro de presente.

YARA

Livro?

CECÍLIA

Sim, a nova Diretora me deu hoje.

YARA

Ah, aquela senhora que me chamou é a nova Diretora?

CECÍLIA

Sim, mainha. Ela é do Axé. Foi a única que cuidou de mim lá dentro. O livro tá na mochila. A senhora lê para mim?

YARA

Você já é quase, adulta, mulher.

CECÍLIA

Eu gosto de ouvir sua voz cantando, lendo. Me ajuda a dormir e a sonhar.

YARA

Lindona, faço sim.

Após o café, Yara pega o livro e Cecilia abre a esteira. Cecilia deita com a cabeça no colo de sua Mãe. Yara abre o livro e começa a ler. Enquanto a lenda é contada, os fundo, os outros atores encenam-a, como se fosse um sonho para Cecília.

YARA

(lendo) “Certo dia, Oxalá queria ver Xangô. Oxalá consultou o Ifá para saber se era seguro ir. Ifá disse que não era seguro e poderia ter percalços.

Oxalá decidiu assim mesmo ir, pois era determinado e teimoso.

Ifá então pediu que levasse três mudas de roupa e não pa-

rasse para falar com ninguém. E se algo der errado, fique em silêncio.

Só que no caminho ele viu um velho. Ele parou e o ajudou e seguiu sujo de carvão, pois o velho era o Exu que lhe pregou uma peça.

Foi ao rio e se banhou. Trocou de roupa e voltou a caminhada.

Novamente, encontrou uma criança que queria ajudar para empurrar um barril. Acabou sendo sujo novamente por Exu.

Voltou ao rio e se banhou. Ao sair, viu os cavalos de Xangô e pensou em ajudar a levar para seu reino, pois já estava perto da casa de Xangô.

Seus soldados não o reconheceram e o prenderam por 7 anos.

Nestes sete anos, nada crescia, nascia ou morria. Xangô desesperado pediu ajuda ao Ifã que, humildemente, pediu que fosse liberto todos os prisioneiros.

Assim, Oxalá foi solto e Yemanjá, ao perceber que se tratava de seu marido, chorou e perguntou a Xangô como deixaram chegar a esse ponto?

Então como gesto de misericórdia e perdão, Xangô pediu que todos da aldeia carregassem água e lavassem Oxalá como um pedido de misericórdia por terem o aprisionado. Assim nasceram as Águas de Oxalá como forma de pedir perdão a ele e nos limpar para o novo ciclo de festas.

A encenação ao fundo cessa. Yara fecha o livro e Cecília fica muito

pensativa.

CECÍLIA

Mãe, o que será que a diretora quis me dizer com essa lenda. Estou confusa. Tá, acho que sou teimosa como Oxalá, mas o que será que ela quiser pra mim? Ela nem me conhece direito.

YARA

Filha, Orixá não faz nada à toa. Ela quer te ensinar a ter força. Às vezes, o silêncio e a sabedoria ajudam a encontrar soluções. Nem sempre com a força se vence uma guerra. Use o seu Orí! Use a inteligência de Yemanjá que venceu um exército. Você também vencerá!

Cecília permanece na esteira com a cabeça no colo da Mãe.

CECÍLIA

Porque diz isso?

YARA

Agora... Você, por exemplo, nasceu de um amor impossível. Seu Pai me amava e te amava também, mas, por imposição da família, me abandonou. Nunca te registrou e eu me tornei mãe cedo. A intolerância e o preconceito não vem de hoje. Entenda que, apesar de tudo, a culpa não foi sua.

Cecília começa a chorar.

YARA

Ei, ei, ei. Não pode chorar, viu! Faz mal para você. Você tem que sorrir. Pois, você veio e me ensinou a ser forte. Já se perguntou porque te coloquei o nome que você tem?

CECÍLIA

Não.

YARA

Você se chama Cecília por que significa “aquela que não vê”, mas também é “sabedoria”. Te coloquei este nome porque quero que você não veja só o lado ruim das coisas. Você tem uma vida tão linda pra viver. Eu não queria ter de ver você passar por um episódio como o de hoje, mas se passou, acredite que é para ganhar algo. Vamos terminar o café. pois amanhã você vai caminhar com mais força! Vai ver só.

Cecilia volta para a posição do café e Yara se levanta.

YARA

Vamos terminar o café e dormir.

Yara e Cecilia batem paó.

Cecilia tira o prato e a caneca enquanto Yara pega e tira a esteira.

CENA 05

Terreiro/ Queda do quelê

No terreiro, algumas mulheres dançam e cantam para Yemanjá.
Mãe Nicinha puxa a cantiga.

MÃE NICINHA

Ê nijé nilé lodô
Yemanjá ô
Acota pê lê dê
Iyá orô miô

Enquanto as Mulheres dançam. Yemanjá responde. Todas se reúnem e em círculo cobrem a Mãe de santo e Cecília. Enquanto a Yá tira a joia, todos estão de pé. Quando a joia é retirada, todas reverenciam Yemanjá e se abaixam.

MULHERES

Odoya! Eruya Odoya!

MÃE NICINHA

Odoya, minha mãe. Dê a sua filha a sabedoria de que precisa. As águas contornam pra vencer barreiras, mas, se for preciso, as águas derrubam muros pra fazer ela chegar aonde se deve. Ori ô ori ô. Dê um orí firme e próspero a sua filha.

Yemanjá dá seu ilá.

Yemanjá a sauda, bate cabeça e afirma que fará o que foi pedido. Enquanto Yemanjá dança, as filhas de santo cantam:

MULHERES

(canto)

Yemanjá orí orí lé Yemanjá ori ori lé ó Yemanjá ori orilé
Yemanjá.

As luzes se apagam com o corte da espada de Yemanjá para o alto.

CENA 06

De manhã em casa

Cecília está de branco na frente do espelho, se admirando. Começa a cantar:

CECÍLIA

Sou feita de sonhos,
 sou feita de mar.
 Correntes e muros não vão me aprisionar.
 Não tente, não tente me enquadrar.
 Eu não sou brinquedo
 para me adequar.
 Sou filha das águas
 nem tente calar.
 Eu sou filha das águas
 nem tente calar.
 Podem tentar,
 podem aprisionar.
 Quem pode com as águas?
 Quem poderá?
 Pode tentar, pode tentar.
 Quem pode com as águas? Quem poderá?
 Assim como os ventos mudam
 Tudo mudará.

Ao longo da canção, Yara aparece num canto do palco e observa a filha se olhando no espelho. As luzes mudam e Cecilia dança pelo espaço. Enquanto canta e dança, Oya, Oxum e Yemanjá entram em cena para dançar com ela.

YARA

(ao final da canção) Somos mais fortes do que dizem que somos. Muito mais valentes do que pensam. Nossa atual situação não é boa, mas tenha certeza que isso mudará! Oh se vai!

Cecilia continua cantando em meio as Yabas.

CECÍLIA

Podem tentar,

podem aprisionar.
Mas quem pode com as águas?
Quem poderá?
Pode tentar, pode tentar
Quem pode com as águas?
Quem poderá?
Assim como os ventos mudam
Tudo mudará.

Ao final da cena, é Yara quem dança com Cecília e as Yabás assistem.

CENA 07

Segunda-feira

Na sala de aula, entra a Professora Juliana e dá falta da filha.

JULIANA

Bom dia, todos! Onde está Sara?!

DJAVAN

Deve tá na esbórnia, digo igreja.

Todos riem e alguns ficam cochichando. Juliana colta um grito que cala a todos, Cecília não percebe e dá uma última risada. Juliana se dirige a Cecília e observa sua roupa dos pés a cabeça.

JULIANA

Tanto fez que conseguiu, né? Veremos até onde sua rebel-
dia vai.

CECÍLIA

Não é rebeldi...

FABI

(interrompendo) Falando nisso, olha quem chegou.

Sara chega na sala cambaleando de sono e com glitter no rosto.

SARA

Bença, mainha. Tô quebrada.

Juliana pega a filha pelo braço discretamente e a leva para um canto. As duas conversam envergonhadas e falando baixo.

JULIANA

Isso é hora de chegar? Como terei moral se você me fez passar vergonha? O que é isso que aconteceu com você?

SARA

Ô, Mainha, fui com as meninas, me chamaram pra vigília. Não sei como fiquei assim!

JULIANA

Como é?

A turma toda está prestando atenção na conversa. Juliana vira o rosto e percebe a atenção dos jovens.

DJAVAN

Ô pró, vai ter aula ou virou caso de família? Vou ter que chamar Bocão pra resolver?

FABI

Ó Dja, se quiser, tenho o zap de Marcelo Castro. (Fabi faz um sinal pra turma) Meu crush e ele nem sabe. (E dá uma piscadinha.)

SARA

Fabi, não se mete que a conversa não chegou no galinheiro!

Fabi se levanta.

FABI

Fabi, não! Pra você, meu bem, é Fabiane Ercinecreide Vecadrane de Burbon de Háháhá de Raio laser de Souza Smith. Pros íntimos é Fabi. Você, de íntima, só se for da nota de 3 reais. Tão falsa como você.

Professora Juliana segura Sara que tenta avançar pra cima de Fabi. Sara está tão cansada que na pegada da mãe, cai de sono. Djavan ri muito alto.

JULIANA

Menino, se feche, que a conversa não chegou aí.

DJAVAN

Oh, ainda bem, porque os podres se conta em casa!

JULIANA

Como é isso, Djavan? Não entendi.

FABI

Fessora, a Sara tava era no brega! Diz que tá na vigília, mas que eu saiba vigília não tem macho pra namorar e não tem vinho. Essa vigília aí tá diferente.

CECÍLIA

Professora, porque ela pode ter essa liberdade? Eu desde que entrei na escola fui pedida para seguir as regras. Pelo que vejo, nem todo mundo tem a obrigação de segui-las.

FABI

Sabe não, Ci? Ela é filha da Professora, sobrinha da Diretora. Agora você entende as M&M?

CECÍLIA

Hã?

FABI

Mordomias e Marmotagens. Essa daí, de coitada não tem nada! Até o raio x entrega a peça. (ri)

CECÍLIA

Hum, entendi tudo agora. É por isso que as coisas estão como estão. Respeito às diferenças só existe no papel. E olha que nem tô falando do respeito ao meu axé.

FABI

É por isso que essa escola tá esse mangue!

JULIANA

Como é isso, Sara?

A Diretora Helenice chega na sala.

HELENICE

Oxente, o que tá acontecendo? Deu para ouvir da diretoria! Quê isso! Qual o problema? (olha para Cecília checando se está tudo bem com ela)

JULIANA

(com desdém) Classe, essa é a nova Diretora da Escola. A professora Pedra voltará a ensinar Geografia para vocês.

A classe resmunga

DJAVAN

Poxa, Logo agora! Tava até gostando da Pró Harilda.

HELENICE

Classe, entendo que já estavam em uma rotina. Professora

Harilda permanecerá por aqui, vocês a encontrarão pelos corredores. A Professora Pedra irá permanecer provisoriamente nesta escola até segunda ordem da Secretária de Educação.

CECÍLIA

Como assim?

HELENICE

Existiu uma queixa na ouvidoria e a professora está em processo. Por enquanto, ela ficará na escola lecionando aulas de Geografia, mas sua transferência de unidade já foi pedido pela própria. Professora Juliana, passa na minha mesa para me esclarecer algumas coisas, por favor.

A turma começa a fazer burburinho

CECÍLIA

Diretora...

HELENICE

Sim?

CECÍLIA

Antes da senhora sair, por favor, me explique por que Sara tem mais regalias que qualquer outra aqui nesta escola?

HELENICE

E tem? Se tinha, não tem mais!

A classe ri e professora Juliana fica furiosa e constrangida

JULIANA

Minha filha nunca teve regalias, ela chega atrasada às vezes por conta de vigílias religiosas.

CECÍLIA

E eu entrar com minha roupa branca toda engomadinha é errado. Como assim?

HELENICE

Conforme a Lei n.º 7.716, é um crime recusar, negar ou impedir a inscrição, ou ingresso de aluno em estabelecimento de ensino público, ou privado de qualquer grau.

JULIANA

Pode entrar, mas tem que seguir as regras do estabelecimento. Onde já se viu.

CECÍLIA

Regra pra quem? De que adianta a Sara estar fardada e neste estado. Olha pra isso, cheia de glitter na cara.

FABI

Era vigília ou parada gay?

JULIANA

O senhor Jesus é alegria.

CECÍLIA

O senhor Exu também, professora.

HELENICE

Vamos parar, por favor! O que devemos saber é que eu se souber Cecília ou qualquer outra aluna foi impedida de estudar por que não é da mesma religião que muitos aqui, serei obrigada a denunciar.

JULIANA

A escola virou um manguê mesmo.

HELENICE

Inclusive, posso aplicar agora uma advertência verbal se eu sentir que existe certo racismo religioso neste manguê.

Entendeu, Professora Juliana?

A turma toda faz bochicho.

DJAVAN

Rapaz, a diretora nova é miseravona.

Pedra entra na sala.

PEDRA

Olha, eu vim saber que baru... (**Pedra olha para Cecília na esteira**) É colônia de férias, sentada numa esteira?

HELENICE

Se você continuar com esse tom, terei que avisar a Polícia e ficará difícil te defender. Sentada numa esteira por preconceitos religiosos e não por estar em uma colônia de férias.

JULIANA

Já pensou se todo mundo quiser impor seu modo de ser?

HELENICE

Que mundo lindo teríamos. Porque sua aula fica ameaçada com a presença de uma pessoa sentada fora de uma cadeira?

JULIANA

Eu penso nela. Vai atrapalhar na concentração.

HELENICE

E quem disse? Você estudou?

JULIANA

(mentindo) Sim.

HELENICE

Então sabe que uma das formas que muitos povos indígenas estudam? É numa rede ou esteira. Respeite a menina. Cada canto do país tem seu jeito, sua cultura e sua forma de ensinar. Devemos buscar respeitar o outro para podermos merecer ser respeitados.

PEDRA

Eu vou pegar aula com vocês amanhã, se eu ver essa baderna, teremos problemas.

HELENICE

Já temos problemas demais, não é, professora Pedra? Por favor, volte para a sua aula na outra turma.

Pedra se sente afrontada, resmunga e sai.

HELENICE

Ah, Sara vem com sua mãe para minha sala, por favor.

SARA

Eu? Eu tô com sono.

JULIANA

Vou finalizar a aula e já vou. Sara, acompanhe a diretora.

SARA

Mas mãe...

JULIANA

Por favor...

Sara sai resmungando enquanto Juliana fica sem graça para retomar a aula.

JULIANA

Depois dessa, cês vão pra casa que é melhor! A aula está

encerrada. (a turma vai saindo) Cecília, espere!

Cecilia fica apreensiva com a atitude de Juliana

JULIANA

Me desculpe pela situação. Sei que não tenho direito de pedir nada. Podemos recomeçar?

CECÍLIA

Sim, pró, podemos sim. Sua filha tem a minha idade. Ela merece respeito, liberdade e eu também.

JULIANA

Verdade. Vocês têm a mesma idade.

CECÍLIA

Pró, eu nem sei qual a sua religião, de fato. Mas dá pra sermos irmãos. E sobre sua filha, pergunte a ela de qual religião ela quer ser.

JULIANA

Sua mãe...

CECÍLIA

Minha mãe esperou eu crescer para que eu escolhesse me iniciar no axé se eu quisesse. E eu estou muito feliz nele. Procure saber se sua filha está feliz na sua igreja. Vocês merecem ser amigas.

JULIANA

Ai, é coisa demais para um dia só. Vou pensar.

CECÍLIA

Posso ir?

JULIANA

Claro.

Cena 08

Saída da Escola.

Cecília nem bem saiu da sala e Fabi e Djavan já a abordam.

FABI

Menina, que babado foi aquele com a Pró Julibrega?

DJAVAN

Rapaz, qual foi? Eu não entendi nada ali.

CECÍLIA

Como vocês sabem disso?

FABI E DJAVAN

A gente viu pela greta da janela.

CECÍLIA

Fofoqueiros! Ai, gente, eu aprendi que uma guerra não se vence com força. Se vence com sabedoria.

FABI

Ai, que madura! Eu queria era bem jogar uma pomba nela.

Os três riem juntos.

CECÍLIA

A gente aprende que o silêncio em muitos casos diz mais do que um grito. E que um olhar pode dizer tudo.

DJAVAN

Eu concordo que um olhar pode dizer tudo.

Os dois se olham meio apaixonados.

FABI

Ói, vou na frente que eu não sou vela, viu! Já fui, banda Mel!

Fabi sai. Cecília e Djavan riem da amiga atrapalhada.

CECÍLIA

Hoje foi um dia de fortes emoções.

DJAVAN

Fortes e boas que ficarão pra sempre, se depender de mim.
Tchau, seu Domingos.

Cecília olha bem pra seu Domingos na portaria da escola.

PORTEIRO DOMINGOS

Tchau. Menina Cecília, fico feliz que tenha conseguido entrar sem problemas.

CECÍLIA

Brigado. Nada como ter uma gestora que entende coisa da gente.

PORTEIRO DOMINGOS

A diretora nova? Ela é...

CECÍLIA

Do axé.

PORTEIRO DOMINGOS

Que maravilha! Vou mostrar uma coisa pra vocês.

Seu Domingos abre um pedaço da blusa e mostra uma conta de Exu por debaixo da farda para os dois meninos.

DJAVAN

Me mostrar um colar, seu Domingos?

CECÍLIA

Ih, já vi que vou ter que te ensinar muito, viu! É uma conta de Exu. Que Oxalá te guarde, seu Domingos.

PORTEIRO DOMINGOS

Axé.

Os dois adolescente saem rindo e se olhando. O portão da escola fecha.

DJAVAN

Você está sem a joia, né?

CECÍLIA

Hum, percebeu, foi?

DJAVAN

Eu tô há muito tempo esperando por isso.

CECÍLIA

Mas vai ter que esperar um pouquinho mais.

DJAVAN

Não tem problema, eu sou ótimo e paciente.

Entra um verdadeiro siré no palco. Todos dançam ao som do Ijexá de Oxum e vão colorindo a roupa de Cecília. A coreografia representa uma grande passagem de tempo. No final da coreografia, é importante que Cecília já não esteja mais de branco. Cecília e Djavan se beijam.

FIM

RISOFLORA

Texto de Moisés A. Neuma

A famosa **fábula** do Barba-Azul revisitada e atualizada. Nesta narrativa, Crioula torna-se esposa de Barba Azul, mas a proibição da visita de um cômodo de seu palácio a coloca cheia de dúvidas.

PERSONAGENS

CRIOULA / RISOFLORA.
ONÇA/GAVIÃO.
BARBA-AZUL.
MÃE.
MULHER CONGELADA.
NAMORADO.
FEIRANTE/ MORDOMO.
CONTRABANDISTA.
CHAVEIRO.
MODISTA.
DAMA DA SOCIEDADE.
HOMEM DA SOCIEDADE.

CENÁRIO

FLORESTA;
SALA DO PALÁCIO DO BARBA-AZUL;
FRIGORÍFICO DO PALÁCIO DO BARBA-AZUL;
UMA VILA REPRESENTANDO A CIDADE E OS COMER-
CIANTES LOCAIS.

APRESENTAÇÃO

Por Daniel Arcades

Foi no processo de residência, mas no horário do almoço, sentados à mesa da sala de aula ao ar livre da grande Ebômi Cici de Oxalá, dentro da Fundação Pierre Verger, que percebi a grande sensibilidade de Moisés. Apesar de estarmos numa era em que artista é confundido com celebridade e vice-versa, acredito no artista porque antes de qualquer coisa, acredito na figura humana e não consigo dissociar o sujeito da sua arte. Moisés me mostrou vários lugares em comuns que frequentamos, mas nunca tínhamos nos batido: a produtora de audiovisual onde trabalho, sua esposa atriz e já trabalhou com meu esposo, um vídeo produzido por ele há alguns anos com textos de peças minhas... calhou de nosso primeiro papo fora da sala da residência ter sido nesta mesa que já ouviu histórias das maiores griôs de nossa terra. A arte de Moisés é preenchida de uma visão de mundo muito madura e muito responsável. Em nossa conversa, falamos de produção local, de trabalhadores compromissados com o meio ambiente e sobre utopias e realidades. Moisés também justificou faltar um de nossos encontros justamente por estar indo filmar em uma comunidade indígena do interior da Bahia. Estava ansioso para saber qual o caminho escolhido por sua dramaturgia. No final da segunda fase, eis a revelação: uma versão do Barba-Azul.

Confesso que não esperava que a proposta vinda dele seria fazer um texto teatral de um clássico conto infantil francês, popularizado pela caneta de Charles Perrault, mas se tem uma coisa que eu acredito é na maneira como se faz, e esperei Moisés fazer. E como fez lindamente.

A começar pelo título: não é mais o nobre protagonista o personagem a dar nome à trama, mas sim sua esposa. Risoflora não está na peça em nome, mas o fato de seu título ser relativo a um gênero botânico, entendemos que a nossa protagonista, Crioula, é uma semente que germinará, que fará sua jornada

e como boa trama clássica, passará por uma forte transformação. A fábula reescrita pelo autor tem tantos elementos revelados naquela simples conversa pós-almoço: as rimas no texto que me lembram nosso teatro popular, nosso cordel e diversas manifestações artísticas de meio de feira, de rua; a presença da mística Onça, nossa Caetana da literatura, como carinhosamente chamamos a morte; o uso do trecho de uma canção composta por uma liderança indígena para um momento importante da trama, enfim, são diversos elementos que faz desta recomposição do clássico tudo que um artista deve fazer: transformar o mundo, lançar um novo olhar sobre as coisas e nos encher de encanto.

Risoflora já se apresenta como um sonho nordestino e tenho certeza que essa versão não abandona a tradição, mas é a mais contemporânea e mais adequada para uma encenação em pleno século XXI.

ATO I

CENA 1

Cenário: Uma Floresta atlântica de árvores altas, alguma luz passa das copas das árvores para o chão.

A Onça ronda no matagal circula pelo palco em uma dança. É um animal gigantesco, belo e temível. A luz da tocha da Mãe caçadora se aproxima. A onça camufla-se nos arbustos.

MÃE

Crioula. Crioula!

A mãe entra no palco com a tocha em mãos.

MÃE

Crioula! A mata não vai te tragar, filha.

A onça se atíça, sem sair de seu esconderijo.

MÃE

És tu predadora? Sou caçadora e busco minha cria.

ONÇA

És tu bicho mulher? Aparta-se daqui com esse fogo que me ofende. Tu criaste filho para o mundo. O teu filhote nu e frágil é presa fácil.

MÃE

Crioula carrega para o ninho um ovo que rolou a serra, tenha dó ela tem boa intenção.

ONÇA

Já farejei a refeição. Fogo é tua única proteção e vai com o vento, vai na chuva, tua proteção não dura.

MÃE

Onça de coração duro nunca foi mãe?

ONÇA

Mãe? Que bicho é mãe? Teu filhote entrou na mata para levar um ovo ao ninho ao invés de aproveitar a refeição. Tu deu mal criação.

A onça sai do arbusto atacando a Mãe, mas foge diante do fogo da tocha. Onça sai do palco.

MÃE

Crioula teimosa tu corres o perigo maior do mundo.

A Mãe sai do palco.

CENA 2

Em outro ponto da mata, tem um local primaveril. Um ninho de passarinho iluminado pelo sol. Crioula entra falando com um ovo dentro de um chapéu.

CRIOULA

Veja outra curindiba, pau pólvora. Planta do bredo e embaúba. Se a jurema cresce significa que essa terra se cura. Aprenda ovinho, filhote de passarinho tem que conhecer a mata que avúa.

Crioula coloca o chapéu na cabeça com cuidado para não quebrar o ovo. Crioula sobe na árvore e olha dentro do ninho.

CRIOULA

Que ave é essa que o ovo caiu do ninho e rolou sem quebrar? É uma ave de sorte, posso apostar. Tem mais dois ovos irmãos, não será filha única como eu.

Onça entra no palco, e fala de trás de um arbusto.

ONÇA

Crioula. Tua mãe te procura. Larga a mão de empreitada.
(Crise de tosse)

Onça sai do esconderijo.

CRIOULA

A onça? Não posso confiar. Fica longe, vai para lá.

ONÇA

Pobre de mim, só tento ajudar. Desça daí, que te dou o recado.

CRIOULA

Já recebi, obrigada. Meu cuidado é minha Mainha esperar.

ONÇA

(ri, engasga e tosse) Tenho algo preso na garganta, um bolo que não desce. Deve ter sido algo que comi em outra vida, acontece.

CRIOULA

A embaúba é boa para a garganta.

ONÇA

Os ovos desse ninho você matou quando aí subiu. Esse ovo não caiu, foi derrubado. Na disciplina da mata, dois filhos

nascem, outro come, o equilíbrio dado. Porém agora, com o seu cheiro marcado, o prêmio do predador será triplicado.

CRIOULA

A mãe natureza vai ter cuidado.

ONÇA

Desce daí e tira o que está na minha garganta entalado.

CRIOULA

Não desço, conheço que quer me devorar.

ONÇA

Nesse caso, tenha bom dia. Vou esperar que a morte venha me buscar. Uma Onça que tosse, quem já viu? Vou capotar.

CRIOULA

Tenha cuidado não, vou ajudar.

Crioula desce da árvore.

ONÇA

Vá fundo e cuidadosa para a língua não coçar. Procure a laringe e evite o palato, é na traqueia que trava a trave. Lubrifique a mão na saliva que amacia a carne.

CRIOULA

Cuidado com esse canino afiado, esse molar trucado, cuide da mandíbula não fechar.

ONÇA

A carne de menina jovem é ossuda cheia de cotovelo e joelho me dá mal-estar.

A onça abra a boca e Crioula enfia a mão e sua garganta.

MÃE

(ainda fora do palco) Crioula! A onça quer te pegar.

Crioula cai para trás. Com um rugido, a onça tenta pegar com as garras e com a boca.

A mãe entra de tocha na mão e a onça recua.

MÃE

Vai de retro, coisa ruim.

ONÇA

Algo saiu de mim.

CRIOULA

Você me enganou onça, ia me devorar.

ONÇA

Sou onça selvagem e cruel, aprenda a lição.

Crioula ergue uma chave.

CRIOULA

Uma chave.

ONÇA

A chave é teu pagamento. Nada lhe devo nem me deves mais.

MÃE

Xô, vai pra trás.

A onça sai.

Crioula e a Mãe se abraçam.

MÃE

Menina danada, é cada susto que tu me dá, merecia uma pisada.

CRIOULA

Mainha, o ovo corre perigo.

MÃE

Em perigo o ovo que rolou montanha abaixo já estava. De três dores, a mãe pássaro colocou sua ninhada e com ela deve ficar.

CRIOULA

Repare aqui o que tirei da garganta da onça.

Crioula mostra a chave.

MÃE

Valei-me cristo, que ser tua mãe é missão difícil. Joga isso no mato, menina.

CRIOULA

Essa chave quase me custou os dedos.

MÃE

Crioula, essa chave é do fidalgo Barba Azul que manda na cidade. Essa chave é do Barba-azul, conheço pelo brasão. Sacuda isso no mato.

CRIOULA

Sacudo nada.

MÃE

O homem tem um barbão azul comprido.

CRIOULA

Barba-azul.

MÃE

Os olhos fundos, sobrancelhas de lobo velho. Mãos enormes de urso sujo. Caça os bichos para arrancar-lhes o pelo. É rico e abastado nasceu com sorte, fidalgo. Vive acampado pela mata. Escalpelar bicho é seu esporte. Na feira ouvi, que a pele da onça ele deseja.

CRIOULA

Vive sozinho na mata, coitado. É sozinho.

MÃE

Não tenha pena do homem Crioula. Do homem tenha cuidado.

Mãe e filha saem de cena.

CENA 3

Os feirantes entram com os elementos para montar a feira. Os feirantes têm caixas, cestos e sacos. O contrabandista tem gaiolas e armadilhas.

Crioula e Mãe entram arrastando suas malas abarrotadas.

CRIOULA

Mainha, não estamos bem aqui. Vamos voltar a mata que é melhor que a cidade.

MÃE

Fique aí de olhos nas malas por bondade. Tu já és bem moça, tenha responsabilidade.

Mãe aproxima-se da barraca do Feirante.

FEIRANTE

Caso a senhora não tenha vindo me pagar é melhor nem conversar. Casa de aluguel é mercadoria que não pode parar.

MÃE

Sou uma viúva e o senhor não pode me deixar na rua.

Feirante dá as costas e finge arrumar suas mercadorias.
Mãe volta para perto de Crioula contendo as lágrimas.

CRIOULA

Mainha, não chore que eu soube me comportar vamos para a mata catar umas folhas de chá mó de a senhora se alegrar.

MÃE

Me alegra ter um dinheiro agora para o aluguel pagar.

Crioula mostra a chave.

CRIOULA

É fácil, vamos vender essa chave por um milhão, melhor, vamos vender por mil e quinhentos milhões.

Mãe pega a chave e volta ao Feirante.

MÃE

Isso vale alguma coisa certamente.

FEIRANTE

Vai para lá com isso, mulher, vai me prejudicar. Se Barba-azul descobre é capaz de te matar.

MÃE

Tem valor é peça rara. Com o dinheiro poderia lhe pagar.

FEIRANTE

Vá ao vendedor de gaiolas, ele é o contrabandista. Não coloque meu nome que não posso me sujar como vigarista.

CENA 4

O Contrabandista arruma suas gaiolas com pássaros ao redor de Crioula.

CONTRABANDISTA

Canário de briga, rolinha que sabe cantar. Venha já comprar.

CRIOULA

Que crime prender na terra quem pode voar.

CONTRABANDISTA

Esses bichos não voam, menina tola. Manso de gaiola na natureza não podem se virar.

CRIOULA

Pois, me venda todos que posso pagar.

Crioula **exibe a chave.**

CONTRABANDISTA

Por essa chave velha lhe dou um curió e olhe lá.

CRIOULA

Quem desdenha quer comprar.

CONTRABANDISTA

Lhe dou sete canários com cinquenta de torna. É pegar ou largar.

Crioula entrega a chave e solta os pássaros. O Contrabandista analisa a chave.

CONTRABANDISTA

Menina, isso pertence ao Barba-azul. Conheço que tu queres me desgraçar.

Contrabandista corre atrás de Crioula que tem a última gaiola nas mãos. É uma brincadeira de pega-pega. Crioula corre para a mãe que a defende com o corpo.

CONTRABANDISTA

Essa menina me enganou. Me vendeu mercadoria estragada e soltou meus passarinhos.

CRIOULA

O que é do céu não lhe pertence, nasceu para voar.

Contrabandista joga a chave no chão.

CONTRABANDISTA

Tu vai pagar, menina ousada com tu não vais te criar. Seu castigo Barba-azul vai lhe dar.

Contrabandista reconhece suas gaiolas e sai de cena. Crioula pega a chave.

MÃE

Mandei tu se aquietar.

CRIOULA

O que posso fazer se ele trocou e não quis levar? Eu só quis ajudar.

MÃE

Assim você vai me desgraçar.

Mãe pega a mala e sai irritada, Crioula a segue também com sua mala. Saem de cena.

CENA 5

É noite. Famílias ricas saem da igreja como em procissão. Na contramão, estão Mãe e Crioula com suas malas.

O Alto falante da igreja anuncia: "Ide em paz e que o senhor vos acompanhe.", e a cena segue uma música religiosa.

DAMA DA SOCIEDADE

Barba-azul espezinhou o Contrabandista.

HOMEM DA SOCIEDADE

Justo. Menos um vagabundo a sujar nossa sociedade.

DAMA DA SOCIEDADE

Não carecia tanta crueldade.

HOMEM DA SOCIEDADE

Barba-azul está tiririca porque perdeu sua chave. Pobre de quem estiver com ela. Esse ladrão vai cair na peia de verdade.

Homem e Dama saem de cena. A música religiosa para.
Mãe tira lençóis da mala e forra o chão.

MÃE

Vamos passar a noite aqui, para descansar da viagem.

CRIOULA

Se nós estivéssemos na mata tinha de teto as folhagens.

Mãe tira um pão da mala e divide com a filha.

CRIOULA

De que pássaro era aquele ovo tão sortudo que rolou serra a baixo?

MÃE

Pena que não era de galinha ou de codorna para nosso jantar. Talvez fosse de ave de rapina, gavião ou carcará. Urubu carniceiro, de repente.

CRIOULA

Pai ia saber.

MÃE

Teu falecido pai era tonto igual a você.

CRIOULA

Tonto é quem dorme na rua de uma cidade.

MÃE

Eu também já fui menina. Tu não sabes da missa a metade. Eu menina respeitava minha mãe, não era assim tão retada, atroada e presepeira. Eu que te pus no mundo não entendo sua vontade.

CRIOULA

Voltar à mata e viver de verdade. O ovo caiu do ninho, voltou para casa. Voltou para o céu também o passarinho. Eu também posso sair da minha dificuldade.

As luzes apagam e mãe e filha se deitam para dormir.

CENA 6

Ao som de tiros, acordam mãe e filha. Som de gritos, garrafas quebradas, cadeiras quebradas, janelas estouram.

CHAVEIRO

Lá vem Barba-azul na madrugada. Corre cambada.

O chaveiro entra cambaleando e cai no centro do palco.

Mãe e Crioula cobrem-se com o lençol.

Barba-azul entra no palco segurando uma garrafa de rum. Ele levanta o chaveiro pelo colarinho.

BARBA-AZUL

Dá minha chave, seu cabra safado.

CHAVEIRO

Barba-azul, por tudo que é mais sagrado, sou pai de uma filha. Injustamente fui acusado.

BARBA-AZUL

És o chaveiro da cidade, estou errado?

CHAVEIRO

De chave comum, de abrir porta, destrancar cadeado, tua chave é antiga de teu pai legado.

Barba-azul quebra a garrafa no chão e agarra o pescoço do chaveiro tirando-lhe o ar.

Crioula com o lençol na cabeça sai de seu canto.

MÃE

Volta, menina doida.

CRIOULA

Barba-azul tenha piedade. Eu sei onde está tua chave.

Barba-azul larga o Chaveiro que corre para fora da cena.

BARBA-AZUL

O rum ou a raiva corrói minha alma. Estou vendo malas-sombro. O que está dizendo assombração?

MÃE

Dizemos que vamos voltar à tumba, pois fizemos uma confusão. Assombramos a praça errada, não temos nada contigo. Tenha uma boa madrugada.

Mãe puxa Crioula. Crioula resiste e a Mãe lhe arranca o lençol.

CRIOULA

Eu sou Crioula da mata, recém chegada à cidade. Tenho uma chave que arranquei da boca da onça.

BARBA-AZUL

Se estiver mentindo, vai pagar.

CRIOULA

Lhe pagarei com a verdade sem medo de falhar.

Crioula mostra a chave e leva até Barba-azul. Ele pega a chave com cuidado. Analisa.

BARBA-AZUL

Crioula corajosa, muito mais valorosa que muitos homens borra-botas. Diga o que quer em troca.

CRIOULA

Moro com minha mãe na rua e não tenho onde cair morta.

BARBA-AZUL

Tua mãe é aquela fantasmagórica?

CRIOULA

De medo ela está coberta, somos apenas duas mulheres na labuta.

BARBA-AZUL

Não tema, senhora. Barba-azul não ataca quem não merece. Me fale da onça. Tirou a chave de sua boca quando dormia, tu és astuta.

CRIOULA

Não me peça para dar a única coisa que tenho para trocar. Cada segredo uma paga. Onde a onça dorme é um segredo a negociar.

Barba-azul se aproxima de Crioula e a encara nos olhos. A Mãe estremece e Crioula fica firme.

Barba-azul solta uma gargalhada.

BARBA-AZUL

Crioula, com essa coragem é capaz de colocar a mão na boca da onça acordada. Recolha suas coisas que vou lhe dar sua paga. Tenho muitas casas de herança na cidade para lhe dar morada. Traga sua Mãe, fique à vontade.

Todos saem de cena.

ATO II

CENA 7

Entra o feirante acompanhado de carregadores com caixas e cestos. O Feirante conta silenciosamente apontando o dedo para as mercadorias. O Feirante cantarola a marcha nupcial de Wagner. Entra o Namorado carregando muitos tecidos. Ele quase não consegue andar com o peso.

FEIRANTE

Ei, pião, cuidado com esses tecidos de exportação. São para uma grande ocasião.

O Namorado faz menção de colocar o fardo no chão.

FEIRANTE

Não seja doido de colocar isso no chão. Ponha aqui no balcão.

NAMORADO

Meu nome é Namorado, muito prazer. Eu represento a Namorado Confeção S.A. Trago um fino tecido colorido e o melhor tecido branco para o vestido.

FEIRANTE

Precisa ser chique, encomendei para a noiva que é como se fosse uma filha. Ela já foi minha inquilina. Sempre vi uma luz naquela menina.

NAMORADO

Parece conto de fadas. Uma menina pobre casar com fidalgo.

FEIRANTE

Muitos ficaram surpresos, mas eu sabia. Crioula nasceu para a fidalguia, eu sentia em seus traços e foi muito bem criada.

NAMORADO

E o noivo Barba-azul, as lendas de sua brabeza cortam o estado até a capital.

FEIRANTE

É um homem de forte temperamento. As pessoas dizem que não suporta casamento, surpresa que a Crioula o encantou. Ninguém achou que ele iria voltar a casar depois do que aconteceu com a antiga esposa.

NAMORADO

Tão jovem e já viúvo, lhe falta sorte.

FEIRANTE

Uma tragédia. Na época, fui dar um apoio ao Barba-azul, tentei lhe vender um caixão e serviço de velório com traslado para a capital. Mas Barba-azul se trancou em seu casamento sem dar satisfação se o corpo da mulher sumiu ou se ele enterrou no quintal. Nada de cerimônia nem nota no jornal. Sepultamento sem a presença da família e com discrição, ficou sendo a versão oficial.

Namorado e Feirante trocam um olhar.

FEIRANTE

Agora há de ser diferente. Chega de conversa, lá vem minha cliente, a mãe da noiva.

NAMORADO

Como é jovial.

A Mãe entra em cena agora vestida com roupas caras.

FEIRANTE

Minha querida amiga. Tenho ótimas notícias. Chegou o tecido do vestido de nossa Crioula.

A Mãe desdenhosa passa direto pelo Feirante e vai até o tecido.

FEIRANTE

Tecido estrangeiro digno de nossa princesa. Meu amigo comerciante me deu certeza.

NAMORADO

É um prazer, senhora. Sou o Namorado da Namorado Confecções S.A. Estou encantado.

MÃE

Espero que esteja tudo nos conformes, como foi pedido.

FEIRANTE

No combinado, Barba-azul pagou adiantado. Um casamento real é garantido.

MÃE

Traga o tecido branco para a modista se não quiser ver meu genro mal-humorado.

FEIRANTE

Quero lhe apresentar o Namorado.

NAMORADO

Seu criado.

MÃE

Minha filha não vai vestir qualquer mulambo usado.

FEIRANTE

(sussurrando) O mundo está mesmo mudado.

NAMORADO

Pensei que a noiva era a senhorita, tamanha tua formosura.

MÃE

Sou viúva, não arrumei homem da minha altura nesse vilarejo abandonado.

FEIRANTE

(sussurrando) Depois do primeiro banho, o sujo esquece do mal lavado.

MÃE

Estou atrasada para o ensaio do casamento. Vou caminhar.

NAMORADO

Vai precisar de braços fortes para carregar os pacotes, eu adoraria acompanhar.

FEIRANTE

(sussurrando) Ela vai te levar ao Barba-azul, tenha cuidado. Na volta, passe aqui para me contar como o noivo tem passado. Que em troca lhe darei um agrado.

Mãe sai de cena com o Namorado que carrega uns pacotes. Ele lhe oferece o braço para segurar, ela aceita.

CENA 8

A MODISTA entra e coloca um manequim vestido de noivo no meio

do palco.

Barba-azul e Crioula entram. Barba-azul está lendo um papel com as falas do casamento.

MODISTA

Os noivos mais lindos que eu já vi na minha carreira de modista. Já imagino o dia da cerimônia entrando na igreja como artista.

CRIOULA

Vai ficar elegante.

BARBA-AZUL

Não vou me vestir assim. O velho fraque de meu pai ainda deve caber em mim.

Modista tira as medidas do Barba-azul com uma fita métrica.

CRIOULA

Combinamos o casório como manda o figurino, não pode ficar arrependido.

MODISTA

E ainda temos os padrinhos, os docinhos e o cerimonial.

BARBA-AZUL

É primavera, ano passado eu já estava a caminho da caçada.

CRIOULA

Todo ano tem primavera, uma estação não vai te fazer falta.

Modista coloca uma gravata em Barba-azul.

MODISTA

Tapete vermelho na parede cetim. Rosas brancas para a igreja, copos de leite para a mesa de convidados.

BARBA-AZUL

Sou caçador e a rotina me deixa entediado.

CRIOULA

Em poucos dias, Barba-azul será homem casado.

BARBA-AZUL

(gritando) Este nó está muito apertado.

Barba-azul joga a gravata longe. A modista se assusta. Mãe e Namorado chegam nesse momento. Crioula pega a gravata no chão.

MÃE

Vamos dar um nó menos apertado, esta é a solução. Modista, vai trabalhar, teus tecidos acabaram de chegar e tu tem um vestido para me entregar.

A modista pega o tecido e sai do palco.

BARBA-AZUL

Crioula, me diz onde está a onça. Estou cansado de esperar.

CRIOULA

Tua palavra vai cumprir a caçada só depois de casar.

BARBA-AZUL

E esse tal que parou para ouvir minha conversa? Não fui com a tua cara de Homem engomado da capital.

Barba-azul parte para cima de Namorado que se esconde atrás

da mãe.

MÃE

Apenas um empregado, trouxe os tecidos do enxoval.

BARBA-AZUL

A senhora não invente mais coisa para esse casamento, se não quer me ver irritado.

MÃE

Ninguém quer isso, meu futuro genro amado.

Barba-azul sai de cena.

Crioula coloca a gravata no manequim.

CRIOULA

A senhora ainda ri, mãe?

MÃE

Não aperte demais o nó para não sufocar. Graças a Barba-azul temos agora um lar. Vou à praça cuidar de tudo, volto para o jantar.

NAMORADO

Posso lhe acompanhar.

MÃE

Me ajude, Namorado. Um braço forte é sempre bom para dividir os fardos que uma mulher não pode carregar.

Mãe e Namorado saem de braços dados.

CRIOULA

Pensei ter ouvido risos zombeteiros. Mas estou sozinha nesse lugar. Não vou apertar o nó para não me sufocar. Tenho

que fazer alguma coisa para me alegrar.

O som de música atrai Crioula para fora. Sai de cena.

CENA 9

Uma procissão musical em festa puxada por um PALHAÇO, pessoas com chapéus com fitas coloridas e saias estampadas. As pessoas ricas da cidade acompanham. O Feirante entre eles.

PALHAÇO

Uma onça terrível ronda a mata. Qual o grande caçador pode matá-la? O último Chico que a encontrou, rogou para que ela se convertesse cristã. Ouviram a onça rezar a Ave-maria enquanto palitava os dentes, a reza de Chico não foi em vão.

O povo ri.

O Palhaço pendura uma pinhata em forma de onça.

PALHAÇO

Tem macho aqui para enfrentar a onça convertida? Com um pau e uma venda te desafio.

Uma fila se forma para tentar derrubar a onça.

Crioula entra em cena.

DAMA DA SOCIEDADE

Senhora Crioula, chegue cá, entre nós de sua estirpe deve estar. Não a temos visto na missa, o que há?

CRIOULA

Perdão amigas, estou noiva a pouco de casar.

O Feirante se aproxima.

FEIRANTE

Certamente, muito ocupada, a coitada. Como um pai, fico preocupado. O Barba-azul também foi para o bar, parecia zangado.

CRIOULA

No casamento tem se dedicado, certamente está fatigado.

O povo ri. Um homem tenta acertar a pinhata de onça.

FEIRANTE

Barba-azul é forte de tão rápido superar sua viuvez. Do jeito que perdeu a última esposa. É bonito vê-lo amar outra vez.

CRIOULA

De onde vem esse riso zombeteiro?

FEIRANTE

É o povo, minha senhora. O povo aqui está sempre a festejar. Celebrando, da dureza do mundo desfaz.

PALHAÇO

Não tem homem nessa vila para a onça enfrentar.

Barba-azul entra em cena com uma garrafa de rum.

BARBA-AZUL

Quem quer poder só o que eu posso, me mostre a onça que dou cabo.

FEIRANTE

Lá vem Barba-azul, tenham cuidado.

CRIOULA

Barba-azul não precisa ser temido quando é bem tratado.

Barba-azul vai até a pinhata empurrando todos no caminho. Ele destrói a pinhata usando a garrafa. Depois sai de cena

FEIRANTE

Barba-azul está transformando. Em outro tempo teria a cara do palhaço também amassado.

Crioula também sai de cena acelerando o passo.
O povo ri.

CENA 10

Crioula bate na porta de Barba-azul. A porta se abre sozinha e ela entra na sala dele. A sala tem cabeças de animais empalhadas.

CRIOULA

Que frio nesse lugar.

O vento frio vem da porta do frigorífico, Barba-azul sai de lá carregando equipamento de caçada. Ele senta-se na mesa e come como um porco durante a cena.

BARBA-AZUL

Entre, minha noiva. Vou caçar, sabes?

CRIOULA

É a melhor lua para veados. A floresta clareada vibra à noite, com as formigas farfalham no chão, famintas de tudo.

BARBA-AZUL

Te lembra os dias de pobreza na mata?

CRIOULA

Nesse mês, o urutau sempre cantava perto da cabana da mãe. (Imita o canto do pássaro Urutau).

BARBA-AZUL

Ave fantasma, canto de presságio ruim. Não agoure a casa com algo assim, faz mal.

CRIOULA

Ave da lua, seu canto é sagrado, mas se não te agrado, fica assim.

BARBA-AZUL

Vai às compras com tua mãe, ao invés de lembrar de tristeza. Na mata tem mosquito, aperreio e perigo. Na cidade o povo é rico, tem luxo e beleza.

CRIOULA

Para quem pode pagar.

BARBA-AZUL

Tu podes, és minha futura esposa.

Barba-azul levanta-se à mesa e pega o equipamento de caça, enquanto se despede.

BARBA-AZUL

Vou me retirar e em duas semanas vou voltar para com você ir ao altar.

Crioula senta-se à mesa decepcionada. Barba-azul pega uma penca de chaves em um armário.

BARBA-AZUL

Que honra é ter uma casa para cuidar, minha senhora. Muitas nunca saíram da sarjeta que te tirei por amor. Aceite sua responsabilidade.

Entrega as chaves a Crioula.

BARBA-AZUL

Aqui estão as chaves de todos os quartos dessas casas, luxos inimagináveis. Dispensa, paiol, propriedade, um tesouro nas tuas mãos, empregados para fazer tuas vontades. Só uma regra terás.

CRIOULA

Regra? Qual?

Barba-azul segura uma chave vermelha da penca, diante do rosto de Esposa.

BARBA-AZUL

A chave vermelha. Ela abre uma porta proibida que fica no porão do frigorífico, a sala fria, onde guardo minhas caçadas e que em breve será o túmulo da onça. Jamais chegue lá, nem entre. Pois, se o fizer certamente...

CRIOULA

Morrerei.

BARBA-AZUL

É a lei.

Barba-azul beija a esposa.

CRIOULA

Morrerei? Espere, o que tem lá, sabes que a curiosidade vai me consumir. Barba-azul, o que tem lá?

Barba-azul se despede com um beijo na testa e sai.
Crioula fica olhando para a chave.

CENA 11

Uma coreografia de tédio: empregados entram em cena e recolhem toda a refeição. O tempo passa rápido. A modista mede um vestido. Um empregado serve um chá e o jornal do dia. Crioula tricota, cochila. É despertado com um bilhete entregue por um empregado. Crioula abre o bilhete.

CRIOULA

(**lendo o bilhete**) “Crioula, creio que seja uma tarde agradável para um chá. Se lhe for conveniente, irei lhe visitar. Assinado: Tua Mãe.” (**para o empregado**) Diga que estou ocupada, que estou com dor de cabeça, amuada. Com dor nos pés, inflamada, diga que estou em cima de uma cama, deitada.

CENA 12

A campainha toca. Entra o mordomo acompanhado pela mãe, agora uma dama da sociedade.

MORDOMO

Boa tarde, Dona Mãe da noiva do Barba-azul.

CRIOULA

Seja bem-vinda, Mainha. Que lindo vestido.

Mordomo solta um pigarro proposital

MÃE

Mamãe, Crioula. Para se referir a mim, diga Mamãe, sempre. Boa tarde. Este é meu Criado, ele veio para providenciar o serviço durante nosso evento social.

Mordomo serve a mesa de chá. Mãe e filha sentam-se e são servidas. Crioula puxa a própria cadeira e é repreendida pelo Mordomo com um safanão. Elas seguem a mímica do café enquanto ele continua servindo.

MORDOMO

O café é o ouro do Brasil. A planta mais linda e produtiva do trópico é a do café. Também é a mais exigente. Precisa estar a pleno sol para crescer forte e dar os melhores frutos. Mas é preciso sacrifício, investimento, muitos escravos a lhe servir. Braços fortes para abrir na mata um lindo cafezal, um condomínio de luxo para separar a realeza da plebe. A cidade está cheia de cafeterias. Templos. Um cafeeiro não pode viver no meio das outras ervas, plebe, capim, flores murchas, insetos. O matagal precisa ser constantemente retirado. O lugar ao sol é para poucos.

Mordomo afasta-se e fica parado à distância, em prontidão, com um guardanapo pendurado no braço.

Durante algum tempo, mãe e filha comem em silêncio, quase constrangidas. A mãe é fria, a filha está em seu mundo

MÃE

O mordomo nos deu privacidade para uma conversa mais informal.

Uma resposta silenciosa de Crioula.

MÃE

Tem uma tapeçaria no mercado. Rolos de seda. Tapetes do oriente. São ciganos. O povo anda dizendo. Eu penso que são ciganos.

CRIOULA

Há tempo que não vou ao mercado, tenho me sentido cansada.

MÃE

Seu rosto mal maquiado não nega seu estado de espírito.

CRIOULA

Meu noivo me fez um desgosto hoje, atrasado em retornar.

MÃE

Homem é assim mesmo. Você precisa aprender a dobrar.

CRIOULA

A pedra daquele coração quebra e não dobra, drástica. A língua dele sim, parece elástica.

MÃE

Fale baixo. Quer que te ouçam falar assim?

CRIOULA

Sei que o chique é ser discreta, sei também que não estou correta nesse estado, mas quando fico nervosa, falo...

MÃE

...Rimado. Stop.

Mordomo solta um pigarro intencional. A mãe e filha se recompõem.

MÃE

Seu casamento será ótimo para nós. Estamos tendo tempo de aproveitar um pouco a vida. Coberta pelos meus cosméticos pareço tão moça e poderia também me casar. Sua decisão acertada tirou-nos as duas da miséria.

CRIOULA

Sim, mamãe, estou ciente de minha responsabilidade. Ainda tenho dificuldade, é difícil a adaptação.

MÃE

Julgar as pessoas enquanto elas comem é um pilar da etiqueta burguesa.

CRIOULA

O mais difícil é falar. Falar com educação com essas pessoas, para mim, é como jogar baralho no saloon e ter as piores cartas na mão.

MÃE

Os ciganos vendedores de tapete. Eles jogam baralho. Com certeza são ciganos, vou falar com o delegado.

Mordomo olha no relógio e fala ao ouvido da Mãe.

MÃE

Hora de ir, tenho compromissos.

Mãe levanta-se e abraça a filha. Um abraço desajeitado e sem intimidade.

CRIOULA

Mamãe, não se sente assim no meio desse povo? Como quem tem as piores cartas do jogo deles.

MÃE

Damas não jogam cartas, Crioula. Damas compõem o baralho.

Mãe e Mordomo saem de cena.

A sala de estar fica sinistra, obscura.

Crioula levanta-se, pega a chave proibida, anda de um lado para outro, encara a cabeça de animal empalhada, vai até uma porta, ameaça colocar a chave vermelha na fechadura, joga a chave longe. Então ela vê um fantasma com corpo de mulher que passa como um vulto. Crioula sai de cena correndo aterrorizada.

CENA 13

É noite de lua na mata atlântica. Crioula entra em cena, desgrenhada e chorosa. Nas mãos, ela tem uns pedaços da casca do mulungú. Ela deita-se na mata, desolada, depressiva.

A Onça entra em cena rondando a Crioula em uma dança.

ONÇA

Veja quem encontrei deitada, a Crioula abusada. Ficou abestalhada? Eis a bicho menina que me desafiou, agora assim largada. Pensei que nosso primeiro encontro tinha ensinado sobre a selvageria da mata, mas vejo que eu estava errada. Levanta daí, arreda, que nessa posição até o caititu te pega e tua astúcia, Crioula, não vai valer nada.

CRIOULA

Onça, és tu? Vim buscar o mulungu, para me ajudar a dormir, mas já vou voltar à cidade se a senhora permitir.

ONÇA

Eu não permito nada. Estou de bucho cheio, essa sorte tu deu. Na mata deves buscar, não o de dormir, mas o de des-

pertar. Nem tem mais cheiro de medo em ti, as mutucas te sugam pra te limpar, pois o teu corpo agora cheira a morte e o urubu vai dar sorte de te encontrar.

CRIOULA

Nesse caso, vou me embora, muito agradecida.

Crioula vai saindo, a onça se coloca no caminho e brada com um rugido terrível que faz a mata tremer. Onça e Crioula ficam cara a cara.

ONÇA

Acorde, Crioula, que eu ainda te mato! Vestida com esses panos de cobrir defunto e esse olhos afogados.

CRIOULA

A chave. A chave que me deu, me trouxe maldição.

ONÇA

Dei a ferramenta de destrancar, isso não é amaldiçoar, coloquei um poder na sua mão.

CRIOULA

Eu não abri nada com a chave, Barba-azul me proibiu.

ONÇA

O problema não está na chave, nem na fechadura. Está em você que trocou a liberdade pela loucura e não é mais Crioula. Passa daqui que você me enjoa e não quero vomitar minha bem caçada refeição.

Crioula sai rápido de perto da Onça, detêm-se, volta para a Onça.

CRIOULA

Sou noiva de Barba-azul, se eu não obedecer ele me mata

e até minha pobre mãe ele ameaça.

ONÇA

O bicho que come na servidão vira animal de estimação. Crioula precisa morrer desobedecendo que o sono final não é dopado com raiz. Quem morre na luta morre feliz e tem galardão. Abra a porta, Crioula, seja selvagem, que ninguém te doma. Noiva é o nome que Barba-azul te deu, apenas do nome em que tu nasceu és a verdadeira dona. Agora arreda da mata antes que de raiva eu te coma.

Crioula sai de cena correndo. Onça dança e some na mata.

CENA 14

Sala de estar do Barba-azul que agora com a luz de um castelo assustador.

Crioula no centro do palco, vestida de noiva. A modista faz os últimos ajustes. A Mãe tira a grinalda de um baú. Ela está acompanhada pelo Namorado.

CRIOULA

Mãe, posso lhe falar? Barba-azul pode não voltar. Já temos o dinheiro que precisamos para uma vida. Vamos voltar à minha mata querida.

A Mãe entrega uma carta a Crioula e sai com os outros.

CRIOULA

(**lendo a carta**) “Querida esposa, a caçada rendeu excelente e a onça está morta finalmente, quando esse telegrama ler, estarei às portas de chegar. Prepare uma refeição à altura de um caçador vencedor. Assinado: Barba-azul.”

Crioula balança um sininho. Fala para empregados que não vemos.

CRIOULA

Atenção, todos os criados. Vamos preparar a ceia do seu senhor que deve chegar ainda para o desjejum. Ao trabalho.

Coloca o sino novamente sobre a mesa. Vai até o ramo de chaves no chão. Pega a chave. Aproxima-se da porta.

CRIOULA

Não sou mais Crioula e não tenho mais a coragem de Crioula. Não sou jovem. Meus olhos antes brilhavam de tanta Crioulisse que queimava por dentro. Meus olhos. Não canto mais, estou seca. A semente que não vai à terra, dorme. Eu durmo, formosa, intocada, coberta, discreta. Naqueles dias, fui amarela, vermelha. Naqueles tempos, eu era coral como o verão. Só uma coisa guardei da Crioula, o ritmo que nunca parou de tocar a marcação, a canção de Crioula nunca parou de pulsar em meu coração.

Crioula põe a chave na fechadura.

CRIOULA

A mulher é um bicho selvagem, a onça tinha razão. É preciso uma fortaleza como essa para prender a fêmea bestaferada. E ainda assim, a natureza nunca foi domesticada.

Crioula abre a porta. A neve e o frio invadem.

A sala secreta é uma geladeira que cabem duas pessoas. A sensação de uma pequena Groenlândia em um cômodo. Crioula pega um casaco de pele pendurado na porta do cômodo. O avental sujo de sangue usado por Barba-azul está pendurado na parede.

CRIOULA

Que frio cortante, deserto noturno na alma inteira. Que frieza derradeira, que sinto nesse instante.

MULHER CONGELADA (ainda fora do palco)

Barba-azul, és tu minha vida?

MULHER CONGELADA entra em cena.

MULHER CONGELADA

Uma mulher. Criada, existe proibição imposta por teu mestre a entrada nesse lugar, a pena é capital. Fora já, não te entrego, porém, guarde segredo e não peques mais.

CRIOULA

Barba-azul te mantém prisioneira? Comadre, venha cá, que vou te contar a história verdadeira.

MULHER CONGELADA

Tola, não percebe que fala com sua senhora? Há quanto tempo estás aqui?

CRIOULA

Só tenho memórias do que perdi. Barba-azul me aprisiona em um casamento que só a ele convém, veja. Vivo em uma cela de luxo presa, sou um troféu de caça também.

O gelo parece crescer com a fúria da **MULHER CONGELADA** explodindo em um grito. Crioula tenta alcançar a porta, anda e perde as forças. A porta se fecha, tudo fica mais sombrio.

MULHER CONGELADA

Mentirosa. Queres me enganar. Veio roubar, destruir o que tenho.

CRIOULA

Não temos nada, longe da terra somos esposa, outro nome de escrava.

MULHER CONGELADA

Não vou esperar o Barba-azul te dar cabo. Eu mesmo vou te transformar na minha criada. Já, já, acostumas com o frio. Já tua língua fica congelada, diz teu nome, criada.

CRIOULA

Crioula.

MULHER CONGELADA

Isso não é nome de verdade, é falsa. Diz teu nome, criada.

CRIOULA

Crioula da mata. Tocha acesa que brilha crioulaamente em mim. Crioula para morrer, Crioula até o fim.

Crioula recupera as forças e vai até a porta, volta para a sala e joga-se no chão após o esforço. Mulher congelada a persegue e fica incrédula ao ver a sala. A mulher congelada vai até a mesa e acaricia o móvel.

MULHER CONGELADA

Eu me lembro de servir ele aqui.

CRIOULA

Há muito tempo.

Mulher congelada vai até à poltrona do Barba-azul.

MULHER CONGELADA

Nem tenho sequer as memórias de quem fui. Existo apenas para ele.

Crioula olha para a chave que está sangrando e sujando seu vestido.

CRIOULA

Sangue. A chave sangra.

MULHER CONGELADA

Tua hora se aproxima. Esse é o plano do Barba-azul, ele mata por deleite. É impossível escapar, Crioula. Podemos ser cúmplices no além. O gelo adormece a dor. Saio da minha clausura e veja o resultado. Meu coração morto quase bate, magoado.

Mulher congelada volta para sua prisão.

ATO III

CENA 16

Crioula levanta do chão. O vestido de noiva sujo de sangue. Ela anda de um lado para o outro e dá de cara com as cabeças empalhadas de animais.

CRIOULA

Estou perdida. Barba-azul não vai perdoar. Deveria ter ficado quieta e não teimar. Estou perdida e abandonada. Ninguém vai me ajudar. Vou parar na geladeira e congelar.

MÃE

Crioula, venho com urgência e sem me anunciar, temos questões inadiáveis da festa de casamento para tratar.

Mãe vê Crioula com o vestido de noiva sujo. Crioula mostra a chave de onde vem o sangue.

MÃE

O seu vestido está arruinado.

CRIOULA

O destino de Crioula é desgraçado.

MÃE

Tire, que vamos lavar. Não é o fim, para tudo tem um remediador.

Mãe tira o vestido de Crioula e coloca no baú, a Mãe também está suja agora.
Namorado entra em cena.

NAMORADO

Vamos, meu amor não podemos demorar.

MÃE

Mais um minuto meu amado, agora as mulheres precisam confabular.

CRIOULA

Mãe, fuja agora, que Barba-azul vai te perdoar. Meu destino já está selado, a senhora não precisa se sujar.

MÃE

Namorado, algo precisa ser ajustado. Depois vou te contar, é coisa normal de noivado. Fique aqui na sala de estar e se Barba-azul chegar, o mantenha ocupado.

NAMORADO

Sei que sou eloquente, porém com Barba-azul, não sei o que falar.

MÃE

Conte uma de suas viagens, ele vai adorar.

CRIOULA

Mãe, a chave não para de sangrar. É a lei de Barba-azul que ninguém pode mudar.

MÃE

Vamos esconder tudo. O casamento adiar. De nenhum crime ele vai te acusar. Vou levar o vestido no baú, assim, nenhuma prova ele terá. Pegue lá. Barba-azul está para chegar.

Mãe e Crioula saem de cena levando o baú.

Barba-azul entra em cena. Caminha ameaçador até o Namorado que, medroso, mal consegue continuar de pé.

BARBA-AZUL

Podes me ajudar?

NAMORADO

Claro, Barba-azul, ajuda a um amigo eu não posso negar.

Barba-azul e o Namorado saem de cena. E voltam carregando o cadáver da onça enrolado em um pano ensanguentado.

BARBA-AZUL

Vamos colocar a caçada sobre a mesa de jantar.

Colocam a onça morta sobre a mesa.

BARBA-AZUL

Com isso, acabou-se o homem. Respire, Namorado, está a ponto de desmaiar. Deveria vir comigo até a mata caçar.

NAMORADO

Nunca fui bom em me exercitar.

BARBA-AZUL

Você veio aqui agarrado às saias de minha sogra que é só o que sabes fazer. Onde estão as mulheres? É o que quero saber.

NAMORADO

Imagino que tenha caminhado muito para abater o animal. Lembro de minhas viagens vendendo de local em local.

BARBA-AZUL

Alguma coisa não está normal. É melhor abrir o bico Namorado.

Crioula e a Mãe entram em cena.

MÃE

Fico feliz com seu retorno antecipado.

BARBA-AZUL

A indicação de Crioula deu-me a onça na mão. Fui seguindo o canto do pássaro agourento urutau, encontrei a bicha dormindo prostrada e a matei sem reação.

Crioula se aproxima do corpo da onça horrorizada.

Barba azul imita o canto do pássaro urutau. O mesmo que Crioula faz anteriormente.

Um som de risadas, apenas Crioula ouve.

BARBA-AZUL

Noiva, dei-me as chaves. O corpo não deve ficar aqui largado. Precisa ficar no gelo para ter o pelo conservado. Vai

decorar a sala do casal, O animal vai vigiar nosso amor, empalhado.

MÃE

O casamento vai precisar ser adiado. Um problema com o vestido, em poucos dias vai ser reparado.

BARBA-AZUL

Crioula, me entregue, devolva as chaves que te confiei. Não fique parada.

Crioula devolve as chaves. Barba-azul tranca as portas enquanto fala.

BARBA-AZUL

Meu pai construiu essa casa com arquitetura portuguesa. Para proteger sua propriedade fez esta fortaleza. Com dez quartos, vocês escolhem os aposentos que convém. Hoje o anfitrião já fechou as portas e não vai sair ninguém.

Barba-azul ri alto e sinistramente. Barba-azul abre a sala gelada.

BARBA-AZUL

Namorado, para de se borrar e venha me ajudar a carregar esse traste pesado.

Barba-azul e Namorado arrastam o cadáver da onça lá para dentro. Barba-azul fecha a porta.

MÃE

Como consegue rir em um momento como esse, Crioula?

CRIOULA

Eu não estou rindo, mãe, mas alguém com certeza está.

CENA 17

No sala fria, Barba-azul e o Namorado trabalham em uma estrutura de taxidermia que deixam a onça de pé em posição de ataque. Parece um altar macabro. Eles seguem trabalhando nisso durante a cena.

BARBA-AZUL

Pouco é sabido sobre empalhamento de animais. Apenas pelar o bicho, nada mais. O segredo é moldar o corpo ainda quente em uma posição e congelar. Arames, suporte e estrutura para deixar na posição. Depois que enrijece é que começa a esfolação, separamos os músculos da pele.

NAMORADO

Quanto tempo demora a operação? Está frio cá embaixo e não trouxe proteção.

BARBA-AZUL

Todo esse tempo na labuta de vender e caminhar, tu nunca pensou em aquietar e construir um lugar de morar?

NAMORADO

Pensar no futuro é para quem tem herança. Eu, mercador de confecção, vivo o dia a dia sem esperança, quando coloco tudo na balança mal posso me sustentar. À noite, durmo no duro sem ter onde me encostar.

BARBA-AZUL

Minha sogra quer casar. Toda essa festa é para ela gozar. Minha Crioula queria, decerto, era estar em outro lugar. Talvez na mata que é seu lugar. Conheço que vai ser bom pra tu também se amancebar. É sozinho e pobre, mas é jovem e usa calças. Para uma mulher daquela idade, vai bastar. Vejo aí uma oportunidade de todo mundo lucrar.

NAMORADO

Se o senhor patrocinar.

BARBA-AZUL

E em troca, tu vais me servir em tudo o que eu precisar. Vá já dizer à tua futura esposa o que acabamos de acertar. Diga que foi ideia sua, minta que tem postura, pare de tremer e se ponha, homem, no seu lugar.

Barba-azul segue no trabalho com a estrutura da onça.

CENA 18

Crioula e a Mãe trazem o baú para a sala e o colocam no chão. Mãe abre o baú e olha o vestido.

MÃE

Não vamos conseguir salvar o vestido, mas nem tudo está perdido, eis aqui minha solução: O namorado vendia charutos, antes de vender confecção.

Mãe pega um isqueiro na bolsa e olha para sua chama. Crioula toma o isqueiro da mãe.

CRIOULA

O fogo é salvação. Mas não com a senhora aqui, não com essa situação.

MÃE

Crioula, tu não está pensando direito. Para tudo tem um jeito.

CRIOULA

Naquela sala ele mantém a ex mulher morta e congelada.

MÃE

Tu está me deixando assustada, explique isso direito.

CRIOULA

A pior cega é aquela que finge não enxergar. Meu destino está selado Mãe, abra o olho que a senhora ainda pode se salvar.

Mãe ouve um barulho e joga o vestido no baú.

Barba-azul e o Namorado entram em cena.

MÃE

Barba-azul, nem comentei tua sala arrumada. Sinal que sua ex mulher era prendada.

BARBA-AZUL

Ela era a filha mais nova de uma família abastada. Era ingênua, a coitada. Mas fomos felizes enquanto ela quis.

CRIOULA

Enquanto a mulher quer obedecer, ela não precisa ter o que temer.

BARBA-AZUL

Os problemas sempre começam quando a mulher começa a ser abusada. Do seu lugar de esposa esquecer. A bicha para de baixar a orelha...

CRIOULA

...Enquanto o burro fala.

NAMORADO

Já está tardando, vamos descansar. Os noivos precisam de privacidade para conversar.

Namorado sai tangendo a Mãe que lança um olhar de pedinte à Crioula.

Barba-azul zanza pela sala procurando enquanto fala.

BARBA-AZUL

O seu vestido de casamento está estragado. Vou precisar comprar outro, nosso casamento não pode começar remendado.

CRIOULA

Minha Mãe vai sair daqui ilesa. Quero sua palavra agora para eu ter certeza.

BARBA-AZUL

A defesa de sua Mãe agora está nas mãos do Namorado.

CRIOULA

A mulher para se defender só conta com ela mesma. Quero tua palavra para eu ter a certeza e deixar tudo acertado.

BARBA-AZUL

Vamos jogar. Estou frio, quente ou morno? Sei que quanto o vestido encontrar serei premiado.

CRIOULA

Barba-azul, me dê tua palavra.

BARBA-AZUL

Tem minha palavra. Estou frio, morno?

CRIOULA

Estás sempre frio, tu alma está congelada.

Crioula, pega o vestido no baú e joga para Barba-azul.

BARBA-AZUL

Tu não entendeu o jogo, Crioula. Me deu a prova de teu crime. Se acha que com isso vou te perdoar, saiba que traição não vou aceitar e mesmo se implorar vai abraçar a morte.

CRIOULA

A morte abraça todos Barba-azul, isso nem tu controla. Gostaria de rezar na minha última hora.

BARBA-AZUL

Todas as mulheres são iguais, rezar para ganhar tempo, a última esposa morta chamou por Deus e não teve salvação. Tu vai chamar por quem em tua oração?

CRIOULA

Vou descer a sala fria e é de lá que vou rezar. Em meia hora pode vir me encarar. Porém, venha preparado, porque dessa vez a presa rendida para abater tu não vai achar. O mesmo risco que temo eu ofereço a você. Para caçar uma mulher fêmea, o caçador tem que provar que está decidido a vencer ou morrer. Quem espera a morte passiva é gado. Depois, já venha avisado que vai sair todo rasgado se sobreviver.

Crioula entra decidida na sala gelada.

BARBA-AZUL

O que? Essa Crioula não vai me temer? Crioula, está falando da boca para fora, vai chegar a sua hora e você vai implorar para viver.

Barba-azul quebra tudo na sala.

CENA 19

A luz de um valioso candelabro. Em um quarto na casa de Barba-azul, a mãe ouve da porta o barulho do homem quebrando tudo. Namorado desabotoa as mangas e o colarinho da camisa sentado na cama.

NAMORADO

Eu sempre desejei uma casa no centro, com vista para a feira. É meu sonho de menino, eu sei, parece besteira.

MÃE

Crioula me contou que ele trancou a ex esposa na geladeira.

Namorado coloca um charuto na boca e apalpa os bolsos à procura de fogo.

NAMORADO

Fogo, eu deixei o meu contigo.

MÃE

Desde o início eu sabia do perigo. Um predador pior que a onça, e eu deixei minha cria largada.

NAMORADO

Fogo, mulher.

Mãe pega na bolsa em que estava o isqueiro.

MÃE

Fogo nessa casa cheia de coisas para queimar é um perigo. O fogo do gelo é inimigo, pois queima para transformar, o que, congelado, o mal quer conservar parado.

NAMORADO

Nem posso ir na cozinha com o Barba-azul tão exaltado.

MÃE

Pois fique aí sentado e se sentir cheiro de fumaça com seu focinho, fuja, leve o que achar de valor, Namorado, corra para a toca com suas patinhas de camundongo assustado.

Mãe sai de cena. Namorado lança um olhar cobiçoso, para um candelabro valioso que está sobre a mesa.

CENA 20

Crioula anda no porão gelado de Barba-azul, sucumbe ao frio, cai no chão aos pés da onça congelada.

CRIOULA

Eu preciso de fogo.

Crioula tira o isqueiro do bolso e tenta acender uma chama, sem sucesso.

CRIOULA

Eu não posso perder, se ele me pega prostrada ele me esfolta, depois das verdades que eu disse tenho que cair brigando se for chegado minha hora. Antes, vou deixar no mundo minha marca nem que seja na carne do inimigo. O bicho vai se arrepender. Barba-azul vai pensar duas vezes antes de fazer com outra o que fez comigo.

A chama acende. Mulher congelada entra em cena e se aproxima da chama.

MULHER CONGELADA

Já não me lembrava do brilho e do calor de uma chama.

CRIOULA

Você era menina quando tudo aconteceu.

MULHER CONGELADA

Quinze anos eu tinha.

CRIOULA

Eras mais jovem que eu.

MULHER CONGELADA

Acreditei ter visto uma coisa boa em Barba-azul. Algo que ninguém via, um sentimento para mim guardado. A tola que pensou ver que Barba-azul, por conta de uma mulher, tinha mudado.

A chama do isqueiro apaga. Crioula tenta reacender a chama desesperada.

CRIOULA

Fogo, fogo, minha arma, meu escudo.

A chama se acende.

MULHER CONGELADA

Crioula, não se renda, tua chama arde. Teu fogo, minha carne morta aquece e vou na luta ficar do teu lado.

A cabeça da onça pega fogo.

CRIOULA

Nem o mundo dos mortos, te segura, onça, meu antepassado.

MULHER CONGELADA

O fogo toca o mundo material e move suas menores partes, fazendo-as se mover e vibrar. A energia é liberada e o físico torna-se disfísico. Tudo vira fumaça e depois da brasa a cinza. Eu vejo a luz, a luz do além. Crioula, não preciso ficar mais aqui. Posso descansar.

CRIOULA

(CANTA) “Oh, minha guerreira é hora. É hora de trabalhar. É o céu, é a terra, é o ar. Ó minha guerreira, olha o balanço do mar.”

Mulher congelada é engolida e desaparece em uma forte luz celestial.

CENA 21

Barba-azul entra em cena no porão gelado. Ele carrega uma machadinha de açougueiro.

BARBA-AZUL

Então seu plano é com o fogo queimar o interior de uma geladeira. Dito alto parece uma asneira.

CRIOULA

Entrou na fornalha e vai se queimar, quero ver se tem coragem de vir aqui me pegar.

BARBA-AZUL

Tu vai se arrepender, vou te agarrar.

Barba-azul tenta pegar Crioula, ela corre dando voltas na onça. Crioula empurra a onça sobre o Barba-azul.

**O fogo cresce.
Ecuridão.**

O ambiente muda. A luz de um bosque. Risos. Crioula e Barba-azul em um pega-pega romântico ao redor de uma cesta de piquenique.

BARBA-AZUL
(docemente) Vou te agarrar.

Barba-azul envolve Crioula em seus braços.

CRIOULA
Tu é livre, é rico e abastado. Se pode ter todas as mulheres, para que viver casado?

BARBA-AZUL
Mulher para cama e mesa, é o que todo homem precisa arrumar.

CRIOULA
Que rudeza, assim não vai me conquistar.

BARBA-AZUL
Quero Crioula só para mim para sempre dela cuidar, você é a mais tenra fruta do pomar.

CRIOULA
Pobre Crioula igual a qualquer outra.

BARBA-AZUL

Crioula é única, como ela não há. Vamos nos amar para sempre, nunca vou te deixar.

Crioula empurra Barba-azul, que cai comicamente no chão.

Escuridão.

Chamas no porão.

Barba-azul com as pernas presas embaixo da onça. As chamas crescem.

BARBA-AZUL

Nunca vou te deixar ir. Maldita.

As chamas encobrem Barba-azul.

Crioula afasta-se para a saída enquanto fala.

CRIOULA

Barba-azul está acabado. Pelo próprio ódio queimado.

Mãe entra em cena, fica na porta tentando enxergar em meio ao fogo e a fumaça.

MÃE

Crioula! Crioula! Esteja viva e perdoe sua mãe tola.

CRIOULA

Mais do que viva, Mãe, lutei e saí vencedora.

Mãe e Crioula se encontram e se abraçam.

CRIOULA

Crioula venceu. O Barba-azul ficou no chão humilhado. Pela astúcia de uma mulher vencida, com seu próprio orgu-

lho ferido. Em sua macheza anulado. A pequena, o gigante venceu e o castigo que Crioula lhe deu, hoje, é como Barba-azul vai ser na história lembrado.

CENA 22

Uma Floresta Atlântica no outono, a luz mágica passa das copas das árvores com folhas secas. Como na cena 2, um ninho está sobre a árvore. Um ovo eclode, e a mãe Gavião do pescoço branco canta rasgando o céu. Depois alimenta seus filhotes com um pequeno roedor que caçou.

Crioula e Mãe entram em cena. Ainda estão com as roupas da batalha e sujas de cinzas.

MÃE

O ovo que rolou montanha abaixo era ave rapina, o gavião do pescoço branco. Caçar no céu será sua sina.

CRIOULA

Gavião, gato do Nordeste que o ovo salvei. Me diga o que aí de cima, ainda vês.

O som de um Gavião toma o espaço

GAVIÃO

Vejo ainda os homens fazendo seu trabalho cruel. Morre um Barba-azul, nasce outros, assim vejo do céu.

CRIOULA

Caçar no céu o que no chão rasteja é antecipar o movimento da presa e jamais ser pega de surpresa. Fiquem espertas, meninas, para não serem enganadas no conto de que um coração mal, que tu não podes mudar. Barba-azul é um predador de que toda mulher deve escapar. Oh, minhas

guerreiras é hora de trabalhar. Barba-azul é o lobo em pele de cordeiro, ele quer se aproximar. Nem todo homem é Barba-azul. Porém, escondido atrás das portas menos suspeitas, Barba-azul pode estar, a te esperar. Oh, minhas guerreiras olham o balanço do mar.

Uma luz celestial engole tudo. O canto do Gavião.

FIM

AMAARTE

Texto de Robson Raycar

Uma família dona de uma pequena cidade é investigada pelo assassinato de diversos negros ao longo de décadas. Marta Rios vira uma delegada para poder fazer justiça pela morte, principalmente, de seu pai nesta **trama policial**.

PERSONAGENS

MARTA LOPES
PAI DE MARTA
LUCCA
SETH
EMPREGADA
LINDOLFO
POLICIAL 1 E 2
REPÓRTERES
APRESENTADOR

CENÁRIO

CASA DA FAMÍLIA LOVE
DELEGACIA
RUAS DA CIDADE

APRESENTAÇÃO

Por Daniel Arcades

O teatro dito “profissional” muitas vezes nos coloca em um dilema enorme da lógica criativa. Quando se começa a ser um trabalhador da cultura, o fazedor de arte precisa entrar em diálogo com diversas “regras” do capital. Começa-se a pensar se uma história é vendável ou não, a aceitar um coletivo de profissionais artistas que se unem não necessariamente por um ideal e identificação artística, mas pela necessidade do cachê de determinada obra, se admite um lugar estranho de egos inflados e de poderes dentro da estrutura criativa. Um dos papos que tive com Robson Raycar, o autor deste texto, durante nossa residência foi com ele falando que estava muito desanimado com a cena teatral e não sabia se o teatro era um lugar de fato para ele. Discordei imediatamente. Robson é, por completo, um sujeito de teatro e isso me dá uma felicidade gigante. Conversamos bastante sobre esta lógica da construção de um cenário artístico excludente na cidade de Salvador, que reconhece trabalhadores de arte do centro, mas sempre veem a periferia com uma postura amadora, o que passa longe de ser uma verdade. A criação da periferia de Salvador, assim como a do interior do estado da Bahia, de onde venho, passa por outros valores de criação e por um processo de entendimento de outra lógica de mercado. E esse movimento não acontece só com a arte, não. Diversos outros setores também já começam a criar outros modos de produção, arrecadação e investimento em suas comunidade, além do parâmetro de recepção ser completamente diferente. Nossa cultura interfere naquilo que apreciamos e consideramos algo bom. O problema do centro, muitas vezes, é cair no parâmetro colonizador que impõe para ele o conceito do que é uma boa obra.

Tudo isso para falar que vocês encontrarão aqui um texto com o compromisso com o teatro, em que a lógica realista se mistura com o sonho e o tempo inteiro acredita que a encenação dá soluções teatrais para o encadeamento da narrativa.

Sem grandes explicações, uma delegacia vira uma casa, uma luz representa uma pequena sala, a rua se forma com uma multidão, um figurino representa a personagem e não o ator. As dimensões de sonho e realidades acontecem no mesmo palco e no mesmo momento. Coisas que só a liberdade teatral permite, só aquele teatro que conta com a imaginação e o pacto entre público e artista para acompanharmos determinada expressão. AMAARTE é uma peça que também investe em um gênero quase inexistente em nosso teatro: tramas policiais. Nelson Rodrigues foi uma das poucas referências encontradas para o estudo durante o processo da escrita deste texto. É um outro cenário de violência também. Aqui, os assassinos estão numa família branca e seus privilégios são expostos a cada segundo. Robson não economiza em dizer pra gente que a lei não está do nosso lado. Seu retrato, embora fictício, com tons de contos policiais e séries de streaming, mas essencialmente rodeado de elementos teatrais, é cru ao dar o recado de que ainda há morte, ainda não há justiça e genocidas permanecem vivendo.

Outro elemento importante para conhecermos este autor é saber que Robson é discípulo do Teatro do Oprimido e isso o coloca em um lugar de entendimento forte sobre a hibridização dos lugares do fazer teatral. Diversas rubricas vem com propostas de encenação já. No início da residência, sugerimos a retirada de todas elas, mas é uma marca desta escrita. A cena já é pensada com a magia do teatro, com a traquitana de que um elemento apenas revela tudo e está tudo aí. O essencial é o palco, da calçada ao elisabetano e os atores. Com isso, tudo pode acontecer.

Espero que se divirtam com essa história, que a meu ver, nos próximos tratamentos, tem como tirar dela uma versão para o teatro, uma versão para o cinema e uma versão para a literatura. E que o autor deste texto saiba que o teatro fica muito feliz de tê-lo convocado para a missão de ser artista. Às vezes, a gente desanima, mas a gente nunca para. Este texto é uma prova de que temos um escritor, diretor e fazedor de teatro pulsando dentro de Robson.

CENA 01

Abre apenas a parte do meio do centro da cortina. Há um homem de idade sentado olhando para um quadro, de costas para o público, passando uma moeda entre os dedos. Surgem as falas do seu pensamento com um texto off.

PAI

(voz off) A minha vida, o meu futuro eu deixo nas mãos de Deus... Não que eu seja um homem religioso. Sou uma pessoa que acredita em algo maior que essa vida. (pausa, uma respiração profunda) Por definição, um assassino em série é uma pessoa que mata frequentemente seguindo um padrão. Não mato! Os libero de um sofrimento do qual foi fadado como penitência, por ser preto, por ser pobre e por viver à margem da sociedade.

Nababos... livreí-nos de tempos ameaçadores e dei para cada obra de arte uma identidade diferente, mas como mesmo carinho, DNA e assinaturas do meu velho pai, rosas violetas de cheiro peculiar... (singelos sorrisos) Analisar uma obra de arte pode parecer uma coisa um tanto complexa, reservada para poucos entendidos do assunto. Não é bem assim, provei que não era preciso ser expert em arte para entender as minhas obras, usei parâmetros básicos, mas aqui atendo-me a obras de arte pictóricas. E se formaram belíssimas pinturas... A morte era o fim e lhes dei vários caminhos para os fins de suas miseráveis histórias. Xequé, os quatro elementos de um exército!

A moeda escorrega da sua mão. Do lado de fora do palco, escuta-se um prato cair e um grito de susto.

EMPREGADA

Tem alguém aí?

O homem se levanta e sai lentamente. A empregada entra em cena abrindo as cortinas.

EMPREGADA

(**assustada**) Cruz credo, Vigé minha nossa senhora... (**se benze**) casa estranha, clima pesado! Vou abrir essas cortinas pra entrar um ar. (**abre o resto das cortinhas**) Vou levar esse quadro pra passar um pano. Essa casa parece ter anos que não vê uma limpeza digna.

CENA 02

Quando a cortina abre totalmente, Seth está em estado de choque olhando fixamente para uma direção que supostamente é a piscina, Lucca entra e percebe seu irmão Seth paralisado. Foram para a casa de férias antes do previsto, pois queriam organizar o local para receber amigos e divertirem-se naquele final de semana prolongado. Há um corpo negro boiando na piscina, boiava sobre uma piscina cheia de pétalas de rosas violetas. Não era possível identificar o que era de fato sangue ou a cor das pétalas que desbotavam.

LUCCA

(**após alguns segundos olhando para aquela cena, acende um cigarro**) Esse corpo boiando é algo que faz refletir e abrir chagas já curadas, poucas informações são dadas dessa cena para que possamos ler como uma obra de arte ou um tabuleiro de xadrez... mas, imaginemos a vida desse indivíduo!

SETH

A arte está em suas veias, o tabuleiro é o palco da sua vida, o seu dia a dia. Lembra que, com exceção do cavalo, ne-

nhuma peça pode realizar seu movimento se seu caminho estiver obstruído por outra peça. E ele é só mais um peão...

LUCCA

Esse canudo de pontas metáli...

SETH

Do canutilho, se refere? Bem específico...

LUCCA

E dos específicos óculos escuros. Obrigo-me a não pensar!

SETH

Eu também! No ato de não pensar, estou pensando. Espero que não tenha nenhum tipo de ligação com o que aconteceu há 10 anos. Não tivemos culpa. Tivemos?

LUCCA

Esquece isso... Olha a poética que compõe essa cena. (**surpreso**) Parece aquele neguinho que cantou na festa da Bia.

SETH

(**chocado**) Neguinho? Black Panter é o nome dele...

LUCCA

Isso mesmo! Agora não canta mais.

SETH

(**vai pegando o celular**) Vamos ligar para a polícia!

LUCCA

(**toma o celular em súbito**) Deixa um tempo pra ver se a pele clareia, (**rir**) vai desbotar com o cloro.

SETH

Racista...

Nesse momento, a empregada desce e os surpreende. Nervosa, começa a gritar.

EMPREGADA

(gritando) o que vocês fizeram? Meu Deus! Meu Deus... Socorro! Socorro!

Entra uma delegada negra, a renomada Marta Lopes e dois policiais.

MARTA LOPES

Boa tarde senhora, senhores! Uma denúncia anônima descreveu a cena de um homicídio no local.

A cena congela e os dois irmãos assumem a frente do palco com Marta. A quarta parede é quebrada. Cada personagem fala para a plateia.

MARTA LOPES

Mais um escândalo cerca essa família... Mas, dessa vez não será como os últimos anos, não há dinheiro que os livre do seu crime. Seu avô Schatz não está mais vivo para livrar a cara desses psicopatas. Não vou deixar que mais uma família sofra por causa dessa gente. Basta o que fizeram com a minha!

LUCCA

Racista... Racista, o caralho... esses merdas estão se juntando para ocupar nosso lugar, por isso a sociedade está doente, por isso tantas doenças, eles trazem essas pestes de lá do buraco onde eles se escondem. Ora, digam-me, como posso ser racista? A faculdade estava cheia deles, e me relacionava na maior boa vontade. Minha casa cheia deles, a faxineira, o porteiro, o motorista... **(ênfase)** A nossa empresa, está cheia desses neguinhos passa fome. Onde está o racismo? Precisam apenas saber o seu real lugar e está tudo certo. É o segundo que vejo apodrecendo assim, dessa vez

não tenho culpa, mas bem que gostaria... (riso irônico)

SETH

Tenho medo do meu irmão! Ele é muito parecido com o papai... de uma forma menos sofisticada. Tenho medo dessas mortes, eles estarem envolvidos de alguma forma. O que está acontecendo? A história se repete e é sempre assim. Eu não me sinto dessa família. Eles não me aceitam, (pausa) a cena estava realmente linda! O que é isso? É uma pessoa morta! O que está acontecendo comigo?

CENA 03

A cena descongela.

LUCCA

(vem choroso, fingindo sentimento falar com a delegada)
Que bom que chegou, estamos todos desesperados, acabamos de chegar e fomos surpreendidos. (enxuga as lágrimas) Oh! Desculpa a minha falta de educação, sou Lucca Love, primogênito de Lindolfo Love Fragão, empresário, dono de todas as indústrias da região.

MARTA LOPES

Conheço bem o histórico de vocês. (para os policiais) Ajudem a moça... (policiais ajudam a empregada que passa mal. Olha para Seth) Você é o Seth, não é?

SETH

Sim. Esse é meu nome.

MARTA LOPES

Alguém sabe o nome da vítima? (olha para os irmãos) Vo-

cês conhecem a vítima?

SETH

Acreditamos que seja um funcion...

LUCCA

Na falta do meu pai, responderei tudo o que for necessário, e me coloco à disposição para ajudar na investigação. Meu irmão não passa bem e de alguma forma pode atrapalhar todo o processo.

Marta fica uns instantes parada olhando e analisando os dois. Se direciona a Lucca.

MARTA LOPES

Você fala muito bem, rapaz. Acho que sua sabedoria será de muita valia para a investigação. Mas, gostaria que o seu irmão terminasse de falar o que começou, antes de ser interrompido pela educação do senhor. Continue... por favor.

SETH

(olhando tenso para o irmão, gaguejando) Então, acreditamos que esse rapaz... seja... (cala-se, olhando para o irmão)

MARTA LOPES

Seja... Continue. Não tenha medo.

LUCCA

(irritado/impaciente) Seja um neguinho que trabalha como atendente na empresa de telefonia Love. Pergunte para mim, meu irmão está perturbado.

MARTA LOPES

Ah, um neguinho?

Marta continua olhando para Seth e questiona a Lucca.

MARTA LOPES

Então o conhecia?

LUCCA

Como podemos lembrar de todo mundo numa empresa com mais de 100 funcio...

SETH

Com toda certeza, conhecíamos. Adone, esse é o seu nome. Artista, músico, um cantor brilhante... Conhecido como Black Panter.

LUCCA

(tirando seu irmão de evidência) Como pode ver, não canta mais...

MARTA LOPES

Realmente, não. Mas, um negro morto fala muito. (pausa)
E seu pai, onde se encontra?

LUCCA

Fora da cidade. Voltara há uns dias, espero que esteja tudo resolvido. Meu pai gosta muito dessa residência e é aqui onde passa o pouco tempo que tem para descansar.

EMPREGADA

Hoje pela manhã, pensei em tê-lo visto aqui, mas acho que foi confusão da minha cabeça...

LUCCA

Ela é só... (pigarreia e, num sinal, chama para o canto a delegada) Inclusive ela é a maior suspeita para esse crime. Tenho cá minhas dúvidas sobre a índole dessa funcionária.

MARTA LOPES

Precisarei conversar com todos individualmente. Queiram me acompanhar até a delegacia... Preciso da perícia aqui e vocês já contaminaram demais o local. Lucca, você sabe que a perícia no local de um crime é considerada o “berço” da criminalística?

LUCCA

O ponto de partida de uma investigação...

SETH

E é o espaço que se encontram vestígios que se transformam em provas para condenar ou inocentar um suspeito...

MARTA LOPES

(irônica) Estão de parabéns! O papai de vocês ensinou muito bem... Queiram me acompanhar por gentileza. (se aproxima dos policiais e fala em murmúrios) Todo criminoso sabe mais de lei que muitos policiais por aí... (saem).

CENA 04

Um dos policiais entra em um foco de luz à esquerda do palco, enquanto acontece uma mudança no cenário.

POLICIAL 1

O negro é duplamente discriminado no Brasil, por sua situação socio econômica e por sua cor de pele. Tais discriminações combinadas podem explicar a maior prevalência de homicídios de negros vis-à-vis o resto da população. Não é mimimi, é estatística.

CENA 05

As luzes se apagam. Acende um foco do lado direito do palco, Lucca está sentado numa cadeira dando o seu depoimento.

LUCCA

Não... Não, não! O que aconteceu há anos nada tem a ver com o ocorrido agora... e me causa até uma chateação lembrar! Que é que isso? Foi provado que foi uma brincadeira, um mal entendido e o nosso segurança matou aquele neguinho, que por sinal, era filho da ama-de-leite do meu irmão, **(ênfatisa)** era da família. Acreditamos que meu irmão é meio assim, **(faz sinais com a mão de que é meio doido)** sabe? Por causa dessa doideira toda de mamar no peito de uma negr... **(sente que está falando bobagem)** você entendeu. Mas acredite, ele era da família. **(pausa)** O nome dele? Aaaah, não me lembro... e eu sei lá o nome dele... tenho mais com o que me preocupar! Sou a vítima aqui, eu que fui lesado. Cheguei na minha casa e tinha um preto morto na minha piscina. Racismo? Racismo não... é só uma forma de expressão, neguinho, preto, aff... Ah, meu amigo, aqui no Brasil não existe racismo. É tudo balela, mimimi desse povo desocupado que quer ganhar dinheiro às custas do trabalhador. Conheço muito pouco a vítima, com toda certeza estou inocente do sangue desse justo! **(escuta algo)** Onde estava hoje pela manhã? **(irritado)** Em casa, dei um pulo rápido na empresa e resolvi tirar o dia de folga **(escuta um pedido para ele se alcamar, ele respira fundo)**. Estou calmo... tenho mais de uma hora explicando que sou a vítima aqui. Inclusive, desejo ser indenizado.

Acende um novo foco de luz do lado esquerdo do palco, a empregada está sentada dando seu depoimento.

EMPREGADA

Trabalho pra eles há alguns meses, os filhos nunca olharam

na minha cara. Recebo mensagens com local, hora e dia. Os pagamentos sempre estão em envelopes quando chego. Conheci senhor Lindolfo Love por acaso numa dessas residências que estive. Senhor elegante, fez questão de me acompanhar cômodo por cômodo. Falou

me coisas um tanto estranhas também, como a importância da caça, falou-me das crenças filosóficas do seu pai... algumas coisas bizarras, pesadas. O quê? **(pausa)** Desculpa, não entendi a pergunta. Não...! Quanto a mim? Nem me tocou, disse, inclusive, que eu era bela e que o cheiro do suor valorizava ainda mais a minha pele. **(pausa)** Claro que achei estranho, mas, entendi como se ele falasse do suor do trabalho, eu acho! Ah, me pediu pra que nunca tocasse, ou molhasse as rosas violetas secas do deserto, disse-me que cresciam secas e que eram coisas do seu pai. **(pausa, escuta mais uma pergunta feita pelo investigador)** Não, não vi nada de estranho. Quer dizer, na hora em que estava organizando a cozinha, sentia uma presença e uma forte respiração vinda da sala e o barulho dessa moeda cair no chão. **(Ela entrega a moeda/fala em sussurros)** Ele, senhor Lindolfo nunca se separa dessa moeda, ou uma parecida com essa. Como eu sei? Vi num álbum de fotos da família e no dia que me acompanhou por todos os cômodos estava passando ela entre os dedos o tempo todo, até comentou que era seu amuleto, o rei do seu xadrez. Ver mesmo, não vi. Pensei em tê-lo visto, mas olha já eu fazendo fuxico, não tenho certeza de nada. Não conheço a vítima! Com toda certeza, não o matei, credo em cruz.

Marta Lopes aparece em outro plano.

MARTA LOPES

Você já deve ter ouvido falar de muitos casos de psicopatas, de como sua criatividade é surpreendente. Suas características pessoais são semelhantes em alguns pontos. Geralmente são mentirosos compulsivos, não sentem empatia por

ninguém, normalmente conseguem envolver as pessoas em uma boa conversa e são manipuladores excelentes. **(pausa)** Sua vaidade justifica seus atos impulsivos que sempre estão acompanhados de uma carga de responsabilidade mínima.

Os três focos de luzes acendem ao mesmo tempo em três pontos diferentes do palco. Os três falamos o mesmo tempo.

LUCCA

Não sou psicopata!

EMPREGADA

Não sou psicopata!

SETH

Não sou psicopata!

As luzes se apagam, os policiais aparecem tomando cafezinho e conversando.

POLICIAL 1

A Melhor hora do dia é a do cafezinho.

POLICIAL 2

Dizem que foi essa bebida que serviram pros deuses... **(ele vai enchendo o copo de açúcar)**

POLICIAL 1

Mas você também toma “açufé”. Não é possível, vai morrer, miserável, com essa quantidade de açúcar todo dia.

POLICIAL 2

Iiiii, olha aí, parece até a patroa falando... Vai procurar dá trabalho à polícia, mermão! **(coloca mais um pouco de açúcar)**

POLICIAL 1

Então morra, vá abraçar o capeta. Papo sério mesmo agora: Tenho medo dessa perseguição da Dr^aLopes não está passando dos limites, sabe? Não é de hoje que ela vem colhendo, caçando provas e motivos pra colocá-los na cadeia. Passou a ser uma questão de honra...

POLICIAL 2

Ela precisa honrar os culhões... **(eles riem)**

POLICIAL 1

O problema é: Eles têm o poder aos seus pés, estão acima da lei como qualquer empresário ou políticos nessa merda de lugar. Acho que deveríamos conversar com ela. Sempre foram intocáveis. Precisamos saber em que lado vamos ficar quando isso tudo começar a feder.

Silêncio. Eles ficam se olhando.

POLICIAL 1

Provas suficientes, será?

POLICIAL 2

Pra ser sincero, parceiro, quando essa merda toda estourar, estou do lado do “açufezinho” **(cheira o café e tira um pequeno gole)**.

Marta os surpreende.

MARTA LOPES

Acompanharei o próximo depoimento também, que por sinal era para ter começado há trinta minutos.

Eles começam a se queimar tentando beber o café com mais velocidade.

MARTA LOPES

Tranquilos, meninos... o atraso é uma coisa normal da

justiça brasileira. Tic, tac... O futuro aqui está, família do amor.

Ela se levanta para sair, eles rapidamente se levantam também e acabam obstruindo a passagem dela.

POLICIAL 1

Desculpa!

POLICIAL 2

Pode passar!

As luzes se apagam e acende um foco no centro, Seth está dando seu depoimento.

SETH

Vocês entenderam tudo errado! Não falei que mortes com negros sempre aconteceram na minha famíl... Que absurdo! Eu... eu... vocês estão colocando palavras na minha boca, estou começando a ter crises de ansiedade e posso fazer uma besteira. **(pausa)** Não, não tomo remédios, só para dormir. Como é? Conhecia a vítima, não éramos íntimos, o vi algumas vezes na operação e em shows que fomos em comum. Por que chegamos mais cedo? Fomos ver se a casa estava nos conformes, iríamos receber amigos para passar o feriado prolongado. Não sei do senhor Lindolfo Love. Meu pai é mais apegado ao Lucca, inclusive, ele tem mais contato. Pensem o que quiser... **(ele esboça um leve sorriso)** Vocês não conhecem meu pai... Assim que as pessoas acreditam no papel que senhor Lindolfo representa, ele começa a mostrar suas verdadeiras características. A senhorita Lopes pode falar mais dele do que eu. Senhorita Lopes, não foi seu pai quem assassinou o filho da minha ama de leite? **(pausa)** Desculpe, sei que quem fazem as perguntas por aqui são vocês... Não tenho nada para falar. Conhecia, mas não o matei. Tenho um álibi plausível: cheguei à casa do meu irmão às sete. Em seguida, passa-

mos na empresa e viemos em apenas um carro. O que? O que importa o caminho que fiz na casa, vim pela piscina, como de costume. **(escuta)** O que senti quando vi a cena? Nada... ou melhor, fiquei em choque... na verdade sonhei com uma cena parecida numa dessas noites. **(pensamento longe)** Impressionante. Hã? Sim, toda certeza, não matei Black Panter.

CENA 06

Marta Lopes entra em um outro plano e três repórteres com narizes de palhaço, feito fantoches manipulados por Lucca e Seth, a surpreende tomando a passagem. Os três falam ao mesmo tempo.

REPÓRTERES

Delegada, delegada, delegada...

REPÓRTER 1

Há um alívio em saber que a senhora assumiu esse caso, tendo em vista que resolve 90% dos casos que assume. Além da família, existe mais algum suspeito?

REPÓRTER 2

É mais um caso de genocídio ou estamos tratando de um caso isolado?

REPÓRTER 3

O que um digital influencer estava fazendo na mansão dos Love numa quinta-feira pela manhã? Seria mais uma tentativa de assalto como especulam?

MARTA LOPES

Estamos falando de um crime premeditado. Não existe caso isolado quando falamos de assassinato de um negro... O que existe são pessoas acima da lei que tratam a sociedade feito fantoches. As fechaduras não foram forçadas, a mansão não tem sinais de arrombamento... Não houve tentativa de assalto, isso posso garantir! Não posso dar mais nenhuma informação para não comprometer a investigação do caso.

CENA 07

Os repórteres saem, e os policiais entram fazendo a maior festa porque Marta Lopes passou na televisão.

POLICIAL 1

Ahhhh êêê!

POLICIAL 2

Mas a bicha está é famosa mesmo.

POLICIAL 1

Quando crescer quero falar bem assim feito você!

POLICIAL 2

(imitando a fala dela) “Não falamos de caso isolado quando falamos de assassinato de um negro.”

Os dois policiais riem

POLICIAL 1

Adone Mathias Santos, 20 anos...

POLICIAL 2

Filho de Maria Aparecida Santos e irmão de mais três...

POLICIAL 1

Cedo ingressou nos projetos sociais da comunidade e se destacou nas oficinas de violão, canto coral e literatura...

POLICIAL 2

Ganhou o concurso de DJ e daí começou a ajudar a mãe Maria a sustentar a casa...

POLICIAL 1

Ingressou na faculdade federal e logo teve que sair da vida noturna...

POLICIAL 2

E foi aí que o destino aproximou ele da família Love. Em paralelo à faculdade, entrou para trabalhar como atendente nas empresas da família do amor.

POLICIAL 1

Dever de casa, professora... as redes sociais falam muito!

POLICIAL 2

O celular dele que foi encontrado também nos ajudou pacas! Pausa para uma merendinha?

CENA 08

Entra o pai num plano imagético fazendo um caminho de migalhas de pão. Eles levantam, vão achando aquelas migalhas como se fossem pistas e vão comendo cada um em um plano. Marta Lopes

é a que está mais próxima dele, enquanto o pai vai recitando um poema.

PAI

Vivo essa história como um poema
e em todos os termos, aspectos dessa vivência
O poema se entrelaça a minha história...

Sentença absoluta ou perfeita...
me digam vocês!

Fatos que não podem ser traduzidos,
Pela impossibilidade de separar o joio do trigo,
Sentido ou palavra.

A leitura precisa ser contínua,
É necessário que sigam as migalhas de pão deixadas
Para que possam acompanhar a rede de sentidos
Pelas artes também deixadas...

Assim as pinturas,
O sangue, as pétalas, o poema, as migalhas, o pão...
São costurados por pistas ao leitor.

Impossível distinguir entre representação e representado
a poesia é formada de sentença absoluta ou perfeita.

O pão acaba. O pai se vira e fica face a face com ela.

PAI

Podemos ficar onde estamos
De lados opostos da mesa
Nunca estivemos em outro lugar
Sou o conjunto de instituições econômicas e morais...
Sou quem dita as políticas dessa sociedade,
A mesma política que os indivíduos se subordinam.
Não podemos guardar conhecimento para si

você chegou onde chegou graças a mim!

CENA 09

Lindolfo Love sai por um lado e um dos policiais sai por outro lado. Marta e o outro policial tomam café e comentam sobre a gana de Marta em querer prender Lindolfo.

MARTA LOPES

É uma história doida. Mainha pouco falava sobre e me lembro de quase nada daquele período, como se tivesse apagado da mente... Painho assinou a confissão do assassinato de Pablo, filho da Ama de leite de Seth. Foi preso e tudo lá em casa mudou. A geladeira passou a ter comida abundante e eu e minha irmã passamos a frequentar boas escolas. As injustiças espalhadas pela mídia e evidências adulteradas no caso do meu pai me trouxe até aqui. De lá pra cá, venho colhendo informações e evidências que apontam Lindolfo como o maior carrasco de toda história e a má construção dessa cidade. Não existe lei que ele não sobreponha...

POLICIAL 1

Nessa altura do jogo, tocar nesse câncer social pode custar vidas... nós dois sabemos que ele está acima da lei, é o figurão que mata e não suja as mãos. Tem certeza que está preparada para essa batalha?

MARTA LOPES

Essa guerra já foi travada há anos... Nós dois esperamos por esse momento. De repente, uma ligação me coloca frente a frente com ele.

Entra o outro policial com uma caixa de sonhos.

POLICIAL 2

Sonho? Doce de leite, goiabada e chocolate...

Os dois olham para cara dele e saem putos.

POLICIAL 2

O que foi? Aqueles pães duros não taparam o buraco do dente!

Vai saindo atrás deles.

CENA 10

Estão sentados em cadeiras, um do lado do outro: Lucca, Empregada e Seth, esperando serem liberados.

LUCCA

(sussurrando ao seu irmão) O que você disse a eles?

Seth não responde, Lucca tenta dar um bofete na cabeça de Seth.

LUCCA

Fala, sua bichinha...

EMPREGADA

Quer trocar de lugar comigo? Assim fica difícil...

LUCCA

Melhor você ficar aí, senão sou capaz de cometer um crime aqui.

EMPREGADA

Então vai chegando pra lá que não gosto de homem azedo encostando em mim não.

Lucca se ajeita e vai de novo tentar falar com Seth.

LUCCA

(sussurrando) Eles perguntaram pelo papai? Não fala nada, deixa comigo, eu já já tiro a gente daqui. Será que acharam o celular do neguinho? Seth, Seth...

EMPREGADA

Pelo amor das folhas, o homem não quer papo com você, não... Eu não ganho pra isso...

LUCCA

Cala a porra da boca! Está demitida!

SETH

Demente, ela nunca foi contratada. Cala a boca e para de ficar cuspidando merda antes que você nos prenda com a sua tal inteligência.

Lucca vai tentar falar.

SETH

Isso, continua se entregando, é tudo que eles querem... Você não parece nada com o papai.

LUCCA

Nem você!

EMPREGADA

Xiiiiii, começou! É agora que vamos os três presos mesmo.

LUCCA

Está vendo aí? Sabia que ela devia... **(chama os policiais)** Policiais, aqui! Ela acaba de se entregar afirmando que vamos os três presos. Como nada devo, a neguinha se autointitulou culpada.

SETH

Você já poderia responder por pelo menos três crimes, Lucca. Só nas suas medíocres falas, inclusive, por falas racistas.

Lucca levanta preocupado passando a mão na boca, ajustando a gola da camisa. Seth vem por trás, coloca as mãos em seus ombros e o acalma.

SETH

(irônico) Calma, irmão. Papai sempre tem tudo sob controle... Nunca estamos sozinhos, temos o amor que acompanha o nome. Pensei que já estivesse acostumado. Nunca temos culpa, ou temos?

A empregada quebra a quarta parede e fala para plateia.

EMPREGADA

Está vendo aí? O poder sobe a cabeça. Esses filhinhos de papai roubam, matam, se drogam e matam, não dá em nada... Vá, negão, roubar leite pra seu filho pra tu vê. Vá, negão, querer crescer pra tu vê. País sem moral, sem lei, país canibal.

CENA 11

Os irmãos sentam novamente em seus lugares para assistir o programa de notícias que acaba de começar. Um programa sen-

sacionalista fala sobre o crime. O apresentador do programa está com um nariz de palhaço.

APRESENTADOR

Qual é a câmera? Qual é? Essa? Ok. Acabamos de entrar no ar com uma notícia quentíssima. Antes gostaria de aproveitar para falar um pouco sobre esse novo lançamento dos revigorantes e cacheadores anticaspas “beerlife”, o produto mais vendido nos últimos seis meses no Brasil. Você não pode ficar de fora. Agora, um caso que assusta os moradores e assombra toda região... seria mais um golpe? Seria mais uma tentativa de assalto que deu errado? Fique aí, não saia daí para nada. Logo mais, a reportagem completa.

Som da vinheta de intervalo. O apresentador chateado.

APRESENTADOR

Isso mesmo. **(fala com o ponto no ouvido)** Tive que chamar a vinheta, vocês deram uma lida nesse script? Aqui fala “mais uma morte nas residências da família Love”. Não posso falar desse jeito que vai parecer que eles são assassinos... Não vou me comprometer, ele patrocina a emissora e diversos projetos meus, garantiu verba para minha campanha. **(com o ponto)** Não, jamais... somos amigos, entendeu? Não vou detoná-lo em plena rede pública. Polêmico? Ser polêmico é uma coisa, me recuso a falar esse texto... É o que? Com toda certeza ele é inocente e mesmo que não fosse, não sou lei para julgar ninguém.

VOZ DE FORA

Câmera um, voltamos em 10 segundos.

APRESENTADOR

Adone Mathias Santos, 20 anos, foi convidado para mostrar seu trabalho como músico na festa que aconteceria na casa da grande e conceituada família Love, lá ele sofreu um acidente e morreu afogado na piscina. A pergunta é:

se a festa aconteceria numa sexta-feira à noite, o que ele fazia na casa numa quinta-feira pela manhã? A delegada Marta Lopes afirma que não foi uma tentativa de assalto mal sucedida e só! Delegada, a sociedade precisa de uma informação mais contundente, precisamos de respostas. O que esse rapaz fazia na mansão dos Love numa quinta-feira pela manhã, uma vez que a festa que foi convidado a mostrar seu trabalho seria na sexta à noite? A sociedade precisa dessa resposta, o microfone está aberto aqui aguardando essa satisfação. Os empresários começam a ficar assustados com essa frequência. Também é seu direito ter segurança pública, vamos ficar atentos a isso! Agora, com vocês, um produto que fará você perder 15kg em apenas um mês. Eu disse um mês, perca um a cada dois... **(o programa continua e a voz vai sumindo)**

POLICIAL 2

Pela madrugada **(desliga a TV)**! Esse miserável deu mais ênfase a segurança do...

Lucca, Seth e a Empregada levantam da cadeira em protesto.

OS TRÊS

Espera um pouco aí...

LUCCA

Precisamos estar a par da situação como um todo...

EMPREGADA

Eu adoro esse apresentador! Ele é um charme! Não perco esse programa.

SETH

(aliviado) Eu disse! O poder do Lindolfo começou a surtir efeitos **(senta de novo, descansa a cabeça nas mãos e estica as pernas)**. Agora é somente expressão de espanto e esperar para deitarmos numa cama macia.

CENA 12

Em outro plano, a delegada encosta a cabeça e dorme. Toda essa cena que acontece nesse momento é um sonho. O pai dela entra em cena cantando.

PAI DE MARTA

“Cai cai balão, cai cai balão
Aqui na minha mão
Não Cai não, não cai não, não cai não
Cai na rua do Sabão

Cai cai balão, cai cai balão
Aqui na minha mão
Não vou lá, não vou lá, não vou lá
Tenho medo de apanhar!”

MARTA LOPES

Pai? É você?

PAI DE MARTA

Dorme como um anjo, linda como a mãe. E quem mais poderia ser?

MARTA LOPES

Por que me deixou, pai? Por que nos deixou? Sentimos tanto a sua falta. Mãe não teve mais saúde depois que foi preso. Mas esse desgraçado vai pagar toda desgraça que trouxe a nossa família.

PAI DE MARTA

Filha, fui enganado. Esse peste me garantiu que por ser réu primário, eu conseguiria responder em liberdade. Teríamos uma vida boa, conseguiria ser mais presente com vocês. Foi oferecido muito dinheiro. **(vai saindo em passos lentos andando pra trás)** Mas lhe peço, esquece essa

história, essa família é muito perigosa e está acima da lei. Lindolfo é a própria besta encarnada... Não tem o que ser feito, eu realmente sou culpado, culpado...

Ela tenta se levantar, mas parece presa a cadeira.

MARTA LOPES

Não vai, pai! Preciso da sua ajuda! Precisamos fazer justiça!

Ela estende os braços para tentar tocá-lo. Um barulho de carro aparece do nada e ela vê o pai no chão atropelado.

MARTA LOPES

Pai?

Acorda do sonho gritando e chorando.

MARTA LOPES

Nãooo!

CENA 13

O policial 2 entra correndo.

POLICIAL 2

Está tudo bem?

MARTA LOPES

(assustada/ofegante) Sim, um pesadelo só isso!

POLICIAL 2

Senhora precisa descansar e se alimentar direito.

Policial 1 entra.

POLICIAL 1

Tenho duas notícias. A primeira é que a história que os dois contaram conferem. Pegamos imagens da câmera de segurança da portaria da residência de Lucca e Seth chegou às sete como informou no depoimento. Depois vimos registro da câmera do estacionamento da empresa com Lucca e Seth chegando. Esses dois vídeos tiram eles da cena do crime. A segunda notícia acredito que vão se alegrar. No celular da vítima encontramos um SMS que recebeu ontem às dezessete horas que combinava o encontro às seis horas de hoje para montagem de som.

Os policiais vibram como se estivessem fechando o caso. A cena continua normalmente como se o policial 1 continuasse trazendo todas as evidências.

CENA 14

A delegada entra em uma luta de espadas com o Lindolfo Love. A cena da luta de espadas acontece por entre os policiais que estão no plano real e a luta acontece num plano imagético, num universo paralelo.

LINDOLFO LOVE

Batata! Com todas essas evidências você finalmente conseguiu chegar até mim...

MARTA LOPES

(se defendendo de golpes e atacando também) Era só uma questão de tempo, os mocinhos sempre vencem. Neste caso, as mocinhas.

LINDOLFO LOVE

(ri) Fiz você, guria. Acredite, estou com passos na frente e essa trilha de migalhas de pão foram propositais.

MARTA LOPES

Não me interessa se você é um sádico, o que realmente importa é que você vai apodrecer na cadeia!

LINDOLFO LOVE

Veremos, minha filha. **(Lindolfo dá um golpe, ela cai e ele dá as costas para sair)** Não esqueça, vocês não passam de peões nesse tabuleiro e eu... Bom, eu dito as regras.

MARTA LOPES

(se recompondo ofegante) Você está na merda. Eu disse que iria lhe pegar, eu disse que você pagaria... **(começa a rir)** Você perdeu... eu venci, venci você!

LINDOLFO LOVE

(voltando-se lentamente) Tem certeza? Em que país você vive? Estamos falando do mesmo Brasil? **(faz gesto de arma com a mão).**

MARTA LOPES

Você perdeu!

LINDOLFO LOVE

Veremos! **(sai de cena)**

No outro plano,

POLICIAL 2

Então, todas essas evidências levam ao senhor Lindolfo?

POLICIAL 1

Estamos nesse momento emitido um mandato de busca

para o magna...

Agora no plano real, Lindolfo entra em cena.

LINDOLFO LOVE

(vai entrando) Espero que esse magnata de qual estão falando se refira a mim. Ninguém nunca me deu esse adjetivo e me deixa muito contente que os colegas dos quais ajudo a pagar o salário me considerem assim. Bom, poupei o trabalho de vocês e não precisa mandar ninguém atrás de mim, pois aqui estou. Bingo! Acabaram de fechar a cartela. Mas, de antemão, quero que imediatamente liberem meus filhos, está mais que provado que os mesmos são inocentes. E, por favor, liberem também a empregada, a mesma não teria nem porquê estar aqui. (ri. Para Marta) Delegada Marta Lopes, um prazer enorme finalmente conhecer pessoalmente, ou re-conhecer, se posso assim dizer. A inteligência pode ser do pai, mas os olhos e semelhança não temos o que questionar, é da sua mãe.

Os três ficam em choque ao receber a visita de Lindolfo Love. O celular de Marta Lopes toca.

CENA 15

MARTA LOPES

(ao telefone) Alô, quem é? Sim, sou eu... Sou irmã dela, o que aconteceu? Não, estou sozinha, pode falar. Fala logo! O que? Mentira. (cai sentada na cadeira) Ela está bem?

Olha para Lindolfo que começa a esboçar um leve sorriso. Marta entra em uma paranóia com revivendo as frases dos personagens que em cena, dizem novamente para ela.

POLICIAL 1

Nessa altura do jogo, tocar nesse câncer social pode custar vidas.

LINDOLFO LOVE

(ri) Fiz você, guria. Acredite, estou com passos na frente e essa trilha de migalhas de pão foram propositais.

POLICIAL 2

Nós dois sabemos que ele está acima da lei. É o figurão que mata e não suja as mãos.

PAI DE MARTA

Mas lhe peço, esquece essa história, essa família é muito perigosa e está acima da lei.

LINDOLFO LOVE

Me pegou? Veremos... Não esqueça, vocês não passam de peões nesse tabuleiro e eu... Bom, eu dito as regras.

Marta pega sua arma e vai para cima de Lindolfo.

MARTA LOPES

Acabo de receber a notícia de que minha irmã foi atropelada e está entre a vida e a morte. Não prenderam quem a atropelou, mas acredito que veio receber a notícia junto comigo. Perdi muito pra você e nesse momento se perder a minha irmã, não me importarei mais com nada. Para um sociopata, uma mulher com sede de justiça. Por anos, você vem cometendo genocídio e ninguém nunca provou, mas posso provar! Quero que fique nítido que se minha irmã morrer...

LINDOLFO LOVE

Não se dê o trabalho de me acusar de tal feito. Não sou moleque para dizer que não fiz, se fizer. Sou artista e não

assassino, exijo respeito!

MARTA LOPES

Seu palavriado bonito e seu dinheiro compra e encanta os paspalhões que puxam seu saco...

POLICIAL 1

Delegada, calma! Vamos pegá-lo, mas tudo dentro da lei...

LINDOLFO LOVE

(para o policial 2) Já fez o que lhe mandei?

POLICIAL 2

(engole seco) O que, senhor?

LINDOLFO LOVE

Libere meus filhos e aquela pobre miseráv...

MARTA LOPES

Daqui não sai ninguém até segunda ordem...

LINDOLFO LOVE

Delegada Lopes. Onde a lei não vigora, impera uma chacina. Abaixa essa arma. Vamos lá, me mostre o que tem pra mim, o que tem contra mim. Alegre meu dia. Criamos leis pra prender vocês. Vamos, abaixa essa arma antes que destrua sua carreira. Olhe, o que eu disse aqui pode ser usado contra você no tribunal. (vai caminhando para ela)

MARTA LOPES

Fica parado aí...

POLICIAL 2

Delegada, calma...

MARTA LOPES

Parem de me pedir calma.

O celular dela toca novamente. Os policiais se olham, mas ela não atende o celular.

LINDOLFO LOVE

Atenda, podem ser notícias da sua irmã. Me coloco à disposição para ajudar no que for preciso, vocês (**aponta para os dois policiais e a própria delegada**) dessa região são minha responsabilidade. Do menor ao maior! (**olha para o policial 2 e ordena**) Faça o que lhe mandei agora!

O policial 2 sai, Marta Lopes olha para o policial 1 e pede.

CENA 16

MARTA LOPES

Prepara uma viatura, vamos dar uma volta!

Eles saem por um lado. Pelo outro, os filhos, o policial 2 e a empregada entram.

POLICIAL 2

Ué, cadê eles?

LUCCA

Eles quem?

SETH

Lindolfo, quem mais você acha que pode ser?

A empregada vai saindo na frente.

LUCCA

(olha para empregada) Onde você pensa que vai? Volte para o corredor, você é a principal suspeita.

POLICIAL 2

Os três estão liberados... Já pegamos o culpado.

Os três perguntam numa só voz.

OS TRÊS

Quem é?

EMPREGADA

(para si mesma) Não é de sua conta, não é de sua conta!

POLICIAL 2

Saberão em breve. Assinem aqui e estão liberados.

A empregada assina e, em seguida, os irmãos.

EMPREGADA

Uma última coisa. Ninguém perguntou, mas meu nome é Sandra Silva de Oliveira.

POLICIAL 2

(olhando para o papel) Ih, é mesmo.

Saem pelo mesmo lado que Lindolfo, a delegada e o outro policial saíram.

POLICIAL 2

Ei, a caneta é minha... Putz! Aqui é uma dificuldade achar uma caneta! Consigo uma e eles levam, vou perder não. (vai saindo atrás deles, e, ao sair vai levando a fita de isolamento de crime já preparando a próxima cena.)

CENA 17

Chega Lindolfo Love, Marta Lopes e o Policial 1 na cena do crime. É a varanda da casa da família.

LINDOLFO LOVE

Sabe por que gosto dessa casa, caros colegas? Porque daqui de cima vejo a cidade... Tudo isso aqui era diferente. Com o tempo, a modernidade e o progresso foram chegando, a cidade foi se tornando cada vez mais megalomaniaca. Tráfico, aumento de uma alta massa de homossexuais e a caça, que foi a primeira arte inventada pelo homem, começou a evaporar. Ninguém caça mais nessa cidade, ou caça? **(pausa)** Muitas vezes se levantaram e essas vozes são ruins para os negócios. Você sabe como pode mandar numa cidade, senhorita Lopes? **(pausa)** Se caminhar lado a lado com ela. Então, busquei pétalas de meu pai por toda região. Todas as obras de arte ao longo desses últimos anos feitos por mim, tem a sua assinatura.

POLICIAL 1

(fala em sussurros pra Marta) O que viemos fazer aqui? Vamos manter a calma, ele já está em nossas mãos.

MARTA LOPES

(impaciente) Estamos todos calmos. Não passa de procedimento padrão, levar o assassino ao local do crime para que possa nos mostrar como o cometeu.

LINDOLFO LOVE

Belíssima estrutura, não acham? Seu pai adorava essa adega, era um homem elegante, de muito conhecimento, apesar da cor e de sua classe social. Conversávamos por horas, era meu confidente e levou segredos pro túmulo. Uma pena que conviveu pouco com ele, teria aprendido muito,

como aprendi.

MARTA LOPES

Teria mesmo, se não tirasse isso de mim.

LINDOLFO LOVE

Lembro de uma tarde, jogávamos xadrez, bem aqui nessa mesa e me falou dos planos que tinha para as filhas. Falou do sonho de uma delas em ser de-le-ga-da... que ironia! Te lembra algo, senhorita Lopes?

MARTA LOPES

Sem delongas, conte-nos como cometeu o crime...

LINDOLFO LOVE

Lembro me também que quando seu pai foi condenado...

MARTA LOPES

Injustamente.

LINDOLFO LOVE

(ri) As evidências apontaram...

MARTA LOPES

Evidências criadas, adulteradas.

LINDOLFO LOVE

Ele confessou...

MARTA LOPES

Ele era inocente!

LINDOLFO LOVE

Aos olhos da sociedade, culpado...

MARTA LOPES

(chorosa) Inocente...

LINDOLFO LOVE

Culpado.

MARTA LOPES

(vai para cima de Lindolfo e tenta agredi-lo. O outro policial a impede) Desgraçado, você o matou.

LINDOLFO LOVE

O seu sonho o matou.

MARTA LOPES

Cala a porra da boca, seu doente!

LINDOLFO LOVE

Sabe como ele morreu, senhorita Lopes? Arrancaram sua língua e o penduraram de cabeça para baixo. A pressão foi tanta, o sangue desceu tanto pra cabeça que ele infartou.

Ela o joga sentado numa cadeira, o policial corre para segurá-la.

LINDOLFO LOVE

Se afaste. Nada demais, estamos conversando.

Ela senta de frente pra ele, o policial fica próximo a mesa também.

MARTA LOPES

Fala logo, seu merda. Você estripou aquele garoto, seu doente!

LINDOLFO LOVE

(fala olhando para o policial) O xadrez é um jogo para duas pessoas. (olhando para Marta) O objetivo do jogo é dar o xeque-mate, isto é, ameaçar o rei do oponente com uma captura inevitável.

Ela aponta a arma pra ele.

MARTA LOPES

Xeque-mate!

Ele cai em gargalhadas.

LINDOLFO LOVE

Você não entendeu nada. O rei é considerado uma peça de valor inestimável. As regras de etiqueta no xadrez indicam que ao ameaçar o rei, o atacante pode quebrar o silêncio da partida e anunciar “Xeque!” e não xeque-mate. Regras são regras, do contrário, seríamos selvagens.

POLICIAL 1

Não entra no jogo dele. Estamos com ele na nossas mãos.

Ela aponta a arma pra o policial e sinaliza com a cabeça para ele sair.

MARTA LOPES

(para o policial) Não ouviu? O xadrez é um jogo para duas pessoas. Sai! (vai atrás e fecha a porta.)

LINDOLFO LOVE

Às vezes deixamos o rei exposto por que temos jogadas muito mais ousadas. Agora que estamos a sós, notícias da sua irmã ? Me distraí e acabei esquecendo de perguntar.

MARTA LOPES

(gritando) Fala como cometeu o crime! (engatilha a arma)

LINDOLFO LOVE

Está baixando o nível, delegada. Suas atitudes estão lhe comprometendo.

MARTA LOPES

“O inferno está vazio e todos os demônios estão aqui na Terra”. Não tenho medo de você, Lindolfo! Não sou esses merdas que comem na sua mão, não sou esses sujos que tem você como um Deus.

LINDOLFO LOVE

Sem fé não existe manipulação, sem a manipulação não existe medo e sem o medo não existe poder.

Marla Lopes lembra do depoimento da empregada. A cena do depoimento repete literalmente em outro canto do palco.

EMPREGADA

Claro que achei estranho, mas entendi como se ele falasse do suor do trabalho, eu acho! Ah, me pediu pra que nunca tocasse, ou molhasse as rosas violetas secas do deserto. Disse-me que cresciam secas e que eram coisas do seu pai.

Marta Lopes começa a destruir todas as rosas violetas que estão envolvendo uma parede, as rosas podem começar a cair do teto como se ela estivesse destruindo todas as rosas que contém na casa e Lindolfo sofre como se perdesse um filho.

MARTA LOPES

(vai arrancando, destruindo) Não existe vida nesse lugar!
Não existe amor,
Nesse recinto só existe ódio e dor...

São rosas de cheiro peculiar,
Pétalas que choram e sangram,
Histórias que não vão mais voltar e voltam, repetem-se
Como se quando tem sede
e as únicas bebidas derramam

Uma casa sem sol,
Que sobrevive apenas da presença lunar sem planos

O castelo começa a desmoronar
E as rosas violetas de cheiro peculiar reclamam...
Pubam!

LINDOLFO LOVE

Nesse mundo posso transformar água em vinho, se quiser.
Não sou como um Deus, eu sou o próprio Deus!

Ele levanta da cadeira e coloca a mão sobre sua cabeça, ela começa a ficar meio tonta.

LINDOLFO LOVE

Posso curar seus demônios, se você quiser. **(Ele coloca ela sentada no lugar onde ele estava)**. A vingança é um caminho muito solitário.

MARTA LOPES

Vou te pegar dentro do seu próprio joguinho, dentro do seu próprio sistema.

LINDOLFO LOVE

Não tenho um sistema de estimação, eu sou o próprio sistema. Você é mais uma peça que eu movimento no meu tabuleiro. Eu mando em quem manda em você. **(Coloca uma malinha no colo dela e sai)**

Ela entra em um transe ao ouvir tudo aquilo e quando volta em si, Lindolfo não está mais ali. O policial 1 e 2 arrombam a porta e entram desesperados.

POLICIAIS

Delegada, está tudo bem?

POLICIAL 2

Ouvimos um tiro...

POLICIAL 1

Onde está seu Lindolfo?

POLICIAIS

O que a senhora fez?

CENA 18

Marta vai se levantando com a ajuda dos policiais e a malinha cai do seu colo. Na malinha, várias cédulas de dinheiro vivo se espalham por todo chão. Eles ficam se olhando. Todos os atores entram em cena vestidos de Lindolfo Love e começam a correr atrás da delegada brincando de pega

pega, até que todos a pegam e as mãos começam a sufocá-la. Ela consegue se soltar e foge. Se forma um grupo de fofoca, disse me disse como se estivessem em plena praça pública, um telefone sem fio.

ATOR 1

A delegada Marta Lopes foi exonerada da Polícia Civil. A exoneração, assinada pelo governador, foi publicada ontem no “Diário Oficial”.

ATOR 2

Há 60 dias, Marta Lopes acusou o empresário Lindolfo Love Fragão, de uma série de assassinatos contra o povo negro. Ocultação de cadáver, desacato, desobediência, ameaça, difamação e injúria contra o seu ex funcionário, Domingues Lopes.

ATOR 3

O governo nega qualquer relação entre a exoneração da delegada e o incidente.

ATOR 4

Apesar da repercussão, o caso não foi investigado pela Corregedoria da Polícia Civil. Dez dias após o incidente, o juiz que exigiu a sua exoneração foi promovido a desembargador pelo TJ.

ATOR 5

Por conta do caso, o presidente do TJ pediu para a Secretaria da Segurança Pública criar a função de “delegado especial” para cuidar de casos envolvendo delegados. O pedido não foi atendido.

Todos são surpreendidos com o regresso da delegada na cena. A feira de fofoca silencia e ela vai passando.

MARTA LOPES

Não estou surpresa com a exoneração.

ATOR 1

Culpada!

MARTA LOPES

Toquei numa casa de morimbondo...

ATOR 2

Culpada!

MARTA LOPES

Sei os motivos da decisão do governador...

ATOR 3

Culpada!

MARTA LOPES

Meu maior sentimento foi não ter direito de defesa.

Como alguém visto como louco, ela insinua que vai mordê-los e todos saem. Ficam apenas o policial 1 e 2 em uma conversa descontraída.

CENA 19

POLICIAL 2

Trouxe um açufezinho para o nosso mais novo delegado implacável...

POLICIAL 1

É rapaz, estamos por aqui! Lamentável o que aconteceu com a ex colega Lopes. Ela foi avisada.

POLICIAL 2

Quem avisa amigo é.

POLICIAL 1

Aproveitando a oportunidade, no depoimento da delegada Lopes, ela cita que na cena em que a encontramos havia uma malinha com muito dinheiro dentro. Você tem conhecimento dessa tal malinha?

POLICIAL 2

Claro que não!

POLICIAL 1

Imaginei...

Policial 1 larga a xicara do café.

POLICIAL 1

Sem açufezinho hoje. Vamos tomar uma cervejinha pra comemorar, por minha conta!

POLICIAL 2

Assim fica ainda melhor.

Vão saindo. Do outro lado, Marta Lopes organiza papéis que estão espalhados por toda sala, está com roupas confortáveis de dentro de casa, quando é surpreendida por um mensageiro à sua porta que lhe traz uma carta, ela recebe. Ao ler, percebe que se trata de uma carta de Lindolfo. O público escuta a carta através da voz off de Lindolfo.

Todos os personagens entram e se posicionam como se fossem peças de um xadrez e de acordo ao que ela vai lendo, vai passando pelas peças, algumas peças/pessoas ajudam ela em cena a mudar de roupa.

LINDOLFO

(voz off) Meu pai teve um câncer e essa doença maldita hoje tenta me matar. Salvei, limpei a cidade durante todos esses anos, vocês deveriam estar comemorando todas as obras de arte que fiz de lá para cá. Vocês para mim foram bonecos, beberam no meu caneco e ouviram apenas as músicas que quis mostrar. Hoje estou aqui me entregando porque se eu não fizer, vocês nunca iriam me encadear, se é que ainda podem. Estou velho e cansado, não vejo a hora de poder descansar. Aquele caso de 10 anos? Até envergonho-me em achar que tive algo haver, Lucca cometeu aquele crime...

Nesse momento, ela que vai passando pelo tabuleiro humano está passando por perto de Lucca.

LUCCA

Pai está fora da cidade. Voltara há uns dias, espero que esteja tudo resolvido, pois gosta muito dessa residência e é aqui

onde passa o pouco tempo que tem para descansar.

Marta o ouve falar e logo o algema e continua caminhando até chegar ao rei.

LINDOLFO

(voz off) Organizei os fatos e aquele ordinário só me deu trabalho, mesmo quando tirei ele de lá. Seu pai foi muito esperto garantindo seu canudo, alimento, bom teto e você ainda quer me culpar. Falei 15 anos, ele entendeu 15 meses e depois tentou me prejudicar.

Assim como meu pai, tirei vários pretos da marginalização e suas famílias foram recompensadas, deixei várias artes nessa região. Fui me aprimorando com o passar do tempo, até que minhas artes, minhas poesias perderam atenção. Dividir essa função com os próprios policiais me envergonha. Cara Marta, lidar com essa milícia é pior que lidar com o próprio ladrão. Pensei em mudar o contexto, mas policiais são sujos e resolvi me resguardar. Aqui estou para analisar e ajudar a escolher qual punição irei receber e vamos ver quem pode mais, se eu ou você.

Quando a carta acaba, Lindolfo está sentado como no início olhando para o quadro e passando a moeda pelos dedos. Ela, cara a cara com ele nesse momento.

MARTA LOPES

(arma em punho) Odeio jogo de xadrez, mas aprendi como funciona. Uma palavra me toma nesse momento e acredite que não é gratidão! Justeza, repito, justeza... essa palavra ecoará nessa casa até encontrarem você. Ninguém procura quem não está desaparecido. Lhe acerto hoje com um tiro que disparei da ultima vez em que estive nessa casa...

Lindolfo vai virando lentamente.

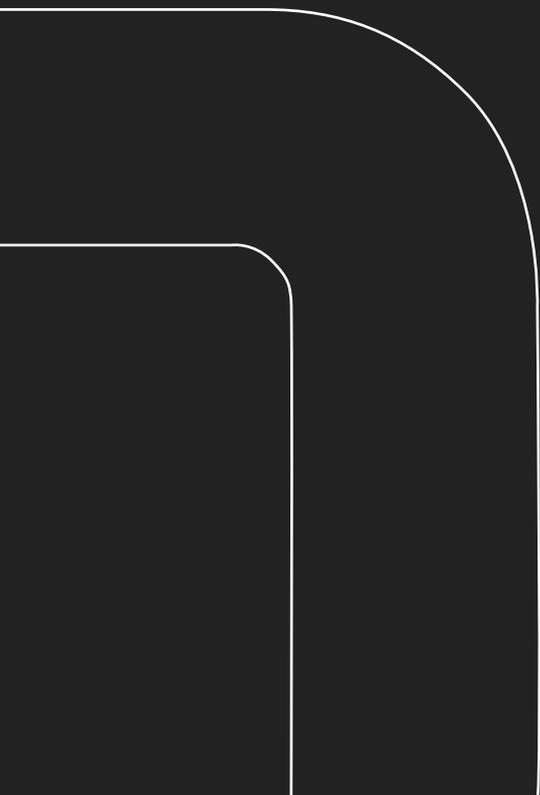
MARTA LOPES

Analisar uma obra de arte pode parecer uma coisa um tanto complexa, reservada para poucos entendidos do assunto. Não é bem assim, não é verdade? Provarei que não é preciso ser expert em arte para entender uma obra clássica, com parâmetros básicos, mas atenho-me a uma obra de Body Art, ou pintura corporal, como queira. E me esforçarei para que torne-se uma belíssima pintura. Se nossos corpos em degradação foram vistos como beleza artística para pessoas como você, não me privo de aprender a ler um corpo branco definhando como uma digna obra das galerias mais lindas do universo. Seu cansaço e sua entrega não me comove. Você não me chama de ignorante por isso. Agora é a vez de eu me chamar de artista. Lindolfo, conheça minha assinatura. Xequemate!

As luzes se apagam e um som de tiro.

FIM

URUGUAI



freestyles

Texto de Carlos Luz - Mano Xandão

“A arte de viver está no olhar de que enxerga com o coração”.
Um musical que conta a história de Luke, freestaleiro que ganha a vida como baleiro de ônibus, mas sonha em ser conhecido como rapper.

PERSONAGENS

LUKE
JUDITE
LOURDES
TEREZA
BOA MORTE
PLATÉIAS DAS BATALHAS
BALEIRO

CENÁRIO

CASA DE JUDITE
RUA EM QUE JUDITE E LUKE MORAM
PRAÇA DE SALVADOR
ÔNIBUS URBANO
ÔNIBUS INTERESTADUAL
VÃO DE HOTEL
PRAÇA DE BRASÍLIA

APRESENTAÇÃO

Por Daniel Arcades

O bairro do Uruguai é um universo à parte da cidade de Salvador, desde que comecei a tecer relações com o local, lá pelos idos de 2014, sabia de quão especial era a movimentação na região. Um bairro com a presença de uma líder cultural como é Jamira Muniz, gestora do Centro Cultural Alagados e ativista cultural ferrenha, ganha autoestima, presença e pertencimento nos viventes de lá e esse percurso é visível entre os mais jovens do referido bairro. Carlos Luz, o nosso Mano Xandão, não só participou da residência de dramaturgia, como mobilizou diversas pessoas para conhecerem e participar do projeto. Percebo nele uma forte tendência à liderança cultural quando estiver mais velho. Por agora, desejo muita produção artística para o inquieto rapaz. Freestyles é uma peça escrita por um rapper baiano, que, com sua poesia, atravessa as barreiras das definições setoriais de arte e se joga na literatura, no teatro, na música, na performance e por aí vai. Como toda pessoa engajada em um país que luta por um fortalecimento cultural periférico, Carlos Luz, o mano Xandão, vive enfurnado em atividades para movimentar seu povo. Nesse meio tempo, sempre estava envolvido com ações e eventos no bairro, por isso, nossos encontros quase sempre foram virtuais e tarde da noite para discutir o seu desejo de escrita. O processo criativo pedia isso, fazíamos. Um musical juvenil com letras de rimas de batalhas. Acredito que o mote da peça

um jovem baleiro que sonha em ser rapper e ganhar dinheiro com isso

faz com que este trabalho não precise ser encenado apenas nos palcos de teatros, mas pode acontecer em rodas de rimas, em espaços de batalhas e até numa versão audiovisual. O texto de Xandão é recheado de cenários urbanos como ruas, palcos, ônibus, viaturas e somente um diretor bastante criativo pode dar conta de tantas mudanças, mas é esse o caminho. E como isso faz parte da realidade brasileira.

Certa vez, assisti ao espetáculo Farinha com açúcar ou so-

bre a sustança de meninos e homens, de Jé Oliveira, encenado pelo grupo de teatro paulista Coletivo Negro. O espetáculo é uma peça-show, um tributo à obra dos Racionais MC's. Foi feita uma pesquisa com homens negros de diversas idades e profissões e praticamente todos eles falaram da importância de escutar canções dos Racionais MC's. O texto de Xandão nos mostra a mesma presença na cidade de Salvador. Por diversas vezes, suas indicações de trilhas vem do grupo revolucionário de rap.

Um fator curioso na escrita da primeira peça do poeta são as rubricas. O leitor perceberá que existem marcas de oralidade não apenas nas falas das personagens, mas o autor se coloca entre as indicações de ações e cenários como um falante das gírias, da formação frasal de nossa história e dos termos presentes ao longo da peça. Essa colocação nos mostra um grande pertencimento disso. É intrigante perceber como a produção literária canônica está distante desta marca oral e de uma linguagem que atinge a maior parte de nossa população. Provavelmente, qualquer pessoa que tenha uma ligação com o universo freestyle vai sentir que está lendo algo nunca visto ao abrir um livro. As rubricas conversam conosco e isso é ótimo. Família, cuidado, juventude, sonhos e canção, essas são questões chaves nesta peça. Espero que se divirtam com uma batalha com narrativa. Assim enxergo o que está nas próximas páginas: uma história com autoria e com muitos sonhos para vencer a batalha da rima e a batalha da vida. Por musicais que pensem a música brasileira, a música da quebrada, a música pulsante sobre muitos de nós. Por mais escritores que se preocupem em trazer seu universo ao espaço teatral e que possa tecer um diálogo entre as demais linguagens artísticas e, principalmente, entre a sua comunidade. Espero assistir essa obra no Espaço Cultural Alagados junto com os moradores do bairro. E desejo que ela viaje por muitos lugares, assim como Luke, nosso protagonista, viaja nesta peça. O estilo free é a essência da criação. Criemos, criemos.

ATO 1

CENA 1

Casa de Luke e Judite. Luke está se preparando pra sair colocando seus colares. Judith, sua mãe o observa encostada na porta.

JUDITE

Filho, cadê sua identidade? Tá levando?

LUKE

Tá aqui, coroa. Fique tranquila, e lhe digo mais: hoje vou brocar no corre. No mínimo, 1K só de venda. A senhora vai ver, tudo vai se resolver, pode pá.

JUDITE

Deus te ouça, meu filho. Até porque barriga não espera, tampouco as contas, que por sinal já tem três meses atrasados (se envergonha na frente do filho e senta-se).

LUKE

Não esquenta, coroa! O dia de hoje vai ficar pra história!

Luke beija a mão da mãe pedindo sua benção e pega todo seu material de trabalho. Sai.

CENA 2

Do lado de fora de casa, Luke bate o cadeado e percebe um barulho de carro se aproximando devagar, tipo sorrateiramente. Ele olha e é a polícia "chocolate", uma turma não muito benquista pela comunidade. Os policiais olham Luke da cabeça aos pés.

LUKE

(fala para si) Essas puta já gosta de botar pânico, mas eu não vejo bicho com nad.....

Judite aparece na janela e registra toda a cena. Quando os policiais chegam perto de Luke, Judite grita.

JUDITE

Vá com Deus, meu filho! Que Ele te proteja e volte logo!

LUKE

(percebendo a estratégia da mãe) Amém, mãe. Beijou, já já estou de volta. Sua benção, coroa.

JUDITE

Deus te abençoe!

A polícia continua sua jornada em silêncio e sai de cena. Luke olha para a mãe que não sai da janela enquanto não vê o filho tomando o rumo oposto ao dos chocolates. Quando Luke está perto do fim da rua, olha para Judite e dá um sinal de legal. Judith fecha a janela.

CENA 3

Luke está de frente para uma escadaria de rua. Toda a canção abaixo é com ele performando pelo caminho até chegar no ponto de ônibus do seu bairro. Por ele, passam homens, mulheres, um cachorrinho e demais transeuntes da escadaria em coreografia.

LUKE

(canta)

A vida da gente é tipo esses duzentos degraus

Uns sobe e agradece, outros sobe e passa mal
Eu sou o que agradece e tô na rua principal
Bom dia, com licença, o Luke é fora do normal
Xiiii, olha lá o tó tó quer me morder
Se você tá furioso é “bom dia pra você”
Dou bom dia pra Maria, bom dia seu João
Por aqui vou passando, Luke é improvisação
Eu faço desse jeito, pra vida ficar mais leve
Sou salcity, sou guerreiro, por que a rua se conhece
Com minha guia vou passando e vendo três por três real
Não vou vender por um, tão tudo caro, até o sal
A vida é desafio, não tá fácil pra ninguém
Metete mão que é promoção, “tu é linda, parabéns”
Quem dera fosse rico cheio de ouro até o pescoço
O buraco é mais embaixo, então metete a mão no bolso

Luke termina de fazer o Freestyle e quando percebe já chegou no ponto.

CENA 4

Os seus parceiros de luta estão lá reunidos, começam a bater palmas e as pessoas acompanham. Ele agradece às pessoas que ali estão e fica ligado no buzu. Passa um primeiro que não para no ponto. Passa um segundo que para, mas na hora que ele vai subir, arrasta. Luke observa quem ainda sobrou no espaço e arranja um tempo pra mandar um último verso.

LUKE

(rima)

Hoje tem pra ninguém, o Luke tá na pista,
nada é impossível pra quem luta e conquista,
por isso que o Luke sabe improvisar,
hoje o corre é loko e minha meta é 1K.

Pessoas aplaudem, outros sorriem.

CENA 5

Um buzu para e ele finalmente consegue subir. Com música de fundo instrumental, vemos rapidamente Luke oferecer sua mercadoria, recitar uma poesia e ser muito bem aplaudido. Desce do buzu e confere a grana recolhida.

LUKE

(contando o dinheiro e guardando na pochete) 80 conto, podia fechar 100, né?

CENA 6

Logo chega no ponto mais um buzu. A porta não se abre.

LUKE

Lôto, na moral, meu pai, abre lá pra eu fazer esse corre!

O motorista com a porta fechada arrasta o ônibus lentamente. Luke bate forte e alto na traseira meio com desespero. O motorista abre a porta com o ônibus ainda em movimento, Luke pula. O motorista fecha a porta na hora de sua subida e imprensa ele junto com a mercadoria.

LUKE

Qual é, Lôto? Vou ficar metá metá, é?

O motorista abre a porta, Luke quase cai mas se joga pra cair pra dentro do ônibus. Lourdes, uma passageira, vem no seu auxílio.

LOURDES

Você está bem, meu filho?

LUKE

Tô sim, tia, muito obrigado.

LOURDES

Tia, não. Meu nome é Lourdes, ok?

LUKE

Desculpe, Dona Lourdes.

LOURDES

Dona, não, esquece o dona. Lourdes.

LUKE

Certo, Lourdes.

LOURDES

Assim é melhor.

Os dois sorriem um para o outro. Luke começa a levantar e se ajeitar com suas mercadorias.

ATO 2

CENA 7

De repente, tudo se transforma. Aparece no cenário som, microfones, Dj's. Temos a atmosfera de uma batalha de rima e Lourdes é a mestre de cerimônia.

LOURDES

Muito boa noite, senhoras e senhores, manos, minas, monas, monetes, malokeros e malokeras!

PÚBLICO

(passageiros do buzu) Boa!

LOURDES

Estamos aqui nessa noite para a batalha mais épica do século. E hoje, nessa grande final, de um lado, temos esse jovem, baleiro e freestaleiro que todos vocês conhecem de todo dia passar por aqui e ser perturbado pelo motô. Filho de mãe preta solo, faz seus corres nos buzões da vida... Façam muito barulho para Luke!

PÚBLICO

Wooooooooooooooooow!

LOURDES

E do outro lado, ele, o agente mais temido de todas as quebradas de salcity, que tem o aval do Estado para cancelar CPF's, bater, torturar, prender, espancar, dar sumiço, e, de quebra, mata homens, mulheres e crianças e cá pra nós, não dá em nada com vocês, ele, Boa Morte!

PÚBLICO 1

(puxa o grito e rima) Voadora nos guardinhas, ajuda os ambulantes, o que nós queremos ver? Sangue!

LOURDES

E temos ela, a nossa Dj, a primeira mulher negra de todo o mundo, façam muito barulho para Judi Tê!

PÚBLICO

(cantando juntos em coreografia) Mc não escolhe beat, manda rima na hora. É tchau pra quem decora, tchau pra

quem decora!!!

LOURDES

E temos aqui o nosso trio de juradxs: João de Deus, Maria Felipa e Clementina de Jesus!!

PÚBLICO

Wooooooooooooooooow!!!

Em uma espécie de sonho, a batalha começa com a Judi Tê colocando um beat bem conhecido do Racionais Mc's. Todos entram em coreografia, menos o motorista. O público vai à loucura.

PÚBLICO 2

Respeita o beat, respeita o beat!

Lourdes pede um pouco de silêncio e explica a modalidade da batalha.

LOURDES

Nessa final, será um minuto de bate e volta, Ok? Então vamos deixar de blá blá blá e vamos começar!

Luke e Boa Morte tiram no par ou ímpar quem começa. Boa Morte vence. A batalha se inicia.

BOA MORTE

(rima)

Vocês querem ver sangue, eu vou tirar de letra,
Olha bem na minha cara é o boi da cara preta,
Te mato na batalha aqui nessa sessão,
Filho chora e mãe não vê, isso é improvisação.

LUKE

Improvisação, que nada, isso tá mais pra decorada,
Luke é transcendental, é disparada em sua cara,

Ao contrário de você, minhas balas só no verso,
mas cuidado com o gengibre, ele muda o seu trajeto.

BOA MORTE

Não falou nada com nada tá panguando na batalha,
Cê acha que é bicho solto, eu sou o pica das parada,
Eu causo sua morte, vacilou, eu meto bala,
Tenho um bocado de muleke arriado na estrada.

LUKE

Bala de feijão aqui no free você não guenta,
Luke é cobra criada, tá na estrada, é sem problema,
Eu sou o Hip
Hop e por aqui eu não me iludo,
Você só mete bala por que é ruim de conteúdo.

O público vai a loucura e logo puxa o grito.

PÚBLICO 2

Se é de lá que veio, é pra lá que vai!

O policial tenta dar um soco na cara de Luke, porém o pivete ligeiro é pura maloka. Esquiva e geral entra na roda para apartar. Lourdes, se mete no meio dos dois, puxa Boa Morte e prontamente dá a ideia.

LOURDES

É o seguinte (olhando nos olhos de Boa Morte) : rima ganha de rima, ok? Caso aconteça novamente esse tipo de atitude, você será desclassificado e o adversário vence, beleza, mano?

A batalha volta. Judi Tê solta o beat do Negro Drama, o público vai ao delírio.

PÚBLICO 2

Respeita o beat, respeita o beat!

BOA MORTE

(volta a rimar)

Você é ligeiro na esquiva, mas essa você não pega.
Boa Morte é terror nas batalhas e vielas,
se bater frente tá ligado que é lona,
trouxe o free dos mais macabros tu parece uma bixona.

LUKE

Um salve pras minhas monas eu não tenho preconceito,
Tô fechadão com elas nessa luta por direitos,
Você falou terror, deve tá de palhaçada,
Pau mandado do Estado, rima toma que é de graça,
Tentou me acertar passou voado esquiva é loka,
Igual nessa batalha, te cortei, então bota outra.

O público mais uma vez vai ao delírio e começa a pular e gritar hoow, hoow, hoow, hoow. Boa Morte tenta mandar outra rima, mas não consegue por conta do barulho. Luke percebe e pede calma pra galera, o adversário prossegue.

BOA MORTE

(tentando rimar, mas sem conseguir)

Tudo que você falou eu não entendi,
Só por que seus coleguinhas gritam, eu aqui
Um bando de ladrão e traficante... Ante..
Vou matar todo mundo, espera pra ver na moral.

Boa Morte buga por não conseguir concluir a rima. Fala nada com nada, e Luke termina.

LUKE

Sente essa pressão, a atmosfera é gigante,
Pisquei, passou depressa e lá se foi num instante,

Escreve esse episódio sempre é luta nunca é sorte,
Hoje aqui o Hip Hop outra vez ganhou da Morte.

LOURDES

(empolgada no microfone) Que batalha, meus amigos!!!!

A galera enlouquecida mais uma vez pulando e gritando Hoooooow.

LOURDES

Bom, galera hora da votação. E aí, jurados? Agora é com vocês, em 3, 2, 1!

Os jurados apontam para Luke, a galera novamente começa pular e gritar.

LOURDES

Luke é o nosso grande campeão. Façam muito barulho, senhoras e senhores!

Luke tenta cumprimentar Boa Morte com um aperto de mão, mas o brutamontes dá um tapa na mão do vencedor. O perdedor dá um tapa nas costas de Luke e sai do local enfurecido. O vencedor recebe o troféu de campeão e mais uma mochila com 5 mil reais em dinheiro. Sua mãe chega no ônibus, ele a abraça e chora compulsivamente emocionado. Se afasta da mãe e se lança no meio da galera. No meio de toda aquela euforia e muvuca, ouve-se ao menos três tiros no meio da multidão. A roda se abre e quando todos se dão conta, Luke está no chão ensanguentado. Judite se desespera.

JUDITE

Meu filho!

Luke para no meio da roda, senta e quebra a quarta parede conversando com a plateia.

LUKE

Vocês devem estar intrigados, atônitos, ou até mesmo di-

zendo que já sabiam, que é sempre assim. Mas a real é que essas cenas corriqueiras acontecem nos mesmos lugares. Me desculpa interromper o furor da viagem de vocês, mas é necessário deixar bem explícito, às vezes, é só festa. Nem sempre é só morte. Deveria ser o contrário, né?

ATO 3

CENA 8

Luke no centro da cena canta com todo o elenco.

LUKE

(CANTA)

Nem tudo é o que parece ser.
Vidas pretas importam muito
Não sou produto que comprais
Quem mata é bem astuto
Em um minuto e lá se vai:
Vinicius e João Pedro
Assassinados por capataz
Os pelas sentaram o dedo
Pra ele, as vidas é tanto faz
Eu sei, você não entende
Quando eu disser sua boca entorta
Trazendo vida pra gente
Os preto chave abrindo porta
Cês falam que é mi mi mi
Que a gente vive choramingando
Essa porra aqui não é filme
Mas essa track, o perfeito plano

Favela tem sangue preto
Os prédios tem sangue preto
Calvário tem sangue preto
Isso mesmo, Jesus é preto
Zumbi foi assassinado
Esquartejado, Estado matou
Guerreiros em Zig Zag
Por esse fato, negro é amor
Vidas pretas importam muito
E pra você? Quanto equivale?
Se acha que é só produto
Tá enganado, então se prepare
Mãe preta não chora mais
Por que seus filhos se adiantou
Ouviram seus ancestrais
Cantando a vida: negro é amor.

REFRÃO (todo o elenco):

Negro é amor
Negro é amor.

Durante a canção, o ônibus vai se desfazendo, a batalha desaquecendo e voltamos para a casa de Judite.

CENA 9

O final da música tem Luke sentado sofá dormindo e gritando muito. Luke abre os olhos e vê sua coroa desesperada, chorando e sacudindo seu corpo.

LUKE

Foi horrível, mãe! (Abraça a mãe)

JUDITE

Eu imagino, meu filho. Você chegou da rua, deitou no sofá e pegou no sono rápido. Eu estava aqui na cozinha preparando o jantar, e percebi você falando sozinho. Do nada, começou a gritar, me desesperei e vim correndo. Comecei a te sacudir e te gritar, mas você demorou para acordar, eu fiquei desesperada. **(E as lágrimas rolando)**.

LUKE

Calma, mãe, foi só um pesadelo. Apesar que eu também fiquei com muito medo, mas já passou, estou vivo e é o que importa. **(Abraça novamente)**

JUDITE

Graças a Deus, meu filho. Eu não sei o que seria de mim sem você, meu coração chega bate descompassado.

LUKE

Calma, Dona Judite. Oxe, pra quê esse desespero? Eu sou imorrível.

JUDITE

Imortal, meu filho, imortal.

LUKE

Ah, você entendeu. E sabe que gosto de brincar com isso.

JUDITE

Vai tomar um banho e vem jantarmos, já são dez pras oito.

LUKE

Ok, tô indo, coroa.

CENA 10

Luke sai de cena. Mudança de luz. Já é dia.

LUKE

Mãe, cadê minha bag? Tô atrasado.

JUDITE

Tá lá no quintal. Eu lavei, tava pôdre!

LUKE

Achei.

JUDITE

Os documentos e o dinheiro está aí na estante, qualquer coisa tô fundo lavando roupa.

LUKE

Mãezona, mãezona! Tenho que fazer grana pra ir pra Brasília.

JUDITE

Fazer naquela terra?

LUKE

Recebi um e-mail para participar da seletiva pro Duelo Nacional de Mc's.

JUDITE

Tome juízo, menino. Se aqui já tá difícil, imagine naquele lugar cheio de guarda de lança.

LUKE

Cê vai ver que não tem grilo!

JUDITE

Vou lavar minhas roupas, quer dizer, vou lavar suas roupas,
que é melhor...

LUKE

Certo. Já peguei minha bag e tô me saindo, coroa. Fui! (Dá
um abraço e um beijo na mãe e sai)

JUDITE

Vai com Deus e que Exu lhe proteja.

CENA II

Luke sai de casa cantando pelo espaço. A coreografia mostra ele cantando e vivendo mais um dia de trabalho. Sobe no ônibus, canta pelas pessoas.

LUKE

(canta)

Que todo menino é um rei, isso eu sei
Acordar pra tramar todo dia
Exú é meu aliado, querido Sen say
Orgulho de ser maloqueiro e da periferia
Não canso de falar pra todos
Faço o que faço e é com amor
Judite feliz com todo meu esforço
Ela disse pra mim: Menino sonhador
As dificuldades são como muros
Freestaleiro maloka, eu pulo facinho
Antes grafito um preto escuro
Exu vai na frente abrindo os caminhos
Sonhado com o grande dia,

Nas periferias Lili vai cantar
Meu povo tão livre que só contagia
Em bando de novo e ninguém vai parar
Canta comigo de novo
Tudo que faço é com muito amor
Vamos cantar liberdade
E nasce um menino mais que sonhador

CENA 12

Já é tarde da noite. Luke vai chegando cansado e avista sua mão em pé na porta.

JUDITE

(vem ao encontro do filho com um ar de preocupação e o abraça forte) Graças a Deus você chegou, meu filho! Que me matar de preocupação é? Te liguei várias vezes e estava dando caixa.

LUKE

Sua benção, Dona Judite.

JUDITE

Deus te abençoe e os Orixás lhe deem vida e juízo.

LUKE

Calma, coroa. Tô de boa. O corre hoje teve que ser daquele jeito, afinal a viagem além de longa, já é amanhã esqueceu? E outra foi que o meu celular arriou a bateria, já deve tá viciado.

No momento em que ele vai chegando perto do portão de casa, percebe luzes piscando na cores azul e vermelha. Quando olha

pra trás, a viatura está passando, a mesma guarnição de sempre. Judite discretamente puxa o braço do filho e põe na sua frente para que entrem em casa.

JUDITE

Tá vendo, meu filho? É disso que eu estou falando.

LUKE

Eu sei, mãe. E nós já trocamos ideia sobre esses assunto aí. Já te dei a ideia que sou imorrível. Pode ficar de quebrada, coroa.

JUDITE

Você e suas gírias. Entendo nada. Já disse pra falar direito comigo.

LUKE

Entende sim, deixe de xaxo.

JUDITE

Anda logo, vai tomar seu banho que vou preparar o jantar. E por falar em preparar, lavei suas roupas que estavam muito sujas. Já estão secas em cima da sua cama, trate de arrumar e dobrar que aqui você não tem empregada.

LUKE

Valeu, coroa! Por isso eu te amo, cê sabe, né?

JUDITE

Me engana que eu gosto.

LUKE

Vou aqui usar da higiene pessoal e volto, vontade de largar o barrão. (ri)

JUDITE

Então cuidado pra não entupir. (ri também)

LUKE

Não tô achando graça. E outra, tem cheirinho de alfazema. Oxe... (ri mais ainda)

JUDITE

Alfazema, é? Eu sei, da última vez tive que ir pra varanda que essa casa ficou inabitável. Fiquei umas cinco horas de relógio lá esperando passar... (ri mais que o filho)

LUKE

Engraçadinha, você gosta da resenha, né?

JUDITE

De vez em quando é bom pra descontrair. Vem. Vamos botar a janta.

LUKE

E eu não ia tomar banho?

JUDITE

Ah, já te esperei até agora, tô com fome.

LUKE

Hum...

JUDITE

E não quero correr o risco de ter de jantar com a casa empestiada de seu barrão.

Os dois riem e cantam juntos a próxima canção e dançam pela casa inteira.

LUKE

Versos pra coroa que não tá na cabeça, mas sempre no coração

Agradecimento por ser minha inspiração

Mulher preta e aguerrida, me ensinou a ser humilde

Potencializando, me mostrando o que é ser livre
Se eu saio, se preocupa, quando eu volto, me abraça

JUDITE

Por que demorou tanto? Sabe, isso não tem graça.
Filho não entende o medo da mulher que vê sua cria
Ganhar o mundo e não poder ser mais o seu guia
Filho é pro mundo, mas meu mundo é meu filho
Não há nada que importe como ver bem minha prole
Filho, não quero te ver perto de nada que te ameaça

LUKE

Desculpa, minha coroa, esse é os corres da vida
Tem Orixá me protegendo na entrada e saída
Pra quê temer as ruas, se elas mesmo se conhecem?
Pomba, Zé Pelintra, com a Padilha, então esquece
Eu não tenho medo quem me protege nunca dorme
Se tentar contra minha vida quebra vento, tipo um porre

JUDITE

Eu rezo todo dia, peço ao orixá
Assim que tu sair, Exu vai te guardar
Menino que canta e encanta os olhos da mãe
Menino criado pra não fazer outra mulher sofrer
O dia mais lindo da minha vida foi quando te vi nascer

LUKE

Então, minha rainha é pra você essa canção
Desculpa pelas vezes que causei preocupação
Tô tentando melhorar, com rap, grana e ação
Deus te Livre, Exu te guie, isso é minha inspiração

O jantar acaba, mas eles continuam na mesa.

JUDITE

Poxa, meu filho, você nem foi ainda, mas já estou com o
coração apertado de saudade.

LUKE

Deixe de drama, Dona Judite, que só vou passar três dias fora. E eu tenho certeza que nada de ruim irá acontecer, até por que eu acredito muito nisso aqui. **(Mostrou as contas penduradas no pescoço com bolinhas vermelhas e pretas)** E é sobre isso. Não tem tchutchuca que chegue perto. **(Risos)**

JUDITE

É justamente disso que tenho medo, do jeito que esse mundo está violento. Peço proteção todos os dias para nós.

LUKE

Pelo visto tem dado muito certo. Olha eu aqui vivão e consciente. Como diz Racionais Mc's: "A selva é como ela é, vaidosa e ambiciosa, irada e luxuriosa."

JUDITE

Lá vem você e suas frases estranhas. Melhor você ir dormir, que daqui a pouco tem que estar de pé, boa noite. **(Levanta e dá um beijo na testa do filho)**

LUKE

Oxe, o que é isso, mãe? Para com isso, **(quebra mais uma vez a quarta parede)** daqui a pouco o pessoal que está assistindo vai pensar que eu sou uma criancinha, e você sabe que eu sou cara homi.

JUDITE

Oxe, que besteira, todo mundo sabe que beijo na testa é uma proteção.

LUKE

Mas assim você me deixa com vergonha, olha quanta gente assistindo.

JUDITE

Oxe, deixe de xaxo, menino.

LUKE

Tá bom, vai, mas só dessa vez. Te amo e boa noite, vê se descansa e relaxa, hein?

JUDITE

Hum hum, tchau. Ói sua vida lá.

Sai e vai pro quarto. Luke recolhe os pratos e também sai.

LUKE

Vou tomar banho que eu não sou porco. Depois eu durmo.

ATO 3

CENA 13

Rodoviária de Salvador. Luke chega junto com sua mãe.

LUKE

Ufa! Até que enfim, que engarrafamento terrível.

JUDITE

Salvador, como sempre, engarrafamento pra tudo o que é lado.

LUKE

Vamos, o portão de embarque é logo ali.

JUDITE

(voz embarga) Filho, mas você precisa ir mesmo?

LUKE

Ô mãe, não fica assim, preciso ir sim. É a realização de um dos meus sonhos. Prometo que lhe trago um presente de lá, bem bonito. **(os dois se abraçam e ele beija a testa da mãe)**

JUDITE

Não precisa. Você voltando são e salvo já é o bastante pra mim.

LUKE

Oxe, Dona Judite, num já disse que sou.....

JUDITE

(Interrompendo o filho) Imorrível.

LUKE

Então, coroa, fique sossegada. Essa é a viagem dos meus sonhos.

JUDITE

Você sabe que sou assim mesmo, toda preocupada. Você é o único filho que tenho.

No autofalante: - Atenção senhores passageiro com destino a Brasília, preparem-se para o embarque, o ônibus sai em cinco minutos. Tenha em mãos o seu documento com foto e a sua passagem por favor, desejamos a todos que façam uma boa viagem.

LUKE

Ó, pode ficar tranquila. Agora deixa eu ir, viu, Dona Judite. **(Beijo na testa e dá um abraço apertado na mãe)**

JUDITE

Te amo muito, tá? E juízo, hein! **(Beijo na testa)**

Luke se despede da mãe.

CENA 14

Já dentro do ônibus, com o fone no ouvido escutando música, Luke vai colocar a mochila no bagageiro, se descuida e a mochila cai. Luke se esbarra numa garota que estava tentando ir para o fundo do ônibus. Pernas trêmulas, coração palpitando forte, boca seca, voz embargada. Diante dele estava uma menina negra de black power cacheado, piercing no nariz, mascando chiclete e também com fone de ouvido.

LUKE

Eu sendo eu, me desculpe.

TEREZA

Tranquilo, tá de boas, pow. Quer ajuda aí?

LUKE

Não, valeu. Qual a sua graça?

TEREZA

Tereza, e você?

LUKE

Muito prazer, Tereza, sou o Luke. (Sorriso discreto)

TEREZA

Luke? Oxe, por quê?

LUKE

Na verdade, sou Rapper e freestaleiro, esse é meu vulgo.
(Risos)

TEREZA

Da hora, e que coincidência.

LUKE

Por quê? Qual foi?

TEREZA

Eu também sou Rapper e freestaleira.

LUKE

Não acredito! Que da hora, véi! E você tá indo pra casa de alguma amiga? Desculpe meu intrometimento. Onde é seu lugar aqui no buzão?

TEREZA

O número 13, e o seu?

LUKE

Por incrível que pareça, o meu é o 14.

TEREZA

Então sentemos.

Os dois se sentam.

TEREZA

Voltando ao assunto, estou à caminho da seletiva pro nacional, recebi um e-mail e uma ligação me convidando pra ir. Como eu não tinha grana, tive que fazer uns correrres de poesia no buzão pra levantar uma parte da grana e viajar. Graças aos Orixás, deu certo, e aqui estou.

LUKE

Caralhoouooooo, não é possível, isso! Igualzinho a mim, fiz tudo isso também. A única diferença é que sou baleiro também, o que ajudou bastante. Tô indo pra participar da seletiva também.

TEREZA

É sim, cero. Então salve o Hip hop, e desejo merda pra você, com o segundo lugar. **(Risos)**

LUKE

Salve, salve. Pra mim não importa, como se classifica os quatro melhores eu já me sinto contemplado, melhor perder pra uma mulher do que pra um marmanjo. **(Risos)**

TEREZA

Pode pá que você vai perder sim. **(Gargalhada)**

LUKE

Na real, eu já ganhei e muito. Você nem imagina.

TEREZA

Como assim?

LUKE

Só em conhecer uma menina linda como você. Além de tudo, é rapper e freestaleira, pra mim é o ápice.

TEREZA

O que é isso? Assim eu fico encabulada. Obrigada. **(Risos)**

Entra música e ambos ficam trocando confidências durante a viagem. Anoitece e pegam no sono. Tereza desperta no meio da noite e percebe uma cabeça reclinada no seu ombro. Luke está dormindo num sono profundo. Ela tenta acordar ele pra se endireitar.

TEREZA

Ei garoto, acorda. **(Sacudindo ombro, e Luke nada de acordar. Ela com uma voz baixinha, pega a cabeça de Luke com jeito e endireita, segundos depois ele reclina de novo, ela aumenta o tom de voz e sacode ele, que acorda num susto).** Ei, rapaz!

LUKE

(Sonolento) Hã, o que aconteceu? Já chegamos?

TEREZA

Não, queridinho, agora é minha vez, né?

Tereza se reposiciona na poltrona e reclina a cabeça no peito de Luke. Ele olha e acha aquilo uma maravilha, abraça Tereza e faz um cafuné na cabeça dela, coçando o couro cabeludo. Em fração de segundo ela pega no sono e ele acorda de vez observando a cena.

ATO 4

CENA 15

Efeitos de transição em coreografia modificam o cenário do ônibus, Tereza e Luke agora estão em hotel e cada um dormindo em lugares separados. Acordam, se arrumam e dançam ao som de "Vida Loka", de Racionais MC's. Saem de seus quartos e se trombam na recepção.

LUKE

Bom dia, flor do dia. Como foi a noite, dormiu bem?

TEREZA

Bom dia, mais ou menos, depois de 30 horas de buzão não tem cama de hotel que conserte a coluna.

LUKE

Também tô um pouco quebrado.

TEREZA

Mas muito ansiosa, e você?

LUKE

Maravilhosamente bem, ainda com esse despertador da hora aí. (Cantarolando algumas partes da música dos Racionais)

TEREZA

Tá pronto pra daqui a pouco?

LUKE

Meio nervoso, mas nada que uma roda de rima não possa aliviar.

TEREZA

Eu também, então vamos nessa?

LUKE

Vamos sim, gata, muita merda pra você.

TEREZA

Igualmente, gato, vê se não perde, hein! (Risos)

LUKE

Aonde... Se vacilar, esse primeiro lugar já é meu.

TEREZA

Vamos ver, então.

CENA 16

Espaço do evento. Estrutura de palco profissional com sonorização e iluminação impecável. Encontram uma galera que já estava lá.

LUKE

Nossa, esse povo todo aqui às nove da manhã?

TEREZA

Hum, pra ver a gente é que não é.

PLATÉIA 1

(sentado meio bêbado) Teve sonzeira ontem à noite. Froid tocou e a zorra! Tamo aqui desde ontem.

LUKE

Tá explicado.

PLATÉIA 2

Mas a galera toda falou que hoje de manhã ia rolar uma galera massa nova e pediram pra gente ficar. Vamo colar na corda aí da seleção.

TEREZA

Eita lasquera!

LUKE

Logo eu vi aquela sonzeira a noite toda, tá explicado agora.

TEREZA

Pois é, queria ter vindo, mas um dia de viagem de buzão é barril.

Chega uma pessoa da produção perto deles.

PRODUÇÃO

(para Luke e Tereza) Oi, podem se preparar, tá? Primeiro Banguela e depois, Luke. Só se posicionar ali.

PLATÉIA

Joguem duro, casal.

TEREZA

A gente não é um casal.

LUKE

A tá, agora tá explicado, Tereza de Benguela. Como não pensei nisso antes?

TEREZA

Mas eu te expliquei, lembra?

LUKE

Verdade, acho que é o nervosismo... (ria) Merda pra você.
(Dá um abraço em Tereza)

TEREZA

Valeu, te vejo na final.

Tereza sobe antes.

PLATÉIA 2

Não é uma casal, mas tá com cara de que vai ser.

LUKE

Não viaja, cara. (sai para o palco também)

CENA 17

Cena coreográfica e canção em coro. Em encenação, Tereza Bengala e Luke sobem no palco para batalhar, cada um em uma batalha diferente, Luke ao escutar Benguela fica abismado com a dicção, construção, defesa e ataque nas rimas.

PLATÉIA (canta)

A rima com a gente combina

Com nós tudo é batalha
Mas a luta que é grande demais
Na brincadeira não vira ameaça

Luke olhando para Tereza.

LUKE

A piveta broca, mano!

Tereza vence a batalha por 2x0, passa por Luke sorrindo.

TEREZA

Tá sopa.

A vez de Luke chega e o mesmo acontece com Tereza, fica abismada com o desempenho de Luke. A plateia vai ao delírio.

PLATÉIA (canta)

A rima com a gente combina
Com nós tudo é batalha
Mas a luta que é grande demais
Na brincadeira não vira ameaça

Tereza observa Luke agora.

TEREZA

Ele é impecável na construção, ataque e resposta, cê é loko!

A batalha termina e Luke também vence por 2x0, passa por Tereza e comenta.

LUKE

Daqui a pouco é nós!

TEREZA

Espero.

PLATÉIA (canta)

A rima com a gente combina
Com nós tudo é batalha
Mas a luta que é grande demais
Na brincadeira não vira ameaça

CENA 18

Os dois na lateral do palco, bebendo uma água.

LUKE

Ele é muito bom, só que deixou algumas brechas, foi aí que aproveitei.

TEREZA

Comigo foi a mesma coisa, só que ele apenas se achava demais e se arrasou quando foi falar da minha estética. Aí é fatal, assinou a sentença de morte e nem sabia. **(Com ar de orgulho)**

LUKE

Agora só faltam mais duas batalhas e pronto, vamos que vamos. Continue, você é foda demais, piveta!

TEREZA

Valeu, você também é surreal quando está batalhando. Assim, vai pra final rapidinho. **(Risos)**

LUKE

É sim, vamos nessa que agora sou eu.

CENA 19

Em um clipe com música instrumental. Luke sob ao palco para a segunda batalha sendo venerado pelo público. Mais uma vez ele fez uma batalha de alto nível, Luke vence num terceiro round. Depois Benguela sobe para a sua batalha e passou fácil novamente pelo seu adversário. Os dois descem animados do palco conversando.

TEREZA

Xiiii, o que aconteceu lá? Quase perde, hein?

LUKE

Pois é, até eu pensei também, mas minha estratégia é infalível.

TEREZA

Que estratégia?

LUKE

Quase todos Mc's se emocionam com o tal do já ganhou, principalmente no terceiro round. Quando todo mundo está empolgado, público a favor, aí eu simplesmente aproveito esse tempo pra encontrar a brecha, e isso acontece quase sempre. Por isso, tive certeza e convicção que essa batalha eu ganharia, e aqui estou eu.

TEREZA

Hum, que da hora mano. Nunca tinha enxergado por essa ótica, bateu certo mesmo. Tinha um mano do meu lado aqui dizendo que tu ia perder e até eu acreditei naquilo. (ri)

LUKE

Vamos nessa, que essa é semifinal, pra tão esperada final.

Passagem de tempo.

APRESENTADOR

E chegamos no terceiro round com Mc Benguela e Mc Bsb Dahora.

Luke aparece na lateral.

LUKE

Lembra do que te falei.

Benguela olha para Luke e se joga numa final

BENGUELA (rima)

Mano pode pá, mas rimar em casa é fácil
 Quero saber se em minha quebrada você faria algum estrago
 Vou te contar uma parada que tu não tem como saber
 Sobre a mulher preta, aquela que que gerou você
 Todo dia é uma batalha, uma grande afirmação
 Acham que somos servis, vestígios da escravidão
 Mulher preta, raba grande, nariz grande, seios fartos
 Estou farta de ser morta pelos olhos do embargo
 Não vacila com a Benguela que o futuro só vem dela
 Mulher preta que nem eu segue em frente bem grandona
 Invade, ataca e resiste os espaços desses macho
 Segue rimando aquilo que parece sempre irrimável
 Por mais que você ache que a gente é complemento
 Vou te falar uma verdade, vê se prova do veneno
 Não tem como tu ganhar porque a minha já lacrou
 Mulher preta assume o pódio do lugar que tu roubou.

E a plateia vai ao delírio gritando WOWWWWWWWWWWWW. Luke olha pra ela todo orgulhoso. Coreografia de diversas batalhas. Passa um tempo. A apresentadora pode ser a Lourdes do sonho de Luke.

APRESENTADOR

E já temos a nossa final: Mc Tereza de Benguela e Mc

Luke, uma final baiana na capital do país. Será a Bahia reivindicando por ter sido a primeira capital? Agora o bicho vai pegar!

Tereza e Luke na lateral do palco.

TEREZA

Eu não acredito!

LUKE

Eu também não!

TEREZA

Estamos na final, e já classificados pro nacional!

LUKE

Vamooooos! Pegue leve comigo, por favor. **(Ar de graça e alegria)**

TEREZA

Não se preocupe, dois a zero tá de bom tamanho. **(Gargalhada de emoção)**

CENA 20

Tudo para ao redor de Luke. Como se ele não estivesse mais em Brasília, mais uma vez a viatura do início da peça anda lentamente pelo palco. Luke procura por sua mãe e não encontra. Judite aparece como se estivesse em seu pensamento no microfone.

JUDITE

É assim, meu filho. É assim. Serão fantasmas o tempo inteiro nas nossas cabeças, mas você nasceu pronto pra ser feliz.

Vem, filho. Bom trabalho e que Exu lhe abençoe.

Luke vai em direção ao palco, mas a mãe não está mais lá. Aparece o Boa Morte.

BOA MORTE

(rima)

Vou te assombrar pra sempre, moleque
Teu pesadelo não tem fim, não
Toda vez que cê botar a cabeça pra dormir
Vai lembrar que o Boa Morte é pesadão.

Luke fecha bem apertado os olhos querendo sair do looping do sonho. O carro passa e a plateia do show fica toda em silêncio. Do lado contrário do carro vem andando um baleiro com sua mercadoria.

BALEIRO

Olha bala, pirulito, chiclete. Tenho halls, jujuba e amendoado. Tenho também cigarro, vape e paçoca. Se quiser aquele salgadinho também tá rolando. Baleiro trabalhador pro povo seguir rimando. **(para na frente de Luke)** Vai comprar, meu brother?

Luke acorda do sonho. Não há mais viatura, nem Boa Morte e nem Judite. Ele está de frente pro baleiro. A galera da festa tá toda curtindo uma vibe, muito diferente da imagem de medo que existia no sonho. Ele compra.

LUKE

Me dê do halls preto pra boca ficar refrescante.

BALEIRO

Isso aí! Gastar saliva com rima.

LUKE

Espero que com muito mais.

Luke pega o doce na mão do baleiro e vai para perto de Tereza. Oferece o doce, ela aceita. Toca o sinal para a batalha, ambos cospem a bala e se ajeitam.

CENA 21

Essa cena tem a proposta de ser freestyle de verdade. É importante que os atores sigam o roteiro e, de verdade, improvisem para dar ao trabalho a veracidade necessária. O que temos aqui é um roteiro das ações e espera-se um elenco de quebrada, de batalha e criativo. As ações são as seguintes.

Benguela e Luke jogam par ou ímpar, Luke ganha.

Luke começou fazendo o ataque com uma rima sobre ser de Salcity e nunca ter visto Benguela por lá. Se tivesse visto, iria se apaixonar. Fala de como ela é uma mulher linda, competente e com uma energia maravilhosa.

Benguela se defende muito bem, rima como Salvador é grande e as quebradas, infinitas. Fala da situação racial na cidade e de como ela não abre muito espaço para o amor. Porque a situação da mulher preta é complicada em Salvador.

A batalha vai para o próximo round.

Luke rima sobre de sua mãe Judite e de como ela criou ele sozinho, fala de que não vai ser um homem assim. Fala de como ele quer fazer diferente com sua família futura

Benguela rima mostrando uma possibilidade de começo de conversa, pois já sentiu uma vibe diferente no Luke desde a viagem. Diz que agora o objetivo é batalhar e em Salvador eles falam sobre namorar.

A plateia vai ao delírio e começa a gritar “empate, empate, empate”.

A apresentadora entra na batalha e rima sobre o fato de ver

uma cena para marcar a história da seleção. Ambos já estão na nacional, o que falta é saber o que fazer com o dinheiro deste festival.

A plateia vai ao delírio e começa a gritar “divide, divide, divide”.

A Apresentadora chega com o colar de ouro dos campeões da seletiva. Luke pega e coloca no pescoço de Benguela, que tira e coloca no pescoço de Luke. O rapaz tira do pescoço e cada um segura com uma mão o cordão de ouro. Levantam o objeto como vencedores da batalha.

O público chegando pra tirar foto dos campeões.

Aparecem vídeos de celebridades cumprimentando os vencedores: Mano Brown, Frid, Djonga, Marechal, Negra Li, e vários outros famosos da cena.

Luke e Tereza finalmente se beijam. Um ônibus passa e todos entram em coreografia comemorando o feito. O ônibus sai em festa.

FIM

um conto de família

Texto de Elza B. Nascimento

Um monólogo sobre uma senhora que aguarda ansiosamente a visita de seus filhos.

PERSONAGENS

ELZA

CENÁRIO

CASA DE ELZA

APRESENTAÇÃO

Por Daniel Arcades

A história de Dona Elza merecia por si só uma biografia em prosa, em poesia e em drama. A autora de *Um conto de família*, sua primeira peça, tem mais de 70 anos e muitos sonhos a realizar. Conhecê-la neste processo de orientação e residência em dramaturgia, na verdade, fez com que nós, mais jovens aprendêssemos muito com sua presença. Estar em um mesmo espaço compartilhando histórias com pessoas de diferentes gerações, não pode dar em outra: as narrativas se multiplicam e poucas são as que ganham o papel, tamanho é o desejo de compartilhar neste curto espaço de tempo. Ouvimos tantas histórias de Dona Elza, sobre sua infância nas palafitas da Península de Itapagipe, sua relação com sua família, a casa em que trabalhou por décadas no bairro do Rio Vermelho, seus filhos, a vontade de estudar, sua aposentadoria, muita vida para ganhar páginas e letras. Esta autora que já tem cadernos e mais cadernos de poemas que merecem seu publicados, terminou os seus estudos básicos há pouco tempo e se dedica incansavelmente à arte da escrita e leitura. Provavelmente, as escritas acumuladas de uma vida inteira que agora ganham asas em folhas pautadas e blocos de notas de um celular. Quando conversamos sobre Carolina Maria de Jesus, D. Elza já tinha lido sua obra praticamente inteira. O texto a seguir pautado em uma única ação, é curto em tamanho e gigante de nuances. Temos aqui uma situação de uma mãe que depois de dois anos de pandemia se vê ansiosa com a chegada dos filhos. Leitura de uma sentada só e dias e mais dias com perguntas na cabeça por conta desta imagem desta senhora. Há tanto a aprender com Elza, desta vez, a protagonista da peça: preocupação com os filhos, desejo de escrever, desejo de bem-estar para quem anda com seus filhos, escuta, memória, família. Eu passo horas criando meus links com este conto de família com a fala de apenas uma personagem. Nossa juventude tão verborrágica acha que se expressar é não parar, não parar, não parar e a sabedoria e maturidade de Elza nos mostra que às vezes planejar, olhar o tempo, silenciar é tentar garantir

momentos de felicidade para você e quem a rodeia. Eu fico muito honrado de ter podido conhecer esta autora soteropolitana que ainda vai escrever muito mais e torço muito para que ela ganhe prateleiras de livrarias e inspire pessoas a buscarem seus sonhos em qualquer etapa da vida. Sempre é hora de fazer algo por você. Nossa história em qualquer momento da narrativa tem espaço para abirmos conflitos e termos a experiência de um belo clímax. Enquanto houver vida, não há desfecho. Continuemos. Viva Elza! A da peça e a da vida!

ATO ÚNICO

Na cozinha, uma senhora que fala bastante.

ELZA

Meu Deus, eu tenho que preparar esse bolo, mas será mesmo que esse povo vai chegar agora à noite? Meu Deus, eu nem olhei se tem fermento aí! Vixi, nem tirei a farinha de trigo da geladeira! Pensar que sai todo mundo e eu fico aqui sozinha, tenho mais é que fazer as coisas mesmo. Deixe eu começar logo a fazer esse bolo viu! E ovo? Sexta-feira o cara passou com o carro vendendo ovo e eu comprei. Agora estou preocupada é com esse açúcar. Vou ver se tem outro pacote aí na dispensa. Se tiver, aí sim, vou logo bater esse bolo. Se ele não vier, não perde, Aline gosta muito de bolo, posso dividir com minha irmã. Ela sempre tá trazendo sobremesa para nós. Não posso deixar de fazer. Já conferi, tem todos os ingredientes! Agora é só começar! Estou bem animada! Vou fazer um bolo de cenoura que ele gosta muito. Ih, tá falando bastante, D. Elza. Também, com uma pandemia dessas! Fiquei esse tempo todo aqui dentro de casa, não podia nem sequer falar com uma pessoa que batesse no portão! Era logo avisando: Me desculpe, gente, mas eu não posso atender você, não leve a mal não. Os filhos com medo que eu atendesse a porta...é, mas eles tem razão. Agora que está melhor, eu já posso até sair um pouco. É... vou aproveitar, vou ali no mercado comprar uma caixa de leite moça para fazer um pudim. Meu filho vai trazer esse amigo, tem que preparar mais coisa. Hum, vou até fazer uma torta de calabresa que ele gosta muito, não sei o amigo... mas se não gostar, tem macarrão de forno, tem frango assado. Para o jantar, eu posso fazer uma bela sopa, tenho os ingredientes! Meu Deus, o telefone! Será que já são eles? Vou recebê-los! Eita, pessoal, tava agoniada pra vocês chegarem logo, sim! Como foi de viagem? Vão entrando, arrieiem as malas. E você, João, como

está? Conheço você por nome, Tiago fala muito de você. Mas vão tomar um banho, almoçar, pra gente conversar, botar os assuntos em dia. Amanhã, sua tia Edna vem aqui ver vocês e vamos fazer uma programação para levar João para conhecer nossa cidade que, diga-se de passagem, é muito linda. Olha, Tiago, nesses dois anos que você esteve lá em São Paulo, muita coisa mudou aqui em Salvador! Temos mais alguns pontos turísticos para gente levar João. Eu também não fui ainda porque eu estava esperando vocês chegarem para ir também. Eu nessa pandemia, não saí pra canto nenhum, nem para médicos eu estava indo.

A prosa tá boa, mas vamos pra mesa que já vou tirar o almoço, fiz frango, torta de calabresa, macarrão... Venha, João, fique à vontade, já basta o tempo que eu mal ouvia a voz das pessoas. Só ouvia notícias tristes na televisão. Me contem aí, como está lá, tem muita dificuldade em achar emprego? Como é São Paulo?

Fiz bolo de laranja, pudim, como você gosta. Se João não gostar, ele prova o bolo de cenoura que é muito gostoso, Tiago ama!

Bom agora que o almoço terminou, leve seu amigo para descansar, veja o que fiz lá no seu quarto! Comprei essa outra cama e mandei pintar. Às vezes, Aline também traz alguma amiga para dormir e aquele quarto estava muito desarrumado. Vão descansar para amanhã.

**Silêncio. Elza observa a sala vazia. Deita e dorme feliz.
Acorda.**

ELZA

Aline, Aline! Venha cá! Seu irmão saiu e comprou outro fogão!!! Agora vou poder fazer mais comidas de forno que eu gosto muito. Ai meu Deus, estou muito feliz, nunca mais

vai ter bolo solado, apesar dele gostar! Oh, meu filho, quero te dar um abraço! Amei o presente! Agora já podemos ir almoçar. Com o fogão novo, tudo é mais rápido!

Vamos sair hoje à tarde pra levar João pra conhecer nossa cidade. Tô precisando sair, ficamos trancados por dois anos. Quero levar João pra visitar o Parque dos Dinossauros, a Casa da Música e muitos parques e praças que foram renovados. Vamos nos distrair, colocar as novidades em dias. Vou aproveitar você aqui pra marcar um médico pra mim, tá bom? Você sabe a minha dificuldade, você pode pedir o carro que seu primo ficou cuidando, tá lindo!

Foi tão bom vocês passarem essas duas semanas por aqui, matamos as saudades. Você aproveitou para levar seu amigo para conhecer nossa cidade, eu tive a oportunidade de passear com vocês também. Não aguentava mais ficar parada dentro dessa casa, mas fico feliz porque você chegou e me encontrou escrevendo poemas, até escrevendo uma peça de teatro. Pretendo escrever outras também.

Que dia é hoje? Só faltam três dias para vocês viajarem... amanhã farei algumas merendas para vocês levarem para lanche no caminho. Farei bolo, sanduíche! Quero aproveitar meu fogão novo fazendo novidades para vocês! Não terei mais bolo solado! Ai meu Deus! Aline vai chegar mais cedo para dar tempo de jantar com a gente e se despedir. Os dias passaram muito rápido...boa viagem, gente!

Aline, Aline! Venha cá! Eu estou pensando que, agora que seu irmão comprou esse fogão, já posso cozinhar mais e congelar minhas comidas. Só assim, Aline, vou ficar com mais tempo para escrever. Tentar terminar meu livro, escrever mais poemas. As pessoas precisam saber que eu escrevo, você sabe que eu gosto de escrever, não é? Com aquele fogão daquele jeito, ficava com medo que incendiasse. Agora não, tá ótimo! Vou lá na sala falar com ele que

estou muito feliz com esse presente, fique aí reparando esse bolo para não queimar. Vou lá na sala avisar que a janta está quase pronta e o bolo quase assado!

Venha cá, Aline, me ajudar a botar a mesa, pega aquela toalha nova que você me deu de presente de aniversário, lembra? Está na segunda gaveta no guarda roupa! Isso, eu vou pegar meu caderno de poemas para lermos no jantar.

Elza vai até a sala, pega o caderno de poemas dela. Ela está sozinha na sala, pega o celular e faz uma ligação.

ELZA

(ao telefone) Alô, filho? Você chega que dia mesmo? Venha, pode trazer seu amigo. Aline vai vir também, tá bom? Parece que eu passei dois anos ensaiando a chegada de vocês. Te amo.

Desliga o celular e continua escrevendo.

FIM

TRAUMAS SUPERADAS

Texto de Tacynha Breezy

Um documento sobre o impacto da violência sexual vivida por muitas mulheres negras.

PERSONAGEM

ABAYOMI

APRESENTAÇÃO

Por Daniel Arcades

O teatro na contemporaneidade tem pesquisado, conversado e experimentado de maneira mais estética a lógica da realidade. Para além da ficção, o contrato do real produz um status social de documento nas artes e isso tem sido amplamente explorado por diversos artistas ao redor do mundo. Teatro documentário, dramaturgias do real, teatro-relato, teatro-conferência, esses são apenas alguns dos termos que, costumeiramente, vemos em pesquisas do fazer teatral das últimas décadas. Um dos conceitos que mais me agrada é a lógica da autoficção, quando se utiliza o status de realidade para poder ficcionalizar o que é compartilhado. Gosto de pensar o pacto da verossimilhança atualizado, digamos assim. É preciso muita coragem para o artista se aprofundar onde ações e eventos reais impactem no processo criativo de maneira mais explícita. Geralmente, entrar neste caminho, mexe-se em feridas internas, arrisca-se um impacto psicológico no revirar de memórias, se entra na história como um atuante maior. É diferente de basear-se na realidade do outro, em eventos mais globais ou acontecimentos sabidos. Falar da vida é expor-se de maneira radical. Este debate foi amplamente debatido durante o processo do texto a seguir. Agora quero falar de Tacyinha, que nos quarenta e cinco minutos do segundo tempo de nossa residência resolver trocar sua produção textual como finalização deste processo. A princípio, era uma história próxima do que verão a seguir, mas com mais personagens, diálogos, ações e arcos. Era perceptível que havia um brilho naquela história, mas ainda faltava chegar no lugar que esse modelo clássico de texto pedia. Estávamos quase no fim da residência, quando recebo pelo whatsapp um novo texto inteiro em uma única mensagem e, logo abaixo, o pedido de mudança. O texto parece ter sido escrito no próprio aparelho de celular, como um vômito, como uma necessidade de falar. Quem era eu para impedir troca que se fazia tão necessária? Trocamos. Traumas superadas pode aparecer como uma dramaturgia fora dos padrões clássicos e dentro de algum destes termos que citei

no início da apresentação. Um relato cru e poético. Um depoimento no teatro. Uma fala. Uma necessidade de holofote sobre um assunto sério. Um registro de algo que não pode ser esquecido para que nunca mais seja repetido. Uma saída também, um relato de possibilidade de mudança. Tacyinha, uma artista pulsante do bairro do Uruguai, tem prestado e se dedicado a um serviço muito importante para nossa sociedade: o de conter a violação do direito à liberdade do corpo da mulher. Alicerçada pelo feminismo negro, usa sua poesia, sua fala, sua performance e sua atuação como armas em punho nesta guerra milenar do gênero. E é com essa força que temos aqui um ato único de fala, um documento direto, com pequenas nuances poéticas para abrir nossos outros sentidos, com encontros entre outras mulheres. Entre mãe, filha, irmãs, Jamiras, mulheres nos bares, nas ruas, nas igrejas e tantas outras que se ajudam neste processo de sobrevivência em um mundo que condiciona a mulher negra para um lugar em que ninguém deseja estar. Tacyinha é uma voz que luta contra isso e eu sou muito feliz de conhecê-la, de ouvir o que ela tem para falar e ver sua voz ecoar. Pela superação dos traumas e pela experiência da plenitude do corpo, este texto ganha vida e voz. Ansioso para vê-lo no palcoCriemos, criemos.

ABAYOMI

Antes de qualquer coisa, eu quero agradecer a Deus, minha mãe, a mim, a REPROTAL, a Associação de Moradores do Conjunto Santa Luzia e outras instituições por me dá força para eu escolher VIVER.

A artista entre em cena e rasga um pedaço de sua saia. Ao longo de todo o relato, ela vai fazendo bonecas com pedaços de sua saia.

Olá, **(cumprimenta a plateia)** Sou Abayomi, 28 anos, moradora do Caminho de Areia.

Hoje tenho quase afirmação de quem sou eu. O ser humano sempre está em processo de conhecer a si mesmo. Por isso, quase.

Vou começar logo pelo mais pesado pra gente respirar, tá bem? Então, passei por vários traumas na minha vida: fome, moradia de não qualidade, depressão, estupro, nove parentes perdidos para a violência do tráfico, bullying na escola e no bairro de antigamente, pais analfabetos, parentes que violentavam suas mulheres... Então, se for pra contar cada um desses traumas não sei quando ia terminar. E ninguém está aqui pra chorar pitanga comigo, não acha?

Queria falar de meu corpo. Acho que nele encontro a síntese de tudo. Então vou começar a falar da invasão do meu corpo. Venho de uma família cristã, onde uma das leis é que a menina se casasse virgem. Eu tinha 14 anos e meus pais ainda me buscavam na escola. Após essa idade, comecei a conquistar a confiança de meus pais para ir e voltar sozinha. Minha mãe tinha uma barraca de verduras e temperos que era próxima à escola que eu estudava. Então, comecei a ir e voltar sozinha. Em uma quinta-feira, dia de prova, acabei saindo um pouco tarde do colégio. Assim que saí para ir até a barraca de minha mãe, só senti uma mão

tapar meus olhos e me carregar. Eu era muito pequena e percebi que a pessoa era gigante e tinha uma força imensa, ao ponto de eu não conseguir me mover. Lembro até hoje as sensações nas ruas quando ele passava. Era como um vento quente, à vezes lugares frios e de muita ventania. Eu tava um ônibus que foi queimado após a morte de um jovem pela polícia. Eu fiquei paralisada, sem falar nada, eu não conseguir ver a pessoa, o lugar estava escuro e deserto. Aquele monstro tocava meu corpo com tanta força e eu me recostava no ônibus me ferindo pelos pedaços de aço. Ele falava que ia matar meus pais se eu gritasse ou fizesse alguma reação que ele não gostasse. Senti muita dor e eu só pensava que Deus ia me castigar e que nenhum homem ia casar comigo, pois o que era mais sagrado estava sendo roubado de mim. Quando ele estava quase para violentar outra parte de mim, passou um grupo de Testemunhos de Jeová. Tomei coragem dizendo que eu ia gritar, então ele me soltou. A única coisa que eu fazia era correr sem saber onde eu estava indo e não conhecia nada. Não me recordo como eu fui parar em casa. Isso foi apagado da minha memória, e eu não conseguia dizer a ninguém o que aconteceu comigo, porque eu me sentia culpada. O que eu ouvia dos adultos quando uma menina era “estuprada? Ela quis ser estuprada. Quem mandou ela vestir aquela roupa? Quem mandou ela passar por aquele lugar?” Então, me calei por muito tempo.

(suspensão)

Abayomi quer dizer encontro precioso, vem na parte do navio negreiro, onde tentaram separar os filhos das mães. Onde o pedaço de sua saia se transforma em uma energia forte, que mesmo que os brancos tentasse torturá-los, o amor era maior.

O amor era maior

(retorna para o relato)

Antes de acontecer isso, eu era a melhor aluna da minha sala, respondia às perguntas em segundos. Desde então, fiquei faltando as aulas. Tinha um canto na escola que eu estudava e ninguém sabia. Eu ia pra lá me esconder. O tempo passou e eu fui para outra escola fundamental. Era a quinta série, o mundo totalmente diferente da outra escola, meninas e meninos mais altos que eu, os ditos populares. Aquilo me fez ficar pior ainda, ficava no pátio da escola, mas ninguém percebia. Certa vez, a diretora chamou meu pai para perguntar o caso de tanta falta na escola e a resposta de meu pai foi dar um tapa em minha cara na frente de todo mundo, sem ao menos me perguntar porque eu não estava entrando na sala. Ele tinha ciência que eu estava indo pra escola todos os dias, e isso me fez me trancar mais ainda no meu mundo e me calar totalmente. Minha mãe tinha um maravilhoso carinho comigo. Eu sentia que ela sabia que alguma coisa tinha acontecido comigo há muito tempo, mas já que eu era uma menina bem exemplar em casa, na igreja e, onde eu chegava eram só elogios, ficava sem saber tocar em algum assunto delicado. Ninguém sabia o que estava acontecendo dentro de mim. O tempo foi passando, a idade foi chegando. Completei 17 anos, tinha uma vizinha com duas filhas: Nara e Vika. Crescemos juntas, tanto que até hoje nos consideramos irmãs. Cada uma delas tinha um pai. Meus pais nunca me deixaram sair sozinha por me considerar muito frágil, vivia no hospital com problemas de saúde. Os funcionários do hospital já me conheciam de tanto baixar lá. Certa vez, a Vika foi buscar a pensão na casa de seu pai no Cabula, ele era separado de sua mãe, e suplicou para meu pai deixar eu ir com elas buscar a pensão. Meu pai liberou. Essa foi a primeira vez que eu saí sem eles ou sem um adulto responsável. Quando chegamos lá estava acontecendo uma festa na casa do pai de Vika, era aniversário da mulher dele. Ficamos até acabar a festa. Ele estava bebendo bastante tudo que é tipo

de bebida alcoólica. As horas passaram e ficou muito tarde para voltar para casa, aí ele ligou para a mãe de Vika para avisar que nós não íamos embora naquele dia. As meninas tinham roupas na casa dele, então foi tranquilo. A festa acabou quase de madrugada, todos foram embora e ele foi levar sua mulher para casa, pois ela não morava com ele. Como eu não tinha hábito de dormir fora de casa, passei a madrugada acordada. Quando ele chegou, completamente bêbado, ao ponto de ficar quase caindo, fechei meus olhos para ele pensar que eu estava dormindo. Aí eu senti uma mão fria nas minhas costas, descendo para minhas nádegas, fingi que estava me mexendo para ver se ele saía. Quando virei, vi que ele estava tocando nas pernas das minhas irmãs. Veio todo aquele trauma do primeiro estupro, e eu só pensava que elas não iam suportar, pois eu sabia a dor que era. Me levantei e ele mandou eu ficar calada. Pegou na minha mão e me levou para o banheiro. A única coisa que eu falei para ele foi: “Faça comigo, mas não faça isso com elas”. E ele fez. Lá vai eu de novo. Quando elas acordaram, só pedi para ir embora. Elas ficaram mandando eu tomar café e eu falava que se eu não fosse para casa logo, meu pai iria me bater. Então fomos para casa e, realmente, meu pai me bateu. Apanhei calada sem falar nada. Meu silêncio só fazia aumentar. Quando completei vinte anos, quis dar um basta em tudo aquilo que eu estava passando, não só pelas questões do estupro, mas por outros fatores que falei lá no comecinho. Segura aí que a história continua. Fugi de casa e fui parar na Calçada, um lugar bem conhecido aqui em Salvador. Depois de caminhar tanto para fora de minha casa, anoiteceu. Eu estava morrendo de fome. Parei em um certo lugar onde tinha umas mulheres, eram garotas de programa. Quando eu estava indo até elas, uma gritou: “Aqui não tem mais lugar, não, se saia”. Saí correndo assustada passando por vários carros, e um deles ainda parou perguntando quanto era o programa. As lágrimas caíam e eu corria. Corri tanto que fui parar no bairro do Uruguai. Meus pais deviam estar loucos à minha procura. No final

de linha do Uruguai, já era dia, tinha uma senhora sentada em um bar, eu senti segurança nela e fui até lá. Perguntei se ela conhecia algum lugar que eu pudesse trabalhar. “Você está perdida?”, afirmei que sim. “Ah, menina, tem uma pessoa que eu sei que vai mudar sua vida”.

Pronto, gente, juro que a parte pesada vem até aqui. A mais pesada, pelo menos.

Era meio dia e a moça do bar mandou eu esperar um pouco. Logo depois, ela me levou no Espaço Cultural Alagados e mandou eu procurar Jamira. Fiquei lá na porta. Nesse dia, Jamira não se encontrava, mas me foi permitido entrar no espaço. Estava tendo uma oficina de dança de Hip Hop. Assim que eu bati o olho, vi que ali podia ser meu mundo. O espaço estava dando merenda para eles. Eu comi com tanto gosto: era suco de soja com biscoito. Fiquei por lá. Fiquei mesmo. E sabia que ia ficar muito tempo. Não sei se alguém mora em centro cultural, se dá para dormir por ali, mas parecia que era uma solução dada para mim. Encontrei a Jamira e ela foi como uma mãe para mim naquele momento. Meus pais, pouco depois descobriram onde eu estava e tiveram que lidar com isso. Fui entrando em um universo que eu podia falar.

Eu tava fazendo uma oficina de teatro que estava nos provocando com assuntos de sexualidade, até então ninguém sabia de nada. Só que num dos exercícios, de repente eu gritei: Fui estuprada. Todos pararam sem entender nada. Fui acolhida e orientada. Orientada. Acolhida e orientada. Fui incentivada a contar histórias, a contar a minha história. Desde então, a minha história salvou muitas meninas de Salvador e fortaleceu a necessidade de denunciar invasões de corpos. Meu corpo invadido. Hoje, meu corpo invade o mundo, minha alma pula de dentro de mim e vira arte.

Mas então, minha família até então achava que foi uma jovem rebelde que tinha saído de casa para fazer arte. Eu estava em um encontro de juventude que duraria uma semana. O dia era 08 de maio – dia do combate ao abuso e exploração da criança. Eu faço parte de uma rede chamada REPROTAI - Rede De Protagonistas Em Ação De Itapagipe, um projeto muito conhecido já. Uma emissora de tv queria pegar o relato de alguém que sofreu isso na adolescência ou infância e eu fui indicada, pelo fato de já parecer que eu tinha superado esse trauma. Realmente, eu estava, mas agora sei que é um trauma diferente em diferentes pessoas ao seu redor quando isso acontece. Eu dei a entrevista e ao vivo, o bairro todo de minha infância descobriu o ocorrido, inclusive meus pais. Eu no encontro e meus pais recebendo ligações de muitos parentes. Quando voltei pra casa, a primeira ação de minha mãe fez foi me abraçar e chorar. Eu ainda não sabia do que se tratava, mas foi a cena mais real e libertadora que eu já senti. Depois, percebi o impacto de minha entrevista na minha região, as pessoas queriam saber quem foi pra fazer justiça. Todos queriam saber.

(suspensão)

Eu era muito militante, filha. Nós fomos para a rua, pois policiais tinham acabado de fazer uma chacina. De repente aconteceu um tiroteio e fui baleada. Seu pai já era cristão, todos correram e eu fiquei no chão. Quando vi, seu pai veio até a mim sem querer saber o que estava acontecendo, ele só queria me socorrer e ele me falou de Jesus, perguntou se eu queria aceitá-lo para minha vida. Ele nem me conhecia. Eu estava com a boca seca, minha respiração estava fraca e sentia meu corpo esquentar, e quando vi uma luz brilhar, pra mim, naquela hora, era o Deus que seu pai falava enquanto estava caída. Pisquei meus olhos confirmando que queria esse Deus que seu pai falava. Alguns minutos depois chegou o SAMU e não tinha ninguém pra me acompa-

nhar, seu pai acabou dizendo que era meu namorado e foi. Desde então sou muito grata a ele e a seu Deus. Depois você nasceu e só fiz um pedido a ele, que nunca tocasse em você. Nunca, filha!

(volta para relato)

Quando eu falei do pai de Vika, o que ouvi da mãe da minha amiga foi: “ Eu só acredito em você porque ele já fez isso com a irmã doente dele”. Com a irmã doente? E ele ia fazer com a filha e a enteada se eu não intervisse. Se é que não fez em algum momento. Só que as palavras como foram ditas até hoje não saem da minha cabeça. Eu fico me perguntando: Caso não estivesse acontecido isso com a irmã dele, ela não ia acreditar em mim?

Eu precisava que existisse um lugar que acreditassem em histórias como a minha. Surgiu então o “Papo de minas”, um espaço que ia tentar fazer isso. Através de oficinas como as várias que fiz ao longo da vida o objetivo era liberar os traumas de dentro. As adolescentes sentiam confiança em mim e começavam a esboçar denúncias através de cartinha, desenho, escrita. Fiquei um tempo realizando o papo de minas, e hoje na REPROTAI, unido arte e educação, tentamos criar coragem para que meninas denunciem terrores como esses que passei. Que é só uma parte da minha história, não é minha história e nem será. Porque há beleza em mim e em ações de quem me rodeia também. Hoje quis falar de meu corpo invadido para incentivar mais mulheres a falar de nossos corpos livre. O meu corpo livre sozinha não vale, quero de muitas, de várias, de quem passou pelo o que passei. Meu sorriso só será completo quando for assim. Unidas. Livre. Hoje quis falar de meu corpo invadido, mas com o meu corpo livre, procuro libertar outras para que ninguém mais invada.

(suspensão)

E eu guardo um pedaço da saia dela sempre. E quero o sorriso de minha mãe também.

(volta para o relato)

Eu Sou Abayomi Campos Rodrigues, preta, jovem, mulher e moradora de periferia. Eu encontrei minha história. Com baixos e altos, mas fazendo meu protagonismo. Hoje sou poeta, sou artista, sou educadora. Hoje eu sou mulher. E, principalmente, através da poesia marginal, sigo desabafando sem ser um relato. Venho criando linguagem e desabafando o que sinto na pele. Essa poesia me define muito:

Sou Eu

Transpassei gerações andando em bando

Já fui muitas ou apenas uma

Sou e serei princípio, meio e fim

Sou a base da humanidade

Sou a morte e a vida

Sou vielas, mas também sou atalhos e saídas

Para uns serei amor, para outros odiada

Poucos me verão como anjo, muitos me verão como demônio

Venho como uma pedrinha no sapato

Somente pra tirar o seu conforto

Pra me livrar do banzo, feminicídio, genocídios das juventudes pretas, COVID 19, abordagens e esculachos.

E Pra você não se achar, eu te encherei de desgosto

Talvez assim você perceba a minha presença e não me ignore

E verás que não preciso das suas esmolas, comidas e nem de seu Deus

Até por que afinal de contas, Deus aqui sou eu

Isso mesmo. Sou eu, Makulelê, Mãe Preta, Mulher preta

Ajoelhe-se junto a mim

Eu. Deus, essa mulher preta e dona da criação

Tu saiu do meu ventre, ou respeita ou morre

Talvez assim você entenda que o meu legado não terminará em balas ou mortes

Ele apenas começa, bom seria se tu não estivesse nessa sua pele

Pois por justiça o meu sangue ferve

Não se apavore nem se escandalize com tais palavras

No meu mundo, as pretas são rainhas que lideram e dão as ordens

Respeitem os pretos, respeitem as raízes, respeitem os espírito dos espíritos

Vida longa a todas nós.

Assinado: pretas, pretos, negras, negros, LGBTQIA+, indígenas, mulheres.

Nossa verdade não deve ser moeda de agradecimento.
Nossa verdade deve ser a liberdade.

FIM

TEXTO BÔNUS

Edifício Baobá

Rodadas de esquecimento
e repatriamento

Texto de Daniel Arcades

Um rito cênico para não deixar a contemporaneidade ser mais uma árvore do esquecimento em nossa história.

PERSONAGEM

ANTÔNIO - Ora pai, ora filho, ora ancestre, ora metafísico, sempre negro.

PERSONAGEM

UM GRANDE CAULE NO CENTRO. Tudo que será utilizado no espetáculo estará em volta desta árvore. Ao seu redor, o mundo contemporâneo.

APRESENTAÇÃO

Depois de tanto pensar o que escrever motivado pela experiência das conversas com este novos dramaturgos, resolvi abrir a minha gaveta de ideias passadas. Observar os meus primeiros textos, meus rascunhos, minhas cenas excluídas de peças que escrevi ao longo da jovem vida. Li bastante um autor em seu início, produzindo diariamente páginas e mais páginas pela simples intuição de escrever palavras e ações para o palco. Fui atrás do eu que ainda escrevia de maneira menos técnica e mais fluida, fui olhar o que havia de genuíno e o que merecia revisitação. Revisitei palavras, contextos e estudos, procurei aquilo que estava em um lugar guardado para ser burilado. Iniciei uma escrita do zero compartilhando com os residentes e cada vez mais sentia que era necessário eu olhar para o Daniel quando estava na mesma condição dos residentes do projeto Trinca da Mira. Edifício Baobá é uma síntese de espaços que sempre persegui em meus textos: comunicação com o público, rito na cena, mistério e afirmação de histórias negadas e esquecidas pela hegemonia colonial. Trago esta peça como uma reescrita de um garoto que não se esquece. Um momento para ser mais um entre os diversos textos aqui presentes. Esta peça é uma junção de um dramaturgo iniciante ao dramaturgo que tenho caminhado. Ainda há tanto a ser feito, tanto a conversar, tanto para não esquecer. A história de Antônio, é tradição e contemporaneidade, é árvore e repetição, é cuidado e atenção. Espero que esta leitura possa nos encaminhar para rodadas de lembranças. Desejamos percursos diferentes das forçadas rodadas nas árvores do esquecimento de nossos ancestrais antes de atravessar involuntariamente o oceano Atlântico. Um texto revisito e produzido enquanto estava sendo movimentado por estes novos autores que estão reunidos nas páginas e mais páginas desta obra. Boa leitura.

PRIMEIRA RODADA

ESQUECIMENTOS CONTEMPORÂNEOS

(Toca um despertador. Antônio já está em pé e fala compulsivamente, da maneira mais veloz que conseguir. Nove voltas. Dando voltas em uma árvore, carregando um terno, uma mala, ou papéis, ou documentos, ou uma escova, ou mapas, ou capacete, ou, ou, ou...)

ANTÔNIO

Seis da manhã. De verdade, ninguém merece acordar tão cedo. Eu não entendo, tanto trabalho para nada construído, quase nada produzido. Na Dinamarca, as lojas só abrem às dez da manhã. Dez da manhã! E não, não vão noite adentro. Às 18 horas estão fechando suas portas assim como o Brasil. Na França, cada empregado precisa trabalhar apenas 35 horas semanais. De segunda a sexta, ele trabalha apenas sete horas por dia. E a Europa é a Europa! Nunca deixou de ser a Europa porque as pessoas abrem às lojas às dez ou trabalham uma hora a menos que nós. Ainda não consigo entender essa minha relação com o tempo... Cinco da manhã, acordei às cinco da manhã depois de dormir às duas para estudar porque estou fazendo uma pós-graduação em engenharia civil. Por falar nisso, adorei a ideia de que a Pós-graduação nas universidades públicas serão pagas agora. Pois é, agora quero ver esse mundo de gente ter especialização, mestrado e doutorado. Estava tudo muito fácil mesmo. Eu chego do trabalho suado, querendo dormir, com a maior dor de cabeça, com pés latejando, a coluna gritando e ainda tenho que estudar. É estudo de métodos das forças, método dos deslocamentos, montagem de matriz de rigidez, cimento disso, barra de ferro daquilo, estuda os recalques, variação de temperaturaahhhhh.... Um porre só. Mas é importante, hoje, quem

não é pós-graduado não é nada, praticamente. O diploma de faculdade não serve para nada mais. Todo mundo tem. Benditas cotas. É isso que dá. Ainda tô emputecido da vida por ter acordado às cinco da manhã. Tomei meu café extra forte, comi meu pão cacetinho com mortadela e queijo e li o jornal. Não sei porque ainda escrevem matéria se a gente só lê as manchetes. Nada diferente do que a gente vê todo dia: político fulano de tal quer reduzir o orçamento da união para cultura, tantos fulanos foram mortos pela polícia numa troca de tiros no Cabula, a rica atriz e a moça do tempo conseguiram prender os racistas da internet, hoje vai passar no Tela quente Esqueceram de mim 2, Refugiados transportados como animais, trabalho escravo no norte do Brasil, fulanos mulatos na casa dos 20 morrem no tráfico de drogas, classificados, poucas vagas de emprego, jornal do esporte, desce-sobe de Bahia e vitória. Brasil ‘ordem e progresso’. Pego as chaves do carro, a carteira e no celular já tem um mundo de tarefas para fazer. Na França, uma empresa obriga todos os funcionários a desligarem seus aparelhos celulares que usam no trabalho por onze horas todos os dias. Para não incomodar. Vai fazer isso com meu chefe, você é demitido no outro dia porque não atendeu a ligação às duas da manhã que ele fez.

Enfia o filho na escola às seis e meia. Ele fica com muita raiva porque a aula dele só começa às sete, mas eu não tenho o que fazer. Ou vai assim comigo ou vai de ônibus. Deixo ele, dirijo por mais trinta minutos e chego no trabalho às sete para começar às oito. Chego às sete porque se eu não sair de casa por volta de seis e dez, seis e quinze, pego um engarrafamento que só me deixaria chegar no trabalho às nove. É, o Cabula trava às seis e meia da manhã e só volta a andar umas oito e meia, prefiro chegar mais cedo no trabalho. Fico mexendo no celular enquanto isso. Baixei um joguinho ótimo de sudoku. Descobri que o sudoku é uma invenção americana, pensei que era japonesa. Parece que os japoneses popularizaram o jogo e por isso colocaram um

nome deles, mas é um jogo ótimo. A Europa e o Japão são craques em inventar coisas ótimas. Adoro os japoneses, sou doido para que as televisões e os carros que eles inventam se torne realidade para nós. Estou trabalhando em uma construção de um prédio ótimo na Graça, quatro suítes e um apartamento por andar. É um negócio gigantesco, mas eu fico me perguntando: qual família hoje precisa de quatro suítes? O povo está querendo ter, no máximo, um filho, quando querem. Quatro suítes, isso é inimaginável para mim. Dividi a reforma da única casa que tenho em 24x. Enfim, vamo trabalhar, que adoro meter a mão na massa, trabalho mesmo, trabalho duro junto à equipe. Acho que é sina da história dos meus antepassados que trabalhavam demais. **(choque no ori)** Acho que é costume de ser desgraçado de tanto trabalhar que não consigo ficar no ar condicionado do contêiner da construção, parece que eu gosto do sol lascando na minha cabeça, coisa estranha... **(choque no tronco)** Enfim, depois do trabalho, uma sopa mirrada em um restaurante caro do lado da construção e estudo Conforto Ambiental para esperar o trânsito dar uma diminuída. Sair às seis da tarde, caramba, acordei às cinco da manhã. É, agora que já lascamos o país todo estão com essa mania de tentar criar ambientes ecologicamente equilibrados e com medidas alternativas de produção de energia. Deve ser fácil ser preocupado com o Conforto Ambiental quando se mora num apartamento com quatro suítes. Será que alguém acha mesmo que eu tenho de me preocupar se o prefeito está cortando as árvores da cidade? Meio ambiente... isso é discussão para rico. Mas eu sou um engenheiro civil, deveria ser rico... **(ri. Ri muito. Choque no bolso)** Quatro mil reais, Antônio. Quatro mil vai custar o condomínio do prédio que estou construindo. Acho que isso é ranço do meu avô **(choque na nuca)** que achava que três salários mínimos já fazia da pessoa abastada. Ele dizia que eu podia ser preto metido se virasse um engenheiro, porque eu seria rico. Virei achando que assim seria. **(choque nas mãos)** Meio ambiente... Agora virou moda tudo

virar disciplina de faculdade. Eu tive que pagar para fazer na faculdade História e Cultura Afro-brasileira (**choque no orí**) senão eu não me formava. Agora veja só, o que é que eu, engenheiro, vou querer estudando História e cultura Afro-brasileira? (**choque no orí**) É só para fazer a gente pagar mais coisas. Péssima a disciplina, eu com tanta coisa para resolver do meu dia, tinha que dedicar duas horas de um sábado para ouvir o professor branco falar de racismo, de candomblé, de violência... (**choque em progressão no corpo**) Ficava pensando em mil coisas durante a hora da aula. Mil coisas que eu nem controlava...

PRIMEIRO REENCONTRO

SEM ABRAÇOS

(Choque. Algo segura a boca. Algo o trava. Tempo. É o tempo. Passado. Algo segura o passado. De frente a árvore como em uma oração. Estamos em outro cenário, outro tempo)

ANTÔNIO

Não retornei. Não abracei. Não cabe nos meus braços. E não sei.

Tu, que vieste antes do registro das mães. Tu, que prevê o útero do âmago da humanidade. Tu, que circunda mentes guardando minha história, salvaguarda momentos irrecuráveis, nomes distantes, de dentro, invisíveis, existentes.

Não sei se a vejo mais, árvore de mim. Circula em minha mente a busca da extinção da amnésia. Cutuca nervos resistentes. Colore ancestralidades e reativa uma vontade: Beber a água do teu caule, escavar tuas raízes, tirar o sumo

que guarda meu nome e batizar as flores e frutos de mim.

Não retornei. O abraço não cabe só nos meus braços.

SEGUNDA RODADA

ESQUECIMENTOS FAMILIARES

ANTÔNIO

(Em voltas. Nove voltas. Volta a circular apressadamente com elementos contemporâneos) Insônia. A merda da insônia é o mal do século. Não conheço ninguém que chegue em casa depois de um dia estressante do trabalho e consiga colocar os pés sobre a cama, não pensar em nada e dormir em paz. É, e disse que quando a insônia fica muito pesada ela atinge o grau máximo até chegar em uma depressão, sei lá... às vezes, a gente não sabe, mas já está depressivo. Essa vontade de nada, essa preguiça o dia todo, um cansaço, uma sonolência, essa falta de prazer nas coisas... dá vontade de não sair de casa para nada. Ih, acho que é um sintoma. Será, meu Deus, que estou depressivo? Levantei da cama forçado, tomei café apressado, fui trabalhar obrigado e quando chego para dormir: pensamento. É um tal de lembrar das coisas da vida, dos problemas do mundo, dos erros da sociedade, nas mazelas em mim, que não presto, que sou precedido por escravos e deserdados. **(choque no orí)** Ai, é problema demais. E isso contamina... Minha esposa? Ah, minha esposa trabalha o dia todo, o dia todo. Agora então que está dedicada a se especializar em Alzheimer. Meu deus, já não basta afetar o sistema nervoso dos pacientes todos. Sim, porque não conheço nenhuma neurologista que não ande com os nervos à flor da pele. A mi-

nha mulher em casa, eu sinto que vai ter uma vazamento neuromuscular a cada pedido para mim e para o garoto. Passa o dia com um monte de desmemoriado e não esquece o nome da gente um segundo dentro de casa. “Amor, não, eu não consigo ir no seu consultório fazer exame do sono. Eu sei que você tem como tratar minha insônia, eu sei... Poli, o quê? Polissonografia...ah...Agenda para daqui uns dois meses.”; “O que foi, meu querido? A pró o quê? História africana? Sei não, filho, eu não sei nem brasileira. As únicas brasileiras que eu conheço são as do filme da Disney. Faz assim, pesquisa na internet.”; “Ô, Joana, você conhece alguma história africana para contar ao menino, pelo amor de Oxalá? A professora agora quer mostrar para nosso filho que a gente é burro! ”; “Filho, sua mãe agora passa o dia estudando desmemoriado e não lembra mais de nada quando chega em casa, deve estar cheia hoje, deixa para amanhã, tudo bem?” . Ai, eu estou ficando depressivo. Até meu filho pedindo uma história me dá agonia. É tudo com uma dor tão grande, acho que é sina da gente. **(Choque nas mãos)**. Essa vontade que o tempo passe rápido para que o dia acabe, e ele se arrasta, mas a gente quer mais velocidade para poder parar em casa e quando para, não descansa. Meu pai deve ter morrido disso, a depressão que deve ter causado o enfarto. Eu li que é genético, que passa de pai para filho **(choque na genitália)**. Eu li. Na verdade, eu tenho lido muito sobre depressão no celular. Acho que por isso que eu identifiquei que estou depressivo. Eu deito na cama e não consigo dormir, aí ligo o celular. As mesmas notícias, fulana comentou do golpe no Brasil, sicrano está passando férias na Argentina, a outra posta sobre depressão e diz que é coisa séria. Já deito cansado do estudo, aí só vejo miséria na horinha de lazer na minha cama... eu devia era jogar sudoku o dia todo, o povo oriental é muito calmo, povo sábio... os orientais parecem que nasceram numa plantação de Camomila... **(Choque maior)**

SEGUNDO REENCONTRO

SOBRE O TEMPO

(Choque. Algo segura a boca. Algo o trava. Tempo. É o tempo. Passado. Algo segura o passado. De frente a árvore como em uma conversa.)

ANTÔNIO

E você neste silêncio. Ximbuio. Nonde. Embudeiro. Mula-pa. Adansonia. E você neste silêncio. Baobá. Raízes apontadas ao ar. Flores apontadas ao chão. 30 anos para uma semente germinar. 20 anos para uma árvore pequena. 50 para só aí aparecerem galhos. Vira centenária para ser um caule imponente. Não me culpe, é preciso tornar-se milenar para ser a Baobá e esse tempo já não há. Ninguém suporta tanto tempo. Nem as árvores, nem as folhas. Nenhuma matéria que se suporte na Terra aguenta tanto mais...

Se o seu tempo for esse, não retornarei. **(silêncio grande. Olha para a árvore)** E você neste silêncio.

TERCEIRA RODADA

ESQUECIMENTOS DA PROLE

ANTÔNIO

(com um celular na mão. E algo gira por perto. Começa

gravando se sentindo sem graça) Olá, pessoal da escola... tudo bem? Não, espera. **(pega o celular de novo. Deleta a filmagem. Volta a gravar)** Olá a todos e a todas, tudo bem? **(desliga mais uma vez a câmera)** Que droga, odeio fazer trabalho de escola. Quem está na escola é você, não eu. Não, filho, pare, pare. É, eu não sei o que falar. Invenção dessa professora de colocar a gente no risco. Inventa aí alguma coisa para eu dizer que eu digo, vá. Sim... Tá... O que eu sei? Sei o que todo mundo sabe, o que todo mundo sempre soube. Sim, sei que vieram de lá do outro continente e foram escravizados e tal e tal e tal. Não sei contar história sobre isso. Não, aí a gente sabe, né... tem os orixás, a capoeira, tem as comidas, tem essas coisinha tudo. Antes disso? Ih, menino, vai ficar inteligente pra afrontar seu pai, é? Que rei? Não, rei que flerte com africano só conheci Pelé. Meu passado? Não, a professora pediu passado dos africanos, não foi? Já falei tudo que eu sabia. O meu? O meu já foi, passou, passou, sua avó, seu avó e pronto. Só isso. Professor de história adora falar de atraso, pense no futuro, viu? Pense no futuro que quando eu me aposentar quero que você me ajude. Tá, está bem, filma este bendito depoimento, vai! Mas antes me mostra o que você pesquisou deste rei que eu falo a história como se fosse a que eu conheci, valeu?

RODADA_REENCONTRO

ANTÔNIO

(diante da árvore). E a solidão dos conectados que podem fingir que outros seres humanos falam. Nove voltas ao redor de ti e esqueço, não é mesmo?

QUARTA RODADA

UM BUGUE NO CADASTRO

(Os elementos contemporâneos vão sumindo, mas a roda continua. O tempo arrasta para o passado)

ANTÔNIO

Antônio Alves Soares Dias, antes Antônio Alvez dos Campos e Maria de Nazaré Soares, antes, João Campos Dias Menezes, José Alvez Mendes Souza, Joana Viana Júlia Dionisia e Vitória Silva Soares, antes, Carmen Lucia dos Dias Reis, Maria Josefa Alvez Rodrigues, Sofia dos Santos Soares Silva, Jezebel Aquiles de Maria Mendes, João dos Reis Gomes Dias, Augusto Nascimento Soares da Silva, Maria Carlota Joana Viana Dionísia, Maria Anunciação de Campos Mendes Viana, Antonia Galvez de Batista Barbosa, Teresa da Glória Soares de Reis, antes, João sem outro sobrenome. Sem outro sobrenome? Tiraram meu sobrenome? O quê, somos livres agora e não precisamos mais dizer a qual família pertencemos? Então é assim? Me deram um nome quando eu nasci e agora que estou livre, me tiram também o nome? Sou só João, apenas João? Sem sobrenome nenhum. Eu e toda a minha família é só um nome solto no mundo? Livre. Quantos escravos vocês batizaram de João? E quantas Marias? Todos apenas João, Maria, José, Vicente, Carmem, seremos um nome apenas no documento? **(Se exalta)**. Eu lá sei diabo do sobrenome da minha família original. Não, eu não sei de qual país veio. Olhe, moço, coloque o sobrenome do meu último senhor aí, por favor. Não, não estou pedindo que coloque que eu era Santos, coloque que eu era dos Santos. Eu era deles mesmo, todo mundo sabe disso. Não, João Santos eu sei que não. João dos Santos, está tranquilo para mim. É... quando eu achar um sobrenome melhor eu coloco nos documentos,

enquanto isso, deixe esse aí...que é melhor ter um do que não ter nenhum. Eu vou continuar na fazenda dele, mesmo. Se um dia eu sair, o nome sai também.

REENCONTRO

ANTÔNIO

(de frente para a Baobá). Tem que revirar a árvore, colocar de cabeça para baixo.

Se te chamam de Baobá por aqui, e em Moçambique é outro nome, árvore de mim, quero meu substantivo próprio vindo de lá.

Não és a árvore do esquecimento. És a que guarda a minha memória. Não me deixe esquecer agora, Ximuio. Não me abandone agora que busco, Xibuio.

QUINTA RODADA

ESQUECIMENTO DE SONHOS

(O tempo presente volta. Os elementos contemporâneos voltam. Outras voltas, não ao redor da árvore.)

ANTÔNIO

Odeio ter sonhos estranhos. Ih... sai daqui. Acho que deve ser coisa da depressão. Da pressão. Da angústia. Olhe, eu

juro, juro que se desse eu ia agora morar no interior. Já não bastar acordar cedo e ainda passar a madrugada sonhando com merda... Vendo coisa que eu não vivi. Onde já se viu? Meus sonhos querendo forçar a barra para eu me enxergar escravo. Eu todo vestido de saco no sonho, rezando uma missa no fundo da igreja, ajoelhado, com os pés descalços. Olhe, se isso foi dos meus antepassados, foram deles, não meus. Eu tenho que reconhecer que ascendi socialmente. Trabalho oito horas por dia como todo mundo deste país, uso meu paletó quando precisa, uso meu capacete de chefe quando preciso. Consigo pagar a prestação da casa, do condomínio, do carro, da tv a cabo, da internet. Consigo pagar a escola do meu filho, divido as contas com a minha mulher e conseguimos pelo menos duas vezes ao mês assistir a um filme no cinema e jantar fora. Está de ótimo tamanho. Não sou mais escravo. Fica esse sonho tentando me lembrar do que não fui. Talvez, talvez meu tataravó deve ter sido um. Mas meu bisavô já não era, vendia leite no interior para todo mundo. Meu avô já trabalhava na plantação de feijão. Meu pai era porteiro de prédio. Eu já construo prédios. Estou falando, querem lembrar do passado para me dar mais depressão, isso é coisa da depressão. Eu preciso mudar esta situação. Vou fazer terapia, terapia resolve. Onde já se viu, colocar a minha imagem numa roupa de saco como se isso fosse normal... Sai pra lá, sonho.

REENCONTRO

(A árvore fala. Ele responde com o corpo. A árvore o puxa. Ele dá voltas ao contrário do sentido anterior. Ele dança com a árvore. A árvore fala. Ele responde com o corpo. Não há mais silêncio. A árvore fala.)

SEXTA RODADA

REVIRAVOLTA DO ESQUECIMENTO

ANTÔNIO

(outro tempo. Futuro. Um griot futurista. Algo gira. Antônio não). Eles chamaram de Guiné o lugar de onde eu vim. Eu era um bambara, homem do Mali. Estava resistente aos imperialistas que se converteram ao islamismo. Continuava a caçar e trocar minha caça por vegetais na praça e, distante do reino, cultivar meus ancestrais. Eu estava perto do Rio Niger, caçando uns pássaros quando uns Soniquês capturaram a mim e outros companheiros de caça. Eu já tinha sido escravo uma vez de uma família de Jalofos, mas tinha conquistado minha liberdade depois do tempo de serviço. Os Soniquês não sabiam que vender um escravo para um branco era um caminho sem volta. Era para nunca mais. Era para ser doloroso. Vi o sol nascer várias vezes em um barco, mais outros dias caminhando para chegar ao porto que me tiraria daquele chão. Rezaram para mim, tiraram o meu tecido, me deixaram nu. Revidei, bati num branco que lá estava, mas bati tanto, tanto, até ver a arma apontada na minha cabeça. Estava diante de uma árvore imensa e, acorrentado pelo pescoço, depois de comer um pouco de arroz, fomos conduzidos a girar através da árvore pedindo para esquecer nossa história até ali. Ia girando preso aos outros companheiros enquanto um Mali falava tudo o que o branco falava em outra língua. “Agora vocês irão ter o deus certo e irão ter civilização. Vocês farão uma grande viagem para pagar pelos seus pecados enquanto pagões e chegarão à sociedade de acordo com Cristo”. Eu nunca tinha ouvido falar de Cristo, não estava querendo saber de Maomé, quanto mais de Cristo. Depois do meu grupo dar nove voltas sobre a árvore, um ferro quente em formato de

cruz marcava a minha pele. Ali, eu começava a esquecer. Ali começava a doer. O resto da história, já sabem. Nove voltas...Eu não sei de quem era a crença, se eram dos negros que nos capturaram ou dos brancos que nos compraram, mas o que sei é que eu não esqueci. Até tentei, mas não esqueci. Nove voltas... (silêncio. Olha para a árvore). É preciso muito mais.

SÉTIMA RODADA

TENTANDO LEMBRAR

FILHO

(áudio em off com voz de pré-adolescente). Meu pai só esquece, professora. Ele não quer falar disso. Desse jeito, difícil é eu não esquecer também.

REENCONTRO

(A árvore fala. É preciso colocar água na árvore. Regá-la. É preciso fazer e perceber que ela cresce devagar, que seus poros são receptores da chuva e sua base são sugadoras de água da terra. É preciso perceber que ela suga de todos os lados)

OITAVA RODADA

O NOVO TEMPO NÃO ESQUECE

(Com o mundo girando em torno da cabeça de Antônio)

ANTÔNIO

Não, filho, agora não dá para falar. Tá, eu te escuto. Tudo bem. Filho, você é novo ainda, nem chegou aos dez anos e já quer discutir isso? Já não basta lá na faculdade a professora querer que eu estude tanta coisa que não acrescenta em nada na minha profissão? Fale, filho, pode falar. Sua origem africana? Seu nome? Ah, filho sei disso, não. Barbosa. É... é... exatamente, espanhol. Sabia, claro que eu sabia. Conheço o brasão. Não, filho, não precisa mostrar, não... Hum... é lindo mesmo. Leão na cor púrpura. Ótimo. Indígena e africano? Não sei, filho. É a sua professora que está te provocando assim, colocando um monte de coisa na sua cabeça.... Não, eu sei que você descende desse povo também. Claro que eu sei. Mas saber disso já está ótimo, tá bom. Você descobriu o quê? Império Mali...ah...é, existiu mesmo. Foi um grande império. Se somos de lá, como é que eu vou saber, menino? Filho, presta atenção em uma coisa: O pai aqui só sabe de cálculo, qualquer dúvida no dever de matemática pode perguntar tanto para mim quanto para a sua mãe, sem problemas nenhum. As outras disciplinas é só decorar o que está no livro. O resto é resposta pessoal. Não tem dificuldade. Minha resposta pessoal sobre nossas origens africanas... Filho, sua professora é negra, não é? Claro que eu sei que eu também sou. Claro, sou... sou isso aí... negro. É, sou negro. Sei que sou. Sempre soube. Sei... Sou? Sou. Óbvio que sou. Sou... negro. Negro. Sou um engenheiro civil negro. Sou um pai negro. Sou uma marido negro. Sou um homem negro. Sou... É... Sou. Antônio Alves Soares Dias é negro. É... isso mesmo... sou. Sou... É... Sou. Fale, filho, o que foi que você achou?

ÚLTIMO REENCONTRO

ANTÔNIO

(Para a árvore). Eu soube que você entra em combustão e autosuicida quando quer sair da história. Mas você demora de sair, você resiste... Eu sei que é esperando a nossa consciência, a vontade de ouvir as histórias que ficaram quando demos as voltas no seu entorno. Não se suicida porque ainda guarda contigo nossas memórias e ainda não fomos busca-las. Ainda vou. É tanta coisa hoje, tanta coisa que dá vontade de... mas não suicido. Não vou queimar. Vou lembrar. Juro. Eu sou uma semente de Baobá do lado de cá. (A árvore responde)

NONA RODADA

LEMBRANÇA

(Sem o terno. Sem as malas. Com o terno. Com as malas. Sem rodar pelo espaço, mas seguindo firme em frente. Antônio e o filho falam juntos. Corpo e voz se misturam)

ANTÔNIO E FILHO

Eu achei, pai a possibilidade de rebatizar.

Eu acho, filho, que todo rito é bem-vindo quando for para melhorar.

Eu creio, pai, que há uma história tão linda contar.

Eu sei, filho, é o anúncio de um novo início.

O nome é orunkó, pai.

Um novo nome, dado pela ancestralidade.

Um outro nome, de pai para filho.

De filho para pai.

Quem possui orunkó é filho.

Um nome dado pelo pai.

(ambos ou um olham ou olha para a árvore, sorri. Dança. Rebatiza. Recoloca.e diz)

FILHO

Meu nome é Amadi Chabwera Obanjoko.

Fruto de Baobá, árvore rebatizada pelo colonizador

De árvore do esquecimento,

O prédio que para mim sempre será a árvore que não se deixa esquecer.

(Som de despertador. É possível ouvir todo o texto da primeira cena dado por Antônio. Antônio está parado ouvindo atento ao texto proferido por sua voz. A cada choque dado na primeira cena, é possível ouvir o filho entoar “Meu nome é Amadi Chabwera Obanjoko.”. Antônio escuta, olha para a árvore, toca em seu orí, toca em suas mãos, olha para o bolso. Sua fala vai sumindo, a árvore vai apagando. Algo gira nas mãos de Antônio. A fala do filho ecoa “Meu nome é Amadi Chabwera Obanjoko.”)

FIM

PROJETOS EM work in progress

SE EU MORRER AMANHÃ (SINOPSE)
de Thallia Anatólia

UM SONHO A SE ALCANÇAR (IN PROGRESS)
de Gean Carlos

COLETORES DE ÓRGÃOS (IN PROGRESS)
de Caíque Anjos

MENTE ÀS CEGAS (IN PROGRESS)
de Carlos Henrique Anjos da Silva

APRESENTAÇÃO

Por Daniel Arcades

TUDO TEM A SUA HORA

O tempo da criação artística nem sempre tem a ver com o tempo dos protocolos, pareceres, dos benditos prazos que colocamos na lógica da nossa vida para podermos ter medida de tudo. Como medir o caminho de algo que não se sabe onde vai dar? Os trabalhos que estão aqui registrados participaram deste projeto e seguem em seus percursos como objetos de criação em progresso e ainda em carecem de uma chamada primeira versão final. Não que os trabalhos anteriores estejam já finalizados e prontos para ganhar o mundo, mas é justamente o percurso das cenas que fecham seus arcos dramáticos ou sua proposta de escrita que faz com que tenhamos uma sessão com a primeira versão da obra ao longo de todo e-book. Aqui, temos propostas que ainda está em outro estágio da criação, nem melhor e nem pior que os outros, cada obra é única. Cada vida é única.

São tantos os fatores da vida intervenientes na criação artística. A vida do artista e, principalmente, do artista periférico, não se resume a trancar-se em um quarto ou uma sala de ensaio e escrever. Há conexões, inspirações e obstáculos constantes. Ao longo do ano de 2022 as quinze pessoas que estiveram unidas pelo Trinca da Mira também tiveram suas vidas acontecendo para fora desta união. Viagens, questões familiares, o trabalho remunerado, os estudos, as questões emocionais, eleições e o impacto do percurso mundial em nossos caminhos particulares. Há de se respeitar o tempo e há de entender os processos deles. Como não gostaríamos de deixar de registrar a participação de ninguém, abrimos esta seção como forma de compartilhar o que também já foi criado, como forma de tecer intercâmbios com a obra em processo e de apresentar mais artistas. Tempo é nosso amigo e ele entende a hora certa de fazer

algo. Agora falar um pouquinho de cada um que está com seu trabalho neste estágio.

Começar por uma sinopse que empolgou toda a turma de Cajazeiras. **Se eu morrer amanhã**, de Thallia Anatólia, está com sua sinopse aqui registrada e merece ganhar rubricas, curvas lindas de personagens e diálogos surpreendentes. A história que Thallia criou tem um grande talento para ser uma comédia contundente, coerente e alegre demais. Thalia é daquelas artistas que tem sede de tudo: atua, canta, faz vídeos na internet e escreve. Além disso, durante o processo de residência dava aulas de Educação Artística em um colégio e trabalhava em shopping em Cajazeiras. Suas ideias geraram discussões lindíssimas nas paredes do Colégio Nelson Barros e creio que nós, que conhecemos a curva da narrativa estamos loucos para ver o formato do texto pronto para ganhar palcos. A morte de uma pessoa de candomblé dentro de uma família cristã pode causar problemas sérios com os ritos fúnebres, pois há um completo desconhecimento dos “protocolos” para além do velório e do enterro cristão, naturalizado como processo de todo sujeito brasileiro. Na trama de Thallia, a família de axé da protagonista chega ao velório e se depara com o portão fechado. Essa barreira entre cristãos dentro do velório e comunidade do terreiro na porta da rua rende grandes barracos e diversas reviravoltas. Aqui está apenas a sua sinopse, mas aguardamos ansiosamente por esta comédia necessária a Bahia e ao mundo.

Gean Carlos, do bairro do Uruguai, nos apresenta um lugar muito interessante em sua criação. **Um sonho a se alcançar** não fala apenas de sonhos, mas do respeito ao indivíduo e seus desejos. Temos mais uma história em que o protagonista é um rapper da periferia que sonha em viver de sua rima e sua música. Só na residência do Trinca da Mira, três das quinze propostas tinha um rapper como personagem protagonista. Onde estão personagens do hip-hop, do rap e do trap em nossa dramaturgia? O teatro produzido no Brasil não insere estes personagens em suas histórias por qual motivo se o interesse da comunidade parece ser tão grande? Gean traz um fator a mais

em sua proposta: embora marginalizado, o rap, principalmente, por conta de seu discurso político forte é visto com seriedade pelas pessoas quando o assunto é o sonho de alguém, mas Gean traz em sua antagonista uma cereja linda: Biatríz, a irmã do Luan, nosso protagonista, sonha em ser uma dançarina de pagode e isso é ridicularizado, inclusive pelo rapper. Quando se traz esse fator, se coloca em xeque o nosso olhar romantizado para a lógica do desejo. Desejo é desejo e é individual. Não se dá para medir se é coerente ou não, se é “funcional” ou não. Na trama, o sonho de Biatríz é considerado menos que o de Luan, mas seu corpo em movimento com um ritmo de base percussiva massivamente produzido nas periferias de Salvador não é válido? Gean pretende nos mostrar como somos hipócritas até quando nos mostramos desconstruídos. Eu desejo muito que a narrativa ganhe a força necessária em páginas e mais páginas de texto. Temos aqui apenas a primeira cena que nos apresenta o núcleo familiar e seu conflito principal, mas fica de cá imaginando muito o desenrolar desta trama, como Luan reconhecerá seu sonho e o de sua irmã e como Biatríz pode sair do posto de antagonista e ter seus desejos tão respeitados como o de seu irmão. Machismo, cultura do corpo, escolha midiática da cultura periférica e valor político são assuntos que chegam com bastante novidade e contundência na história de Gean, um artista que os olhos brilham em sua fala calma e a caneta ginga com um vocabulário popular e delicioso de se ouvir. Mais um texto que merece caminhar pelo mundo em um futuro breve.

Como falamos na apresentação geral deste e-book, o projeto contou com artistas de 16 a 70 anos. Esse encontro mágico nos mostrou muito como as narrativas de gerações tratam de assuntos e formas diferentes. A obra de Caíque Anjos é a única do work in progress e que nos apresenta o início, o meio e o fim do trabalho, mas está nesta seção com a promessa de desenvolver melhor futuramente as passagens de tempo, a escrita de diálogos de algumas cenas e a inserção de mais bits para que os acontecimentos desencadeiem de maneira fluida. Caíque tem 16 anos e é o mais novo de nossa jornada, talvez por isso é tam-

bém o que traz o tema mais inusitado de todos dentro de nosso contexto de residência. **Coletores de órgãos** tem como cenário a cidade de Tokyo e fala sobre máfia japonesa no tráfico de órgãos. Caíque morava na cidade baiana de Rio Real, já na divisa com Sergipe, uma cidade com pouco mais de 40 mil habitantes e hoje mora na capital dentro da Península de Itapagipe. Sua paixão pela cultura asiática é fortíssima e sua identificação o fez querer trazer esta história para o debate. Caíque nos revela como também estamos distantes na dramaturgia teatral de temas que interessem a juventude em geral. Provavelmente, a cultura dos mangás, dos animes e o próprio K-pop aparece nas mídias da internet e na própria televisão como um fenômeno juvenil. Lá no meio da década de 1990 também aconteceu esse movimento com a invasão dos animes na Tv aberta brasileira, provavelmente a turma dos 30+ consumiram obras como Pokémon, Dragon Ball Z, Cavaleiros do Zodíaco, Evangelion e tantos outros. Caíque me fez refletir muito sobre onde está o teatro produzido para o adolescente. De que maneira podemos causar interesse em um público ávido por novidades, por descobrir mundos diferentes do seu e disposto a se aprofundar em uma cultura do outro lado do planeta para sentir o furor constante da novidade juvenil. Outro ponto importante é a naturalidade da relação homoafetiva do protagonista da obra escrita por Caíque. Considero este um dos maiores avanços desta geração, histórias em que um sujeito LGBTQIAP+ não está ali apenas para ser aceito por sua sexualidade ou seu conflito gira em torno da dor de ser excluído do mundo. Os personagens desta trama namoram e vivem tranquilamente seus relacionamentos, independente de qual o gênero da parceria. Com certeza, teremos mais histórias em que a sexualidade de um sujeito não hegemônico não será o único atrativo e conflito da trajetória.

Para finalizar, temos o irmão de Caíque, um pouco mais velho, mas não menos jovem, em um ensaio de obra psicológica muito interessante. Carlos Henrique nos apresenta um pedaço de uma história que se mostra sombria e psicodélica

ao mesmo tempo. Uma mente que é conduzida pelas ações de um apanhador de consciências faz com que essa narrativa se transforme numa grande redoma de falas de alter egos. **Mente às cegas** conta a história de Amanda, uma garota que perdeu algumas memórias para não reviver traumas de sua infância. O jovem autor, em nossos encontros de residência falava com entusiasmo sobre como ele gostaria de escrever sobre uma mente que conduzia as lembranças da protagonista, tentando protegê-la de traumas vividos e presentes inconscientemente em ações do corpo da protagonista. Acredito que com o brilho nos olhos de Carlos Henrique ao perceber que poderia escrever tudo que sua fértil imaginação tinha, essa obra será finalizada logo logo. Pensar na perspectiva psicológica é um dos principais temas de nossa população negra e periférica, pois sabemos que nos comportamos de determinadas maneiras por conta de traumas de toda uma comunidade. A presença de elementos sombrios mais uma vez me motiva a pensar na quase inexistente produção teatral para a juventude brasileira. Carlos Henrique falava de uma maneira muito próxima ao cinema de gêneros mais próximos dos suspense, do terror, do drama psicológico. E o teatro? Como trazer esta linguagem para o palco? Como veremos ver adultos frequentando teatros se não existe uma lógica de acompanhamento desde a infância como o cinema faz? Eu saio desta residência desejando muito fazer uma obra para adolescentes no teatro. E torço para que Carlos Henrique queira investir nesta história, pois ainda há muito o que desvendar. Lembro-me bastante de uma peça que assisti com 16 anos na faculdade de Medicina de Salvador, em pleno Pelourinho, chamada A casa dos espectros, dirigida por Ângelo Flávio. A peça era um convite a entrar na cabeça de uma menina negra e conhecer o universo branco ali construído e enraizado. Era uma adaptação do texto da autora Adrienne Kennedy, Funnyhouse of a Negro, e foi naquele ano de 2006 o melhor espetáculo que eu poderia ter visto. Torço para que **Mente às cegas** ganhe esse percurso.

Queria aproveitar esta apresentação conjunta para citar

outro residente que só pôde ir conosco até a segunda etapa e deixou para escrever sua obra em outra oportunidade. Ismael Lima é um jovem do bairro de Cajazeiras e viu no rap seu caminho de mudança. Ismael por conta do choque de agendas de um novo trabalho não terminou sua história, mas quero aqui relatar o forte talento dela. Seu personagem principal era um rapper que ao namorar com uma garota se via num grande dilema no dia que foi conhecer seus pais. O pai da namorada era um policial que já havia sido truculento com ele em uma batida. Até conversei com Ismael recentemente que transformasse sua história pelo menos numa letra de canção. As narrativas pelos bairros desta residência se entrelaçam, se misturam e ganham a personalidade de cada autor, mas os temas e as características de muitos deles são próximos. Estamos falando de narrativas que o teatro pouco escreveu, mas que urge pela escrita, pelo pensamento e pela composição de pessoas como as que estão aqui. Eu torço muito para que fora do processo de residência, esses textos, agora livres de datas de fechamento, ganhem um fim e uma finalidade em nossa sociedade. Do jovem ao mais velho, essas obras devem caminhar. Obrigado por tudo, entendo que o tempo e as nossas vidas caminham de maneiras múltiplas, mas é assim mesmo, a gente só não pode parar. Um tijolinho por dia, e em algum momento, nosso alicerce tá de pé.

SE EU MORRER AMANHÃ

Sinopse de Thallia Anatália

“Se eu morrer amanhã” conta a história do velório da mãe de Bárbara, uma jovem candomblecista que além de ter que lidar com o luto, precisa também enfrentar tensões na família preconceituosa. Por serem cristãos conservadores, os parentes da mãe de Bárbara não permitem que alguns ritos do candomblé sejam realizados no funeral.

A família consanguínea de Bárbara pratica diversas violências chegando a tentar impedir a entrada do povo de candomblé no recinto e que os desejos da falecida fossem atendidos. Bárbara, que também é filha de santo, conta com seus irmãos de Asé para realizar o cortejo que leva o cadáver até o cemitério, com música e alegria, como seria do gosto da defunta.

Essa treta entre as famílias, a biológica e a Egbé, é recheada de polêmicas, emoção, músicas, comédia e situações inusitadas.

Um Sonho a se Alcançar

Texto de Gean Carlos
(in progress)

Sinopse: Luan, um jovem negro de periferia, tem como um sonho ser MC e cantar num evento de música, mas para isso ele terá de lutar contra o preconceito social, racial, contra a repressão policial que tenta impedir os passos do jovem rapaz. E por isso, Luan contará com a ajuda do seu amigo Antônio e da sua família para realizar o sonho de muitos jovens.

PERSONAGENS

LUAN
MARIA HELENA
BIATRIZ
ANTÔNIO
JOSÉ/SEU ZÉ
NOGUEIRA

ATO I

CENA 1

A cena começa com **LUAN** dormindo em sua cama, tranquilamente, enquanto toca uma música de rap no fundo. Toca o despertador, e ele acorda ainda sonolento e meio cansado. Ele se levanta, pega uma toalha e vai tomar um banho.

CENA 2

Maria Helena, a mãe de **LUAN**, e Biatriz, irmã do **LUAN**, estão tomando o café da manhã e conservando.

M. HELENA

Cê ficou sabendo, Bia? Vai ter um evento de música no Pelô. Será neste sábado, e vai ter uma participação do seu irmão neste evento. Mas eu queria saber mesmo, como ele vai conseguir ir, já que ele tem que trabalhar no sábado! O chefe dele anda “por aqui” com ele, que só está chegando atrasado esses dias.

BIATRIZ

É com ele e a porra! Afinal, ele sempre faz os “corre” dele pra cantar, rimar... (ela levanta) E eu, **BIATRIZ** de Jesus, vou virar uma dançarina de sucesso e vou jogar na cara dessas invejosas, que só sabem me criticar. Eu sou gostooosa, bê, e danço pra caralho, e elas não sabem fazer neeem um terço do que eu faço...

LUAN aparece na cena, vendo Bia rebolar, começa a rir e debochar dela.

LUAN

Rebolando desse jeito, parecendo uma lombriga? Cê vai chegar bem longe, hein?

BIATRIZ

É o quê, sua láela? E ainda se diz MC, uma nigrinha dessa que não rima nada.

Bia fecha a cara e se senta novamente na mesa.

M. HELENA

Calem a boca, os dois, e vão tomar o café de vocês. Ficam aí de agonia logo de manhã cedo? Criem juízo, rapá.

BIATRIZ

Mas mainha, foi ele quem co-

M. HELENA

Não quero saber quem começou. Só parem de perturbar um ao outro e terminem de tomar o café que vocês têm que sair.

LUAN E BIATRIZ

Sim, mainha.

M. HELENA

LUAN, você tem que ir trabalhar, e eu fiquei sabendo que você vai cantar no Pelourinho este sábado. Agora me conta aí, meu filho, como vai conseguir ir neste evento, já que sábado você tem que trabalhar? Afinal, o Seu Zé está velho e precisa muito de sua ajuda.

LUAN

Não se preocupe com isso não, mainha. Vou dar o meu jeito em relação a isso. Vou conversar com o meu patrão, negociar com ele um jeito de sair cedo pra ir cantar e dar muito orgulho pra senhora e pra piolhenta da minha irmã. Enfim, deixa eu adiantar o meu lado que eu tenho que enfrentar um longo dia. Tchau, mainha, tchau, piolhenta. (pega as suas coisas e se levanta da mesa)

BIATRIZ

Sai daí, que o piolhento aqui é você, demônio. Tchau, seu perturbado.

M. HELENA

LUAN, antes de você ir, pegou o seu documento? Porque a polícia tá pegando qualquer neguinho na rua para bater, e até mesmo para matar. Cuidado, hein? Sua mãe se preocupa com você e sua irmã.

LUAN

Não se preocupe, mainha. Nada acontecerá comigo, pois Deus e os orixás estão comigo o tempo todo. E outra coisa: não roubo, não mato, não vendo droga, eu só faço a minha correria, certo? Sem atrasar o lado de ninguém e por isso não quero ninguém atrasando o meu. Fique de boa, não vai acontecer nada comigo, tenha fé. E eu peguei sim o meu documento. Já vou indo, tchau tchau.

M. HELENA

Tchau, meu filho. Vá com Deus, e que ele te guarde e te proteja.

LUAN sai de cena, ficando apenas **M. HELENA** e **BIATRIZ** novamente.

BIATRIZ

Porra, mainha! Eu o perturbo, gasto na dele, mas fico preocupada com o **LUAN**, tá ligado? Ele sai, vai trabalhar, faz a correria dele e depois volta pra casa. E se os “homi” pegar ele na rua? E se fizerem alguma maldade com ele? Ele não se envolve em nada errado, mas ele é preto. Eles não gostam da gente, mainha, querem nos matar o tempo todo. Não temos um dia de paz nessa vida. Eles não gostam mesmo da gente...

M. HELENA

Tá repreendido, menina, vira essa boca pra lá. Claro que não vai acontecer nada com ele, e mesmo se acontecer, ninguém tocará no meu filho, pois ele está em boas mãos, protegido e bem acompanhado. E agora adiante, que você tem colégio. E adiante logo pra não chegar atrasada de novo, já estou ficando cheia de ódio disso. Bora, bora, bora, que você tem que estudar, futura dançarina.

BIATRIZ

Oxente, mainha. Já tô indo, calma.

BIATRIZ pega a sua mochila, dá um beijo na testa de sua mãe, e sai de cena, restando apenas **M. HELENA** na sala.

[FINAL DE CENA]

COLETORES DE ÓRGãos

Texto de Caíque Anjos
(in progress)

James e Yuri tentam desvendar o mistério de seu amigo desaparecido.

PERSONAGENS

**JAMES PARK
ISAK SATO
YURI TAKASHI
ISHIRO PARK
POLICIAL**

CENÁRIO

**RUAS DE TOKYO
RESTAURANTE
CASA DE JAMES
EMPRESAS PARK**

CENA 1

Efeito Sonoros urbanos. Em um corredor escuro, dois homens com roupas de cirurgião, carregando uma mulher que se agita em cima de uma maca. A porta do fim do corredor é fechada e ouve-se um grito agonizante

Uma placa no cenário sinaliza o tempo e espaço: Japão, Tokyo, 2021. Sexta-Feira 22:00

James e Isak chegam bêbados em casa.

JAMES PARK

(deita no Sofá) Finalmente em casa.

ISAK SATO

(sorrindo meio bêbado) sim. Pô, James, ajuda eu achar um trabalho aí. Tô há dois meses sem trabalhar. Seu pai tá em busca de algum atendente? Cara, seu pai tem uma das melhores empresas do país, me ajuda aí.

Isak vai em direção a James, pega o telefone e entrega nas mão do rapaz.

ISAK SATO

Vai, liga pro teu pai. Fala: “Ishiro, eu preciso de um emprego pro meu amigão.”

JAMES PARK

Tá tá, vou ligar pra ele (ligando)

ISAK SATO

Fala que eu sou bom, hein! Ah, fala também que eu não bebo e que também sou responsáv..

JAMES PARK faz sinal com a mão pra ele calar a boca.

JAMES PARK

(ao telefone) E aí, pai, boa noite. Então, vim incomodar aqui o senhor. Queria saber se tem vaga para atendente. Meu melhor amigo Isak tá sem emprego. Você sabe quem é. Ele? Ele é muito responsável (dá um sorriso) Tem vaga pra ele, tem? Tá bem, às sete. Certo, pai. Tenha uma ótima noite, tchau.

ISAK SATO

E aí, deu certo?

JAMES PARK

(Faz suspense) Hum... será? Claro que sim. Parabéns, rapaz!

ISAK SATO

Ebaaa! (Com gritos de felicidade vai em direção a James para abraçá-lo)

JAMES PARK

Tá tá tá, já entendi que tu tá feliz. Acho melhor a gente ir dormir que amanhã vou sair com o Yuri, já são mais de dez da noite. Bora tomar aquele banho! Contratado!

ISAK SATO

Beleza, vai você primeiro. Vou ver o que tem pra comer.

CENA 2

Efeitos sonoros urbanos.

Uma placa no cenário sinaliza o tempo e espaço: Japão, Tokyo, 2021. Sábado, 10:00

Em um restaurante, James está sentado aguardando o namorado, YURI TAKASHY . Yuri chega, dá um beijo e senta-se.

JAMES PARK

E aí, vida, como você está?

YURI TAKASHY

Tô bem. E Isak, conseguiu o tal emprego?

JAMES PARK

Claro, com a intervenção minha. Foi para entrevista agora de manhã cedo. Se ele se sair bem será contratado. Por enquanto estou esperando ele me lig

(celular vibra) Falando nele (atende o telefone) E aí, conseguiu? Me fala com foi.

Do outro lado da cena, Isak caminha como se estivesse em uma avenida, feliz.

ISAK SATO

(ao telefone) Adivinha quem vai trabalhar na empresa do seu pai? (dá risada) O seu amigo bêbado aqui.

JAMES PARK

(ao telefone) Ai, que bom! Fico feliz por você.

ISAK SATO

(ao telefone) Hoje à noite a gente vai comemorar, eu, você e o Yuri. Fala pra ele vir também.

JAMES PARK

(ao telefone) Claro. Vou desligar aqui. Parabéns! Até depois, amigão.

ISAK SATO

(ao telefone) Fui!

YURI TAKASHY

Ele conseguiu?

JAMES PARK

Sim, e chamou pra gente comemorar hoje à noite com ele.

YURI TAKASHY

Que bom! Fico feliz por ele!

JAMES PARK

Deu fome , vamos comer ?

YURI TAKASHY

(dá um sorriso) Sim, estou morto de fome.

A comida chega e eles se servem. Enquanto Yuri se alimenta, James petisca um pouco seu prato e conversa com a plateia.

JAMES PARK

Já se passaram três meses depois que Eu, Yuri e Isak saímos para comemorar o seu novo emprego. Depois daquela noite, uma semana depois Isak tinha sumido do mapa. Sempre ligava pra ele e nada. Achei estranho e tentei achar o paradeiro dele, só que não dava em nada. Falei com meu pai Ishiro para saber se ele poderia ajudar na busca do meu amigo, meu pai sempre muito ocupado parecia não ligar para os funcionários, mesmo sendo meu amigo. Eu comecei a achar estranho e resolvi tentar descobrir sozinho algo sobre o sumiço do meu melhor amigo, **ISAK SATO**.

YURI TAKASHY

Sozinho não, que eu vou te ajudar. Sou seu namorado.

JAMES PARK

Com a ajuda do meu namorado.

YURI TAKASHY

(para alguém na coxia) A conta, por favor.

Black-out

CENA 3

Efeitos sonoros urbanos.

Uma placa no cenário sinaliza o tempo e espaço: Japão, Tokyo, 2021. Três meses depois. Domingo, 08:00.

James está na porta da casa de Isak observando movimento. Ele enxerga dois rapazes de terno saindo da porta da casa.

JAMES PARK

Ué, quem são aqueles saindo da Casa de Isak?

Se esconde atrás do muro e ouve a conversa dos dois rapazes.

DESCONHECIDO 1

Você olhou tudo? Vasculhou em todo o local?

DESCONHECIDO 2

Sim, olhei em tudo e não achei o pendrive. Se isso cair em mãos erradas o chefe vai ficar extremamente irritado. Isso pode ser um prejuízo enorme.

DESCONHECIDO 1

Precisamos achar esse pendrive o mais rápido possível antes que alguém ache.

Os rapazes saem da frente da casa e seguem para fora de cena.

JAMES PARK

Pendrive? Isak tinha me falado algo a respeito de um pendrive. Preciso descobrir antes deles.

James observa se os rapazes realmente foram embora e entra na casa de Isak.

CENA 4

Dentro da casa de Isak está tudo revirado.

JAMES PARK

Nossa, que bagunça (olha pro chão e acha uma foto dele e Isak pescando) Sinto tanto a sua falta, você não sabe o quanto...

James vai vê um armário caído e um grande urso de pelúcia no chão. James pega o uso e percebe algo de errado.

JAMES PARK

Esse urso... Me lembro que tinha dado no aniversário dele. E nossos presentes sempre foram guardadores de segredos.

James aperta no meio do uso e percebe que tem algo pequeno e fino.

JAMES PARK

Tem algo aqui dentro.

James abre o urso no meio e acha o pendrive.

JAMES PARK

O pendrive. Valeu, amigo, mantendo os códigos de infância. Preciso ver o que é. A pendrive da empresa de meu

pai... Será que meu pai está envolvido no sumiço de Isak?

(telefone toca)

JAMES PARK

(ao telefone) Oi, amor. Tô na casa de Isak. Não, não ele não apareceu, mas eu acho que pode ter acontecido algo grave. Tô saindo já. Fique tranquilo, eu tô bem. Te aviso sim, beijo.

CENA 5

Efeitos sonoros urbanos.

Uma placa no cenário sinaliza o tempo e espaço: Japão, Tokyo, 2021. Domingo, 16:00.

JAMES PARK entra em sua casa, vai até o seu quarto e pega o notebook.

JAMES PARK

(coloca o pendrive no notebook) Quê? Como assim deu erro? Será que o pendrive só conecta no notebook da própria empresa? Hum, tenho que dar um jeito de ir pra empresa sem que ninguém perceba.

Toca a campainha

JAMES PARK

Já vai! (James abre a porta, é Yuri)

YURI TAKASHY

Oi vida, vim ajudar você a procurar o Isak!

JAMES PARK

Como assim? Está ficando Maluco, isso é muito perigoso. O que aconteceu com Isak pode acontecer com você. Eu não tô a fim de perder outra pessoa que eu amo.

YURI TAKASHY

Eu sei, não vai acontecer nada, tá bom? O Isak era importante pra mim também e eu vou ajudar a procurar por ele.

JAMES PARK

Como você é teimoso, hein? Tá, entra aí rápido, preciso te falar o que eu encontrei

YURI TAKASHY

E meu beijo?

JAMES PARK

Entra, teimoso (beija-o).

Os dois vão em direção ao quarto e sentam-se.

JAMES PARK

Bom, eu fui até a casa do Isak e vi dois homens de terno saindo de lá. Eu fui tentar ouvir o que eles estavam falando e tocaram no assunto de um tal pendrive. O Isak deveria estar metido em algo sério. Aí eu entrei na casa dele. Meu amor, estava uma zona, tudo quebrado. Nisso, eu vi um urso que eu tinha dado pro Isak, e a gente tem uma brincadeira de dizer que nossos presentes são os melhores esconderijos. Dentro do urso não tinha um pendrive? Esse aqui. Bom, eu fui ver aqui no meu computador o que tinha, mas só da erro. Diz que o notebook tem que ser compatível com o pendrive.

YURI TAKASHY

(olha o pendrive e vê a marca da empresa) Será que seu pai está envolvido no sumiço do Isak?

JAMES PARK

Não sei. Eu não queria ter que pensar que meu pai tenha feito algo pro Isak. Enfim, eu quero ir na empresa pegar o notebook de Isak para ver o que tem aqui dentro. Topa ir comigo?

YURI TAKASHY

É claro, vamos desvendar isso de uma vez por todas.

CENA 6

Efeitos sonoros urbanos.

Uma placa no cenário sinaliza o tempo e espaço: Japão, Tokyo, 2021. Domingo, 20:00.

Dentro da empresa, os dois tomam bastante cuidado com a possibilidade de alguém estar lá.

YURI TAKASHY

Bom, parece que não há ninguém aqui. Vamos por onde?

JAMES PARK

Domingo não há muita gente andando pela empresa. Melhor a gente entrar nos escritórios, algum deles deve ter o notebook de Isak.

YURI TAKASHY

Ele já tinha escritório aqui dentro?

JAMES PARK

Eu sei que os computadores todos ficam no fim do expediente guardado nos escritórios. Ele compartilhava um espaço de assistentes, mas quase sempre fazia video-chamada dizendo que estava sozinho.

Eles entram em alguns escritórios e não há computadores.

JAMES PARK

Nestes aqui, só desktop. Nenhum notebook. Os assistentes não usam desktop.

YURI TAKASHY

(apontando para uma porta) Esta porta tá trancada, os aparelhos devem ficar aqui.

JAMES PARK

Não sei, mas to doído pra descobrir (James arromba a porta com toda a sua força)

YURI TAKASHY

Você tá bem?

JAMES PARK

Só me arranhei um pouco. Vamos achar antes que alguém venha para cá.

YURI TAKASHY

(aponta para uma placa) Notebooks dos assistentes, aqui. Fácil!

Os dois abrem o armário que tem a placa e procuram entre os aparelhos o nome de Isak.

YURI TAKASHY

Isak. Achei, James.

JAMES PARK

Finalmente, deixa eu ver logo o que tem nesse pendrive.

Ao colocar o pendrive James abre uma pasta cheia de arquivos. Em projeção, acompanhamos os passeios pelas pastas do pendrive. Um arquivo de planilhas é aberto e em uma tabela existem diversos nomes de órgãos humanos ao

lado de valores tabelados. Ex: Rim

R\$ 2000,00; Córnea

R\$15000. Ambos ficam se olhando e passando o arquivo. Logo depois, ele escarafuncha um pouco mais os arquivos e abre a pasta Entradas. Em cada arquivo há um nome de um órgão e um data. Quando ele abre um documento e amplia, trata-se de um comprovante de transferência bancária.

JAMES PARK

Quê? A empresa do meu pai realiza tráfico de órgãos? E o Isak? Será que ele matou o Isak?

YURI TAKASHY

Olha, eu não acho, amor, eu tenho certeza. Pelos documentos, seu pai está por trás disso tudo. E Tokyo entrou numa onda de pessoas desaparecidas muito estranha, mas o Isak? Sério, isso tá muito estranho.

Escutam passos em direção ao lugar que estão.

JAMES PARK

(sussurra) Precisamos sair.

YURI TAKASHY

(sussurra) É melhor você ter um plano logo, porque eles estão vindo direto pra cá.

JAMES PARK

Se esconde debaixo da mesa.

James pega o extintor de incêndio e vai para atrás da porta.

YURI TAKASHY

(susurra) Toma cuidado.

Quando o segurança chega na porta do escritório, James o golpeia.

JAMES PARK

COORREEE! CHAMA POR AJUDAAA!

Yuri sai correndo e pegando o celular.

YURI TAKASHY

(ao telefone) Alô, polícia, por favor, eu preciso de vocês aqui na sede da Ishiro Tower. Estamos correndo risco de vida. Por favor, é urge...

Yuri segura a correria e se depara com o pai de James a sua frente com uma arma.

ISHIRO PARK

Onde você pensa que vai?(da um sorrisinho de boca). Anda, me entrega esse pendrive senão eu atiro. James vai sofrer muito com sua morte

O pendrive está nas mãos de James.

YURI TAKASHY

Sim, o pendrive está comigo, mas não vou te dar!

ISHIRO PARK

Você sabe que vai morrer, não é? Anda, me entrega!

YURI TAKASHY caminha lentamente em direção a ele, finge pegar o pendrive, mas o que pega é um estilete e dá um golpe no rosto dele.

ISHIRO PARK

(com o rosto sangrando) Seu filho da puta!

Em agonia, tentando tirar o sangue de seus olhos, Ishiro atira em direção a Yuri. O tiro pega no braço, mas ele consegue fugir

mesmo assim. Perto da saída, James grita.

JAMES PARK

Yuriiii, cadê você?

YURI TAKASHY

Aqui!

Os dois se abraçam na frente do prédio.

JAMES PARK

Você tomou um tiro, meu deus!

YURI TAKASHY

Foi teu pai. Perdão, eu fiz pior com ele. Ele deve tá lá dentro desesperado. Chamei a polícia...

JAMES PARK

Ali, estão chegando

YURI TAKASHY

A gente passou muito perigo aqui. O pendrive está com você?

JAMES PARK

São e salvo. Fugi por um caminho que fazia ainda criança quando vinha pra cá.

YURI TAKASHY

(chamando os policiais que chegam) Polícia, por favor!

POLICIAL

Cerquem a área, não deixe ninguém entrar ou sair.

JAMES PARK

Que bom que vocês chegaram. Meu namorado precisa de ajuda, ele tomou um tiro.

POLICIAL

Um médico, por favor! O que aconteceu aí dentro?

JAMES PARK

Existe uma empresa clandestina aí dentro. Há uma suspeita de que se trate de tráfico de órgãos.

Ações a serem trabalhadas:

ISHIRO PARK consegue fugir pegando o seu carro, porém com a polícia na sua cola. Na fuga, **ISHIRO PARK** morre em um acidente.

Depois de 2 dias, a morte de Ishiro foi parar nos noticiários. A empresa é fechada, as pessoas que trabalhavam para **ISHIRO PARK** foram presas, e enfim chegou o fim desse ocorrido com as pessoas desaparecidas.

Yuri vai está internado e James procura entre os diversos arquivos na empresa fechada dados das pessoas mortas, entre elas, seu amigo Isak.

Em uma cena com o fantasma de Isak, ele escuta todo o processo de seu assassinato. Na verdade, apenas pobres e indigentes eram pegos e tinham seus órgãos vendidos, mas o fato de Isak ter descoberto arquivos secretos por conta de um notebook errado colocado em suas mãos, foi morto como queima de arquivo, mas seus órgãos também foram vendidos.

Depois disso tudo, James vai visitar Yuri no hospital no dia de sua alta.

JAMES PARK

É, enfim, parece que acabou. Isak irá descansar em paz, só não sei de que vou viver agora que a empresa de meu pai fechou.

YURI TAKASHY

Comigo.

JAMES PARK

Isso é um convite?

YURI TAKASHY

É, quer casar comigo?

JAMES PARK

É claro que eu quero, seu bobo. Mas eu vou ter que procurar um emprego, porque até então eu só era filho de rico. Hoje sou filho de traficante morto. Ai, peguei pesado. Enfim, tava pensando da gente ir naquele restaurante que a gente ama tanto, o que acha?

YURI TAKASHY

Vamos, deixa o bendito médico vir me dar alta. Eu quero muito sair daqui. E hoje eu pago a conta do restaurante. Quando você tiver empregado e rico novamente, você paga um jantarzão.

JAMES PARK

Eu te amo.

FIM

Mente às cegas

Texto de Carlos Henrique Anjos da Silva
(in progress)

405 WORK IN PROGRESS

PERSONAGENS

**AMANDA
CRIANÇA
DARK
MENTE
TIA**

O cenário começa escuro narrando o trágico acontecimento ocorrido com os pais de Amanda e Darklight. Os dois tinham 5 anos na época da tragédia.

Estamos em 2020, ambos agora com 15 anos.

CENA 1

Amanda, em sua rotina diária, caminha no meio da floresta para respirar ar puro. Seu irmão só a observa. Depois de horas de caminhada ela vai até a sua casa que fica no meio da floresta. Quando chega, sua tia está lá.

TIA

Como foi a sua caminhada?

AMANDA

O mesmo de sempre, tia. Vou para o meu quarto

TIA

Certo, quando eu terminar de fazer o café da manhã, te chamo.

Amanda sobe para o seu quarto e vai tomar um banho E começa a refletir.

MENTE

Amanda você precisa acordar, não confie em Darklight.....

Enquanto isso, Darklight está olhando Amanda terminar o banho.

TIA

Vem, Amanda. Vem, Darklight, tomar café.

Os três tomam café. Amanda olha para janela e vê uma criança. Como é curiosa, vai para floresta. Amanda caminha e começa tentar saber quem é aquela criança Amanda escuta um barulho.

AMANDA

Quem está aí?

Amanda vê que é simplesmente um coelho.

AMANDA

Que susto você me deu, amiguinho.

Depois vê uma criança lá na frente e vai até a direção dela.

AMANDA

(gritando) Espera, espera!

Amanda perde a criança de vista. Desmaia.

MENTE

Se lembrou? Se lembrou?

Depois de horas caída ela se levanta.

AMANDA

o que foi isso?

Sem entender nada ela volta para casa. Vai até o quarto de Dark e indaga seu irmão.

AMANDA

O que você sabe sobre o nosso passado?

DARK

Nada. Porque?

AMANDA

Eu vi uma criança parecida comigo.

DARK

Como?

AMANDA

Como se estivesse coberta de sangue.

DARK

Estranho.

Amanda vai descansar no seu quarto e dorme.

MENTE

Amanda, Amanda...

Amanda vê uma criança pequena

CRIANÇA

Porque você não se lembrou?

AMANDA

Lembrar do que?

A criança tenta mostrar, mas Amanda acorda logo sem entender nada. Sai do seu quarto e vai até a cozinha e encontra com a tia.

AMANDA

O que você sabe sobre o nosso passado?

TIA

Sei bem pouco. Na época eu não sabia como vocês perderam seus pais.

Dark só observado na escuridão da casa. Amanda bebe água e volta para o quarto.

DARK

O que você disse?

TIA

Nada demais.

DARK

Sabe que se ela se lembrar, vai sofrer, não é?

TIA

Claro! Por isso que falei nada.

Depois de uma manhã bem agitada, Amanda começa a se lembrar de uns pedaços da sua memória. Lembra de uma mulher e de um homem em movimento de flutuação. Vê os dois voando à frente de um vidro enorme

AMANDA

Pai? Mãe?

[FIM DO TEXTO EM PROCESSO]

RESIDENTES





CAÍQUE ANJOS

Coletores de órgãos (Work in progress)

Caíque, para muitos, Kai, tem 16 anos, gosta muito de ler, assistir filmes, doramas e muito mais. Gosta muito da Cultura Asiática, principalmente com o Japonês, tanto pela arte, tanto pela cultura deles. Seu maior objetivo é ir pra lá!



CARLOS HENRIQUE

Mente às cegas (work in progress)

Carlos Henrique tem 18 anos e é um jovem que atualmente inicia sua vida profissional no ramo de TI(dev Full Stack). Carlos ama filosofia e sempre diz para os próximos que independente do que você faça, escute, ouça e veja, sempre se questione para que possa entender a realidade do seu mundo.



CARLOS LUZ (MANO XANDÃO)

Freestyle

Rapper, compositor, ator, poeta, educador social,cria do subúrbio ferroviário de Salvador, amante da leitura e do movimento hip hop, um dos fundadores da Banca Evolução Mc's filiado a REPROTAI (Rede de Protagonistas em Ação de Itapagipe), integrante e um dos coordenadores do Grupo Performáticos Sem Limites, também filiado a mesma. #SomosNósAEvolução



ELZA B NASCIMENTO

Um conto de família

Elza Baptista Nascimento, nome artístico “Elza B Nascimento”, brasileira, natural de Salvador, nascida na Península Itapagipana. Ainda criança, aprendeu a ler e escrever com gibis que encontrava no lixo.

A paixão pela escrita e pela leitura sempre fizeram parte do seu dia a dia, mesmo com sua jornada corrida e extensa de trabalho como empregada doméstica, profissão na qual iniciou aos nove anos e se aposentou em 1998, porém, não deixando de trabalhar para manter o seu sustento. Em 2017, começou a frequentar o Grupo de Idosos CENTRO DIA, da OSID, o que ajudou muito no seu desenvolvimento artístico. Durante a pandemia, com o isolamento, começou a escrever poesias e, hoje, aos 72 anos, já tem mais de 160 poemas escritos, 3 músicas e está escrevendo sua autobiografia. Em 2021, ingressou no Grupo MULHERES ÁGUIAS FORTES, do Espaço Cultural Alagados, no Uruguai. Lá, começou a participar de rodas de conversa sobre vida, vivências e arte (teatro, dança e poesias), incentivando ainda mais o seu prazer de escrever.



GEAN CARLOS

Um sonho a se alcançar (work in progress)

Gean Carlos é um escritor de mão cheia, morador do bairro do Uruguai. Sua mente sempre está cheia de imaginação e criatividade para escrever e montar novas histórias. Gean está aqui para mostrar que tem vez e voz.



ISMAEL LIMA
(Work in progress)

Sou Mc de rua e poeta das escolas.



JOSEANE DA SILVA NASCIMENTO
Sant'ana

Brasileira, soteropolitana, nascida e residente no bairro do Engenho Velho de Brotas.

Desde a adolescência, se envolve em ações socioculturais na comunidade. Tais experiências a levaram ao Curso de Letras Vernáculas, da Universidade Federal da Bahia, no ano de 2011. Desde então atua como professora de Ensino Fundamental numa escola do bairro e como educadora no Centro de Cultura Digital da Fundação Pierre Verger. A partir do trabalho desenvolvido na Cultura Digital, passou a estudar fotografia por conta própria e desenvolver habilidades relacionadas à fotografia e edição de imagem e vídeo.



LULNA MENDONÇA
A filha de Ayrá

Estudante de comunicação social com habilitação em Jornalismo. Atriz, bailarina e escritora. É ativista dos direitos humanos e fala sobre identidade de gênero de uma perspectiva de raça e classe. Criada entre o Quilombo Conceição e Cajazeiras, tem a certeza que a residência de roteiro com Daniel Arcades mudou sua vida.



MICHELE CORDEIRO

Raízes

Criadora de conteúdo, cantora e compositora. Michele é Yawo no Ilê Axé Lajuo-mim. Ama escrever e contar as lendas dos Orixás. Acredita que através das histórias é que encontramos lições para a vida.



MOISÉS A. NEUMA

Risoflora

Moisés A. Neuma é morador do Engenho Velho de Brotas, atua no mercado audiovisual há oito anos como roteirista, diretor e técnico de som direto. Escreveu o projeto “Buffalo Yayá” vencedor do prêmio de artes Jorge Portugal 2020 e também o documentário “Pokket Nery, rainha do samba junino”, vencedor do edital da FGM de 2020. É fotógrafo na agência “Entre becos” de jornalismo e membro da comunicação da organização de luta pela terra “Teia dos povos”. Como educador, é monitor do curso de audiovisual do Cine Arts e ministra oficinas pelo estado da Bahia.



ROBSON RAYCAR

AmaArte

Robson Raycar é ator (DRT 3525 - SATED- BA), Coringa do Teatro do Oprimido, Diretor, Dramaturgo, poeta, Produtor Cultural e cantor de e da resistência. Como podem ver em suas obras, sempre é movido pela arte, pela cultura local, regional.



SUZANA SOARES

O salto

46 anos, mãe de 2 jovens meninas a quem admira e cativa muito.

Viver é seu hobby favorito e pra equilibrar lê, escreve, desenha, faz artesanato, tudo que considera vigoroso.

É baiana, soteropolitana, gosta de trabalhar com pessoas, foi intitulada “Professora” de teatro em diversas comunidades pelo trabalho de oficinas teatrais voluntário com crianças e adolescentes. Começou a estudar teatro com 17 anos e atualmente ainda estuda, foram várias oficinas, mostras etc.

A sua minha maior vontade é que as artes cênicas (teatro, dança) sejam ferramentas pedagógicas regulamentada nas escolas públicas e privadas e que todos as pessoas tenham acesso.



TACYNHA BREEZY

Traumas superadas

Preta, feminista, moradora de periferia com amor e raiz, poeta marginal, coordenadora do grupo Performático Sem Limites, educadora da REPROTAI. Tacyinha gosta de estar na praia durante à noite, sempre em bairro que a sociedade renega. “Sou uma borbocama: Borboleta e uma Camaleoa”, define a autora, que sempre está quebrando as regras que a fere.



THALLIA ANATÁLIA

Se eu morrer amanhã (Work in progress)

Atriz, poeta, cantora e influencer. Na arte da interpretação, viveu Taiwo no espetáculo “Pele Negra Máscaras Brancas” (2019) dirigido por Onisajé e, recentemente, estreou “Mulheres Pretas Falam de Amor” (2022), de Heme Costa. Como poeta, ganhou o 2º lugar no Slam do Instituto Odara (2021). Cantora e compositora compôs a trilha do Festival “IYAS”. A jovem artista completa nove anos de carreira mantendo seu aspecto multifacetado e arriscando-se como influencer digital. Se divide entre os estudos na Licenciatura em Teatro-UFBA, as aulas que ministra como professora de artes e a produção de alguns projetos culturais. Candomblecista, pretende através de sua dramaturgia contar histórias de suas ancestrais.

PROJETO TRINCA DA MIRA

O projeto ‘Trinca da mira - dramaturgia e vida’ é uma sequência de ações de formação, difusão e produção tendo a dramaturgia como protagonista da vez. A primeira etapa contou com uma oficina online, ministrada pelo dramaturgo Daniel Arcades, exclusiva para a cidade de Salvador e moradores dos bairros de Cajazeiras, Engenho Velho de Brotas e Uruguai. Foram vinte vagas para cada bairro e os encontros aconteceram através da plataforma meet entre os dias 02 e 07 de março.

A segunda etapa contou com uma residência de criação dramaturgica para escritores selecionados de cada bairro. Esse processo ocorreu em formato híbrido, com encontros presenciais e virtuais, com orientação contínua do dramaturgo Daniel Arcades. Durante dois meses, o dramaturgo circulou pelos três bairros vivendo uma espécie de incubadora de ideias. Em cada bairro, cinco residentes levavam para o grupo suas propostas dramaturgicas e ali discutiam, conversavam, produziam e liam cenas escritas por eles. Depois deste processo coletivo, a escrita e orientação individual aconteceu ao longo dos meses seguintes.

Como resultado dessa dinâmica, será lançado o E-book Trinca da Mira, com textos inéditos dos residentes, já finalizados e em construção, e que tem como objetivo circular especialmente por grupos de teatro, associações culturais e escolas públicas dos bairros de Salvador, além do público em geral. Nesta coletânea, terá ainda um texto inédito de Daniel Arcades.

Como parte ainda do Projeto, foi lançado o livro Trilogia da Chacina, de autoria de Daniel Arcades, com três peças de teatro escritas a partir de pesquisas e visões acerca o genocídio do povo negro. “Erê”, “Antônia” e “As balas que não dei ao meu filho” mergulham no universo temático através da formação familiar negra dentro de um sistema racista como o brasileiro, sobre como crianças enxergam este mundo que

lhes são apresentados desde o nascer, como mulheres negras lideram os movimentos pela luta da vida do povo negro e pelo olhar do policial que está inserido neste sistema como opressor e é incapaz de enxergar o quão vítima do sistema ele também é. Trilogia da chacina é um convite a adentrar neste universo para que pensemos em saídas, em modos de resistência e, principalmente, na garantia da vida negra e da busca por uma qualidade nesta vivência. Os residentes ganharam esta publicação e a obra está sendo distribuída por bibliotecas públicas e organizações sociais do país.

O Projeto tem realização da DAN Território de Criação, e apoio financeiro do Governo do Estado da Bahia, através da Fundação Cultural do Estado da Bahia, por meio do Edital Edital Setorial de Teatro 2019.

DAN - TERRITÓRIO DE CRIAÇÃO

A DAN - Território de Criação nasceu dentro do período pandêmico com a proposta de ampliação das pesquisas cênicas dos artistas Daniel Arcades e Thiago Romero, aliado à proposta empreendedora da gestora Laíse Castro com o objetivo de pensar numa arte híbrida, com pesquisa estética e visão de mercado. Com a experiência de 20 anos em grupos de teatro importantes como o NATA - Núcleo Afro-brasileiro de Teatro de Alagoinhas e o Teatro da Queda, a Dan amplia as pesquisas artísticas com o objetivo de garantir estéticas potentes em projetos com discursos que valorizem a vida e denunciem opressões desenvolvidas pela humanidade.

Uma plataforma de criação artística multi-linguagem com foco na fusão entre qualidade estética, visão empresarial e responsabilidade social. Entre as suas realizações já se é possível conhecer projetos representativos, dentre eles “A lagoa das Feiticeiras”, que envolve fotografia, teatro, música e pesquisa acerca das águas da cidade de Alagoinhas, localizada no agreste da Bahia, “Chamego”, um documentário poético lunar sobre a força motriz do afeto entre pessoas negras, a “Escola de Drags - Ano 2”, projeto de formação e produção artística, em parceria com as drag queens baianas Aimée Lumière e Spadina Banks, o solo da afrodrag Barbárie Bundi, “Dengo - Uma Carta para o Amor Preto”, uma performance cênica virtual, que lança mão de uma estética afro-futurista como disparate para um encontro de corpos negros e um chamado a afetividade entre estas matérias, o “Estúdio Virtual do Artista Rai Cavalhier” (www.raicavallhier.com), com três exposições que trazem sua pesquisa da relação entre a comunidade da cidade de Alagoinhas e suas águas, Irmãs Águas, Cosme e Damião e Lagoinhas, além de “Árcade - Versos para Olhar o Tempo”, um solo performativo do ator, dramaturgo premiado e roteirista Daniel Arcades.

O projeto Trinca da Mira pretende realizar outras edições futuramente por outros bairros, além de aperfeiçoar os

residentes desta primeira edição, além de muitas outras novidades. A DAN - Território de Criação se enxerga como um espaço em que a revolução afetiva consiste em cuidar, propor e garantir o prazer da vida de fazedores de arte do nossos território. Acesse www.danterritorio.com.br e saiba mais.

AGRADECIMENTOS

Ficha Técnica Projeto Trinca da Mira (equipe)

Daniel Arcades - Autor e Direção Pedagógica

Laíse Castro - Direção de Produção

Marta Mendes - Assistente de produção

Cris Felix - Assessoria de comunicação

Tuíris de Azevedo - Diagramação e Direção de Arte

Gabriel Lemos e Moisés Costa - Criação Gráfica e Redes Sociais

Karina Matos e Lívia Lingerfelt - Revisão de Conteúdo

Caio Lírio - Fotografia

Wesley Barreto - Assessoria Jurídica

Jéssica Ribeiro - Mobilização de Alagados

Tairine dos Santos - Mobilização Engenho Velho de Brotas

Daniel Matos - Mobilização Cajazeiras

Caíque Anjos, Carlos Henrique Anjos da Silva, Carlos Luz - Mano Xandão , Elza B. Nascimento, Gean Carlos, Ismael Lima, Joseane da Silva Nascimento, Lulna Mendonça, Michele Cordeiro, Moisés A. Neuma , Robson Raycar, Suzana Soares , Tacyinha Breezy, Thallia Anatólia – Residentes da primeira edição.

Parceiros:

Governo do Estado da Bahia

Secretaria de Cultura do Estado da Bahia

Fundação Cultural do Estado da Bahia

Agência Onlife

Bando de Teatro Olodum

Colégio Estadual Polivalente San Diego

Colégio Estadual Professor Nelson Barros

Escola Winnie Mandela

Espaço Cultural Alagados

Fundação Pierre Verger

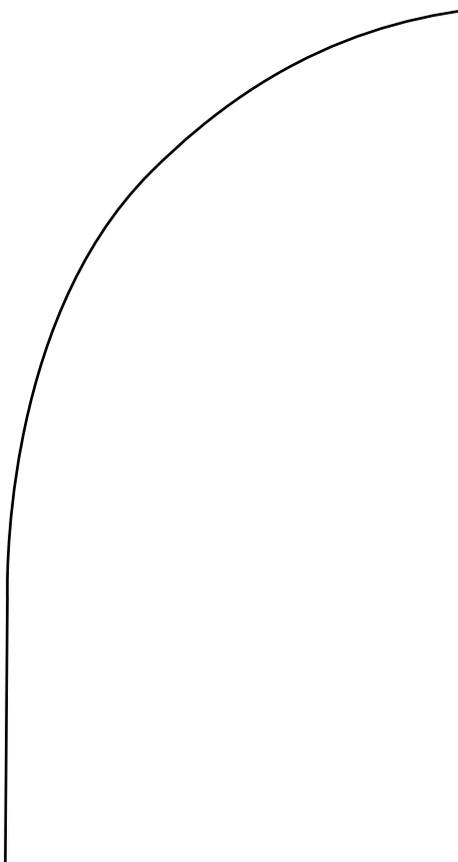
Livraria LDM

Movi Agência de Comunicação

Reprotai - Rede de Protagonistas em Ação de Itapagipe

Agradecemos gentilmente ao apoio, presença e torcida destas pessoas:

Aldenir Silva Lima
Antônio Marcelo
Angela Luhning
Arany Santana
Ayran Cunha
Deko Lipe
Ebomi Cici de Oxalá
Ed Oladelê
Edeise Gomes
Fernanda Bahia Monteiro
Guilherme Hunder
Hamilton Borges
Ivan Ornelas
Jamira Muniz
Luana Maldonado
Moisés Costa Pinto
Sanara Rocha
Thiago Romero
Vanessa Lemos
Wesley Barreto



Realização



Apoio



Apoio Financeiro



FUNDAÇÃO CULTURAL
ESTADO DA BAHIA



GOVERNO DO ESTADO



SECRETARIA DE CULTURA
SECRETARIA DA FAZENDA